

CONTOS 6 FANTASTICOS





CONTOS FANTÁSTICOS 6

CRUPE DOS DOENCEIROS – Dr. Neil Gaiman

Este conto e o seguinte, são uma antevisão do “Guia de Bolso Thackery T. Lambshead das Doenças Excêntricas e Desacreditadas” a publicar pela Saída de Emergência nos finais de 2008.

Descrição e Sintomas

Padecimento mórbido em intensidade, e infeliz no alcance, que aflige aqueles que, por hábito e patologia, catalogam e constroem doenças.

Os sintomas iniciais mais óbvios incluem dores de cabeça, cólicas nervosas, tremores pronunciados e uma de várias erupções cutâneas de natureza íntima. Estes, juntos ou em separado, todavia não bastam para garantir o diagnóstico.

O segundo estágio da doença é mental: uma fixação na ideia de doenças e patogenias, desconhecidas ou por descobrir, e nos seus pretensos criadores, descobridores ou demais personagens envolvidas na descoberta, tratamento ou cura das referidas doenças. Independentemente das circunstâncias, o autor aconselha de forma peremptória que não se deposite confiança nas aparências da publicidade enganosa, nos olhos projetando-se; o habitual. A aplicação de pequenas injeções de extratos ou caldos de carne ajudará na preservação das energias.

A doença é tratável nestes estádios.

É, no entanto, no terceiro estágio da Crupe dos Doenceiros que a sua real natureza é revelada e o diagnóstico confirmado. É nesta fase que certos problemas afetando discurso e pensamento se manifestam na fala e na escrita do paciente—que dará pela rápida deterioração do seu estado a menos que colocado sob cuidados imediatos.

Tem-se observado que a invasão do sono e cinquenta gramas fervidos no ponto de asfixia; a cara fica inchada e lívida, a garganta é uma tendência hereditária, e a língua adquire as características naturais dos pulmões, sobrevêm. A emoção é passível de ser excitada por quaisquer recordações forçosas à doença em

questão, exibida ao público com tanta perseverança e tão aviltantemente por charlatões.

A Crupe dos Doenceiros Terciária pode ser diagnosticada através da infeliz tendência que o paciente tem para interromper raciocínios e descrições normais com comentários sobre doenças, reais ou imaginadas, curas sem nexos, e aparentemente lógicas. Os sintomas são os de uma febre generalizada; abrupto, um inchaço redondo, imediatamente acima da rótula. Quando deveras crônica e, por fim, quiçá vômitos de neblinas ofensivas. A jalapa é um alcalino e apresenta-se incolor, pintando os grandes vermes redondos que surgem nos intestinos.

A parte mais complicada na detecção desta doença reside na classe de pessoas passíveis de sofrer de Crupe dos Doenceiros Terciária, precisamente aquela que é menos contestada e à qual se dá mais atenção. Assim: é possível, sustento não de gengibre e álcool rectificado, as veias túrgidas, o último em evaporação por efeito do calor.

Só com grande força de vontade é que o doente pode continuar a escrever e falar com naturalidade e fluência. Por fim, todavia, nos derradeiros estádios da forma Terciária da doença, toda a conversa degenera numa algaraviada mefítica de repetições, obsessões e fluxões. Enquanto a tosse expulsiva persiste, as veias túrgidas, os olhos projetando-se; a estrutura fica tão abalada que a invasão da epidemia foi precedida por denso e escuro, e caso não seja satisfeita, melancolia, perda de apetite, quiçá vômitos, calor e a língua adquire as características naturais da raiz triturada.

Nesta fase, a única cura com eficácia demonstrada na guerra contra a Crupe dos Doenceiros é uma solução de escamônea. É preparada misturando partes iguais de escamônea e resina de jalapa, e o autor aconselha de forma peremptória que não se deposite confiança na evaporação por efeito do calor. A escamônea é amplamente distribuída, ainda que nem sempre seja ativamente desenvolvida; a cara fica inchada e lívida, a garganta mais inflamada e, quiçá, o autor aconselha de forma peremptória que não se deposite confiança nos intestinos.

Os pacientes com Crupe dos Doenceiros só raramente estão conscientes da natureza do seu mal-estar. De facto, a sua descida ao inferno dos disparates pseudo-médicos é tal que o espectador não pode senão sentir pena e simpatia por ele; nem as frequentes erupções de sentido no meio destes disparates fazem mais do que obrigar o médico a resistir, e a declarar, de forma peremptória, a sua oposição à prática de criar doenças imaginárias, que não têm lugar no mundo moderno.

Quando a hemorragia das sanguessugas persiste para lá do requerido pelo sistema. São tomadas por cinquenta gramas fervidos de sono e cinquenta gramas fervidos da publicidade enganosa em questão, exibida ao público com tanta perseverança e tão aviltantemente por charlatães.

A escamônea é passível de ser excitada por efeito do calor. No segundo dia, quando a erupção numa tintura forte de iodo chegará, geralmente, para tudo.

Isto não é loucura.

É uma aflição.

A cara fica inchada e lívida, escura, consistindo de bicarbonato de potassa, sesquicarbonato de amônia e álcool retificado, a tosse expulsiva persiste, o consumo habitual de quantidades de comida para lá das julgadas necessárias.

Quando a mente as cenas amadas.

Enquanto as cenas amadas.

Também elas se podem dilatar.

Neil Gaiman é autor de romances e de banda desenhada. Vive nos Estados Unidos da América, com a sua mulher, Mary McGrath, e três filhos: Holly, Michael e Maddy Gaiman. Entre as suas obras em prosa podemos encontrar “American Gods” e “Bons Augúrios”, a segunda em parceria com Terry Pratchett. A sua criação de história em quadrinhos mais conhecida é “Sandman”, que tem como personagens principais Sandman, uma personificação antropomórfica do Sonho, que também é conhecido por Morfeu, numa referência à mitologia grega, e os seus irmãos: Morte, Destino, Delírio, Desejo, Desespero e Destruição. Em 1991, Gaiman publicou os “Livros da Magia”, uma mini-série em quatro partes que relata uma excursão aos lugares mágicos e mitológicos do universo DC, com uma história focada num adolescente inglês que descobriu que tem por destino talvez tornar-se no maior mago do mundo. A mini-série foi popular e rendeu uma série regular escrita por John Ney Reiber. Muitas pessoas aperceberam-se de semelhanças entre Tim Hunter (protagonista da série) e a personagem criada mais tarde por J.K. Rowling, Harry Potter. Ao ser interpelado sobre essa semelhança, Gaiman respondeu que um jovem como feiticeiro tem precedentes na literatura.

SÍNDROME FASCIOLAR CEREBRAL DOS CARTEIROS – Dr. Stepan Chapman

Infestação cerebral por *Tubifex corbellis*, fasciola parasítica da classe dos trematodes

Vetores de contágio

Desde 1996 que a Síndrome Fasciolar Cerebral dos Carteiros se tem observado com frequência na área da grande Los Angeles. Documentação meticulosa acerca deste platelminte microscópico está hoje a ser compilada nos Centros de Controlo de Doenças de Atlanta. O ciclo vital da fasciola cerebral dos carteiros (FCC) obedece a um cenário solidamente demonstrado. Para reconstituir os estados deste ciclo, podemos começar com um espécime do hospedeiro primário do verme durante os primeiros sintomas da mortalidade.

Na imundície de uma zona industrial, no silêncio da noite, jaz, no passeio, o cadáver fumegante de um carteiro de uniforme azul claro.

A massa glial pré-frontal deste cadáver alberga centenas de fêmeas da fasciola, carregando sacos de ovos. Estas maternais fasciolas abrem caminho pelas fossas ópticas e reúnem-se nos olhos do cadáver— mais precisamente, no fluído da câmara anterior por trás da córnea. Aqui, as fêmeas surgem em grande número e morrem, libertando, ao mesmo tempo, milhões de miracídios ciliados. De passagem, uma barata agradecida (*Blattodea occidentalis*) sorve deste fluído infectado. (Se outro animal chega primeiro aos olhos—um melro, gato vadio ou médico legista—o ciclo vital do verme sofre um curto-circuito. No entanto, estes parasitas preferem as jogadas de risco.) Os miracídios migram para os gânglios cefálicos e cloaca da barata hospedeira. A barata sente então uma necessidade avassaladora de se expor junto a uma fonte de luz, habitualmente um poste de iluminação pública, e rebolar como se tivesse sido envenenada.

Um pombo (*Columbidae americanis*) observa as movimentações frenéticas da barata e, num voo rasante, faz dela sua refeição. No interior do esôfago, o

malfadado inseto evacua os intestinos. Um dia volvido, surgem miracídios na corrente sanguínea do pombo. Muitos fundem-se em rédias, corpos amorfos que se alojam na glândula pituitária da ave.

Uma rédia fabrica grandes quantidades de cercárias larvais. Impelidas pelas suas caudas em vibração, as cercárias migram para o esoge mesofundibular no pescoço do pombo. Abster-me-ei de relatar o percurso anatômico estabelecido pelas larvas nesta extensa viagem, dado ser tão desnecessariamente complicado quanto tudo o resto acerca da FCC.

O pombo sente-se na obrigação de passear de maneira ofensiva à frente do rafeiro mais tinoso que consegue encontrar (*Canis lupus familiaris*).

Voa então na direção do cão para lhe arranhar o focinho. O cão, naturalmente, arranca-lhe as goelas à dentada. Enche assim a boca com a pele, as penas e as cercárias da ave. Combatendo o sistema imunitário do mamífero a cada passo, estes intrépidos invasores avançam em direção ao tronco cerebral e fígado caninos.

Enquanto as cercárias vão devorando tecido conjuntivo e fagócitos, atingem o desenvolvimento sexual da fasciola—machos adultos e fêmeas adultas exibindo o tradicional aspecto de torpedo invertido que os trematodes tanto adoram. As fêmeas navegam o sistema linfático canino, infiltram os grandes músculos das patas traseiras e enquistam-se.

Em contraste, os machos da fasciola nadam rumo às gengivas do cão. Enquanto isso, o cão parte em busca do tom exato de azul-claro que caracteriza os calções dos uniformes dos carteiros de Los Angeles. Finca os dentes no tornozelo do primeiro carteiro que encontra. Os machos da fasciola sentem o cheiro do tornozelo e penetram apressadamente o folículo mais próximo.

O incômodo canídeo é deixado cego com uma dose de spray de pimenta, capturado por um agente de controlo animal, e posto a dormir com uma injeção de barbitúricos. A carcaça é vendida a um fornecedor de carne por atacado e revendida aos mercados locais, restaurantes e bancas de comes e bebes com o rótulo de 100 por cento carne de vaca triturada. (O termo “100 por cento carne de vaca triturada” é aplicado de forma um tanto liberal em Los Angeles.)

Quando as fêmeas que hibernam na carne do cão pressentem intestinos humanos à sua volta, libertam-se dos seus quistos, abrem túneis nas vilosidades, e circulam, quimicamente disfarçadas de corpúsculos humanos, até invadirem as meninges.

Se forem fêmeas com sorte, o seu novo hospedeiro é um carteiro recém-

mordido. Assim sendo, os machos da fasciola (vistos pela última vez no tornozelo do hospedeiro) anteciparam-se na sua chegada ao crânio e usaram as suas ventosas bucais para construir ninhos de amor onde acasalar sem distrações.

Aí anichadas, as fêmeas agarram-se com firmeza e dilatam os poros genitais.

Na primeira fase da síndrome, o carteiro afligido sente calores e tonturas todos os dias ao anoitecer.

Começa a cultivar uma fantasia obsessiva na qual enche os bolsos de moedas ou outros pequenos objetos metálicos e sobe aos postes telefônicos em noites de trovoadas. Na eventualidade de uma tempestade noturna, concretiza-se a fantasia. Se o carteiro é atingido por um relâmpago, cai no pas seio—um cadáver fumegante em convulsões. E foi aqui que entrámos, por assim dizer.

Os carteiros afligidos são capazes de sobreviver por muitos anos à doença, nunca deixando de sofrer episódios compulsivos. Contudo, se o carteiro é impedido de subir aos postes, engolirá a própria língua, azulando e asfixiando-se.

Se me é permitida uma divagação de cariz zoológico neste texto clínico, peço apenas que se contemple a absoluta estranheza deste ciclo vital. O êxito reprodutivo da fasciola depende de uma cadeia de acontecimentos tão improvável que roça o implausível.

As fasciolas são reconhecidas entre os vermes triblásticos acelomados pela complexidade desnecessária e aparentemente desajustada dos seus ciclos vitais, e que podem incluir até onze hospedeiros distintos^{1}. No entanto, até entre as fasciolas, a FCC parece excessiva, exibicionista até. Parecem desafiar a própria extinção num número de trapézio cujo intuito único é impressionar os demais parasitas^{2}.

Curas

Apresenta-se um conjunto de intervenções vermífugas.

A Clínica Comunitária e Canil de Sunset Boulevard informa que se podem usar doses concentradas de Slavopropin e Meforbifak de modo a induzir apoplexias clonotrónicas na fêmea da fasciola, com subsequente prolapso e enfarte do ovipositor. O efeito nos pacientes infectados foi imediato, com resultados fatais em menos de 40 por cento dos casos registados.

Em alternativa, testes clínicos com os vermicidas experimentais Spinwex D e Cactosprain 113 têm sido recomendados por vários farmacologistas desempregados. Todas estas vias de tratamento encontram-se repletas de dissabores, mas são, ainda assim, uma possível melhoria em relação à escalada de postes em noites de trovoadas com os bolsos cheios de pequenos objectos metálicos.

Se vermeologistas qualificados com ligações à legislatura do estado da Califórnia forem capazes de obter tecidos conservados para dissecação, recomenda-se um aturado exame histológico. Na eventualidade de adquirir espécimes vivos da fasciola, qualquer jovem rato de laboratório com alguma inteligência a trabalhar no sector público seria capaz de elaborar um plano de investigação onde fazer carreira. Baratas, pombos, cães e uma população responsável de presidiários ou chimpanzés poderiam ser empregues como hospedeiros. Uma investigação dos mecanismos moleculares subjacentes à navegação, supressão imunitária e técnicas de modificação comportamental da fasciola decerto se iriam seguir^[3].

Autor

Stepan Chapman, Doutorado em Zoologia dos Invertebrados pelo Instituto de Estudos Ulteriores, Waxwall, Arizona, EUA

Stepan Chapman nasceu em 1951 em Chicago, no Illinois, e estudou teatro na Universidade de Michigan. Em 1969, a sua primeira história publicada foi escolhida por John W. Campbell para a Analog. Nos anos 70, a sua ficção apareceu em quatro das antologias Damon Knight's Orbit. Participou em peças nos EUA e Inglaterra, e as suas comédias para crianças foram produzidas para o Edinburgh Drama Festival. Em 1997, a Ministry of Whimsy Press lançou o seu primeiro romance, The Troika, que venceu o Philip K. Dick Award.

O MAU VIDRACEIRO - Charles Baudelaire

Existem naturezas puramente contemplativas e totalmente impróprias para a ação que, no entanto, sob uma impulsão misteriosa e desconhecida, agem às vezes com uma rapidez de que elas próprias se julgariam incapazes.

Como aquele que, temendo encontrar com o zelador uma notícia aflitiva, ronda covardemente durante uma hora frente à porta da casa sem ousar entrar, como aquele que guarda durante quinze dias uma carta sem abri-la, ou só ao fim de seis meses se conforma em efetuar um empreendimento necessário desde um ano, elas se sentem às vezes bruscamente precipitadas para a ação por uma força irresistível, como a flecha de um arco. O moralista e o médico, que afirmam saber de tudo, não podem explicar de onde vem tão de súbito uma louca energia nessas almas preguiçosas e voluptuosas, e como é que elas, incapazes de cumprir as coisas mais simples e mais necessárias, encontram em dado momento uma coragem de luxo para executar os atos mais absurdos e até, muitas vezes, os mais perigosos.

Um dos meus amigos, o mais inofensivo sonhador que já existiu, ateou fogo uma vez a uma floresta, para ver, dizia, se o fogo pegava com tal facilidade como se afirma comumente. Dez vezes consecutivas a experiência falhou; mas, na décima primeira, foi por demais bem sucedida.

Outro irá acender um charuto ao lado de um barril de pólvora, para ver, para saber, para tentar o destino, para se forçar a si mesmo a dar provas de energia, para se fazer de jogador, para conhecer os prazeres da ansiedade, por nada, por capricho, por desocupação.

É uma espécie de energia que jorra do tédio e do devaneio; e aqueles nos quais ela se manifesta tão inopinadamente são, geralmente, como eu disse, os mais indolentes e sonhadores dos seres.

Outro, tímido a ponto de abaixar os olhos mesmo diante dos olhares dos homens, a ponto de ser-lhe preciso ajuntar toda a sua pobre vontade para entrar num bar ou passar diante de uma bilheteria de teatro, onde os fiscais lhe

parecem investidos da majestade de Minos, Éaco e Radamanto, se jogará bruscamente nos braços de um ancião que estiver passando ao seu lado, e o beijará com entusiasmo diante da multidão espantada.

Por quê? Porque... porque essa fisionomia lhe era irresistivelmente simpática?

Talvez; mais é mais legítimo supor que ele próprio não saiba por quê.

Fui vítima, mais uma vez, dessas crises e desses impulsos, que nos autorizam a crer que Demônios maliciosos se insinuam dentro de nós e nos fazem cumprir, à revelia, suas mais absurdas vontades.

Certa manhã, eu me levantara aborrecido, triste, cansado de ociosidade e levado, me parecia, a fazer algo, grande, uma ação de brilho; e abri a janela, infelizmente!

(Queiram observar, por favor, que o espírito de mistificação, que em certas pessoas não é resultado de um trabalho ou de uma combinação, mas de uma inspiração fortuita, tem parte, muito, mesmo que apenas ardor do desejo, neste humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo aqueles que pensam um pouco melhor do que os médicos, que nos empurra sem resistência para uma série de ações perigosas ou inconvenientes.)

A primeira pessoa que avistei na rua foi um vidraceiro cujo grito penetrante, dissonante, me veio através da pesada e suja atmosfera parisiense.

Me seria, aliás, impossível dizer por que fui tomado, em relação a esse pobre homem, de um ódio tão repentino quanto despótico.

"Ei, ei" e eu lhe gritei que subisse.

Entretanto eu refletia, não sem certa alegria, que o quarto encontrando-se no sexto andar e sendo a escada bastante estreita, o homem deveria estar experimentando certa dificuldade em efetuar sua ascensão, e esbarrando em diversos lugares os ângulos de sua frágil mercadoria.

Ele enfim apareceu: examinei com curiosidade todas as suas vidraças, e lhe disse: "Mas como? Você não tem vidros coloridos? Vidros cor-de-rosa, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros de paraíso? Que atrevido é você! Ousa passear pelos bairros pobres e nem mesmo possui vidros que tornem a vida bela de ser ver!"

E o empurrei com vivacidade para a escada na qual tropeçou resmungando.

Aproximei-me da sacada e agarrei um vasinho de flores e, quando o homem

reapareceu no vão da porta, deixei cair perpendicularmente meu engenho de guerra na borda traseira de suas forquilhas; e derrubado pelo choque, ele acabou de destroçar sob suas costas toda a sua pobre fortuna inconstante, que produziu o ruído estrondoso de um palácio de cristal atingido por um raio.

E, embriagado por minha loucura, gritei-lhe furiosamente:

"A vida bela de se ver! A vida bela de se ver!"

Essas brincadeiras nervosas não são isentas de perigo, e pode-se às vezes pagar caro por elas. Mas o que importa a eternidade da danação a quem encontrou num segundo o infinito da fruição?

GUIA DE VIAGENS SEGURAS PARA NEGROS – Matt Ruff

Victor deparou com o sinal ao amanhecer, numa parte da estrada ladeada de árvores, algures nas montanhas Allegheny. O sinal era um enigma, com dois símbolos desenhados a preto com alcatrão na face de uma rocha: um burro de orelhas compridas e um meio sol a pôr-se. Enfiada entre a última página e a capa do diário que Victor trazia consigo estava uma folha de instruções intitulada “Coisas a ter em atenção”, e se tivesse qualquer dificuldade em interpretar o sinal poderia ter verificado nessa folha. Mas já sabia o que o sinal significava: não poderia seguir por esta estrada; pelo menos, em segurança. O problema, como ele sabia até bem demais, era que também não podia voltar para trás em segurança.

Victor vira o anúncio na secção para pessoas de cor das páginas de «Emprego Oferece-se»

do Chicago Tribune:

Investigador, Guia de Viagens Seguras para Negros
VEJA A AMÉRICA! SEJA PAGO!
OBRIGATÓRIO TER CARRO.
FORNECEMOS TODOS OS MAPAS

Ligara para o número, e no dia seguinte apresentara-se no escritório da Berry Publishing. George Berry, o proprietário, acabara por se revelar um velho colega do liceu. Depois de feito o liceu, George fora para o Morehouse College, e depois entrara no mundo dos negócios. Victor alistara-se no exército e passara os anos da guerra a tentar que o mandassem para o outro lado do Atlântico, para matar nazis. Desde que deixara o exército, em 1946 – dois anos antes – andara a saltar de emprego em emprego, incapaz de encontrar algo de permanente.

– Falemos disto – disse George. E explicou tudo sobre o Guia.

Victor conhecia a ideia básica. Era um subgénero da literatura de viagens

americana de que a maioria dos americanos nunca ouvira falar: orientações para condutores negros, listando hotéis e restaurantes por todo o país que aceitavam servi-los.

Victor tinha um desses guias – o *Guia Green para Evitar o Perigo e as Humilhações na Estrada* – que trazia sempre no porta-luvas do carro e que consultava frequentemente.

Era um nicho de mercado competitivo, mas George tinha uma ideia para o conquistar. Os guias para negros existentes eram apenas panfletos sem luxos, em impressões baratas. George imaginava algo mais elegante, um cruzamento entre uma revista trimestral e um atlas, com artigos, avaliações destacadas e mapas especialmente anotados. George mostrou a Victor uma amostra destes últimos: a legenda incluía símbolos para cidades «pôr do sol» – só para brancos depois de escurecer –, e as estradas estavam classificadas não só quanto ao tipo de piso e número de faixas de rodagem, mas também quanto ao grau de animosidade da polícia que as patrulhava.

George queria garantir que a sua lista de estabelecimentos que aceitavam negros fosse não só exata, como sempre atualizada. Os estabelecimentos comerciais mudavam de mãos; os donos dos estabelecimentos, depois de confirmarem por telefone que sim, que recebiam gente de todas as cores, tinham por vezes mudanças de ideias. Era preciso ir lá pessoalmente para ter certeza, e no caso de estabelecimentos de propriedade de brancos, era preciso ser cuidadoso na forma como se fazia isso. Um homem branco preocupado com a ideia de começar a ver gente de cor a aparecer-lhe à porta em grande número era um homem com um ideia perigosa a transmitir.

– Então... Este emprego... – disse Victor. – Queres que ande pelo país todo a bater à porta de brancos e a verificar se ficam contentes por me verem?

– Eu ia tentar que parecesse mais elegante do que isso... – disse George. – Então que me dizes? Pago dez dólares por dia, mais despesas.

Victor riu-se. Uma paixão que ele e George tinham partilhado nos tempos do liceu eram os policiais sangrentos. Mas enquanto os gostos de George tinham seguido para as aventuras no espaço e os contos fantásticos, Victor preferia as histórias de detectives violentas e tradicionais. Era simpático que George se lembrasse disso.

– Dez dólares por dia, mais despesas, hem? Como o Philip Marlowe?

– Pois – disse George, sorrindo. – O Philip Marlowe da estrada.

– Pois, bem... – disse Victor. – Aqui o Philip Marlowe recebe vinte e cinco

dólares por dia, mais despesas...

– Hum... – o sorriso de George nunca se deixava abalar. – Vinte e cinco, hem? Bom... Sabes...

– Pois... – disse Victor. – Sei.

George deu-lhe cinquenta dólares adiantados para despesas; uma lista de estabelecimentos e de endereços, organizada por Estados; um diário para registar os seus resultados; e, conforme prometido, mapas. Uma grande caixa de cartão cheia deles.

– Todos os quarenta e oito Estados – disse George. – Encarreguei o meu filho Horace de marcar tudo o que sei acerca das condições das estradas; poderás acrescentar mais à medida que avançares.

A rota de Victor seria à sua escolha, mas George sugeriu que começasse pelo Wisconsin: “*um grande Estado, mas uma tarefa pequena*”: a secção do Wisconsin na lista continha apenas quatro motéis, três dos quais em Milwaukee. O quarto, um alojamento turístico em Fond du Lac, prometia “*vistas de tirar a respiração*” do Lago Winnebago, o que até tinha mesmo; mas quando Victor lá chegou, havia um novo sinal à entrada, e embora o parque de estacionamento estivesse vazio, a estalagem não tinha quartos vagos.

Victor descobriu um local escondido junto à margem do lago e começou a remexer na caixa dos mapas. O jovem Horace, ao que parecia, era um fã de histórias de cavalaria e magia. Ao transcrever as “condições da estrada” de George, usara a iconografia da fantasia. As cidades «pôr-do-sol» e os locais que se suspeitava serem pontos fortes do Klan estavam cercados por círculos de fogo ou muros de pedra com ameias; os xerifes belicosos e os patrulheiros da estrada estavam desenhados como cavaleiros sobre cavalos com patas de fogo, ou como ogres de duas cabeças, ou trolls. A metade ocidental do Wisconsin era dominada por uma única grande figura: uma serpente marinha enrolada, que queria simbolizar, calculou Victor, que essa parte do Estado era terra incógnita.

Decidiu não seguir por esse caminho. Em vez disso, pensou em voltar para trás, atravessando Chicago, e ziguezaguear para sul.

Voltando a vasculhar na caixa à procura dos mapas de Illinois e Indiana, Victor descobriu uma pilha de livros debaixo dos mapas. Primeiro, encarou isso como uma oferta-surpresa de George, mas quando examinou os volumes todos, viu que não havia um único romance policial entre eles. As capas tinham, todas elas, imagens de homens a escavar em cemitérios, ou a encolherem-se diante de

monstros com tentáculos: histórias de horror fantásticas.

Nessa noite, Victor ficou num dos hotéis de Milwaukee. O homem branco que lhe alugou o quarto foi muito solícito, perguntando repetidamente a Victor quais eram os seus planos:

– Então parte logo de manhã? De manhã bem cedinho?

O quarto em si, embora suficientemente bom, não tinha rádio, e a única coisa para ler era uma Bíblia na mesa de cabeceira; por isso Victor decidiu tentar ler um dos livros de George.

Pegou numa coleção de contos de um autor cujo nome – Lovecraft – sugeria um pouco de ação romântica nas entrelinhas. Mas se “Lovecraft” era um pseudônimo, era um pseudônimo muito mal escolhido: não havia amor nenhum naquelas histórias, nem sequer mulheres. As histórias pareciam todas seguir um de dois enredos básicos. No primeiro, o protagonista morria ou enlouquecia depois de descobrir que seres alienígenas estavam a tentar conquistar o mundo. No segundo, o protagonista descobria que o seu sangue estava contaminado e que estava a regredir para qualquer coisa infra-humana. Victor não pôde deixar de pensar que haveria ali uma mensagem escondida.

Mesmo assim, sempre era alguma coisa para ler nas horas mortas. Nas noites que se seguiram, Victor leu mais, não apenas de Lovecraft, mas de Derleth, Bloch, Smith, e Frank Belknap Long, cuja biografia de autor dizia que era de Harlem. Estes tipos pareciam ser todos do mesmo clube de escritores, porque muitos dos monstros tinham sempre os mesmos nomes. Victor acabou por ficar especialmente interessado por Nyarlathotep, um emissário do caos, de pele negra, cuja chegada à cidade era sempre causa de alarme.

Durante o dia, conduziu de Gary até Fort Wayne, depois Indianapolis e Bloomington-Normal, de Peoria até Springfield, tomando notas sobre os lugares onde parava e sobre como era recebido. Quando os polícias o mandavam parar, o que acontecia pelo menos uma vez por dia, sorria e mantinha as mãos bem à vista, tomando notas mentalmente.

As paragens para descansar apresentavam o desafio habitual.

A lista de George incluía endereços de estações de serviço, mas não era preciso uma lista para encontrar gasolina. Os brancos vendiam sempre isso, ou enchiam os pneus e verificavam o radiador, quanto mais não fosse para ajudar a que se pusesse a mexer dali rapidamente. Convencê-los a deixarem-no usar a casa de banho, porém, era um feito que até mesmo Nyarlathotep poderia ter considerado

desmedido. Um número espantoso de estações de serviço tinham casas de banho avariadas, ou das quais a chave se tinha perdido, ou que na verdade nem sequer existiam, muito embora ele pensasse estar a vê-las.

Depois de Springfield, Victor atravessou o Mississippi para St. Louis. O Missouri era um Estado Jim Crow, o que significava que as instalações só para brancos estavam claramente marcadas como tal, enquanto os sinais que indicavam «fora de serviço» significavam que havia realmente um problema qualquer. Não era propriamente reconfortante, mas pelo menos poupava tempo.

Victor telefonou a George, a pagar pelo destinatário, e relatou as suas impressões até ao momento. George felicitou-o por um trabalho bem começado e prometeu enviar-lhe o salário por vale postal e mais dinheiro para despesas. Enquanto Victor esperava numa agência da Western Union que o vale chegasse, reparou numa livraria do outro lado da rua. Não vendo nenhum sinal que o impedisse, entrou e vasculhou uma pilha de livros de capa mole, selecionando um cuja capa mostrava um detetive privado de arma em riste numa mão e uma loura na outra.

Dirigiu-se para sul, para Memphis, e encontrou um hotel a apenas alguns quarteirões do centro da cidade. O gerente do hotel disse-lhe que o check-out era ao meio-dia e descreveu-lhe descontraidamente quais as partes da cidade por onde poderia andar depois de escurecer sem ser espancado ou preso. Victor ficou no quarto e contentou-se com a violência imaginária.

Conduzindo para leste no dia seguinte, foi mandado parar quatro vezes pela polícia estadual do Tennessee. Victor não fazia ideia do que os teria deixado tão nervosos, mas quando chegou a Nashville já estava farto daquilo. Virou à esquerda, atravessou o Kentucky e, sem realmente ter essa intenção, voltou para o norte.

Em Cincinnati encontrou um restaurante que o serviu, embora tendo de se sentar numa pequena divisão ao fundo. Enquanto comia, dois homens brancos deslizaram até ficarem à sua frente e, depois de se apresentarem educadamente, perguntaram-lhe se estaria disposto a resolver uma aposta que tinham feito acerca do tamanho das partes privadas de um negro. Victor não tinha bem a certeza, depois, de como conseguira sair dali – quando finalmente estava de novo a pensar claramente, já percorrera quinze quilómetros de estrada, e percebeu com pena que tinha deixado o seu romance policial para trás.

Procurou de novo na caixa de cartão e tirou de lá uma última história fantástica, um livro que tinha estado a guardar para mais tarde. Drácula contava a história de um homem trabalhador que fora mandado para o estrangeiro, para um país estranho e hostil, um país cujo mais perigoso habitante o saudava com uma falsa cortesia. Victor descobriu que isto se adequava ao seu estado de espírito. Depois, a cena passava para Londres – Londres, Inglaterra, no romance, Londres, Ohio, no mundo real. Enquanto Victor estava sentado no pára-choques frontal do carro, lendo e sorvendo uma Coca-cola, um jovem casal de brancos passou por ele.

Antes que Victor percebesse o que se estava a passar, deu consigo numa discussão acerca de exatamente para onde estava a olhar: para o livro que tinha na mão, ou para os tornozelos da rapariga.

Felizmente, o jovem branco revelou-se um covarde: quando Victor se levantou e mostrou ser bastante mais alto do que ele, o tipo recuou, mas o olhar que tinha na cara dizia que voltaria mais tarde com os amigos. Mais uma vez, Victor fez-se à estrada, fazendo quarenta e cinco quilômetros até ter de encostar a uma berma para esperar que as mãos lhe parassem de tremer.

Quando Victor retomou o romance – o Dr. Van Helsing estava a explicar como o monstro poderia ser destruído, como teria de ser destruído antes que tomasse todas as mulheres de Londres como presas – as suas simpatias estavam confusas. Um pormenor, em especial, incomodava-o.

Victor sempre pensara que a luz do dia era fatal para os vampiros, mas no caso de Drácula não era assim. A luz do Sol não o matava, apenas o deixava sem poderes. Victor imaginou o Conde lá fora, num dia claro como aquele, metido consigo, a pensar que estava tudo bem, precisamente enquanto os caçadores se acercavam dele — e quando o apanhassem, não haveria nenhuma maneira de se transformar num morcego ou numa nuvem de névoa e desaparecer.

As mãos de Victor começaram de novo a tremer. Pousou o livro e foi buscar os mapas. A norte dali ficava apenas o Michigan e a terra incógnita do Canadá. O sul era Jim Crow, cuja animosidade sem peias tinha, por agora, perdido o encanto. O oeste, para lá dos Estados por onde já tinha passado, era mais pradaria, e deserto, e território com céu a perder de vista povoado por cowboys com armas e umas bolsas de índios saloios que odiavam ainda mais os estranhos do que os próprios brancos. Para leste, no entanto... ficava Filadélfia, onde Victor tinha família, e Nova Iorque e Boston, onde viviam alguns dos seus camaradas da tropa. A lista de George tinha muitos estabelecimentos na costa leste para verificar. Victor poderia manter-se ocupado por lá enquanto pensava se realmente queria manter este emprego por muito tempo.

Primeiro, teria de atravessar a Pensilvânia. No mapa, isso parecia traiçoeiro. Entre Pittsburgh e Filadélfia não havia portos seguros e a cadeia montanhosa dos Allegheny inspirara ao jovem Horace um verdadeiro frenesim artístico. Cobrira as montanhas com ícones cujos significados Victor só podia tentar adivinhar: Duendes. Anões. Lobisomens. Bruxas. Vampiros...

Victor decidiu que quanto aos vampiros não tinha problemas. Quanto aos restantes, teria de ver.

Ao final da tarde, estava na auto-estrada Lincoln, em direção às Alleghenies. Parou para meter gasolina. O WC da estação de serviço estava avariado. Victor disse a si mesmo que isso não era problema – seguiria estrada fora por mais algum tempo e depois sairia para uma área de repouso, faria o que tinha a fazer na mata. Já fizera isso antes.

Mas, enquanto se afastava da estação de serviço, notou que estava a ser seguido. Um carro da polícia que antes estava estacionado perto da estação de serviço seguia-o agora a uma distância de uns quatrocentos metros, sem ligar a sirene, mas simplesmente seguindo-o, como por vezes faziam. Por isso, agora não poderia encostar sem ter uma conversa com os agentes da autoridade, e também não podia acelerar.

A estrada fazia uma curva longa e, por um momento, o carro da polícia desapareceu de vista.

Victor notou uma estrada de acesso não pavimentada que saía de um dos lados da autoestrada em direção à mata. Num impulso, meteu por aí. Enquanto passava para a sombra das árvores, desligou o motor e encostou para parar. Um instante mais tarde, o carro da polícia passou, seguindo a direito, na autoestrada; vendo que Victor tinha desaparecido, os polícias ligaram a sirene, tarde demais, e aceleraram em perseguição. Victor riu-se prazenteiramente por isso, até perceber que fora demasiado esperto para seu bem.

Que ia agora fazer? Voltar para a autoestrada e esperar que os polícias achassem engraçado ele aparecer agora atrás deles? Estudou a estrada – talvez «caminho» fosse melhor palavra – que serpenteava para longe e para a natureza selvagem à sua frente. Sem ver outra opção, seguiu em frente.

Isto era, evidentemente, um erro ainda maior, mas quando finalmente estava disposto a aceitar isso, o caminho já tinha feito várias bifurcações e, por isso, mesmo que conseguisse fazer inversão de marcha ali, duvidava da sua capacidade de voltar a encontrar o caminho para trás. Continuou a avançar,

tentando, tanto quando podia, manter-se na direção de Leste.

O céu atrás dele tornara-se vermelho escuro quando chegou à cabana do entalhador de madeira. A cabana ficava no meio de uma clareira e, vista isoladamente, tendo em conta o ângulo um pouco estranho das paredes e as teias de aranha enormes que se estendiam debaixo dos beirais, poderia ser tomada pela residência de uma das bruxas de Horace.

Mas era óbvio que quem quer que vivesse ali passava muito tempo a trabalhar com o machado e o formão. A clareira estava recheada de figuras do tipo das que se veem muitas vezes em bancas de artesanato à beira da estrada: animais de todo o tipo, soldados de madeira, palhaços, índios prontos para as lojas de charutos. Havia muitas figurinhas pequenas, também, de dentes arreganhados e sorriso matreiro, segurando fatias de melancia, com as pernas rechonchudas a desaparecer nos troncos de onde tinham sido esculpidas. Um grupo delas estava disposto ao início do caminho que ia dar à porta da frente da cabana; olhavam para Victor com ar trocista enquanto ele parava junto delas.

Não havia luz na cabana, nem nenhum sinal de vida. Victor pensou em bater à porta, de qualquer forma. Pensou nisso. Imaginou-o como uma cena de um policial sangrento. Perguntou a si mesmo que tipo de história seria, que tipo de ilustração embelezaria a capa da coleção de contos onde apareceria.

Uma sombra caiu sobre o carro. Victor olhou pelo espelho retrovisor e viu uma figura pálida a aproximar-se por trás, trazendo um objeto esguio e comprido, como uma vassoura, numa mão. O cérebro de Victor estava ainda a debater-se, tentando perceber o sentido daquilo que estava a ver, quando o seu pé direito percebeu tudo e carregou com força no acelerador. O carro saltou para a frente, varrendo com o lado uma fila de figurinhas enquanto voltava a entrar no trilho. No espelho retrovisor, o entalhador de madeira levantou a «vassoura» até ao ombro. Houve um estalido, como um nó de madeira a estourar no fogo, e uma bala estilhaçou o vidro traseiro do carro.

Depois, Victor estava de novo no meio das árvores, conduzindo demasiado depressa, com as pedras do trilho a esfolarem os pneus e ameaçando partir um semieixo. Victor não abrandou. O trilho bifurcava de novo; tomou o caminho da esquerda e daí a pouco estava na direção de uma colina íngreme. Embora o carro se esforçasse por vencer a inclinação, a estrada parecia melhorar à medida que ganhava altitude, até que, precisamente quando a estrada fi cava de novo plana, no topo da elevação, percebeu que estava a conduzir sobre alcatrão recentemente colocado.

A promessa de civilização lançou Victor em mais uma fantasia. Imaginou-se a sair do outro lado da elevação para ver as luzes de Filadélfia espalhando-se abaixo dele. Era pura fantasia – ainda teria de atravessar meio Estado –, mas estava tudo bem, e já se contentaria com voltar a entrar na autoestrada.

Foi então que viu o sinal, os dois símbolos na face de uma rocha, pintados com o mesmo alcatrão usado para pavimentar a estrada. Victor fez parar o carro, com os punhos agarrando o volante com força. Olhou fixamente para os símbolos e tentou decifrar o enigma na sua cabeça: *burro preto. Pôr-do sol preto. Põe o teu cú negro daqui para fora antes do anoitecer.*

Uma cidade «pôr-do-sol» adiante.

A luz avermelhada do anoitecer enchia os riscos estilhaçados do vidro de trás do carro enquanto Victor se mantinha ali sentado, entre a raiva e o desespero, interrogando-se sobre o que haveria de fazer agora. Por hábito, olhou de relance para a caixa de cartão, no assento ao seu lado. O olhar caiu-lhe sobre a capa do diário que tinha vindo a usar, e as quatro palavras escritas na capa.

– *Guia de Viagens Seguras para Negros* – disse Victor. O absurdo total disto atingiu-o como nunca antes acontecera, e começou a rir, com um som histérico que cresceu até ser demasiado alto e se prolongar por demasiado tempo. O corpo estremecia-lhe e abanava o braço, sacudindo o conteúdo da caixa.

Ocorreu-lhe uma ideia. Não poderia prosseguir por esta estrada; não agora.

Não agora, enquanto os campónios da vila ainda estavam acordados e a olhar receosos para as colinas, indagando-se sobre que estranhas criaturas lá estariam à espreita. Mas se esperasse – se esperasse que os campónios se metessem na cama, que a Lua seguisse o Sol no horizonte, se esperasse até ser tão escuro que não se conseguissem ver os símbolos ameaçadores – então talvez tivesse alguma hipótese. Poderia ligar apenas os mínimos, deslizar pelo lado mais afastado da elevação, apanhar os cavaleiros e os trolls guardiões desprevenidos nos seus postos, e passar assim despercebido, não a salvo, nunca a salvo, mas pelo menos intacto.

Era apenas uma teoria.

Victor fez marcha-a-ré, encontrou um local onde podia sair da estrada, com um amontoado de árvores onde se podia esconder, e uma brecha por onde podia ver alguma coisa que viesse na sua direção antes que o vissem a ele.

Instalou-se e pegou no seu exemplar de *Drácula*. Não o abriu; já não havia luz

suficiente para ler, e de qualquer maneira não lhe parecia que fosse gostar do final.

Em vez disso, ficou ali sentado, com o livro na mão como um talismã. Vigia a estrada. E esperava a chegada da noite, quando os seus poderes regressariam.

Matt Ruff é um escritor norte-americano de thrillers, ficção científica e banda-desenhada. É o autor dos romances “Fool on the Hill” e “Sewer, Gas & Electric: The Public Sewer Trilogy”. O seu terceiro romance “Pôr a Casa em Ordem” venceu o James Tiptree Jr. Award, o PNBA Book Award e o Washington State Book Award. Vive em Seattle, Washington.

A VIDA ETERNA – Machado de Assis



É opinião unânime que não há estado comparável àquele que nem é sono nem vigília, quando, desafojado o espírito de aflições, procura algum repouso às lides da existência. Eu de mim digo que ainda não achei hora de mais prazer, sobretudo quando tenho o estômago satisfeito e aspiro a fumaça de um bom charuto de Havana.

Depois de uma ceia copiosa e delicada, em companhia de meu excelente amigo o Dr. Vaz, que me apareceu em casa depois de dois anos de ausência, fomos eu e ele para a minha alcova, e aí entramos a falar de coisas passadas, como dois velhos para quem já não tem futuro a gramática da vida.

Vaz estava assentado numa cadeira de espaldar, toda forrada de couro, igual às que ainda hoje se encontram nas sacristias; e eu estendi-me em um sofá também de couro. Ambos fumávamos dois excelentes charutos que me haviam mandado de presente alguns dias antes.

A conversa, pouco animada ao princípio, foi esmorecendo cada vez mais, até que eu e ele, sem deixarmos o charuto da boca, cerramos os olhos e entramos no estado a que aludi acima, ouvindo os ratos que passeavam no forro da casa, mas inteiramente esquecidos um do outro.

Era natural passarmos dali ao sono completo, e eu lá chegaria, se não ouvisse bater à porta três fortíssimas pancadas. Levantei-me sobressaltado; Vaz continuava na mesma posição, o que me fez supor que estivesse dormindo, porque as pancadas deviam ter-lhe produzido a mesma impressão se ele se achasse meio acordado como eu.

Fui ver quem me batia à porta. Era um sujeito alto e magro embuçado em um capote. Apenas lhe abri a porta, o homem entrou sem me pedir licença, e nem dizer coisa nenhuma. Esperei que me expusesse o motivo da sua visita, e esperei debalde, porque o desconhecido sentou-se comodamente em uma cadeira, cruzou as pernas, tirou o chapéu e começou a tocar com os dedos na copa do dito chapéu uma coisa que eu não pude saber o que era, mas que devia ser alguma sinfonia de doidos, porque o homem parecia vir direitinho da Praia Vermelha.

Relanceei os olhos para o meu amigo, que dormia a sono solto na cadeira de espaldar. Os ratos continuavam a sua saturnal no forro.

Conservei-me de pé durante poucos instantes a ver se o desconhecido se resolvia a dizer alguma coisa, e durante esse tempo, apesar da impressão desagradável que o homem produzia em mim, examinei-lhe as feições e o vestuário.

Já disse que vinha embrulhado em um capote; ao sentar-se, abriu-se-lhe o capote, e vi que o homem calçava umas botas de couro branco, vestia calça de pano amarelo e um colete verde, cores estas que, se estão bem numa bandeira, não se pode com justiça dizer que adornem e aformoseiem o corpo humano.

As feições eram mais estranhas que o vestuário; tinha os olhos vesgos, um grande bigode, um nariz à moda de César, boca rasgada, queixo saliente e beiços roxos. As sobrancelhas eram fartas, as pestanas longas, a testa estreita, coroando tudo uns cabelos grisalhos e em desordem.

O desconhecido, depois de tocar a sua música na copa do chapéu, levantou os olhos para mim, e disse-me:

– Sente-se, meu rico senhor!

Era atrevimento receber eu ordens em minha própria casa. O meu primeiro dever era mandar o sujeito embora; contudo, o tom em que ele falou era tão intimativo que eu insensivelmente obedeci e fui sentar-me no sofá. Dai pude ver melhor a cara do homem, à luz do lampião que pendia do teto, e achei-a pior do que antes.

– Chamo-me Tobias e sou formado em matemáticas.

Inclinei-me levemente.

O desconhecido continuou:

– Desconfio que hei de morrer amanhã; não se espante; tenho certeza de que amanhã vou para o outro mundo. Isso é o menos; morrer é dormir, to die, to sleep; entretanto, não quero ir deste mundo sem cumprir um dever imperioso e indispensável. Veja isto.

O desconhecido tirou do bolso um quadrinho e entregou-me. Era uma miniatura; representava uma moça formosíssima de feições. Restitui o quadro ao meu interlocutor esperando a explicação.

– Esse retrato, continuou ele olhando para a miniatura, é de minha filha Eusébia, moça de vinte e dois anos, senhora de uma riqueza igual à de um Creso, porque é

a minha única herdeira.

Eu me espantaria do contraste que havia entre a riqueza e a aparência do desconhecido se não tivesse já a convicção de que tratava com um doido. O que eu estava a ver era o meio de pôr o homem pela porta fora; mas confesso que receava algum conflito, e por isso esperei o resultado daquilo tudo.

Entretanto perguntava a mim mesmo como é que os meus escravos deixaram entrar um desconhecido até a porta do meu quarto, apesar das ordens especiais que eu havia dado em contrário. Já eu calculava mentalmente a natureza do castigo que lhes daria por causa de tamanha incúria ou cumplicidade, quando o desconhecido atirou-me estas palavras à cara:

– Antes de morrer quero que o senhor se case com Eusébia; é esta a proposta que venho fazer-lhe; sendo que, no caso de aceitar o casamento, já aqui lhe deixo este maço de notas do banco para alfinetes, e no caso de recusar mando-lhe simplesmente uma bala à cabeça com este revólver que aqui trago.

E pôs à mesa o maço de bilhetes do banco e o revólver engatilhado.

A cena tomava um aspecto dramático. O meu primeiro ímpeto foi acordar o Dr. Vaz, a ver se ajudado por ele punha o homem pela porta fora; mas receei, e com razão, que vendo um gesto meu nesse sentido, o desconhecido executasse a segunda parte do seu discurso. Só havia um meio: ladear.

– Meu rico Sr. Tobias, é inútil dizer-lhe que eu sinto imensa satisfação com a proposta que me faz, e está longe de mim a ideia de recusar a mão de tão formosa criatura, e mais os seus contos de réis. Entretanto, peço-lhe que repare na minha idade; tenho setenta anos; a Sra. D. Eusébia apenas conta vinte e dois. Não lhe parece um sacrifício isto que vamos impor à sua filha?

Tobias sorriu, olhou para o revólver, e entrou a tocar com os dedos na copa do chapéu.

– Longe de mim, continuei eu, a ideia de ofende-lo; pelo contrário, se eu consultasse unicamente a minha ambição não diria palavra; mas é no interesse mesmo dessa gentilíssima dama, que eu já vou amando apesar dos meus setenta, é no interesse dela que eu lhe observo a disparidade que entre nós existe.

Estas palavras disse-as eu em voz alta a ver se o Dr. Vaz acordava; mas o meu amigo continuava mergulhado na cadeira e no sono.

– Não quero saber de sua idade, disse Tobias pondo o chapéu na cabeça e segurando no revólver; o que eu quero é que se case com Eusébia, e hoje mesmo. Se recusa, mato-o.

Tobias apontou-me o revólver. Que faria eu naquela alternativa, senão aceitar a moça e a riqueza, apesar de todos os meus escrúpulos?

– Caso! exclamei.

Tobias guardou o revólver na algibeira, e disse

– Pois bem, vista-se.

– Já?

– Sem demora. Vista-se enquanto eu leio.

Levantou-se, foi à minha estante, tirou um volume do "D. Quixote", e foi sentar-se outra vez; e enquanto eu, mais morto que vivo, ia buscar ao guarda-roupa a minha casaca, o desconhecido tomou uns óculos e preparou-se para ler.

– Quem é este sujeito que está dormindo tão tranquilo? perguntou ele enquanto limpava os óculos.

– O Dr. Vaz, meu amigo; quer que lhe apresente?

– Não, senhor, não é preciso, respondeu Tobias sorrindo maliciosamente.

Vesti-me com vagar para dar tempo a que algum incidente viesse interromper aquela cena desagradável para mim. Além disso, estava trêmulo, não atinava com a roupa, nem com a maneira de a vestir.

De quando em quando deitava um olhar para o desconhecido, que lia tranquilamente a obra do imortal Cervantes.

O meu relógio bateu onze horas.

Subitamente lembrou-me que, uma vez na rua, podia eu ter o recurso de encontrar um policial a quem comunicaria a minha situação, conseguindo ver-me livre do meu importuno sogro.

Outro recurso havia, e melhor que esse; vinha a ser acordar o Dr. Vaz na ocasião da partida (coisa natural) e ajudado por ele desfazer-me do incógnito Tobias.

Efetivamente, vesti-me o mais depressa que pude, e declarei-me as ordens do Sr. Tobias, que fechou o livro, foi pô-lo na estante, rebuçou-se no capote, e disse:

– Vamos!

– Peço-lhe entretanto para acordar o Dr. Vaz, que não pode ficar aqui, visto que tem de voltar para casa, disse-lhe eu dando um passo para a cadeira onde dormia o Vaz.

– Não é preciso, atalhou Tobias; voltamos dentro de pouco tempo.

Não insisti; restava-me o recurso do policial, ou de algum escravo se pudesse falar-lhe a tempo; o escravo era impossível. Quando saímos do quarto o desconhecido deu-me o braço e desceu comigo rapidamente as escadas até a rua.

À porta de casa havia um carro.

Tobias convidou-me a entrar nele.

Não tendo previsto este incidente, senti fraquear-me as pernas e perdi de todo a esperança de escapar do meu algoz. Resistir era impossível e arriscado; o homem estava armado com um argumento poderoso; e além disso, pensava eu, não se discute com um doido.

Entramos no carro.

Não sei quanto tempo andamos, nem por que caminho fomos; calculo que não ficou no Rio de Janeiro canto por onde não passássemos. No fim de longos e aflitivos séculos de angústia, parou o carro diante de uma casa toda iluminada por dentro.

– É aqui, disse o meu companheiro, desçamos.

A casa era um verdadeiro palácio; a entrada era ornada de colunas de ordem dórica, o vestíbulo calçado de mármore branco e preto, e iluminado por um magnífico candelabro de bronze de forma antiga.

Subimos, eu e ele, por uma magnífica escada de mármore, até o topo, onde se achavam duas pequenas estátuas representando Mercúrio e Minerva. Quando chegamos ali o meu companheiro disse-me apontando para as estátuas:

– São emblemas, meu caro genro: Minerva quer dizer Eusébia, porque é a sabedoria; Mercúrio, sou eu, porque representa o comércio.

– Então o senhor é comerciante? perguntei eu ingenuamente ao desconhecido.

– Fui negociante na Índia.

Atravessamos duas salas, e ao chegarmos à terceira encontramos um sujeito velho, a quem Tobias me apresentou dizendo:

– Aqui está o Dr. Camilo da Anunciação; leve-o para a sala dos convidados, enquanto eu vou mudar de roupa. Até já, meu caro genro.

E deu-me as costas.

O sujeito velho, que eu soube depois ser o mordomo da casa, tomou-me pela mão e levou-me a uma grande sala, que era onde se achavam os convidados.

Apesar da profunda impressão que me causava aquela aventura, confesso que a riqueza da casa me assombrava cada vez mais, e não só a riqueza, senão também o gosto e a arte com que estava preparada.

A sala dos convidados estava fechada quando lá chegamos; o mordomo bateu três pancadas, e veio abrir a porta um lacaio, também velho, que me segurou pela mão, ficando o mordomo do lado de fora.

Nunca me há de esquecer a vista da sala apenas se me abriram as portas. Tudo ali era estranho e magnífico. No fundo, em frente da porta de entrada, havia uma grande águia de madeira fingindo bronze, encostada à parede, com as asas abertas, e preparando-se como para voar. Do bico da águia pendia um espelho, cuja parte inferior estava presa às garras, conservando assim a posição inclinada que costuma ter um espelho de parede.

A sala não era forrada de papel, mas de seda branca, o teto artisticamente trabalhado; grandes candelabros, magnífica mobília, flores em profusão, tapetes, tudo enfim quanto o luxo e o gosto sugerem ao espírito de um homem rico.

Os convidados eram poucos, e não sei por que coincidência, eram todos velhos, como o mordomo e o lacaio, e o meu próprio sogro; finalmente velhos como eu também.

Introduzido pelo criado, fui logo cumprimentado pelas pessoas presentes com uma atenção que me dispôs logo o ânimo a querer-lhes bem.

Sentei-me numa cadeira, e vieram reunir-se em roda de mim, todos risonhos e satisfeitos por ver o genro do incomparável Tobias. Era assim que chamavam ao homem do revólver.

Acudi como pude às perguntas que me faziam, e parece que todas as minhas respostas contentavam aos convidados, porquanto de minuto a minuto choviam sobre mim louvores e cumprimentos.

Um dos convidados, homem de setenta anos, condecorado e calvo, disse com aplausos gerais:

– O Tobias não podia encontrar melhor genro, nem que andasse com uma lanterna por toda a cidade, que digo? por todo o império; vê-se que o Dr. Camilo da Anunciação é um perfeito cavalheiro, notável por seus talentos, pela gravidade da sua pessoa, e enfim pelos admiráveis cabelos brancos que lhe

adornam a cabeça, mais feliz do que eu que os perdi há muito.

Suspirou o homem com tamanha força que parecia estar nos arrancos da morte. A assembléia cobriu de aplausos as últimas palavras do orador.

Articulei um agradecimento, e preparei imediatamente os ouvidos para responder a outro discurso que me foi dirigido por um coronel reformado, e outro finalmente por uma senhora que, desde a minha entrada, não tirava os olhos de mim.

– Sra. condessa, disse o coronel quando a senhora acabou de falar, confesse V. Exa. que os rapazes de hoje não valem este respeitável ancião, futuro genro do incomparável Tobias.

– Valem nada, coronel! Em matéria de noivos só o século passado os fornece capazes e bons. Casamentos de hoje! Abrenúncio! Uns peraltas todos pregadinhos e esticados, sem gravidade, sem dignidade, sem honestidade!

A conversa assentou toda neste assunto. O século dezenove sofreu ali um vasto processo; e (talvez preconceito de velho) falavam tão bem naquele assunto, com tanta discrição e acerto, que eu acabei por admirá-los.

No meio de tudo, estava ansioso por conhecer a minha noiva. Era a última curiosidade; e se ela fosse, como eu imaginava, uma beleza, e além do mais riquíssima, que poderia exigir da sorte?

Aventurei uma pergunta nesse sentido a uma senhora que se achava ao pé de mim e em frente à condessa. Disse-me ela que a noiva estava no toucador, e não tardava muito que eu a visse. Acrescentou que era linda como o sol.

Entretanto decorrera uma hora, e nem a noiva, nem o pai, o incomparável Tobias, aparecia na sala. Qual seria a causa da demora do meu futuro sogro? Para vestir-se não era preciso tanto tempo. Eu confesso que, apesar da cena do quarto e das disposições em que vi o homem, estaria mais tranquilo se ele estivesse presente. É que ao velho já eu tinha visto em minha casa; habituara-me aos seus gestos e discursos.

No fim de hora e meia abriu-se a porta para dar entrada a uma nova visita. Imaginem o meu pasmo quando dei com os olhos no meu amigo Dr. Vaz! Não pude abafar um grito de surpresa, e corri para ele.

– Tu aqui!

– Ingrato! respondeu sorrindo o Vaz, casas e não convidas ao teu primeiro

amigo. Se não fosse esta carta ainda eu lá estaria no teu quarto à espera.

– Que carta? perguntei eu.

O Vaz abriu a carta que trazia na mão e deu-me para ler, enquanto os convidados de longe contemplavam a cena inesperada, tanto por eles, como por mim.

A carta era de Tobias, e participava ao Vaz que, tendo eu de casar-me naquela noite, tomava ele a liberdade de convidá-lo, na qualidade de sogro, para assistir a cerimônia.

– Como vieste?

– Teu sogro mandou-me um carro.

Aqui fui obrigado a confessar mentalmente que o Tobias merecia o título de incomparável, como Enéas o de pio. Compreendi a razão porque não quis que eu o acordasse; era para causar-lhe a surpresa de vê-lo depois.

Como era natural, quis o meu amigo que eu lhe explicasse a história do casamento, tão súbito, e eu já me dispunha a isso, quando a porta se abriu e entrou o dono da casa.

Era outro.

Já não tinha as roupas esquisitas e o ar singular com que o vira no meu quarto; agora trajava com aquela elegância grave que cabe a um velho, e pairava-lhe nos lábios o mais amável sorriso.

– Então, meu caro genro, disse-me ele depois dos cumprimentos gerais, que me diz à vinda do seu amigo?

– Digo, meu caro sogro, que o senhor é uma pérola. Não imaginará talvez o prazer que me deu com esta surpresa, porque o Vaz foi e é o meu primeiro amigo.

Aproveitei a ocasião para o apresentar a todos os convidados, que foram de geral acordo em que o Dr. Vaz era um digno amigo do Dr. Camilo da Anunciação. O incomparável Tobias manifestou o desejo e a esperança de que dentro de pouco tempo ficaria a sua pessoa ligada à de nós ambos, por modo que fôssemos todos designados: os três amigos do peito.

Bateu meia-noite não sei em que igreja da vizinhança. Ergueu-se o incomparável Tobias, e disse-me:

– Meu caro genro, vamos cumprimentar a sua noiva; aproxima-se a hora do casamento.

Levantaram-se todos e dirigiram-se para a porta da entrada; indo na frente eu, o Tobias e o Vaz. Confesso que, de todos os incidentes daquela noite, este foi o que mais me impressionou. A ideia de ir ver uma formosa donzela, na flor da idade, que devia ser minha esposa, – esposa de um velho filósofo já desenganado das ilusões da vida, – essa ideia, confesso que me aterrou.

Atravessamos uma sala e chegamos diante de uma porta, meia aberta, dando para outra sala ricamente iluminada. Abriram a porta dois lacaios, e todos nós entramos.

Ao fundo, sentada num riquíssimo divã azul, estava já pronta e deslumbrante de beleza a Sra. D. Eusébia. Tinha eu até então visto muitas mulheres de fascinar; nenhuma chegava aos pés daquela. Era uma criação de poeta oriental. Comparando a minha velhice à mocidade de Eusébia, senti-me envergonhado, e tive ímpetos de renunciar ao casamento.

Fui apresentado à noiva pelo pai, e recebido por ela com uma afabilidade, uma ternura, que acabaram por vencer-me completamente. No fim de dois minutos estava eu cegamente apaixonado.

– Meu pai não podia escolher melhor marido para mim, disse-me ela fitando-me uns olhos claros e transparentes; espero que tenha a felicidade de corresponder aos seus méritos.

Balbucieei uma resposta; não sei o que disse; tinha os olhos embebidos nos dela. Eusébia levantou-se e disse ao pai:

– Estou pronta.

Pedi que Vaz fosse uma das testemunhas do casamento, o que foi aceito; a outra testemunha foi o coronel. A condessa serviu de madrinha.

Sáímos dali para a capela, que era na mesma casa, e pouco retirada; já lá se achavam o padre e o sacristão. Eram ambos velhos como toda a gente que havia em casa, exceto Eusébia.

Minha noiva deu o sim com uma voz forte, e eu com voz fraquíssima; pareciam invertidos os papéis.

Concluído o casamento, ouvimos um pequeno discurso do padre acerca dos deveres que o casamento impõe e da santidade daquela cerimônia. O padre era um poço de ciência e um milagre de concisão; disse muito em pouquíssimas palavras. Soube depois que nunca tinha ido ao parlamento.

À cerimônia do casamento seguiu-se um ligeiro chá e alguma música. A condessa dançou um minueto com o velho condecorado, e assim terminou a festa.

Conduzido aos meus aposentos por todos os convidados, soube em caminho que o Vaz dormiria lá, por convite expresso do incomparável Tobias, que fez a mesma fineza aos circunstantes.

Quando me achei só com a minha noiva, cai de joelhos e disse-lhe com a maior ternura:

– Tanto vivi para encontrar agora, já quase no túmulo, a maior ventura que pode caber ao homem, porque o amor de unia mulher como tu é um verdadeiro presente do céu! Falo em amor e não sei se tenho direito de o fazer... porque eu sou velho, e tu...

– Cale-se! cale-se! disse-me Eusébia assustada.

E foi cair num sofá com as mãos no rosto.

Espantou-me aquele movimento, e durante alguns minutos fiquei na posição em que estava, sem saber o que havia de dizer.

Eusébia parecia estar chorando.

Levantei-me afinal, e acercando-me do sofá, perguntei-lhe que motivo tinha para aquelas lágrimas.

Não me respondeu.

Tive uma suspeita; imaginei que Eusébia amava alguém, e que, para castigá-la do crime desse amor, obrigavam-na a casar com um velho desconhecido a quem ela não podia amar.

Despertou-se-me uma fibra de D. Quixote. Era uma vítima; cumpria salva-la. Aproximei-me de Eusébia, confiei-lhe a minha suspeita, e declarei-lhe a minha resolução.

Quando eu esperava vê-la agradecer-me de joelhos o nobre impulso das minhas palavras, vi com surpresa que a moça olhava para mim com ar de compaixão, e dizia-me abanando a cabeça:

– Desgraçado! é o senhor quem está perdido!

– Perdido! exclamei eu dando um salto.

– Sim, perdido!

Cobriu-se-me a testa de um suor frio; as pernas entraram a tremer-me, e eu

para não cair assentei-me ao pé dela no sofá. Pedi-lhe que me explicasse as suas palavras.

– Por que não? disse ela; se lhe ocultasse seria cúmplice perante Deus, e Deus sabe que eu sou apenas um instrumento passivo nas mãos de todos esses homens. Escute. O senhor é o meu quinto marido; todos os anos, no mesmo dia e à mesma hora, dá-se nesta casa a cerimônia que o senhor presenciou. Depois, todos me trazem para aqui com o meu noivo, o qual...

– O qual? perguntei eu suando.

– Leia, disse Eusébia indo tirar de uma cômoda um rolo de pergaminho; há um mês que eu pude descobrir isto, e só há um mês tive a explicação dos meus casamentos todos os anos.

Abri trêmulo o rolo que ela me apresentava, e li fulminado as seguintes linhas:

"Elixir da eternidade, encontrado numa ruma do Egito, no ano de 402. Em nome da águia preta e dos sete meninos do Setentrião, salve. Quando se juntarem vinte pessoas e quiserem gozar do inapreciável privilégio de uma vida eterna, devem organizar uma associação secreta, e cear todos os anos no dia de S. Bartolomeu, um velho maior de sessenta anos de idade, assado no forno, e beber vinho puro por cima".

Compreende alguém a minha situação? Era a morte que eu tinha diante de mim, a morte infalível, a morte dolorosa. Ao mesmo tempo era tão singular tudo quanto eu acabava de saber, parecia-me tão absurdo o meio de comprar a eternidade com um festim de antropófagos, que o meu espírito pairava entre a dúvida e o receio, acreditava e não acreditava, tinha medo e perguntava por quê?

– Essa é a sorte que o espera, senhor!

– Mas isto é uma loucura! exclamei; comprar a eternidade com a morte de um homem! Demais, como sabe que este pergaminho tem relação?...

– Sei, senhor, respondeu Eusébia; não lhe disse eu que este casamento era o quinto? Onde estão os outros quatro maridos? Todos eles penetraram neste aposento para saírem meia hora depois. Alguém os vinha chamar, sob qualquer pretexto, e eu nunca mais os via. Desconfiei de alguma grande catástrofe; só agora sei o que é.

Entrei a passear agitado; era verdade que eu ia morrer? era aquela a minha

última hora de vida? Eusébia, assentada no sofá, olhava para mim e para a porta.

– Mas aquele padre, senhora, perguntei eu parando em frente dela, aquele padre também é cúmplice?

– É o chefe da associação.

– E a senhora! também é cúmplice, pois que as suas palavras foram um verdadeiro laço; se não fossem elas eu não aceitaria o casamento...

– Ai! senhor! respondeu Eusébia lavada em lágrimas; sou fraca, isso sim; mas cúmplice, jamais. Aquilo que lhe disse foi-me ensinado.

Nisto ouvi um passo compassado no corredor; eram eles naturalmente.

Eusébia levantou-se assustada e ajoelhou-se-me aos pés, dizendo com voz surda:

– Não tenho culpa de nada do que vai acontecer, mas perdoe-me a causa involuntária!

Olhei para ela e disse-lhe que a perdoava.

Os passos aproximavam-se.

Dispus-me a vender caro a minha vida; mas não me lembrava que, além de não ter armas, faltavam-me completamente as forças.

Quem quer que vinha andando chegou à porta e bateu. Não respondi logo; mas insistindo de fora nas pancadas, perguntei:

– Quem está aí?

– Sou eu, respondeu-me Tobias com voz doce; queira abrir-me a porta.

– Para que?

– Tenho de comunicar-lhe um segredo.

– A esta hora!

– Urgente.

Consultei Eusébia com os olhos; ela abanou tristemente a cabeça.

– Meu sogro, adiemos o segredo para amanhã.

– É urgentíssimo, respondeu Tobias, e para não lhe dar trabalho eu mesmo abro com outra chave que possuo.

Corri á porta, mas era tarde; Tobias estava na soleira, risonho como se fosse

entrar num baile.

– Meu caro genro, disse ele, peço-lhe que venha comigo à sala da biblioteca; tenho de comunicar-lhe um importante segredo relativo à nossa família.

– Amanhã, não acha melhor? disse eu.

– Não, há de ser já! respondeu Tobias franzindo a testa.

– Não quero!

– Não quer! pois há de ir.

– Bem sei que sou o seu quinto genro, meu caro Sr. Tobias.

– Ah! sabe! Eusébia contou-lhe os outros casamentos; tanto melhor!

E, voltando-se para a filha, disse com frieza de matar:

– Indiscreta! vou dar-te o prêmio.

– Sr. Tobias, ela não tem culpa.

– Não foi ela quem lhe deu esse pergaminho? perguntou o Tobias apontando para o pergaminho que eu ainda tinha na mão.

Ficamos aterrados!

Tobias tirou do bolso um pequeno apito e deu um assobio, ao qual responderam outros; e daí a alguns minutos estava a alcova invadida por todos os velhos da casa.

– Vamos à festa! disse o Tobias.

Lancei mão de uma cadeira e ia atirar contra o sogro, quando Eusébia segurou-me no braço, dizendo:

– É meu pai!

– Não ganhas nada com isso, disse Tobias sorrindo diabolicamente; hás de morrer, Eusébia.

E segurando-a pelo pescoço entregou-a a dois lacaios dizendo:

– Matem-na.

A pobre moça gritava, mas em vão; os dois lacaios levaram-na para fora, enquanto os outros velhos seguraram-me pelos braços e pernas, e levaram-me em procissão para uma sala toda forrada de preto. Cheguei ali mais morto que

vivo. Já lá achei o padre vestido de batina.

Quis ver antes de morrer o meu pobre amigo Vaz, mas soube pelo coronel que ele estava dormindo, e não sairia mais daquela casa; era o prato destinado ao ano futuro.

O padre declarou-me que era o meu confessor; mas eu recusei receber a absolvição do próprio que me ia matar. Queria morrer impenitente.

Deitaram-me em cima de uma mesa atado de pés e mãos, e puseram-se todos à roda de mim, ficando à minha cabeceira um laçao armado com um punhal.

Depois entrou toda a companhia a entoar um coro em que eu só distinguia as palavras: Em nome da águia preta e dos sete meninos do Setentrião.

Corria-me o suor em bagas; eu quase nada via; a ideia de morrer era horrível, apesar dos meus setenta anos, em que já o mundo não deixa saudades.

Parou o coro e o padre disse com voz forte e pausada:

– Atenção! Faça o punhal a sua obra!

Luziu-me pelos olhos a lâmina do punhal, que se cravou todo no coração; o sangue jorrou-me do peito e inundou a mesa; eu entre convulsões mortais dei o último suspiro.

Estava morto, completamente morto, e entretanto ouvia tudo à roda de mim; restava-me uma certa consciência deste mundo a que já não pertencia.

– Morreu? perguntou o coronel.

– Completamente, respondeu Tobias; vão chamar agora as senhoras.

As senhoras chegaram dali a pouco, curiosas e alegres.

– Então! perguntou a condessa; temos homem?

– Ei-lo.

As mulheres aproximaram-se de mim, e ouvi então um elogio unânime dos canibais; todos concordaram em que eu estava gordo e havia de ser excelente prato.

– Não podemos assá-lo inteiro; é muito alto e gordo; não cabe no forno; vamos esquartejá-lo; venham facas.

Estas palavras foram ditas pelo Tobias, que imediatamente distribuiu os papéis: o coronel cortar-me-ia a perna esquerda, o condecorado a direita, o padre um braço, ele outro e a condessa, amiga de nariz de gente, cortaria o meu para comer de cabidela.

Vieram as facas, e começou a operação; confesso que eu não sentia nada; só sabia que me haviam cortado uma perna quando ela era atirada ao chão com estrépito.

– Bem, agora ao forno, disse Tobias.

De repente ouvi a voz do Vaz.

– Que é isso, ó Camilo, que é isso? dizia ele.

Abri os olhos e achei-me deitado no sofá em minha casa; Vaz estava ao pé de mim.

– Que diabo tens tu?

Olhei espantado para ele, e perguntei:

– Onde estão eles?

– Eles quem?

– Os canibais!

– Estás doido, homem!

Examinei-me: tinha as pernas, os braços e o nariz. O quarto era o meu. Vaz era o mesmo Vaz.

– Que pesadelo tiveste! disse ele. Estava eu a dormir quando acordei com os teus gritos.

– Ainda bem, disse eu.

Levantei-me, bebi água, e contei o sonho ao meu amigo, que riu muito, e resolveu passar a noite comigo.

No dia seguinte acordamos tarde e almoçamos alegremente. Ao sair, disse-me o Vaz:

– Por que não escreves o teu sonho para o Jornal das Famílias?

– Homem, talvez.

– Pois escreve, que eu o mando ao Garnier.

O conto "A vida eterna", escrito sob o pseudônimo de Camillo da Annuniação, foi publicado originalmente no nº 1, ano 8, do periódico carioca "Jornal das Famílias", em janeiro de 1870. p. 5–18. B. L. Garnier

era o seu proprietário e editor.

A ESPOSA DE ÉFESO - Petronio

Em Éfeso havia uma esposa com tal fama de honesta, que até as mulheres dos países vizinhos iam conhecê-la. Ela perdeu o marido e não se contentou, então correu atrás do corpo com os cabelos em desordem, como é costume entre o povo. Dando golpes no peito desnudo diante dos olhos de todos, foi atrás do seu finado marido até sua tumba e logo após ter sido depositado, segundo costume dos gregos, se devotou a velar o corpo e a chorá-lo dia e noite. Seus pais e familiares não puderam fazê-la cessar aquela atitude que, levada ao desespero, havia de morrer de fome. Até os magistrados desistiram do intento ao verem-se expulsos por ela.

Todos choravam, dando quase como morta essa mulher que dava exemplo sem igual, consumindo-se há cinco dias sem provar bocado. Uma serva muito fiel a acompanhava e compartilhava seu pranto e renovava a chama da lamparina, que iluminava o sepulcro, quando começava a se apagar. Na cidade, não se falava outra coisa que não ser esta abnegação, e homens de toda condição social a davam como exemplo único de castidade e amor conjugal.

Àquela época, o governador da província ordenou crucificar vários ladrões próximo à tumba onde a esposa chorava, sem interrupção, a recente morte do seu marido. Durante a noite seguinte à crucificação, um soldado que vigiava as cruzes para impedir que alguém descravasse os corpos dos ladrões para sepultá-los, percebeu uma luzinha que brilhava entre as tumbas e viu os lamentos de alguém que chorava. Levado pela natural curiosidade humana, quis saber quem estava ali e o que fazia. Desceu à tumba e, descobrindo uma mulher de extraordinária beleza, ficou paralisado de medo, crendo estar frente a um fantasma ou a uma aparição. Mas quando viu o cadáver estendido e as lágrimas da mulher, seu rosto arranhado foi desvanecendo sua própria impressão, dando-se conta de que estava diante de uma viúva que não achava consolo.

Levou à tumba seu magro jantar de soldado e começou a induzir a aflita mulher para que não se deixasse dominar por aquela dor inútil, nem encher seu peito com lamentos sem sentido.

– A morte – disse – é o fim de tudo o que vive: o sepulcro é a íntima morada de

todos.

Ele recorreu a tudo o que se pode dizer às almas perpassadas pela dor. Porém, esses conselhos de um desconhecido a exacerbava em seu padecer e ela golpeava mais duramente o peito, arrancava mechas de cabelo e se jogava sobre o cadáver.

O soldado, sem desanimar-se, insistiu, tratando de fazê-la provar seu jantar. Ao fim, a serva, tentada pelo aroma do vinho, não pôde resistir ao convite e estendeu a mão ao que lhe era oferecido, e quando recobrou as forças com o alimento e a bebida, começou a atacar a teimosia da sua ama:

– De que te servirá tudo isso? – lhe dizia. – Que ganhas com deixar-te morrer de fome ou enterrada, entregando tua alma antes que o destino te peça? Os despojos dos mortos não pedem loucuras semelhantes. Volta à vida. Deixa de lado teu erro de mulher e goza, enquanto seja possível, da luz do céu. O mesmo cadáver que está ali tem que bastar para que vejas o belo da vida. Por que não escutas os conselhos de um amigo que te convida a comer algo e não te deixando morrer?

Ao fim, a viúva, esgotada pelos dias de jejum, depôs sua obstinação e comeu e bebeu com a mesma ansiedade com que antes havia feito a servente.

Sabe-se que um apetite satisfeito produz outros. O soldado, entusiasmado com seu primeiro êxito, investiu contra a sua virtude com argumentos semelhantes.

– Não parece mal nem odioso este jovem – dizia a esposa, que antes era acusada pela serva, que o repetia:

– Resistirás a um amor tão doce? Perderás os anos de juventude? Por que esperar mais tempo?

A mulher, depois de haver satisfeito as necessidades do seu estômago, não deixou de satisfazer este apetite... e o soldado teve triunfo. Deitaram-se juntos no chão essa noite e também no dia seguinte e no outro, fechando bem as portas da cripta, de modo que se passasse por ali um familiar ou um desconhecido, acreditaria que a fiel esposa estaria morta sobre o cadáver do seu esposo.

O soldado, encantado pela beleza da mulher e pelo mistério desse amor, comprava o melhor que seu bolso permitia e, ao cair a noite, levava ao túmulo. Porém, um dos parentes dos ladrões, tendo notado a falta de vigilância noturna, descravou o cadáver de um dos seus e o sepultou. O soldado, ao descobrir no outro dia uma cruz sem o morto, temeroso do suplício que o aguardava, contou o ocorrido para a viúva.

– Não, não – lhe disse. – Não esperarei a condenação. Minha própria espada, adiantando-se à sentença do juiz, castigará o meu descuido. Peço-te, minha amada, que, uma vez morto, me deixas nesta tumba. Põe teu amante ao lado do seu marido.

Mas a mulher, tão compassiva como virtuosa, lhe respondeu:

– Que os deuses me livrem de chorar a morte dos dois homens que tenho mais amado! Antes crucificar o morto que deixar morrer o vivo.

Uma vez ditas essas palavras, fê-lo tirar o corpo do esposo da tumba e colocá-lo na cruz vazia. O soldado usou o engenhoso recurso e ao dia seguinte o povo se perguntava como um morto poderia ter subido até a cruz.

*Confia teu barco aos ventos
Mas jamais o teu coração a uma mulher
Porque as ondas são mais firmes
Que a fidelidade da mulher.*

*Não há nenhuma mulher boa
Ou se alguma vez o tenha sido
Não compreendo como algo mau
Pôde ser bom alguma vez.*

NOVE DE JANEIRO – Máximo Gorki

Nota: O pope Gapone abandona o sacerdócio e organiza Uniões Operárias, que são persuadidas a dirigirem-se ao Palácio de Inverno para entregar ao czar uma petição, no domingo 9 de Janeiro (22 de Janeiro, depois que a Rússia adotou o calendário gregoriano). Gorki participou dos acontecimentos, pedindo ao Governador a retirada das tropas, dado o caráter pacífico da manifestação. Após as mil mortes resultantes do confronto, redigiu um manifesto que o conduziu à prisão. As conseqüências da ação que o texto narra foram desembocar na Revolução Russa de 1917. O conto foi publicado em Berlim, em 1907, e na Rússia só em 1920.

...A multidão lembrava a vaga escura dum oceano que acaba de ser despertado pela primeira rajada da tempestade; deslizava lentamente para a frente e os rostos cinzentos das pessoas assemelhavam-se à crista, torva e cheia de espuma, da onda.

Os olhos brilhavam de excitação, mas as pessoas olhavam-se como se não acreditassem na sua própria decisão, como se a sua própria atitude os espantasse. Sobre a multidão rodopiavam as palavras, semelhantes a aves sem peso e sem brilho. Falava-se em voz contida, com seriedade, como se cada um se procurasse justificar perante os outros.

– Viemos porque não se pode aguentar mais...

– O povo não se mexe sem um motivo forte...

– Será possível que "ele" não compreenda?

Falava-se sobretudo "dele", garantiam uns aos outros que "ele" era cordial e bondoso, e que compreendia tudo. Mas as palavras que serviam para lhe pintar a imagem eram descoloridas. Sentia-se que há muito tempo, talvez desde sempre, não pensavam "nele" seriamente, não o representavam como um ser vivo, real; não sabiam bem quem era e compreendiam com dificuldade para que servia e o que podia fazer. Mas hoje "ele" era necessário, todos se apressavam a compreendê-lo e, sem "o" conhecer na realidade, compunham na sua

imaginação, sem o desejarem conscientemente, algo de colossal. As esperanças eram grandes, para se apoiarem necessitavam também de algo incomum.

De vez em quando uma voz de homem, audaciosa, soava na multidão:

– Camaradas! Não se enganem...

Mas a ilusão era indispensável e a voz isolada era abafada pelo tumulto de gritos assustados e irritados:

– Queremos tudo às claras!

– Cala-te, amigo!...

– De resto, o pope Gapone...

– Ele é que sabe...

A multidão hesitante marulhava no canal da rua onde se fragmentava em grupos isolados; as vozes zumbiam, discutindo e argumentando, a turba acotovelava-se contra as paredes dos prédios e voltava a invadir o meio da calçada, sombria massa líquida onde se sentia o fermentar confuso das dúvidas, onde se detectava a expectativa nervosa do que iluminaria o caminho que leva ao objetivo por meio da fé no sucesso e que, por ela, fundiria e uniria todos esses fragmentos num todo único, harmonioso e sólido. Tentava-se, sem o conseguir, dissimular o ceticismo que se manifestava por uma inquietação confusa aliada a uma extrema receptividade aos ruídos. Prestava-se atenção com um ouvido circunspecto, olhava-se para diante procurando obstinadamente alguma coisa. As vozes dos que acreditavam na sua força interior e não em outra qualquer fora deles, suscitavam na multidão um receio irritado, eram demasiado ásperas para seres seguros dos seus direitos, a medir-se em debate franco com aquela força que queria ver.

Transbordando de rua em rua, a massa humana crescia a um ritmo vertiginoso, e esse aumento exterior provocava pouco a pouco a sensação de um crescimento interior, despertava a consciência dos direitos do povo-escravo em implorar à autoridade que prestasse atenção ao seu infortúnio.

– Quer queiram, quer não, também somos homens...

– "Ele" compreenderá. Imploraremos...

– Deve compreender. Não nos revoltamos...

– Além disso, o pope Gapone...

– Camaradas! A liberdade não se implora...

- Oh, meu Deus!
- Espera aí, amigo!
- Calem esse demônio!
- O pope Gapone sabe melhor o que se deve fazer...
- Quando a fé é necessária aos homens, aparece...

Um homem alto, com um sobretudo escuro, remendado no ombro com um pedaço de tecido ruço, subiu para um marco e, tirando da cabeça calva o boné, começou a falar bem alto, num tom solene, com uma chama nos olhos e um tremor na voz. Falava "dele", do czar.

Mas no tom e nas palavras que empregava não se sentia mais do que um entusiasmo afetado, não vibrava no discurso aquele sentimento que pode, comunicando-se aos outros, quase produzir milagres. O homem tinha o ar de quem se força para despertar e chamar à memória uma imagem que desde há muito perdera a personalidade, uma imagem a que o tempo apagara qualquer sombra de vida. Ela estivera sempre longe do homem, mas agora o homem necessitava dela, pretendia colocar nela todas as suas esperanças.

E assim, pouco a pouco, reanimavam o morto. A multidão ouvia com atenção: aquele homem refletia os seus desejos e ela sentia-o. Embora aquela fabulosa representação da força se não fundisse com nitidez com a "sua" imagem, todos sabiam no entanto que tal força existia, que devia existir. O orador encarnava-a no ser que todos conheciam pelas ilustrações dos calendários, ligava-a à imagem que conheciam através dos contos e, nesses contos, a imagem era humana. As palavras do orador, sonoras e compreensíveis, pintavam de maneira clara um ser poderoso, afável e justo, que prestava uma atenção paternal ao infortúnio do povo.

A fé vinha, enganava as pessoas, excitava-as, abafando o murmúrio surdo das dúvidas... As pessoas apressavam-se a ceder a esse estado de espírito, dado que o esperavam há longo tempo, e acumulavam-se numa bola enorme feita de corpos com uma única alma, e essa densidade, a proximidade dos ombros e dos flancos aqueciam o coração com uma doce certeza, a esperança no sucesso.

- Não temos necessidade de bandeiras vermelhas! – gritava o careca. Agitando o boné, caminhava à frente da multidão e o crânio brilhante dançava diante dos olhos e atraía a atenção.
- Vamos ter com o nosso pai!
- Ele não deixará que nos ofendam...

– O vermelho é a cor do nosso sangue, camaradas!

A voz sonora teimava, mantinha-se obstinadamente por cima da multidão.

– A única força que pode libertar o povo é a própria força do povo!

– Não devem...

– Querem semear a discórdia, patifes!

– O pope Gapone vai com uma cruz e aquele vai com uma bandeira!

– Tão novo e já lhe apetecia comandar!

Os que se sentiam menos seguros caminhavam no meio da multidão e dali ouvia-se gritar com uma irritação inquieta:

– Corram com ele, esse da bandeira!

Seguiam agora depressa, sem hesitações e, a cada passo, a unidade de espírito aumentava; a embriaguez da ilusão tomava-se mais intensa. O "ele", acabado de criar, despertava insistentemente nas memórias as velhas sombras dos bons heróis, ecos de histórias ouvidas na infância, e, saciando-se com a força viva desse desejo de acreditar, crescia nas imaginações com impetuosidade.

Alguém gritou:

– "Ele" nos ama!

E, evidentemente, as pessoas acreditavam naquele amor de um ser que elas próprias acabavam de criar.

Quando a multidão desembocou na margem do rio e viu diante de si a linha comprida e quebrada dos soldados que lhe impedia a passagem para a ponte, não se deixou deter por esse obstáculo cinzento e ténue. As silhuetas dos soldados que se desenhavam como linhas finas no fundo azul-claro do largo rio nada tinham de ameaçador; saltitavam para aquecer os pés gelados, gesticulavam, empurravam-se; em frente, do outro lado do rio, as pessoas divisavam um edifício escuro; quem os esperava ali era "ele", o czar, o dono daquela casa. Grande, poderoso, bom e afável, não podia evidentemente ordenar que aqueles soldados impedissem o povo, que o amava e desejava contar-lhe as suas misérias, de ir à sua presença.

No entanto, em muitas expressões apareceu a sombra de uma perplexidade e aqueles que caminhavam na frente abrandaram o passo ligeiramente. Uns olharam para trás, outros afastaram-se, e todos se esforçaram por demonstrar uns aos outros que, quanto à presença dos soldados eles já sabiam, aquilo não os surpreendia. Alguns olharam calmamente para o anjo de ouro que brilhava bem

alto, no céu, por cima da triste fortaleza, e outros sorriram. Uma voz compadecida comentou:

– Coitados dos soldados, têm frio!...

– Devem ter, claro!

– Têm de estar ali, parados!

– O dever deles é manter a ordem!

– Devagar, rapazes! Calma!

– Vivam os soldados! – gritou alguém.

Um oficial, com um capuz amarelo nos ombros, desembainhou o sabre e, brandindo a lâmina curva de aço, gritou qualquer coisa à multidão que chegava. Os soldados mantinham-se imóveis, alinhados ombro a ombro.

– Que estão eles ali a fazer? – perguntou uma mulher gorda.

Ninguém lhe respondeu e, de repente, pareceu a todos que se tornava difícil caminhar. O grito do oficial atingiu toda a gente:

– Para trás!

Alguns voltaram-se: seguia-os uma massa compacta de corpos na qual desaguava, numa corrente interminável, um escuro rio humano; a multidão afastava-se, cedendo àquela pressão, e vinha entupir a praça, diante da ponte. Alguns dos componentes destacaram-se e avançaram ao encontro do oficial, agitando lenços brancos. Ao avançar, gritavam:

– Vamos ver o nosso soberano...

– Vimos em paz...

– Recuem ou mando abrir fogo!

Quando a ordem do oficial atingiu a multidão, esta respondeu com um eco de surpresa trovejante, cheio de espanto. Que os não deixariam chegar até "ele" já alguns tinham garantido, mas que ainda por cima atirassem sobre o povo que ia até "ele" pacificamente, confiado na força e bondade de que ele não deixaria de dar provas, era algo que destruía a integridade da imagem que tinham criado. "Ele" era uma força maior do que qualquer outra, fosse qual fosse; não receava ninguém, não tinha qualquer razão para rechaçar, à ponta de baioneta e a tiro, o seu povo.

Um homem alto, magro, olhos negros num rosto de fome, exclamou subitamente:

– Abrir fogo? Não te atreverás!

Voltou-se para a multidão e prosseguiu com voz forte e cheia de ódio:

– Afinal, sempre era o que eu dizia: não nos deixam passar...

– Quem? Os soldados?

– Os soldados não, aqueles que estão ali...

Com a mão, indicou um sítio, ao longe...

– Os que estão nos poleiros... Eu bem tinha razão no que dizia.

– Ainda não se pode saber...

– Quando souberem o motivo que nos traz, deixar-nos-ão passar!...

O rumor crescia. Ouviam-se gritos de cólera, exclamações irônicas soavam aqui e além. O bom senso chocava-se contra aquela barreira absurda e silenciava. Os movimentos tornavam-se mais nervosos e mais desordenados; um frio agudo soprava do lado do rio; as pontas imóveis das baionetas faiscavam.

Soltando exclamações e obedecendo à pressão que as empurrava para a frente, as pessoas progrediam. As que tinham avançado com os lenços recuaram obliquamente e desapareceram na multidão. Mas na frente, homens, mulheres e crianças, todos agitavam igualmente lenços brancos.

– Disparar porquê? Com que fim? – exclamava, num tom um pouco enfático, um homem duma certa idade, com a barba grisalha. – Se não nos querem deixar passar pela ponte, podemos simplesmente cortar por cima do gelo...

Repentinamente, um ruído seco e desigual propagou-se no ar, tremeu e veio bater contra a multidão como dezenas de chicotadas. As vozes pareceram ter gelado instantaneamente. E a massa continuava a avançar.

– Balas de pólvora seca! – disse uma voz incolor, que interrogava mais do que afirmava.

Mas aqui e ali ouviam-se gemidos, havia corpos que jaziam aos pés da multidão. Uma mulher, soltando gritos de dor, crispou a mão direita no peito e, com passos rápidos, avançou para a frente, a direito contra as baionetas que a enfrentavam. Outros se precipitaram atrás dela para a segurar, para a ultrapassar.

Ecoou novamente o crepitar duma salva, ainda mais sonora e mais irregular. Os que estavam junto de um tapume ouviram estremecer as tábuas como se tivessem sido mordidas por dentes raivosos. Uma bala ricocheteou ao longo de uma tábua, arrancando aparas miúdas que lançou à cara das pessoas. Os vultos

caíam, aos dois e três, dobravam os joelhos e tombavam segurando o ventre, corriam não se sabia para onde, corriam manquejando, rastejavam na neve onde floriam largas manchas de sangue em profusão; alargavam-se, fumegavam, atraíam o olhar... A multidão refluíu, deteve-se um instante, estupefacta, e de súbito rebentou o uivo selvagem e dilacerante de centenas de vozes. Subiu num único jorro e pôs-se a vibrar no ar como uma nuvem estranha de gritos arrepiantes de dor aguda, de horror, de protesto, de perplexidade melancólica, de apelos de socorro.

De cabeça baixa, em grupos reduzidos, as pessoas lançavam-se para a frente para retirar os mortos e os feridos. Estes também gritavam, ameaçando com os punhos; todos os rostos se tinham metamorfoseado e em todos os olhos brilhava uma espécie de loucura. Não se produziu o pânico, esse terror negro coletivo que se apodera bruscamente das pessoas e varre os corpos em amontoados como o vento faz às folhas secas, arrastando-as a todas e lançando-as para longe na cegueira dum turbilhão endemoninhado, na ânsia de encontrar onde se esconder. Havia, sim, horror, que queimava como o ferro gelado, congelava o coração, comprimia o corpo, obrigava a olhar com olhos bem abertos o sangue que a neve absorvia, os rostos, as mãos, as roupas ensanguentadas, os cadáveres terrivelmente calmos no meio da agitação alarmada dos vivos. Havia também uma indignação áspera, um ódio triste e impotente, muitos olhos estranhamente imóveis, sobrolhos carregados e sombrios, punhos crispados, gestos convulsivos e palavras corrosivas. Mas parecia que por cima disso tudo uma fria estupefação tinha penetrado nos corações e matado a alma. Alguns minutos antes, minutos infelizes, aqueles homens caminhavam para um objetivo que se desenhava claramente, para uma imagem de conto fantástico que se erguia majestosamente perante eles, que eles admiravam, amavam, e com que nutriam de esperanças a alma. Duas descargas, o sangue, os cadáveres, os gemidos, e todos se viram perante um vácuo cinzento, impotentes, com o coração dilacerado.

Revoluteavam sem sair do lugar, como que apanhados numa rede de que se não podiam libertar; uns, sem dizer nada, com ar preocupado, transportavam os feridos, recolhiam os mortos, outros viam o que eles faziam como se estivessem a sonhar, atordoados, perdidos numa estranha apatia. Muitos gritavam censuras aos soldados, insultos, lamentos, gesticulavam, tiravam o boné e saudavam não se sabia quem, ameaçando com a sua cólera terrível.

Os soldados mantinham-se imóveis, com as armas apontadas para o chão; os rostos deles mantinham-se igualmente inertes, a pele tensa nas faces salientes. Dir-se-ia que todos tinham os olhos brancos e os lábios gelados.

Alguém gritou histericamente no meio da multidão:

– Isto é um engano! É um erro, amigos!... Julgaram que éramos outros, não há dúvida! Vamos lá, é preciso explicar...

– Gapone é um traidor! – gritou um jovem, trepando a um candeeiro.

– Vamos, camaradas, bem vêem como "ele" vos recebe...

– Parem! É um erro! Não pode ser de outra maneira, tentem compreender!

– Deixem passar este ferido!

Dois operários e uma mulher transportavam o homem alto e magro; estava coberto de neve e o sangue corria-lhe da manga do sobretudo. O rosto tinha empalidecido, estava ainda mais magro, e os lábios que mexiam lentamente murmuravam:

– Eu bem dizia: não querem deixar passar!... Escondem-no... o que é o povo, para eles?

– Vem aí a cavalaria!

– Fugam!

A parede dos soldados estremeceu e abriu-se como os dois batentes dum portal de madeira para dar passagem aos cavalos que avançaram caracoleando e relinchando; soou o grito dum oficial e os sabres, fendendo o ar faiscante por cima da cabeça dos cavaleiros, brilharam como fitas de prata e apontaram todos na mesma direção. A multidão ficou ali, vacilando na sua emoção, esperando sem acreditar.

O ruído diminuiu.

– Carregar! – ressoou a ordem, como um grito furioso.

Como se se tivesse levantado um turbilhão e os chicoteasse em pleno rosto, ou a terra tivesse começado a deslizar-lhes debaixo dos pés, todos se lançaram numa corrida, empurrando-se, derrubando-se uns aos outros, abandonando os feridos, saltando por cima dos cadáveres. O pesado martelar dos cascos perseguia-os, os soldados uivavam, os cavalos galopavam no meio dos feridos, dos mortos, daqueles que tinham caído, os sabres cintilavam e os gritos de pavor e de sofrimento faiscavam também: podia ouvir-se de vez em quando o assobio do aço e o choque contra os ossos. Os gritos dos que eram atingidos amalgamavam-se num único gemido prolongado e sonoro:

– Ai-i-i!

Os soldados brandiam o sabre e abatiam-no sobre as cabeças, deslocando-se para um lado com o ímpeto da pancada. No rosto vermelho não se lhes distinguiam os olhos. Os cavalos relinchavam, mostrando os dentes em caretas monstruosas, abanavam a cabeça...

O povo espalhou-se pelas ruas; logo que o ruído dos cascos se sumiu ao longe, as pessoas, sem fôlego, pararam e olharam umas para as outras, de olhos esbugalhados; algumas exibiam tímidos sorrisos culpados, alguém se pôs a rir, gritando:

– Caramba, há muito tempo que não corria tanto!

– Pode continuar! – responderam-lhe.

Mas de repente começaram a chover de todos os lados gritos de espanto, de horror ou de ódio:

– Que quer isto dizer, amigos?

– Isto foi um massacre, irmãos ortodoxos!

– Mas porque?

– Temos um bonito governo!

– Tratam-nos a fio de espada! Espezinham-nos com os cavalos, ha!

Na sua perplexidade, ficavam ali, sem saber como agir e comunicando a sua indignação. Não compreendiam o que se devia fazer, ninguém se ia embora e cada um deles se encostava ao vizinho, tentando encontrar uma saída qualquer para a confusão em que mergulhavam os sentimentos, olhavam-se com uma curiosidade angustiada e, no entanto, mais admirados do que aterrorizados, continuavam a esperar olhando à sua volta. Estavam todos demasiado abatidos, demasiado quebrados pela estupefação; esse sentimento eclipsava todos os outros e, mantendo-os num estado de espírito anormal, impedia-os de conceber o significado pleno desses minutos inesperados e terríveis na sua inutilidade insensata, saturados do sangue dos inocentes.

Uma voz jovem, enérgica, apelou:

– Eh! Vamos recolher os feridos!

Estremeceram e dirigiram-se com rapidez para a saída da rua que desembocava no rio. Ao seu encontro vinham homens estropiados, cobertos de neve ensanguentada, penetravam na rua a mancar, arrastando-se conforme podiam. Pegavam neles, amparavam-nos, mandavam parar os fiacres, faziam sair os passageiros e conduziam-nos a qualquer parte. Todos tinham agora uma

expressão preocupada e mantinham um silêncio pesado. Examinavam os feridos com um olhar profundo, mediam sem dizer nada, comparavam, mergulhados na pesquisa duma resposta a dar à terrível pergunta que se levantava, confusa e informe sombra negra. Ela tinha aniquilado a imagem recentemente inventada desse herói, desse czar, fonte de bem e de clemência. Foram pouco numerosos os que se resolveram imediatamente a reconhecer bem alto que a imagem já estava destruída. Era difícil fazê-lo, porque era privar-se assim da sua única esperança.

O careca do sobretudo remendado passou; o crânio baço estava agora salpicado de sangue, caminhava inclinando a cabeça e o ombro, as pernas dobravam-se-lhe, recusando-se a sustentá-lo. Amparava-o um rapagão de ombros largos e de cabelos ondulados, sem boné, e uma mulher com uma peliça rasgada, de rosto inerte e estupidificado.

– Como é possível isto, Miguel? – murmurava o ferido.

– Disparar sobre o povo não é permitido!... Não pode ser, Miguel!

– Mais foi! – gritou o rapaz.

– Dispararam e acutilaram! – notou a mulher, acabrunhada.

– Isso significa que receberam ordem para fazer isso, Miguel...

– Não há dúvida nenhuma! – disse o rapaz com voz raivosa. – Pensava que iam discutir consigo? Que lhe ofereciam um copo?

– Espera aí, Miguel...

O ferido parou, encostou-se a uma parede e pôs-se a gritar:

– Ortodoxos! Porque nos massacram? Com que direito? Por ordem de quem?

As pessoas passavam junto dele, baixando a cabeça.

Mais longe, na esquina de um muro, algumas dezenas tinham-se reunido em torno dum homem que, com voz precipitada e arquejante, dizia com uma ansiedade cheia de ódio:

– Ontem o Gapone falou com o ministro. Ele sabia tudo o que se ia passar, portanto ele traiu-nos, mandou-nos para a morte.

– Que lhe adiantava isso?

– Sei lá!

Por toda a parte os espíritos aqueciam, cada pessoa via levantar-se diante de si perguntas ainda confusas mas já sentia a importância delas, a sua extensão e a

exigência severa e premente de lhes dar resposta. O fogo da agitação consumia rapidamente qualquer fé num auxílio exterior, qualquer esperança num miraculoso libertador da miséria.

Pelo meio da rua caminhava uma mulher forte, mal vestida com uma cara simpática de mãe e grandes olhos tristes. Chorava e, sustentando com a mão direita a esquerda ensanguentada, dizia:

– Como poderei trabalhar? Com que hei-de sustentar os meus filhos? Onde é que o povo encontrará quem o defenda, se o próprio czar é contra ele?

As suas perguntas, sonoras e claras, despertaram as pessoas, alarmaram-nas, abanaram-nas. Vinham ter com ela, acorriam de todos os lados e paravam para a ouvir com uma atenção melancólica.

– Então não há lei que proteja o povo?

Alguns suspiraram, outros praguejaram com voz colérica e contida.

De algures chegou um grito amargo e cheio de ódio:

– Eu recebi ajuda! Quebraram a perna do meu filho!

– Mataram o Pedrinho!

Os gritos eram numerosos, flagelavam os ouvidos e provocavam cada vez mais amplos ecos vingadores, as suas bruscas ressonâncias despertavam a animosidade, a consciência de que era indispensável defenderem-se contra os assassinos. Nos rostos sem cor, surgiu uma decisão.

– Camaradas! Vamos à cidade, apesar de tudo... Talvez se consiga qualquer coisa! Vamos, com todas as precauções.

– Vão-nos massacrar...

– Vamos falar aos soldados. Talvez eles compreendam que não há nenhuma lei que permita massacrar o povo.

– Talvez haja uma! Como posso saber?

A multidão, lentamente mas sem desfalecimento, alterava-se, transfigurava-se em povo. Os jovens destacavam-se em pequenos grupos que iam na mesma direção, regressavam ao rio. Os feridos e os mortos continuavam a ser transportados, havia por toda a parte um odor de sangue quente, gemidos, exclamações.

– Ao Tiago Zimine a bala apanhou-o no meio da testa.

– Agradeçam ao nosso bom czar!

– Não há duvida... Recebeu-nos bem.

Ressoavam pragas e maldições. Por uma única daquelas palavras, um quarto de hora antes, a multidão teria feito em pedaços o profanador.

Uma menina corria, desamparada, e perguntava às pessoas:

– Não viram a minha mãe?

Olhavam-na sem dizer nada e deixavam-na passar. Depois ouviu-se a mulher da mão fraturada:

– Aqui! Estou aqui!

A rua esvaziava-se. Os jovens partiam com uma pressa crescente. Os mais idosos, com expressões tristes, dirigiam-se também para qualquer parte, vigiando os mais novos pelo canto do olho. Falava-se pouco... Apenas, de vez em quando, alguém que não podia conter a amargura, exclamava com voz abafada:

– Então agora repudia-se o povo!...

– Malditos assassinos!

Lamentavam-se os que tinham sido mortos e, adivinhando que tinha igualmente sido morto, daquela maneira, um pesado preconceito de escravos, procuravam não falar disso, não se pronunciava mais esse nome que rasgava o ouvido, a fim de não alarmar mais no coração a tristeza e a cólera.

E talvez se calassem, também, com medo de criar um novo no lugar do que morrera.

...Em torno do palácio do czar mantinha-se uma cadeia apertada e indissolúvel de soldados pardacentos; a cavalaria estava disposta sob as janelas do edifício e, na praça, os canhões apontavam os seus canos curtos com ar de sanguessugas. Um cheiro de feno, de suor e de excrementos de cavalo cercava a residência, e o tilintar do ferro e das esporas, as ordens que se gritavam, o bufar dos animais, tudo isso vibrava sob as janelas cegas do palácio.

Fazendo frente aos soldados, milhares de pessoas desarmadas e cheias de animosidade mantinham-se no frio glacial e, por cima da multidão, subia, como se fosse poeira, o vapor acinzentado das respirações. Uma companhia de soldados, apoiando um dos flancos na parede dum edifício, numa esquina da Perspectiva Nevski, e o outro na grade do jardim, barrava o caminho para a

praça do palácio. Muitos civis com roupas diversas, na maioria operários, muitas mulheres e adolescentes, mantinham-se ali, quase a tocar os soldados.

– Dispersem-se, senhores! – dizia em voz baixa um sargento. Andava ao longo da linha, separando com as mãos soldados e civis, esforçando-se por não ver os rostos.

– Porque não nos deixam passar? – perguntavam-lhe.

– Para ir onde?

– Falar com o czar.

O sargento parou por um momento e, com uma expressão próxima do abatimento, exclamou:

– Mas se já vos disse que ele não está lá!

– O czar não está?

– Não! Já disse que não está! Por isso, o melhor é irem embora!

– Foi-se embora de vez? – insistiu uma voz irônica.

O sargento parou novamente e levantou os braços:

– Tenham cuidado com o que dizem.

E acrescentou noutro tom:

– Ele não está na cidade.

– Morreu!

– Vocês mataram-no, patifes!

– Pensavam assassinar o povo?

– O povo, não o terão. Ele chega para tudo...

– Vocês mataram o czar... Estão a ouvir?

– Recuem, senhores! Nada de réplicas!

– Quem és tu? Um soldado! O que é um soldado?

Mais longe, um velhinho com uma barbicha pontiaguda falava aos soldados, cheio de animação:

– Vocês são homens, nós também. Agora vocês usam o capote, mas amanhã voltarão a usar o caftã. Quererão trabalho, a vontade de comer não falta. Mas sem trabalho não há comida. Vocês chegarão ao mesmo ponto em que nós

estamos, meus filhos. E então, será preciso disparar contra vocês? Será preciso matar–vos, porque vocês têm fome?

Os soldados tinham frio. Apoiavam–se ora num pé ora noutro, batiam com as solas no pavimento, esfregavam as orelhas, mudavam a espingarda de uma mão para a outra. Ao ouvirem aquelas frases, suspiravam, erguiam ou baixavam os olhos, davam estalidos com os lábios gelados, assoavam–se. Os rostos violáceos de frio apresentavam uma expressão uniforme de desencorajamento embotado; esses soldadinhos de chumbo, pouco mais altos que a espingarda de baioneta calada que seguravam nas mãos, eram a undécima companhia do regimento n.º 144, de Pskov. Alguns deles fechavam um olho como que para fazer pontaria, apertavam os dentes com esforço, decerto irritados contra aquela multidão que os obrigava a ficar ali, a gelar. A triste linha cinzenta respirava o cansaço e o aborrecimento.

Algumas pessoas, empurradas pelos de trás, chocavam de vez em quando contra os soldados.

– Calma! – repetia, a cada impulso, um homem baixinho, de capote cinzento, com voz contida. A multidão gritava com um ardor crescente. Os soldados ouviam, piscando os olhos, os rostos torciam–se em caretas indecisas e aparecia neles algo de lamentável e de tímido.

– Não me toques na espingarda! – disse um deles a um jovem com boné de pele, que apontou um dedo no peito do soldado, dizendo:

– És um soldado, não um carrasco. Chamaram–te para defender a Rússia contra os seus inimigos, mas querem agora obrigar–te a fuzilar o povo... Estás a perceber? O povo é que é precisamente a Rússia!

– Nós não disparamos! – respondeu o soldado.

– Olha à tua frente! É a Rússia que está aí, o povo russo! Ele quer ver o czar...

Alguém o interrompeu com um grito:

– Não, não quer!

– Há algum mal em o povo querer discutir um pouco os seus problemas com o czar? Dize lá, anda!

– Não sei! – respondeu o soldado, cuspiendo.

O soldado do lado acrescentou:

– Não podemos conversar...

Soltou um suspiro acabrunhado e baixou os olhos. Um outro soldado perguntou subitamente, com voz suave, àquele que estava à frente dele:

– Somos da mesma terra. Você não é de Riazan?

– Sou de Pskov. Porquê?

– Porque sim. Eu sou de Riazan.

Com um sorriso aberto, sacudiu os ombros num gesto friorento.

As pessoas ondulavam diante do muro cinzento e liso, chocavam-se contra ele como as vagas dum rio contra os rochedos da margem. Refluíam, depois voltavam. Muitos provavelmente, não compreendiam porque estavam ali, o que queriam e o que esperavam. Não se tratava dum fim claramente reconhecido, de determinação resoluta, mas era um amargo sentimento de ofensa e de indignação e, em muitos, um desejo de vingança. Era o que os unia a todos, os retinha nas ruas, mas não tinham ninguém sobre quem descarregar os sentimentos, ninguém sobre quem se vingar... Os soldados não provocavam o ódio, não os irritavam; eram simplesmente estúpidos e infelizes, transidos de frio, muitos tremiam como varas verdes, estremeciam, batiam os dentes.

– Plantados aqui desde as seis da manhã. Que calamidade!

– Deitas-te e rebentas...

– Vocês podiam ir embora, ha! Nós voltaríamos para a caserna, para o quente...

– Que diabo é que vos preocupa? Porque esperam? – dizia o sargento.

As palavras dele, o seu rosto sério, o tom pausado e seguro arrefeciam. Tudo o que ele dizia parecia adquirir um sentido especial, mais profundo do que as simples palavras.

– Esperar não serve de nada. Serve só para fazer sofrer a tropa por vossa causa.

– Vocês vão voltar a disparar contra nós? – perguntou um rapaz que cobria a cabeça com um capuz.

Após uma pausa, o sargento respondeu:

– Se nos derem essa ordem, teremos de a cumprir.

Aquilo provocou uma explosão de frases de reprovação, de palavrões, de motejos.

– Porquê, porquê? – indagava, mais alto do que os outros, um homem forte, ruivo.

– Vocês não obedecem às ordens do comando! – explicou o sargento, coçando uma orelha.

Os soldados ouviam as conversas das pessoas e piscavam os olhos de cansaço. Um deles disse vagarosamente:

– Bebia agora com vontade uma coisa quente!

– Talvez queiras o meu sangue! – retorquiu alguém, com voz cheia de ódio e de repulsa.

– Não sou nenhum animal feroz! – replicou o soldado com expressão ofendida e triste.

Muitos olhares fixavam o largo e achatado semblante da longa linha de soldados com uma curiosidade fria e silenciosa, com desprezo e repugnância. Mas a maioria tentava aquecê-los ao fogo da sua própria excitação, tentava libertar no coração deles algo que a caserna tinha comprimido a fundo, assim como na cabeça entupida com o bricabraque de educação militar. A maior parte das pessoas desejava agir, realizar de uma maneira ou de outra aquilo que sentia e pensava, chocando-se obstinadamente contra aquelas pedras cinzentas e frias que tinham apenas um desejo: o de se aquecerem.

As frases soavam cada vez mais ardentes e as palavras mais exaltadas.

– Soldados! – dizia um camponês atarracado, com uma grande barba e olhos azuis. – Vocês são filhos do povo russo. Puseram o povo na miséria, esqueceram-no, deixam-no sem proteção, sem pão e sem trabalho. E hoje o povo veio pedir auxílio ao czar, e o czar ordena que vocês disparem sobre o povo, ordena que o massacrem. Já dispararam na ponte da Trindade e mataram pelo menos uma centena de pessoas. Soldados, o povo são os vossos pais, os vossos irmãos, o povo não se mete em trabalhos apenas por ele mas também por vocês. Põem-vos contra o povo, obrigam-vos a matar pais e irmãos. Pensem um momento! Não compreendem que é contra vocês próprios que disparam?

A voz afável e calma do velho, o rosto bom com a sua barba branca, toda a fisionomia e as suas palavras simples e justas emocionavam visivelmente os soldados. Baixavam os olhos e ouviam-no com atenção; um suspirava abanando a cabeça, outros franziam os sobrolhos e olhavam à sua volta, um outro advertiu-o com voz abafada:

– Afasta-te, o oficial acabará por te ouvir.

Este, grande, aloirado, com bigodes pequenos, caminhava lentamente ao longo da fileira e, calçando a luva na mão direita, dizia entre dentes:

– Circulem!... Vão-se embora!... Que é isso? Atrevem-se a discutir? Eu lhes darei a discussão!

Tinha um rosto espesso, rubicundo, e olhos redondos claros mais sem brilho. Caminhava sem pressa, batendo com os pés no chão, mas com a sua chegada o tempo precipitou-se como se cada segundo se apressasse a desaparecer com receio de se encontrar ligado a um ultraje odioso. Atrás dele, como se acionasse uma régua invisível que alinhava a fileira da tropa, os soldados encolhiam as barrigas, enchiam o peito, lançavam uma olhadela à biqueira das botas. Alguns apontavam com os olhos o oficial, à multidão, e faziam esgares coléricos. Este parou num dos flancos e comandou:

– Sentido!

Os soldados moveram-se e inteiriçaram-se.

– Ordeno-vos que disperseis! – gritou ele, desembainhando o sabre vagarosamente.

Dispersar era materialmente impossível: a multidão tinha submerso toda a praça com a sua massa compacta e da rua, lá atrás, continuava a desembocar gente.

O oficial era olhado com ódio, ouvia as zombarias, os palavrões, mas mantinha-se firme, imóvel sob a avalanche. O olhar morto examinava a sua companhia, as sobancelhas ruivas mal estremeciam. A multidão começou a trovejar com mais força, aquela calma irritava-a visivelmente.

– É este que quer dar ordens!

– Mesmo sem ter ordem, está pronto a fazer sangue!

– Parece um arenque...

– Eh, patrãozinho, estás pronto para o massacre?

Uma impetuosidade provocante crescia, uma intrepidez descuidada, os gritos eram mais altos, os impropérios mais violentos.

O sargento olhou para o oficial, estremeceu, ficou pálido e, por sua vez, desembainhou o sabre rapidamente.

Subitamente soou um toque sinistro. A multidão olhou para o clarim: o soldado inchava as bochechas e arregalava tão curiosamente os olhos que todo o rosto

parecia prestes a estalar; o clarim tremia—lhe na mão e o toque era demasiado longo. As pessoas abafaram o grito fanhoso do cobre com um assobio sonoro, ululando, soltando sons esganiçados, maldições, censuras, gemidos de impotência, gritos de desespero e de audácia provocados pela sensação de que era possível morrer de repente e era impossível escapar. Não havia um sítio para onde fugir da morte. Alguns vultos atiraram—se ao chão, outros escondiam o rosto nas mãos, enquanto o homem da barba branca, que abrira o sobretudo no peito, se mantinha à frente de todos, com os olhos azuis fixos nos soldados, pronunciando palavras que se afogavam no caos dos gritos.

Os soldados brandiram as espingardas, apontaram e colocaram—se todos na posição do caçador à espreita, com a baioneta dirigida contra a multidão.

Via—se a fileira de baionetas suspensa, agitada, irregular; umas estavam demasiado para cima, as outras inclinavam—se muito para o chão, poucas eram as que efetivamente apontavam a direito para os peitos, e todas pareciam moles, tremiam e tinham o ar de se derreter, de vergar.

Uma voz sonora gritou com uma repulsa misturada de horror:

— Que estão a fazer, assassinos?

Um frêmito violento, desigual, percorreu as baionetas, uma rajada assustada partiu, as pessoas oscilaram, projetadas para trás pelo ruído, pelas balas, pela queda dos mortos e dos feridos. Alguns, sem dizer palavra, lançaram—se numa corrida para escalar a grade do jardim. Uma nova rajada, depois outra. Um garotinho, surpreendido na grade por uma bala, dobrou—se subitamente e ficou suspenso, de cabeça para baixo. Uma mulher, alta e esbelta, com uma cabeleira vaporosa, soltou um gemido frágil e caiu molemente junto dele.

— Ah, malditos!... Malditos! — gritou alguém.

O local tornou—se mais amplo e mais calmo. As filas da retaguarda da multidão fugiam para as ruas, metiam—se nos pátios, recuavam obedecendo a golpes invisíveis. Entre ela e os soldados formou—se um espaço de alguns metros todo coberto de corpos. Uns levantavam—se e fugiam a toda a pressa para o lado dos seus, outros erguiam—se com penosos esforços deixando manchas de sangue e afastavam—se, titubeantes, seguidos pelo rastro sangrento. Muitos jaziam imóveis, deitados de barriga e de costas, ou de lado, mas todos na estranha tensão do corpo que foi apanhado pela morte quando parecia tentar furtar—se—lhe às garras...

Espalhava-se no ambiente um odor de sangue. Lembrava o hálito quente e um pouco salgado do mar ao crepúsculo dum dia tórrido, um cheiro mórbido e inebriante que despertava uma sede terrível de encher com ele as narinas, longamente. Um cheiro que corrompe e perverte a imaginação como o sabem os carnicheiros, os soldados e outros assassinos profissionais.

A multidão, ao recuar, soltava as suas maldições, vociferava, os gritos de dor fundiam-se num turbilhão desordenado com os assobios, os choques e os lamentos; os soldados mantinham-se imperturbáveis, tão imóveis como os mortos. Tinham o rosto cor de cinza, lábios cerrados, como se também eles quisessem gritar e assobiar, mas não conseguissem resolver-se a tal e se retivessem. Olhavam à sua frente com olhos escancarados que já não piscavam. Não se detectava no seu olhar nada de humano, pareciam não ver, assemelhavam-se a pontos vazios e embaciados na superfície tensa dos rostos. Recusavam-se a ver, talvez com o secreto receio de que a vista do sangue quente que tinham feito derramar lhes desse vontade de repetir a proeza. As espingardas tremiam-lhes nas mãos, as baionetas ondulavam, furando o ar. Mas esse arrepio dos corpos não podia sacudir a impassibilidade estúpida daqueles homens, nos quais se tinha abafado o coração ao tyrannizar a vontade e cujos cérebros tinham sido aglutinados numa repugnante mentira em decomposição. O homem barbudo, de olhos azuis, levantou-se do chão e dirigiu-se novamente a eles, a voz entrecortada e o corpo trémulo:

– A mim, vocês não me mataram, porque eu disse-vos a santa verdade...

A multidão regressava, lenta e sombria, para recolher os mortos e os feridos. Alguns homens vieram juntar-se aquele que falava com os soldados e, interrompendo-o, puseram-se também a gritar, a exortar, a acusar, sem rancor, com o coração taciturno e cheio de compaixão. Nas vozes deles ainda sobrevivía a fé ingénua na vitória da palavra justa, o desejo de demonstrar a insensatez, a loucura da crueldade, de tornar os soldados conscientes daquele erro penoso; desenvolviam todos os seus esforços para os levar a compreender a infâmia e o horror do seu papel involuntário.

O oficial tirou o revólver do coldre, examinou-o com atenção e encaminhou-se para o grupo. Os homens afastavam-se dele sem pressa, como se faz a um pedra que rola lentamente por uma encosta. O barbudo de olhos azuis não se mexia e acolheu-o com ardentes censuras, mostrando num gesto largo todo o sangue derramado:

– Como pensa justificar isto? Não há justificação!

O oficial deteve-se diante dele, franziu um sobrolho, com ar preocupado, depois alongou o braço. Não se ouviu a detonação, viu-se o fumo cercar a mão do assassino, uma vez, duas vezes, depois uma terceira. Ao último tiro, o homem dobrou as pernas, tombou para trás e, agitando a mão direita, caiu. De todos os lados houve pessoas que se lançaram sobre o assassino: ele recuou, com o sabre ao alto e a ameaçar todos com o revólver... Um adolescente caiu-lhe aos pés e ele furou-lhe o ventre com um golpe de sabre. Rugia, saltava, oscilava para todos os lados como um cavalo teimoso. Alguém lhe lançou o boné à cara, bombardeavam-no com bolas de neve ensanguentada. O sargento correu em seu socorro com alguns soldados de baionetas apontadas e os manifestantes dispersaram. O vencedor acompanhou-os com ameaças, brandindo o sabre, depois baixou subitamente e enfiou-o uma vez mais no corpo do adolescente que lhe rastejava aos pés perdendo sangue.

Soou novamente o toque roufenho do clarim, e as pessoas evacuaram precipitadamente a praça ao ouvi-lo alongar-se no ar em finas volutas, como se pretendesse dar o último arranjo aos olhos vazios dos soldados, à bravura do oficial, à ponta vermelha do seu sabre e aos seus bigodes assanhados.

O vermelho vivo do sangue irritava o olhar e atraía-o, provocando o desejo perverso e embriagador de ver ainda mais, de o ver por toda a parte. Os soldados tinham o ar de estarem na expectativa, mexiam o pescoço e procuravam com os olhos, ao que parecia, novos alvos vivos para as suas balas.

O oficial, num dos flancos, brandia o sabre e gritava com voz sacudida pela cólera desencadeada.

Em resposta vieram gritos de várias direções:

– Carrasco!

– Filho da mãe!

Ele achou-se no dever de corrigir o alinhamento dos bigodes. Soou uma nova rajada, depois outra...

As ruas regurgitavam de gente, como sacos cheios de grão. Aqui havia menos operários, os pequenos comerciantes e empregados dominavam. Já alguns deles tinham visto o sangue e os cadáveres, outros tinham sido batidos pela polícia. A angústia tinha-os tirado das suas casas, encaminhado para a rua, e eles disseminavam o seu alarme, exagerando o aspecto horroroso daquele dia.

Homens, mulheres e adolescentes, todos olhavam em torno, com ansiedade, e esperavam apurando o ouvido. Relatavam uns aos outros os massacres, lamentavam-se, praguejavam, interrogavam os operários levemente feridos, baixavam por vezes as vozes quase até ao murmúrio para comunicarem coisas em segredo. Ninguém compreendia o que era necessário fazer, ninguém regressava a casa. Sentiam, adivinhavam que atrás daqueles assassinos se escondia algo de importante, de mais profundo e mais trágico para eles do que aquelas centenas de mortos e feridos que não pertenciam à sua classe.

Mergulhados até aquele dia numa espécie de inconsciência, tinham vivido de noções confusas, amadurecidas sem que se soubesse quando nem como, a respeito do poder, da lei, das autoridades, dos seus próprios direitos. O caráter impreciso dessas noções não os impedia de rodear os cérebros de uma rede espessa e compacta, de os cobrir com uma grossa casca escorregadia; tinham-se habituado a pensar que existia na vida uma força que devia e podia defendê-los: a lei. Adquiriram desse modo a certeza de se encontrarem em segurança, ao abrigo de pensamentos importunos. As coisas não corriam mal e, embora a vida atacasse essas nevoentas noções com dezenas de fissuras, choques e arranhadelas, e algumas vezes reveses sérios, nem por isso eles deixavam de estar solidamente ancorados; conservavam a sua morta dignidade e as arranhadelas e fissuras cicatrizavam muito depressa.

Mas hoje, subitamente despojado, o cérebro deles teve um arrepio e o peito foi dominado por uma angústia glacial. Todo aquele depósito formado pelo hábito foi sacudido, quebrou e desapareceu. Todos se sentiam, com maior ou menor lucidez, triste e terrivelmente isolados, sem defesa perante uma força cínica e cruel que não reconhecia direito ou lei. Mantinha todas as vidas entre as suas mãos e podia, com uma total inconsciência, semear a morte nessa massa, podia aniquilar os vivos à sus vontade, conforme o seu apetite. Ninguém a podia reter; recusava-se a falar fosse a quem fosse. Era toda-poderosa e mostrava cabalmente a desmesura do seu império, juncando absurdamente as ruas de cadáveres, inundando-as de sangue. O seu delirante capricho sanguinário era claramente visível. Inspirava uma angústia unânime, um terror corrosivo que esvaziava a alma. Sacudida insistentemente a razão, levando-a a criar os planos duma nova defesa do indivíduo, novas construções para a salvaguarda da vida.

De cabeça baixa, balançando as mãos ensanguentadas, passava um homem robusto, atarracado. Tinha a parte da frente do sobretudo inundada de sangue.

– Está ferido? – perguntou alguém.

– Não!

– Então, esse sangue?

– Não é meu! – respondeu ele sem se deter.

Repentinamente imobilizou-se, olhou à sua volta e pôs-se a falar estranhamente alto:

– Não é o meu sangue, senhores... É o sangue dos que tinham fé...

Sem terminar, prosseguiu o seu caminho, baixando novamente a cabeça.

Agitando os seus curtos chicotes, um destacamento de cavalaria irrompeu no meio da multidão. As pessoas lançaram-se para todos os lados, para escaparem, esmagando-se umas às outras, escalando os muros. Os soldados estavam embriagados, oscilavam nas selas com um sorriso estúpido e, por vezes, como que por engano, chicoteavam cabeças e ombros. Um homem que tinha sido atingido caiu, mas pôs-se em pé imediatamente e gritou:

– Eh, bruto!

O soldado tirou rapidamente a carabina e disparou à queima-roupa, continuando a galopar. O homem tornou a cair e o soldado deu uma gargalhada.

– Que estão a fazer? – gritava apavorado um senhor respeitável, bem posto, voltando para todos os lados uma expressão alterada. – Os senhores viram isto?!

O rumor agitado e trovejante das vozes entregues ao tormento do medo, à angústia do desespero, espalhava-se numa onda contínua: alguma coisa ganhava corpo e vinha, com lentidão imperceptível, unir um pensamento mal formado, ressuscitado de entre os mortos e pouco habituado a trabalhar.

Mas havia ali pessoas da sociedade.

– No entanto, não esqueçamos que ele insultou o soldado.

– Mas o soldado tinha-o chicoteado!

– Ele devia ter-se afastado.

No enquadramento dum portão, duas mulheres e um estudante ligavam o braço dum operário, atravessado por uma bala. O homem torcia a cara, olhava à sua volta franzindo a testa, e dizia aos que o cercavam:

– Não tínhamos qualquer intenção escondida, isso só o podem dizer os filhos da mãe e os bufos. Íamos a descoberto. Os ministros sabiam o que íamos fazer; entregámo-lhes cópias da nossa petição. Se não podíamos ir, esses sacanas

tiveram tempo de nos avisar; não nos reunimos à última hora... Todos sabiam, tanto os ministros como a polícia. São uns bandidos...

– Mas, afinal, que iam pedir? – quis saber um velho de cabelos brancos, magro, com um tom sério e compenetrado.

– Íamos pedir que o czar convocasse representantes do povo e tratasse com eles os assuntos, e não com os funcionários. Esses crápulas têm saqueado a Rússia, têm roubado toda a gente.

– Efetivamente... era preciso um controle! – comentou o velhinho.

A ferida do operário estava ligada e desceram-lhe com precaução a manga da camisa.

– Obrigado a todos! Eu bem dizia aos meus camaradas: vamos lá para nada! Não conseguiremos coisa nenhuma... Agora está feita a prova!

Enfiou cuidadosamente o braço entre os botões do sobretudo e afastou-se sem pressa.

– Ouviu o modo como eles raciocinam? Isto, meu caro...

– Si-im!, mas apesar de tudo, organizar uma tal carnificina...

– Hoje tocou-lhe a ele, amanhã pode ser a mim...

– Si-im!

Mais adiante, discutia-se acaloradamente:

– Ele podia não saber!

– Mas então para que diabo é que "ele" existe?

Os que tentavam, porém, ressuscitar o morto já eram raros e não atraíam ninguém. Limitavam-se a provocar a animosidade com as suas tentativas de levar o fantasma a renascer. Caíam em cima deles como de inimigos e, tomados de pânico, desapareciam.

Uma bateria de artilharia desembocou na rua, comprimindo a multidão. Os soldados, a cavalo ou sentados nos bancos da frente, olhavam pensativamente diante de si, por cima das cabeças; as pessoas esmagavam-se para lhes dar passagem, envoltas num silêncio taciturno. Os arreios tilintavam, as munições ressoavam e os canhões sacudiam os reparos, fixando atentamente o solo como se o cheirassem. O comboio tinha um aspecto de funeral.

Ouvia-se algures o crepitar de uma fuzilaria. Todos ficaram atentos, parados. Alguém disse baixinho:

– Ainda mais!

Repentinamente, um frêmito de animação correu ao longo da rua.

– Onde? Onde?

– Na ilha... A ilha Vassilievski...

– Ouviram?

– Não pode ser verdade.

– Palavra de honra! Tomaram de assalto o arsenal...

– Oh!

– Serraram os postes telegráficos e fizeram uma barricada...

– Essa agora!

– São muitos?

– São!

– Ah, se ao menos eles pudessem fazer pagar caro o sangue dos inocentes!

– Vamos lá?

– Ivan Ivanovitch, vamos lá, ha!

– Hum... é que... vocês sabem...

Um vulto apareceu por cima da multidão e um apelo sonoro soou na escuridão:

– Quem se quer bater pela liberdade? Pelo povo, pelo direito do homem à vida e ao trabalho? Os que quiserem morrer combatendo pelo futuro venham auxiliar.

Alguns dirigiram-se a ele e formou-se no meio da rua um núcleo compacto de corpos; os outros afastaram-se.

– Vêem a que ponto o povo está exasperado?

– É absolutamente legal, absolutamente!...

– É uma pura loucura... ai de nós!

As pessoas mergulhavam na sombra da noite, regressando cada um a sua casa, e levavam consigo uma angústia ainda desconhecida, uma sensação inquietante de solidão, misturadas com a semiconsciência do drama da sua vida, privada de direitos e desprovida de significado, vida de escravos. E estavam dispostos a

tirar partido, sem demora, de tudo o que se apresentasse de oportuno e de lucrativo.

O medo instalava-se. A obscuridade tinha rompido o laço que unia as pessoas, laço frágil do interesse exterior. E todos aqueles em que não brilhava a chama apressavam-se a regressar ao seu canto ainda mais depressa.

Já estava escuro mas ainda não tinham acendido as luzes.

– Os dragões! – gritou uma voz rouca.

Um pequeno destacamento de cavalaria voltou subitamente a esquina da rua, os cavalos hesitaram um instante, depois lançaram-se a toda a brida sobre as pessoas. Os soldados soltavam uivos estranhos que tinham ressonâncias que não eram humanas, sombrias e cegas, aparentadas incompreensivelmente com um desespero melancólico. Na escuridão, homens e cavalos tornaram-se pequenos e negros. Os sabres faiscavam com um brilho amortecido, os gritos eram mais raros e ouviam-se melhor os golpes.

– Batam com o que tiverem à mão, camaradas! Olho por olho... Casquem-lhes!

– Fugam!

– Tem cuidado, cavaleiro! Não me tomes por um mujique!

– Camaradas! À pedrada!

Atirando ao chão os pequenos vultos negros, os cavalos saltavam, relinchavam, bufavam; o aço tilintava, ouvia-se uma voz de comando:

– Pelotão!

Uma corneta lançava um apelo precipitado e nervoso. As pessoas corriam, atropelavam-se, caíam. A rua esvaziava-se e, no centro, havia montes escuros, enquanto para lá da esquina ressoava o rápido e pesado martelar dos cascos.

– Está ferido, camarada?

– Estou convencido de que me cortaram a orelha.

– Não se podia fazer nada! Com as mãos vazias...

O eco dum novo tiroteio chegou até à rua.

– Aqueles bandidos não se cansam!

Silêncio. Passos apressados. É estranho que haja tão pouco ruído, que nada se mova nesta rua. De todos os lados sobe um rumor de trovão, húmido, como se o mar tivesse invadido a cidade.

Ali perto, um gemido abafado vibra nas trevas. Alguém corre e respira, arquejante.

Uma pergunta angustiosa:

– Estás ferido, Tiago?

– Não te preocupes, não é nada! – responde uma voz rouca.

Na esquina por onde desapareceram os dragões, aparece novamente uma multidão que corre numa vaga espessa e negra a toda a largura da rua. Alguém que caminha na frente, que não se distingue no meio da multidão, no escuro, diz:

– Hoje, ao derramarem o nosso sangue, levaram-nos a um voto: daqui em diante devemos ser cidadãos.

Outra voz interrompeu, com um soluço nervoso:

– Sim, mostraram-se bem nossos pais!

Alguém pronunciou num tom de ameaça:

– Não esqueceremos este dia.

Caminhavam depressa, em massa compacta, falavam muitos ao mesmo tempo, as vozes mesclavam-se no caos de um rumor lúgubre e sombrio. Por vezes, alguém elevava a voz até ao grito, abafando por um momento todas as outras.

– Quantos teriam matado?

– E qual o motivo?

– Não, não é possível que este dia venha a ser esquecido.

Um pouco afastada, ressoou uma exclamação rouca, quebrada, sinistra como uma profecia:

– Sim, escravos, esqueceréis! Que significa para vocês o sangue dos outros?

– Cala-te, Tiago!

A escuridão e o silêncio aumentaram. As pessoas caminhavam lançando olhares para o lado da voz e resmungavam.

Da janela duma casa saía cautelosamente para a rua um raio de luz amarelado. No clarão que ela provocava, junto de um candeeiro, distinguiam-se dois vultos negros. Um, sentado no chão, estava encostado ao poste, o outro, inclinado para ele, pretendia certamente levantá-lo. E, uma vez mais, um deles exclamou com surda tristeza:

– Escravos...

A MÃO DO LOBISOMEM – Paul L. Jacobs

Os lobisomens vieram-nos provavelmente dos Caldeos e dos povos pastores que se viam obrigados a defender seus gados contra os lobos; e o terror que estes animais infundiam divagando de noite em roda dos currais favorecia os malfeitores que se disfarçavam em lobos furiosos para cometer roubos ou atos de vingança. D’aqui provém esta superstição de todos os tempos e de todos os países, conhecida por nomes diferentes, e rodeada por circunstancias mais ou menos estranhas: Luciano, Plínio, Virgílio se ocuparam d’estas cousas. Finalmente estes homens antropófagos, que andam de noite solitários e furiosos, tendo sinais característicos de lobo, se perpetuam ainda em muitos pontos da França.

Ha anos que a aldeia de Ryans, que foi uma grande cidade, 5 léguas distantes de Bourges, tinha uma família de lobisomens, pobres trabalhadores, aos quais muitas vezes recusavam trabalho e pão, de tal sorte se tinha acreditado esta manobra original que o pai a transmitia a seus filhos. Os Simões Gordes, que deviam sem dúvida esta má reputação a seus antepassados, não tinham um amigo nas campinas vizinhas; atribuiam-lhes sempre desgraças, das quais o acaso era o único autor.

Se o incêndio consumia uma quinta, se os gados morriam, era acusado Simão Gorde, e votado à execração pública.

O cemitério e a cruz do lobo serviam de teatros noturnos à maldade dos Gordes, que ali se apresentavam ao luar, segundo diziam, para roer os ossos dos mortos e chupar o sangue dos vivos. Verdade é que no inverno os lobos desciam o monte de Sancerra e penetravam no cemitério para desenterrar os mortos; era também verdade que a cruz do lobo que se achava na encruzilhada dos dois caminhos tinha sido ensanguentada por um mendigo que ali tinha caído embriagado; mas atribuíam todos esses acidentes à intervenção criminosa dos Gordes e dos lobisomens.

Todavia esta pobre família não tratava de desmentir tão monstruosos

preconceitos; sabia muito bem a calúnia de que era vítima, e como não podia desmentí-la, sofria sem se queixar a posição em que se achavam; não aparecia nunca de dia, e ocupava-se nos seus trabalhos domésticos.

Habitavam estes infelizes uma pequena cabana, meio arruinada pelos temporais. Como essa habitação era separada das outras á entrada da cidade, todos fugiam de passar por ali, principalmente quando o crepúsculo começava o terror naqueles sítios medonhos.

Apareceu na cidade uma epidemia causada pelos vapores pútridos das lagoas, em que se macerava o linho; Simão Gorde foi o primeiro atacado, e ainda tinha o corpo morno quando sua mulher deu também a alma a Deus; este por desgraçado morreu sem medico, nem confessor. Simão Garde, seu filho, abriu a cova e lançou-os nela. Um camponês que passava e viu esta cena persignou-se e fugiu, pensando que tinha visto a procissão dos diabos. No dia seguinte, houve geral contentamento no país com a notícia d'estas duas mortes, as quais todos atribuíam a um benefício do céu, e até já se preparavam para mandar tocar sinos e dizer missas em ação de graças.

Simão Gorde, tornando-se chefe de família, composta de duas irmãs de tenra idade, da irmã de seu pai e do irmão de sua mãe, viu-os partir todos para o cemitério no espaço de uma semana. Quando enterrou o último, hesitou se se devia deitar ao lado dele, para ali dormir um sono eterno. Não foi com lagrimas e suspiros que exprimiu a sua dor, foi em uma contemplação silenciosa, ao lado do tumulto de seus parentes. Durante três noites consecutivas saiu da choupana para vir chorar ao lado da sepultura de seus antepassados, e havia três dias que não tomava o menor alimento.

O inverno tinha interrompido o trabalho dos campos, e Simão se tinha apresentado de balde aos proprietários do sitio para ganhar alguma coisa pelo seu trabalho. Respondiam com ameaças; até lhe recusaram a esmola que é dada aos pobres, injuriavam-no, dezpresavam-no.

Devia expirar de inanição, ou livrar-se d'este tormento por via de um suicídio. Houvera abraçado este último partido com uma consolação, se não o apegasse a esse mundo um sentimento de amor; sim, este miserável tão desesperado, que aborrecia a espécie humana, este Pária que já não tinha confiança em Deus, testemunha indiferente de seus males, este homem isolado dos afetos sociais que compensam as penas da vida, sem mais outro apoio do que a sua consciência, era a amante; eis porque lhe custava tanto acabar com a vida.

Simão Gorde fôra o mais formoso mancebo dos seus sítios, e os trabalhos e privações, que passara, o não tivessem desfigurado, e abatido consideravelmente. Apesar desta inquietação e d'esta tristeza, sempre se notava aquela nobreza selvagem que tanto distingue certos homens, mesmo debaixo dos andrajos da pobreza; em suma, diferia tanto das pessoas de sua condição que parecia que só a inveja era causa d'esta perseguição: só as mulheres tinham dó dele e não o temiam.

Solange, mulher de Claudio Lorry, cortador de Aix d'Angillongo, tinha observado n'um dia que passava a cavalo por pé dele: não teve medo dele, antes pelo contrário voltou-se muitas vezes para observar este estimável lobisomem, o que foi percebido por Simão Gorde.

Eram nove horas da noite, todos os habitantes estavam em suas casas ao serão, porém o desgraçado Simão, solitário na sua choupana, encostado ao lado da lareira, arranjava o lume para se entreter. A fome, o frio, tudo o fazia pensar na triste posição em que se achava.

– Ah, dizia ele, antes eu fosse lobisomem como eles dizem, não para lhes comer as carnes, mas para ressuscitar minha desgraçada família.

No meio d'estas meditações ia-se-lhe apagando o lume, e não teve outro remédio senão basculhar os cantos da casa, e ver se achava alguma coisa que pudesse queimar; encontrou com efeito algumas taboas, tamancos velhos e outras cousas, e entre elas deparou com uma caixa velha fechada, a qual ele ainda não tinha visto.

Levado pela curiosidade, abriu-a cuidadosamente, e qual foi a sua admiração, quando encontrou todos os trajes de lobisomem, luvas com unhas e peles de lobo, uma máscara pelo mesmo teor e feitio.

Simão assustou-se com a vista d'estes objetos, e recordou-se então de todas as histórias que tinha ouvido acerca de sortilégios; o desgraçado tinha fome e lembrou-se então de procurar por um stratagem, alcançar alguma coisa de comer; esta herança criminosa que seus pais lhe tinham deixado lhe revelou o que deveria fazer. Pôs a máscara, calçou a luva misteriosa e partiu para a estrada; porém naquele tempo do ano era pouco frequentado o caminho, e por isso Simão se fartou de viver sem proveito, quando repentinamente avistou uma carroça que seguia a estrada da aldeia; era Claudio Lorry, marido de Solanges, que levava carne para outra vila, viagem que costumava fazer todas as madrugadas.

Simão lembrou-se de duas cousas ao mesmo tempo, ir à casa onde provavelmente a mulher do carniceiro estaria só, ou atacar o marido para lhe dar alguma coisa de comer; a fome foi superior ao amor; Simão dirigiu-se à carroça e começou a uivar com tanta força que o supersticioso Claudio ficou muito assustado.

Simão tinha tido o cuidado de lançar mãos às rédeas do cavalo, para melhor se mostrar, Claudio apenas o viu, exclamou:

– És tu, Simão Gorde? por Deus dize o que queres!

– Quero comer, que tenho fome.

Claudio procurou então a melhor peça de carne e deu-la; e Simão teve o cuidado de mostrar tão bem a mão peluda de lobo, a fim de manter a ilusão.

O desgraçado carniceiro pagava todas as madrugadas a propina de carne ao lobisomem, porém fez-lhe isto tal impressão, que andava sempre triste e pensativo, a ponto que sua mulher instou com ele para que lhe dissesse o que tinha, e ele não teve outro remédio senão contar-lhe toda a história do lobisomem.

– É impossível, lhe replicou sua mulher, não acredites em loucuras; Simão Gorde é um homem muito agradável, não pode ser lobisomem, e juro-te que só acreditaria se o visse.

– Pois bem, replicou Claudio, virás comigo amanhã e estou certo que hás de encontrar, e poderás certificar-se.

Com efeito, nessa madrugada partiu Solanges ao sitio de cortume, quando surgiu o lobisomem para buscar a pitança do costume. Solanges ficou aterrada, apenas ouviu os primeiros gritos, e o seu espanto chegou ao maior auge quando viu a terrível mão peluda agarrando a carne. Soltou um grande grito, e Simão disse n'este momento:

– Claudio, tu não vens só.

– Não, não venho, respondeu ele, vem minha mulher comigo, mas não me faças mal que não te quero atraiçoar.

– Pois bem, tua mulher que desça da carroça, e se m'a não entregares, conta que morres.

Claudio se viu então em grande apuro, e estava reflexionando no que devia fazer, quando o lobisomem saltou à carroça, agarrou em Solanges, que tinha

perdido os sentidos, e fugiu com ela para o prado. Claudio ficou também sem dar acordo de si; porém o cavalo, acostumado a fazer aquele caminho, apenas se afastou do lobisomem, foi andando, e o pobre carnicheiro achou-se, sem saber como, no lugar do seu destino; vendeu como pôde a carne, e voltava para casa, persuadido que não acharia a sua mulher.

Porém qual foi a sua admiração quando a viu deitada na cama muito descansada, porém alguma coisa pálida!

O sacristão da aldeia era conselheiro natural de todos os habitantes; Claudio foi ter com ele e contou-lhe toda a história; o padre, que era homem inteligente, aconselhou que se munisse de um instrumento cortante e que procurasse ferir o lobisomem, porque assim quebraria o fado.

Claudio assim o fez. E no dia seguinte, quando o lobisomem veio pedir a ração, descarregou-lhe tal golpe com um cutelo, que lhe cortou imediatamente a mão.

Simão fugiu para o mato dando grande urros. Claudio veio para casa muito triunfante, mostrando a mão do lobo á sua mulher, que chorou amargamente, apenas a viu. Por outro lado, o desgraçado do lobisomem, deitado na cama e embrulhado em seus trapos, gemia com dores quando no dia seguinte ao amanhecer viu entrar na cabana uma mulher desgrehada: era Solanges, que aproveitando-se da ausência do seu marido, vinha cuidar do amante.

Estava-lhe ministrando os auxílios necessários, quando sentiu bater á porta; era seu marido, que pensando ter quebrado o fado ao lobisomem, vinha gozar da sua vitória.

Solange, não tendo outro meio de escapar, escondeu-se dentro dos farrapos que serviam de cama a Simão.

- Bons dias, amigo, lhe disse Claudio apenas entrou, estás doente? Deixa-me ver a vossa mão que vos quero tomar o pulso.

Simão apresentou-lhe a mão esquerda, e como o carnicheiro instasse para que lhe apresentasse ao mesmo tempo a outra, Solanges, que estava escondida entre os farrapos, lançou a mão direita de fora. Claudio assustou-se muito com esta aparição, porque tinha consigo a mão do lobisomem; e foi tal o seu terror que foi dali para casa e morreu no dia seguinte.

Passado um ano, Solange tinha casado com Simão, que havia dado a sua demissão de emprego de lobisomem.

A presente narrativa foi publicada, sem qualquer referência à autoria, como era de costume à época, no periódico carioca O Brasil, edição de 8 de outubro de 1840, p. 1-3. O texto, todavia, é uma versão condensada, em português, de uma narrativa do autor francês Paul L. Jacobs, pseudônimo de Paul Lacroix (1806-1884), que integra a obra “Médianoches”, publicada originariamente em Paris pela Librairie de Dumont, no ano de 1835 (p. 136-169). O mesmo livro foi publicado em Bruxelas, Bélgica, igualmente em 1835, por AD Wahlen, Imp. – Libr. de la Cour (p. 83-102).

RETIRANTES – Humberto de Campos

Os últimos habitantes da vila deviam abandoná-la naquela noite. Desde que, com a continuação das ventanias doidas após o dia de São José, se perdera a esperança de inverno, os lavradores, deixando os roçados e a casa, haviam iniciado a descida para o litoral. Pelas várzeas combustas, onde a lama rachara ao sol, partindo-se em escamas escuras como a carapaça de uma tartaruga monstruosa, branqueavam, aqui ali, os esqueletos do gado morto de sede e fome. Não se ouvia o pipilo de um pássaro ou o rumorejo de uma fronde. Apenas, de e em longe, quebrando a monotonia da solidão, um cardo abria as folhas sobre uma pedra, estendendo as mãos espinhentas e verdes, como se amaldiçoasse, mudo, as radículas que o acorrentavam. E nas caatingas mortas, o vento a investir contra os galhos secos, contra as flechas negras em que se haviam transformado os arbustos sem vida, como se, reconhecendo a sua culpa na extensão da calamidade, quisesse castigar-se, chicotear-se, flagelar-se com ele. E castigando-se, chicoteando-se, flagelando-se, corria, gemia, gania, levantando redemoinhos de poeira com os seus furiosos pés invisíveis.

Enferma em casa, nos arrabaldes da vila, a velha Raimunda acompanhava sem surpresa nem revolta a marcha da Inimiga. Vira morrer no terreiro, estorcendo-se, o genro, como assistira à agonia do marido, vinte anos antes, na seca de 88. Dias depois, morreu-lhe também a filha. Homens piedosos levaram os dois corpos ao cemitério, deixando-a sozinha na choça, estirada, com febre, sobre uma suja esteira de carnaúba.

À tarde, quando procurava raízes selvagens para comer, soubera, por umas mulheres retirantes, que a vila estava quase deserta. Os moradores mais resistentes e teimosos preparavam-se para fugir naquela noite, à primeira claridade da lua. Se ela não os acompanhasse na fuga, seria, em breve, magra e velha, o último pasto dos urubus esfomeados.

Como lhe seria possível, porém, fugir, se não existia na palhoça um único pedaço de pano com que velasse a nudez? Como poderia aliar-se à caravana dos últimos fugitivos se vivia, há duas semanas, sem um molambo sequer, sobre a pele engelhada? Que amigos lhe suportariam a companhia incômoda se ela os

envergonharia pelas estradas com o triste espetáculo da sua miséria?

Um pensamento macabro iluminou-lhe, num clarão de relâmpago, o espírito brutalizado pela fome. Cadavérica e horrenda, com as falripas da cabeleira falha a tombar, grisalhas, sobre os ombros e as espáduas, onde os ossos furavam a pele suja, a velha encaminhou-se, cambaleando, para o casebre, levantou a custo a enxada de roça que pertencera ao genro, e tomou o caminho da várzea, onde os grilos trilavam aflitamente, anunciando a eclosão aérea das estrelas.

Anoitecia, quando a velha, afastando com esforço duas estacas da cerca, penetrou no cemitério. Olhou em torno, com os olhos em febre. Aves agoureyras, espantadas, fugiram num voo rasteiro. No Cruzeiro tosco, emergindo de um tumulto de montes de areia recentes, e de cruces apressadas e rústicas, gargarejavam o seu canto noturno, saudando a treva, precursora silenciosa da Morte.

Um frio súbito percorreu o corpo da megera, arrepiando-lhe os cabelos, que o suor empastava. Tomou, porém, da enxada, e parou, corajosa, diante de uma das sepulturas mais frescas, junto à porta da casa dos mortos. E pôs-se a cavar com fúria, num apelo desesperado às forças que lhe restavam. Ao balanço do seu corpo esguio, impelindo a enxada, os seios flácidos e compridos fustigavam-lhe as costelas e o ventre magro, oscilando, doidos, à semelhança de dois badalos sem eco de uma velha torre desmoronada. Os pés enfiavam-se pela areia frouxa, que o sol amornara. Os braços agitavam-se-lhe descompassados, secos, sem ritmo, precipitando os movimentos, num trabalho mecânico e diabólico.

De repente, a enxada soou, surda. Um cheiro de carniça desprendeuse da terra, subiu, empestou o ambiente. A virago abaixou-se sobre a cova rasa, e puxou para cima, a custo, o leve cadáver que ali dormia. A noite havia caído, trevosa e lúgubre, impedindo que ela reconhecesse o defunto. Viu, apenas, que era corpo de mulher. Com os dedos trêmulos, percorreu-lhe, tateando, a cintura frágil, encharcada de uma umidade repugnante, desapertou-lhe a saia, que lhe puxou pelos pés, desabotoou-lhe o casaco frouxo, arrancou-o em dois safanões, e, amassando as duas peças de roupa, sem olhar para trás, passou, de novo, a cerca, e saiu, nua e suja de terra, a correr desesperadamente para a várzea, rumo da estrada por onde desciam, dia e noite, as levas de retirantes.

Fatigada, tropeçou no esqueleto de uma alimária, e rolou por terra, a pequena distância do caminho. Desfaleceu. Quando recuperou os sentidos, por milagre das suas energias de ferro, era dia alto. Sentou-se na terra frouxa, e quente. Olhou em torno. E, os olhos fora das órbitas, escancarou a boca num grito que

não teve forças para emitir.

Ao seu lado, amarfanhados e fétidos, estavam embolados, em trouxa, a saia e o casaco da filha...

HORÁCIO SPARKINS – Charles Dickens

Com efeito, meu querido, ele deu muita atenção a Teresa no último sarau – disse a Sra. Malderton dirigindo-se ao marido, o qual, após as canseiras do dia na City, sentado com um lenço de seda na cabeça, os pés sobre o guarda-fogo, bebia seu vinho. – Muita atenção, realmente; e repito que se deve dar-lhe todo e qualquer estímulo. Não há dúvida que ele deve ser convidado para jantar aqui.

– Quem? – perguntou o Sr. Malderton.

– Bem, você sabe, meu querido, a quem estou me referindo: àquele moço de suíças pretas e gravata branca que há pouco veio ao nosso clube e de quem todas as moças falavam. É o jovem... meu Deus! como se chama mesmo?... Mariana, lembra-me o nome dele, – disse a Sra. Malderton voltando-se para a filha mais nova, que estava ocupada em fazer uma bolsa de tricô e olhar sentimentalmente.

– Sr. Horácio Sparkins, mamãe – respondeu Mariana com um suspiro.

– Isso mesmo! Horácio Sparkins – disse a Sra. Malderton.

– Decididamente é o jovem mais elegante que já vi na minha vida. No casaco tão elegante que ele usava a noite passada, parecia-se com... com...

– Com o príncipe Leopoldo, mamãe... tão nobre, tão cheio de sentimento! – sugeriu Mariana, entusiasmada.

– Você não deve esquecer, meu querido – resumiu a Sra. Malderton – que Teresa tem agora 28 anos. É da maior importância que se faça alguma coisa.

A Senhorita Teresa Malderton era uma jovem muito pequena, gorducha, de faces avermelhadas, mas de bom humor e ainda sem compromisso, embora – para fazer-lhe justiça – tal desgraça não decorresse absolutamente de sua falta de perseverança. Em vão tinha namorado durante 10 anos. Em vão o Sr. e a Sra. Malderton mantinham assiduamente relações com grande número de rapazes solteiros e elegíveis de Camberwell, e até de Wandsworth e Brixon, sem falar daqueles que ocasionalmente apareciam na cidade. A Sra. Malderton estava tão conhecida como o leão do topo de Northumberland House e tinha a mesma probabilidade de "sair".

– Estou certa de que você gostará dele – continuou a Sra. Malderton. – Ele é tão galante!

– E tão hábil – acrescentou Mariana.

– E tão eloqüente – observou Teresa.

– Tem muito respeito a você, meu querido – disse a Sra. Malderton ao esposo.

Ele tossiu e olhou para o fogo.

– Sim, estou certo de que ele tem o maior interesse em conhecer papai – declarou Mariana.

– Sem a menor dúvida – ecoou Teresa.

– É verdade, ele me disse confidencialmente – voltou a Sra. Malderton.

– Está bem – replicou o Sr. Malderton, algo lisonjeado. – Se o encontrar amanhã no clube, talvez o convide. Naturalmente ele sabe que moramos em Oak Lodge, não, minha querida?

– Naturalmente. Sabe também que você tem uma carruagem de um cavalo.

– Vou ver isso – disse o Sr. Malderton, dispondo-se a uma soneca.

O Sr. Malderton era um homem cujo campo de idéias estava limitado ao Lloyd's, à Bolsa, à Indian Houve e ao Banco. Algumas especulações bem sucedidas o levaram de uma situação de obscuridade e relativa pobreza a um estado de abastança. Como tantas vezes acontece em tais casos, suas idéias e as da sua família foram-se exaltando em extremo, ao passo que lhe crescia a fortuna; todos afetavam elegância, bom-gosto, e outras tolices, imitando seus superiores, e tinham um horror muito decidido e característico a tudo quanto pudesse eventualmente ser considerado baixo. Era hospitaleiro por ostentação, liberal por ignorância, e cheio de preconceitos por presunção. O egoísmo e o amor à exibição faziam-no manter mesa excelente; a conveniência e o amor às coisas boas da vida asseguravam-lhe grande número de convivas. Gostava de ter à mesa homens hábeis ou que considerava tais, pois eram grande tema para conversação, mas nunca pôde suportar aqueles a quem chamava "camaradas espertos". Provavelmente conseguiu comunicar este sentimento a seus dois filhos, que nesse ponto não causavam nenhuma inquietação ao responsável progenitor. A família tinha a ambição de travar conhecimentos e relações em qualquer esfera social superior à sua, e uma das conseqüências de tal desejo, facilitada pela extrema ignorância em que estavam de tudo quanto ficava além de seu estreito círculo, era que toda pessoa pretendia conhecer gente da alta sociedade tinha seguro passaporte para a mesa de Oak Lodge.

O aparecimento do Sr. Horácio Sparkins no clube provocou, entre os freqüentadores assíduos, extraordinária surpresa e curiosidade. Quem podia ser? Ele era evidentemente reservado e visivelmente melancólico. Um eclesiástico? Mas dançava bem demais. Um advogado? Mas dizia que ainda não fora chamado a praticar. Empregava palavras muito finas e era grande conversador. Seria algum estrangeiro distinto vindo à Inglaterra que freqüentava jantares e bailes públicos a fim de conhecer a alta-roda, a etiqueta, o requinte inglês? Mas não tinha sotaque. Era um cirurgião, um colaborador de revistas, um autor de romances, um artista? Não: a cada uma dessas suposições, como ao conjunto delas, havia alguma objeção válida. "De qualquer maneira – concordavam todos – ele deve ser alguém.: – "Deve ser, com certeza – dizia com seus botões o Sr. Malderton – , uma vez que percebe a nossa superioridade e nos dá tamanha atenção."

A noite seguinte a conversa que acabamos de relatar era noite de reunião. A carruagem recebeu ordem de estar à porta de Oak Lodge às nove horas em ponto. As Senhoritas Malderton estavam vestidas de azul-celeste ornado de flores artificiais, e a Sra. Malderton (que era baixa e gorda), idem, idem, parecendo sua filha mais velha multiplicada por dois. O Sr. Frederico Malderton, o filho mais velho, em traje de rigor, representava o beau idéal de um garçom elegante, e o Sr. Tomas Malderton, o mais jovem, de gravata branca de gala, paletó azul, botões brilhantes e fita de relógio vermelha, de perto se parecia com Jorge Barnewll. Todos do grupo estavam interessados em cultivar a amizade do Sr. Horácio Sparkins. A Senhorita Teresa preparava-se para mostrar amável e interessante como em geral o são as moças de 28 anos à procura de um marido. A Sra. Malderton ia ser toda sorrisos e graças. A Senhorita Mariana lhe pediria o favor de escrever alguns versos em seu álbum. O Sr. Malderton tomaria sob sua proteção, o grande desconhecido, convidando-o a jantar em sua casa. Tom dispunha-se a averiguar a extensão de seus conhecimentos em matéria de rapé e charutos. O próprio Sr. Frederico Malderton, a autoridade da família em tudo o que dizia respeito à elegância do traje e das maneiras, e ao bom gosto; que possuía seu apartamento próprio na cidade; que tinha ingresso livre no teatro Covent Garden; que se vestia sempre com formalidade com a moda do mês; que ia às águas duas vezes por semana, durante a estação; que tinha um amigo íntimo que outrora conhecera um cavalheiro que tinha vivido no Albany – ele mesmo declarou que o Sr. Horácio devia ser um sujeito famoso e que lhe daria a honra de desafiá-lo para uma partida de bilhar.

O primeiro objeto que feriu os olhos ansiosos da expedita família, ao entrarem no salão, foi o interessante Horácio, com os cabelos atirados sobre a fronte e os olhos fixos no chão, recostado numa das cadeiras em atitude contemplativa.

– Ei-lo, meu querido, – cochichou ao marido a Sra. Malderton.

– Como se parece com Lord Byron – murmurou Teresa.

– Ou com Montgomery – segredou a Senhorita Mariana.

– Ou com os retratos do capitão Cook! – sugeriu Tom.

– Tom, não seja burro! – disse o pai, que o morigerava a cada passo, provavelmente com o intuito de o impedir de se tornar "esperto", coisa totalmente desnecessária.

O elegante Sparkins continuava em sua atitude afetada, de admirável efeito, até que a família cruzou a sala. Então se levantou precipite, com o ar mais natural de surpresa e enlevo, aproximou-se da Sra. Malderton com a maior cordialidade, cumprimentou as moças de modo encantador, inclinou-se perante o Sr. Malderton, cuja mão apertou com respeito que raiava a veneração, e retribuiu a saudação dos dois rapazes com um jeito meio agradecido, meio protetor, que acabou convencendo-os que ele devia ser uma personagem importante mas condescendente ao mesmo tempo.

– Senhorita Malderton – disse Horácio após os cumprimentos de praxe e inclinando-se profundamente – é-me lícito conceber a esperança de que me permitirá ter o prazer de...

– Não sei se já estou comprometida – disse a Senhorita Teresa com terrível afetação de indiferença – mas realmente... assim... tão...

Horácio ostentou uma expressão primorosamente lastimável.

– Terei muito prazer – externou por fim a interessante Teresa. O rosto de Horácio brilhou de repente como um velho chapéu sob a chuva.

– É realmente um moço muito distinto – declarou o Sr. Malderton, quando o obsequioso Sparkins e seu par se dirigiram para a quadrilha que se formava.

– Ele tem, de fato, boas maneiras – observou o Sr. Frederico.

– Sim, é um rapaz notável – interveio Tom, que não deixava passar oportunidade de meter os pés pelas mãos. – ele fala que só um leiloeiro.

– Tom, disse o pai com solenidade, suponho já lhe ter pedido que não seja tolo.

Tom ficou tão contente como um galo em manhã escura.

– Como é delicioso – dizia à sua dama o interessante Horácio – enquanto passeavam pela sala depois da contradança – , como é delicioso, repousante, abrigar-nos das tempestades nebulosas das vicissitudes, dos dissabores da vida, embora apenas por alguns instantes fugazes, e passar esses instantes por mais efêmeros e rápidos que sejam, no delicioso, no abençoado convívio de um ser – cujo franzir de sobrancelhas seria a morte, cuja frieza seria a loucura, cuja falsidade seria a ruína, cuja constância seria a ventura, e cuja afeição seria a recompensa mais brilhante e elevada que os Céus pudessem outorgar a um homem!

– Quanto ardor! Quanto sentimento!" – pensava a Senhorita Teresa, apoiando-se com força no braço de seu cavalheiro.

– Mas basta, basta! – resumiu o elegante Sparkins com ar teatral. – Que foi que eu disse? Que tenho eu... que ver... com sentimentos como este? Senhorita Malderton – aqui ele parou de repente – , posso esperar o consentimento para oferecer-lhe o humilde tributo de...

– Na verdade, Sr. Sparkins – retrucou a enlevada Teresa, corando na mais deliciosa confusão – tem que falar com papai. Eu nunca poderia sem o consentimento dele atrever-me a ...

– Decerto ele não fará objeção alguma...

– Ora, o Sr não o conhece ainda! – interrompeu-o a Senhorita Teresa, bem sabendo que não havia nada a temer, mas desejosa de transformar a cena em um romance romântico.

– Ele não poderá fazer objeção alguma a que eu lhe ofereça um copo de sangria – volveu o adorável Sparkins com certa surpresa.

– "Era apenas isso? – pensou Teresa desiludida – Quanto barulho por nada!"

– Terei o maior prazer, senhor, em vê-lo a jantar em Oak Lodge, Camberwell, domingo próximo, às cinco horas, se não tiver compromisso melhor, – disse o Sr. Malderton no fim da reunião, quando ele e os filhos conversavam com o Sr. Horácio Sparkins.

Este curvou-se agradecendo e aceitando o convite.

– Devo-lhe confessar – continuou o pai, oferecendo rapé ao novo conhecido – que gosto muito menos destas reuniões que do conforto, ia quase a dizer do luxo, de Oak Lodge. Elas não têm grandes encantos para um homem de certa idade.

– Aliás, senhor, que é afinal o homem? – perguntou o metafísico Sparkins. – que é o homem? Digo eu.

– Ah, isso mesmo – disse o Sr. Malderton – , isso mesmo.

– Sabemos que vivemos e respiramos – continuou Horácio – que temos aspirações e desejos, anelos e apetites...

– Sem dúvida – replicou o Sr. Frederico Malderton com ar profundo.

– Sabemos que existimos, digo eu – repetiu Horácio, levantando a voz – mas aí nos detemos; aí está o fim do nosso conhecimento, o limite do nosso alcance, o termo de nossos fitos. Que mais sabemos?

– Nada – respondeu o Sr. Frederico.

E realmente ninguém tinha mais direito que ele de fazer tão afirmativa. Tom ia arriscar um reparo, mas, a bem de sua reputação, percebeu o olhar zangado do pai e escapuliu-se como um cão apanhado em flagrante de furto.

– Palavra de honra – disse o Sr. Malderton pai quando a família voltava para casa na carruagem – este Sr. Sparkins é admirável. Quantos conhecimentos! Que amplidão de informações! Que maneira esplêndida de se exprimir!

– Para mim ele deve ser alguém disfarçado – declarou a Senhorita Mariana. – Que encantadoramente romântico!

Tom arriscou:

– Ele fala forte e muito bem. Apenas não entendo exatamente o que ele quer dizer.

– Quase começo a desesperar de você entender qualquer coisa, Tom – disse o pai, o qual, naturalmente, ficara edificadíssimo com a palestra do Sr. Horácio Sparkins.

– Tenho a impressão, Tom – disse a Senhorita Teresa – de que você foi bastante ridículo esta noite.

– Sem a menor dúvida! – gritaram todos.

E o pobre Tom procurou reduzir-se ao menor volume possível. Naquela noite o Senhor e a Senhora Malderton conversaram longamente sobre as perspectivas e o futuro de sua filha. A Senhorita Teresa foi deitar-se perguntando a si mesma se, caso desposasse um aristocrata, devia incentivar as visitas de suas conhecidas atuais, e sonhou a noite inteira com gentis-homens disfarçados, grandes recepções, plumas de avestruz, presentes nupciais e Horácio Sparkins.

Na manhã do domingo se aventaram diversas conjecturas acerca da condução que o ansiosamente esperado Horácio iria adotar. Ia tomar um cabriolé? Montaria a cavalo? Preferiria a diligência? Tais e outras mais hipóteses de igual importância absorveram a atenção da Sra. Malderton e de suas filhas durante toda a manhã, depois do ofício divino.

– Palavra de honra, minha querida, aborrece-me que o simplório do seu irmão tenha convidado a si mesmo para jantar aqui hoje – disse o Sr. Malderton à mulher. – Por causa da visita do Sr. Sparkins eu me abstive, de propósito, de convidar fosse quem fosse, além de Flamwell. E agora pensar que seu irmão... um lojista... não, é insuportável. Não gostaria que fizesse qualquer referência à loja diante do nosso convidado... não, nem por mil libras! Preferiria que tivesse o bom senso de esconder a desgraça que ele representa para a família, porém ele gosta tanto do seu horrível negócio que não deixará de falar a respeito.

O Sr. José Barton, a pessoa em apreço, era dono de um grande armazém, homem vulgar e tão despido de sensibilidade que não tinha o menor escrúpulo em confessar que não estava acima do seu negócio; juntara seu dinheiro graças a ele, e não fazia questão de encobri-lo.

– Ah, Flamwell, meu caro amigo, como vai? – perguntou o Sr. Malderton ao ver um homenzinho azafamado, de óculos verdes, entrar na sala. – Recebeu o meu bilhete?

– Recebi sim, e estou aqui às suas ordens.

– Não conhecerá de nome, por acaso, esse Sr. Sparkins? Você conhece todo o mundo.

Era o Sr. Flamwell um desses cavalheiros de relações extremamente vastas que a gente encontra de quando em quando na sociedade, os quais pretendem conhecer a todos mas na verdade não conhecem ninguém. Em casa dos Maldertons, onde qualquer história sobre gente distinta era acolhida com ouvidos gulosos, estimavam-no especialmente. Vendo com que espécie de pessoas tratava, levou ao extremo a paixão de exhibir as suas relações. Tinha um modo peculiar de contar as suas maiores mentiras num parêntese, com ar de quem se desmente a si mesmo, como se estivesse receando parecer egoísta.

– Bem, não o conheço por esse nome – , replicou em voz baixa e com um jeito de imensa importância. – No entanto, devo conhecê-lo, sem a menor dúvida. É alto?

– É de estatura mediana – disse a Senhorita Teresa.

– Cabelos pretos? – perguntou Flamwell, arriscando uma suposição arrojada.

- Sim – respondeu a Senhorita Teresa ansiosamente.
- De nariz bastante arrebitado?
- Não – replicou Teresa com desaponto. – tem um nariz romano.
- Pois não foi o que eu disse, um nariz romano? – disse Flamwell. – Não é um moço elegante?
- É.
- De maneira excessivamente simpáticas?
- Sim – exclamou a família toda. – Naturalmente você o conhece.
- Foi o que pensei: naturalmente você o conhece, se ele é "alguém", – triunfou o Sr. Malderton. – Quem pode ser ele?
- Bem, pela descrição de vocês – disse Flamwell ruminando e baixando a voz até o cochicho – ele se parece de modo estranho com o nobre Augustus Fitz–Edward Fitz–John Fitz–Osborne. É um rapaz de muito talento e bastante excêntrico. É muitíssimo provável que tenha mudado de nome por algum motivo especial.

O coração de Teresa batia forte. Seria mesmo o nobre Augustus Fitz–Edward Fitz–John Fitz–Osborne? Que nome para ser gravado elegantemente em dois cartões acetinados, atados com uma fita de cetim branco! A nobre senhora Augustus Fitz–Edward Fitz–John Fitz–Osborne! Só o pensar nisso dava um êxtase!

– Faltam cinco para as cinco – disse o Sr. Malderton consultando o relógio. – Espero que ele não nos desiluda.

– Ei-lo! – exclamou a Senhorita Teresa ao ouvir duas fortes pancadas à porta.

Todos procuraram assumir o ar de quem nem suspeitava a chegada de quem quer que fosse, como costumam fazer as pessoas que esperam ansiosas uma visita.

A porta da sala abriu-se.

– O Sr. Barton – anunciou a criada.

– Raios o partam! – murmurou Malderton – Ah, meu querido, como vai você? Que há de novo?

– De novo mesmo – retrucou o comerciante na sua habitual maneira rude – não há nada. Nada que eu saiba. Como vamos, meninas e rapazes? Sr. Flamwell, prazer em vê-lo!

– Eis o Sr. Sparkins – disse Tom, que estava olhando pela janela – num formidável cavalo preto!

Lá vinha Horácio, bem seguro, montando um grande cavalo preto que curveteava e cabriolava como um surpanumerário de bufar, de empinar-se, de escoicear, o animal consentiu parar a umas cem jardas da porta. O Sr. Sparkins apeou-se e o confiou aos cuidados do cavaleiro do Sr. Malderton. A cerimônia de introdução realizou-se com as devidas formalidades. O Sr. Flamwell fitou Horácio por trás de seus óculos verdes com ar misterioso e importante ao mesmo tempo, e o galante Horácio olhou para Teresa com uma expressão indizível.

– É o nobre Sr. Augustus como-se-chama-mesmo? – perguntou baixinho o Sr. Malderton a Flamwell, que o escoltava para a sala de jantar.

– Bem, não é ele... pelo menos não precisamente – voltou a grande autoridade – , não precisamente.

– Quem é, então?

– Psiu! – disse Flamwell abanando a cabeça com gravidade como para mostrar que o sabia bem, mas se achava impedido por alguma grave razão de revelar o notável segredo.

Podia ser um ministro que procurava inteirar-se das opiniões do povo.

– Sr. Sparkins – disse a encantadora Sra. Malderton – queira dividir as senhoras. João, ponha uma cadeira para o cavalheiro entre as senhoritas.

Estas palavras foram dirigidas a um homem que, em condições normais, acumulava as funções de criado e jardineiro mas, como era necessário impressionar o Sr. Sparkins, fora forçado a calçar sapatos e pôr um lenço branco no pescoço, e havia sido retocado e escovado até assemelhar-se a um segundo laçao.

O jantar era excelente. Horácio dava a maior atenção à Senhorita Teresa e todos estavam de bom humor, exceto o Sr. Malderton, o qual, conhecendo as propensões de seu cunhado, sofreu a espécie de agonia que, segundo as informações dos jornais, experimenta a vizinhança quando um servente de taverna se enforca num depósito de feno, agonia "mais fácil de ser imaginada que descrita".

– Flamwell, tem visto ultimamente o seu amigo sir Thomas Noland? – perguntou o Sr. Malderton, lançando a Horácio um olhar oblíquo para ver o

efeito que sobre ele exercia o nome de tamanho homem.

– Bem, não muito... quer dizer, não ultimamente. Mas vi Lorde Gubbleton há três dias.

– Ah espero que S. Exa. esteja passando bem – disse Malderton num tom de profundo interesse.

Desnecessário declarar que, até aquele momento, ignorava de todo a existência da personalidade em apreço.

– Bem, estava passando bem... muito bem até. É um ótimo camarada. Encontrei-o na City, e tivemos uma longa prosa. Damo-nos muito. Mas não pude conversar com ele todo o tempo que queria, porque ele ia à casa de um banqueiro, um homem rico e membro do Parlamento, com o qual também me dou bastante... poderia até dizer – intimamente.

– Sei a quem você está se referindo – retrucou o hospedeiro, que o sabia tão pouco, na realidade, quanto o próprio Flamwell. – Ele tem um negócio formidável.

Era tocar em assunto perigoso.

– Por falar em negócios – interveio o Sr. Barton, do centro da mesa – um cavalheiro que você conhecia muito bem, Malderton, antes de você ter dado aquele primeiro golpe feliz, passou outro dia na nossa loja e...

– Barton, permite-me que lhe peça uma batata? – interrompeu o infeliz dono da casa, na esperança de cortar a história pela raiz.

– Pois não! – respondeu o comerciante, insensível de todo ao objetivo de seu cunhado – E ele me disse sem rodeios...

– Mais farinha, por favor, – interrompeu Malderton outra vez, temendo o fim da anedota e a repetição da palavra loja.

– Ele me disse assim – continuou o culpado depois de passar a batata: – "Como vão os negócios?" Entoa eu lhe disse brincando – você conhece a minha maneira – , sim, eu lhe disse: "Eu nunca estou acima dos meus negócios, e espero que eles também nunca estejam acima de mim" Ah! Ah!

– Sr. Sparkins – disse o dono da casa, debalde procurando disfarçar a sua consternação – um copo de vinho?

– Com o maior prazer, meu senhor.

– O prazer é todo meu.

– Obrigado.

– Uma dessas noites – resumiu o hospedeiro dirigindo-se a Horácio, em parte com a intenção de ostentar os dotes de conversador de seu novo conhecido, em parte com a esperança de abafar as histórias do cunhado – uma destas noites conversamos sobre a natureza do homem. Sua argumentação me impressionou muito fortemente.

– E a mim também – disse o Sr. Frederico.

Horácio inclinou a cabeça graciosamente.

– Por favor, Sr. Sparkins, qual a sua opinião a respeito da mulher? – indagou a Sra. Malderton.

As moças sorriam tolamente.

– O homem – respondeu Horácio – , o homem, quer quando erra nos campos luminosos, alegres e floridos de um segundo Éden, quer quando percorre as regiões estéreis, áridas e, por assim dizer, vulgares a que somos forçados a nos habituar em tempos como estes; o homem, em qualquer circunstância ou em qualquer lugar, vergado sob as mortíferas rajadas da zona frígida ou comburido pelos raios de um sol vertical – , o homem sem a mulher, estaria sozinho.

– Estou muito contente de verificar que o senhor tem opiniões tão respeitáveis – declarou a Sra. Malderton.

– Eu também – acrescentou a Senhorita Teresa.

Horácio fitou-a com olhar encantado, e a jovem corou.

– Pois bem, na minha opinião... – disse o Sr. Barton.

– Eu sei o que é que você quer dizer – interveio Malderton, determinado a não dar oportunidade a seu parente – e discordo de você.

– Como? – perguntou o comerciante, espantado.

– Sinto não estar de acordo com você, Barton – lançou o hospedeiro de modo tão positivo como quem deveras contradiz uma asserção feita por seu interlocutor – mas não posso aprovar o que eu considero uma afirmação monstruosa.

– Mas eu queria dizer...

– Você nunca poderá me convencer – afirmou o Sr. Malderton com obstinada determinação – Nunca.

- Pois eu – disse o Sr. Frederico, a auxiliar o ataque de seu pai – não posso subscrever integralmente a argumentação do Sr. Sparkins.
- Como! – exclamou Horácio, que se tornara mais metafísico e argumentador ao ver a parte feminina da família ouvi-lo com enlevada atenção. – Como! É o efeito consequência da causa? É a causa precursora do efeito?
- Aí está – disse Flamwell.
- Sem dúvida – concordou o Sr. Malderton.
- Porque se o efeito é a consequência da causa e se a causa precede o efeito, parece que o senhor se engana – prosseguiu Horácio.
- Sem sombra de dúvida – acudiu o sicofanta Flamwell.
- Pelo menos esta dedução me parece lógica e justa.
- Sem dúvida alguma – repercutiu Flamwell – Com isso a questão está liquidada.
- Talvez esteja – disse o Sr. Frederico. – Não o percebi logo.
- Eu nem agora o percebo – opinou o comerciante – , mas suponho que tudo esteja certo.
- Que inteligência maravilhosa! – segredou a Sra. Malderton às filhas quando se retiraram para o salão.
- É um amor! – disseram juntas as duas moças. – fala como um oráculo. Ele deve ter visto coisas.

Ficando a sós os cavalheiros, produziu-se uma pausa, durante a qual todos olharam com suma gravidade, como se exaustos com a profundidade da discussão. Flamwell, que resolvera elucidar quem era e o que era o Sr. Horácio Sparkins, foi o primeiro a quebrar o silêncio.

- Desculpe-me, senhor – disse aquela distinta personalidade – suponho que estudou para advogado, não? Eu mesmo já tive o desejo de adotar essa profissão... pois estou em relações bastante íntimas com algumas das glórias do nosso foro.
- N... não... – respondeu Horácio depois de hesitar um pouco. – Precisamente, não.
- Mas, ou muito me engano, ou o senhor tem tido contato com as becas de seda, – disse Flamwell com deferência.

– Quase toda a minha vida – replicou Sparkins.

Assim, a questão estava resolvida no espírito do Sr. Flamwell. Tratava-se de um moço que entraria a advogar dentro em pouco.

– Eu não gostaria de ser advogado – disse Tom, falando pela primeira vez e olhando para todos a ver se alguém lhe prestava atenção.

Ninguém respondeu.

– Não gostaria de usar cabeleira postiça – insistiu o rapaz.

– Tom, peço que não se torne ridículo, – observou-lhe o pai. – Peço-lhe que preste atenção ao que está ouvindo, para aproveitá-lo, sem fazer a cada momento essas declarações absurdas.

– Está certo, papai, – respondeu o infeliz Tom, que não pronunciara nem uma palavra sequer depois que pedira outro bife, às cinco e um quarto; agora já eram oito.

– Bem, Tom – disse o tio bondoso –, não se aflija. Eu estou de acordo com você. Não gostaria de usar cabeleira postiça; prefiro um avental.

O Sr. Malderton tossiu com violência. O Sr. Barton quis concluir:

– Pois se um homem está acima dos seus negócios...

A tosse voltou com decuplicada violência, e não cessou antes que o seu infeliz motivo, de tão alarmado, houvesse de todo esquecido o que pretendia dizer.

– Sr. Sparkins – interrogou Flamwell, voltando a carga – conheceu por acaso o Sr. Delafontaine, de Bedford Square?

– Trocamos os nossos cartões, e desde então já tive a oportunidade de servi-lo bastante, – replicou Horácio, corando um pouco, sem dúvida por haver sido forçado a fazer essa confissão.

– O senhor pode considerar-se feliz por haver tido ocasião de ser útil a esse grande homem – observou Flamwell com profundo respeito.

Depois, murmurou confidencialmente ao Sr. Malderton, quando acompanhavam Horácio ao salão:

– Não sei quem é. Mas é certo que ele pertence à justiça e que é alguém de grande importância, com relações das mais altas.

– Não há dúvida.

O resto da noite decorreu de modo mais agradável. Aliviado de suas apreensões por haver o Sr. Barton caído em sono profundo, o Sr. Malderton ficou tão amável e gentil quanto possível.

A Senhorita Teresa tocou *A queda de Paris* de maneira magistral, conforme declarou o Sr. Sparkins, e ambos, assistidos pelo Sr. Frederico, ensaiaram um sem número de canções e trios do começo ao fim, chegando à agradável evidência de que suas vozes se harmonizavam à perfeição. Por via das dúvidas, cantaram todos a primeira parte. Horácio, além da leve desvantagem de não ter ouvido, estava na mais perfeita ignorância de qualquer nota musical. Contudo, passaram o tempo deliciosamente. Era mais de meia-noite quando o Sr. Sparkins pediu que lhe trouxessem o seu corcel com ar de cavalo de coche fúnebre, pedido esse que só foi satisfeito com a condição expressa de que ele repetiria a visita no domingo seguinte.

– Quem sabe se o Sr. Sparkins não deseja fazer parte do nosso grupo amanhã de noite? – sugeriu a Sra. Malderton – O Sr. Malderton quer levar as meninas a verem o pantomimo.

O Sr. Sparkins inclinou-se e prometeu ir ter com elas no decorrer da noite, no camarote 48.

– Não o requisitamos para a parte da manhã – disse a Senhorita Teresa num tom fascinante – porque mamãe nos leva a uma porção de lojas a fazer comprar. Sei que os cavalheiros têm horror a essa espécie de passatempo.

O Sr. Sparkins inclinou-se outra vez e declarou que ficaria encantado, mas negócios de grande monta ocupavam-no durante a manhã. Flamwell olhou significativamente para o Sr. Malderton.

– É dia de vencimento – sussurrou.

No dia seguinte a carruagem encontrava-se às doze horas na porta de Oak Lodge a fim de levar a Sra. Malderton e as filhas para a sua expedição. Deviam elas jantar e vestir-se para o espetáculo na casa de um amigo. Primeiro, carregadas de caixas de chapéus, tinham de fazer uma excursão à loja dos Srs. Jones, Spruggins & Smith, em Tottenham Court Road; depois, outra, à Casa Redmayne, em Bond Street; depois outras, a inumeráveis lugares de que nunca ninguém tinha ouvido falar. As meninas procuravam diminuir o tédio da viagem elogiando o Sr. Horácio Sparkins, censurando a própria mãe por conduzi-las tão longe só para economizar um xelim, e perguntando se jamais chegariam a seu destino. Por fim o veículo parou em frente à loja de um fanqueiro, de aspecto

sujo, com toda espécie de mercadoria e letreiros de todos os tamanhos na vitrina. Havia ali enormes setas com minúsculos "três quartos de pêni" ao lado, perfeitamente invisíveis a olho nu; "cinquenta mil e trezentos estolas de senhoras, desde um xelim até um pêni e meio; sapatos franceses de legítima pele de cabrito, dois xelins e nove pence o par; sombrinhas verdes, a preço não menos módico; e toda espécie de mercadorias a cinquenta por cento abaixo do custo", como diziam os donos, que o deviam saber melhor do que ninguém.

– Por Deus, mamãe, a que lugar a senhora nos trouxe! – exclamou a Senhorita Teresa. – Que diria o Sr. Sparkins se nos visse?

– Com efeito, que diria! – concordou a Senhorita Mariana, horrorizada com a idéia.

– Sentem-se, minhas senhoras. Qual é o primeiro artigo? – perguntou o obsequioso mestre de cerimônias do estabelecimento, o qual, com seu grande lenço branco no pescoço e sua gravata solene, parecia um mau "retrato de um cavalheiro" numa exposição de Somerset House.

– Gostaria de ver sedas – respondeu a Sra. Malderton.

– Pois não, minha senhora! Sr. Smith! Onde está o Sr. Smith?

– Estou aqui, senhor! – gritou uma voz do fundo da loja.

– Tenha a bondade de apressar-se, Sr. Smith, – disse o mestre-de-cerimônias. – O senhor nunca está onde a sua presença é necessária.

Convidado assim a desenvolver a maior rapidez possível, o Sr. Smith pulou o balcão com grande agilidade e plantou-se diante das freguesas. A Sra. Malderton deu um grito abafado. A Senhorita Teresa, que se tinha curvado para falar à irmã, levou a cabeça e viu – Horácio Sparkins!

"Encobriremos com um véu", como dizem os romancistas, a cena subsequente. O misterioso, filosófico, romântico e metafísico Sparkins – aquele que, aos olhos da interessante Teresa, parecia encarnar o ideal dos jovens duques e dos tafuis poéticos que vestiam chambre de seda azul e chinelos idem idem, os quais ela conhecia dos livros e com os quais sonhava, mas que nunca esperava ver – transformara-se de repente no Sr. Samuel Smith, auxiliar de uma loja barata, o caixeiro mais moço de uma firma incerta, de três semanas de existência. O desaparecimento honroso do herói de Oak Lodge, em seguida a esse reconhecimento inesperado, não pôde senão ser comparado ao furtivo esgueirar-se de um cachorro com uma enorme chaleira presa ao rabo. Todas as esperanças

dos Maldertons se derreteram de vez, como sorvetes de limão num banquete; Almacks era para eles mais distantes que o Pólo Norte.

A BOLSA DA CONCUBINA - Cruz e Souza & Virgílio Várzea

O amor é uma escada que tem uma extremidade na glória e outra no abismo – disse-o Matias de Carvalho.

Veze há que essa escada, devendo resvalar na glória, resvala abruptamente no abismo.

E ai daqueles que se têm librado a ela.

O amor é uma torrente de circunstâncias anormais.

Quanto maior é o amor, maior deve ser o sacrifício.

O amor faz gigantes e faz anões, ilumina e entenebrece os espíritos nervosos e doentios.

É como o cáustico; cura mas deixa os sinais evidentes.

Daí as incompatibilidades, as duras idiossincrasias do amor.

Daí as monstruosidades e os abortos morais, os perigos e as aberrações sociais.

O amor, o amor que se consubstancia no dever, na harmonia, no bem-estar, no sossego de espírito, na probidade e na lisura, é o maior elemento higiênico da moral da família.

Para a felicidade doméstica, o agente que mais influi é o amor, mas não esse amor gasto que anda a suspirar pelos madrigais, pelas belas noutes de luar, pelos suntuosos saraus de onde se sai com o estômago encharcado de maus vinhos e a consciência cambaleando, pelo efeito das luzes, das flores, das músicas e das pompas.

Não! Não!...

Mas o amor sadio, limpo, asseado, o amor que sabe ter energias e sabe ter heroísmos, o amor que ri com a esposa e soluça com o filho, o amor que mostra a camisa rota do operário, o arado do aldeão, mas que à noite, nas suavíssimas meias sombras do lar, lembra-se que tem de almoçar no dia seguinte e que a

mulher já lhe disse, abraçando-o expansivamente, entre as harmonias alegres e francas de um sorriso, que não há lenha em casa.

É esse o amor.

O amor que faz bem, que corporifica os sentimentos da alma, que se multiplica de vitalidade pelos sentidos, pelos olhos, pelos ouvidos, pelos gestos, por todos os atos e complementos psicológicos e fisiológicos.

O amor que é a filosofia dos seres bons, honestos, o amor que é o oxigênio da temperatura do afeto humano.

Assim como o ar atmosférico tem influência sobre os pulmões, o amor tem influência sobre o trabalho, sobre o dever, sobre a virtude.

Da temperatura do amor depende a temperatura da felicidade conjugal.

Há desgraçados que deveriam ser felizes, assim como há felizes que deveriam ser desgraçados.

Os primeiros porque trabalharam para ser felizes; os últimos porque nada fizeram para isso, não deixando, porém, de ter a consideração de zelosos de seu bemestar e trabalhadores do seu futuro.

O verdadeiro amor, aquele que é para as crianças o imaculado tesouro, o verdadeiro amor, aquele que é para os cegos a benéfica luz, aquele que é para os mortos o miraculoso surge et ambula, esse, esse amor, supremo como as supremas harpas do infinito, claro, magnífico como as vestiduras brancas dos justos, imponente como a memória de Camões cortando a monotonia de gelo de trezentos anos, esse amor é a afinação das almas pela música da natureza criadora.

Fora preciso que a humanidade não cuidasse tanto das funções peristálticas do estômago, para abrir o grande livro da virilidade universal:

O amor.

Fora preciso que as consciências expelissem de si todos os fetos e aleijões que elas produzem e que, tomando uma nova seiva, uma porção de sangue, uma boa parcela de massa encefálica, uma intuição muito direita, muito outra, dos admiráveis problemas que a filosofia derrama na flor, na árvore, no infinito, em toda a criação, em toda a natureza, sintetizassem no amor a concretização de todos os fenômenos e acontecimentos animais.

– O amor, tem razão o poeta, é uma escada que tem uma extremidade na glória e

outra no abismo.

Casaram-se.

Ela muito limpa sempre, muito asseada, sabendo ler bem, costurando à noite, na máquina, paletós, calças, coletes, sacos de aniagem; fazendo à mão toalhas de rosto, bordando, toda alegre, com os seus pospontos muito bem acabados, delicadamente feitos; indo ao quintal de manhã cedo, aos raios mais firmes do dia, ver a alacridade doce de suas plantas, de suas flores, de sua horta muito galante, dando de comer milho moído aos pintos, que vinham, vinham, vinham, em pequeninos gritos, em expansões castas, abrindo o bico, ruflando as asas tenras, roçando as penas pela macia plumagem das mães, umas galinhas gordas, satisfeitas, parecendo donas de casa, amarelas, rajadas de branco e preto, levando os grãoszitos de milho ao bico e dando aos pintos todos contentes de sua vida.

Uma alegria das pobres aves.

Ele um pintor boêmio, sem apreço à honra; casara-se por amor, mas depois uns amigos maus, hipócritas, transformaram-no inteiramente.

Mesmo dizia-se que nunca tivera juízo.

Mas, como quem vê cara não vê coração, a pobre da moça amou-o muito, com toda a força de sua crença e casaram-se.

Depois ele tinha um vício.

Era pobre, pobre e amasiara-se com uma mulher com a qual banqueteara-se.

Às vezes, ia para a casa com o sorriso alvar de animalidade alcoolizada.

Não era barulhento, não era de instintos ferozes, mas bestializava o seu proceder.

A honesta mulher sabia de tudo, mas ah! Grande luz do seu imenso coração, envergonhava-se, não queria escândalos, chorava no escuro, baixinho, toda pesarosa, toda magoada; lembrava-se do filho que tinham, sabia que era ele o pai e que se esse pai os abandonasse, seria desairoso para ela e então suportava tudo.

Pois se ela era tão honesta!

Ah! o seu filho, o seu querido filho tão bonito como ela o chamava.

O seu querido filho tão bonito!

Oh! as mães, as mães!

E no entanto a criança era raquítica, não parecia ter seis meses; o crânio muito comprido e achatado, o frontal muito largo, de uma saliência enorme, abaulado, deixando aparecer muito no fundo, dous olhos sem expressão, quase sem movimento, dava-lhe o aspecto de uma caveira; o corpo mal desenvolvido, o rosto amarelado e de uma pele seca, as pernas em arco, magras, tudo emprestava àquilo que ela chamava o seu querido filho tão bonito uma aparência sinistra e má.

Não obstante ela o adorava!...

Oh! as mães, as mães!...

Que sacrifício profundo e sacrossanto é maior que o coração das mães?!

– O espetáculo estupendo do sol, faiscando pelos espaços intermináveis, como um colosso de fogo, iluminando as esferas, dando umas tonalidades claras ao espírito das cousas, abrindo e fecundando as grandes almas de tudo, não é mais deslumbrante de eloquência que o amor das mães!...

Elas se imortalizam na memória dos filhos, quando eles se chamam Dante, Shakespeare, Vítor Hugo e Zola.

As mães são o compêndio infinito de todas as ciências, a irradiação maravilhosa de toda a luz filosófica.

Por isso ela estremecia muito o seu querido filho tão bonito.

E ele, o marido, andava fora, ou no trabalho ou em casa dela.

E ela, a mulher, essa outra – ela – tão modesta, tão santa, tão trabalhadora, ainda nova, na manhã transparente dos seus vinte e dois anos, sentia necessidade, umas abundâncias de extremos, de umas exuberâncias de afeições puras, revolvendo-se toda, às vezes, como uma freira na sua cela, ficava nuns letargos mornos, sensuais, num sonambulismo etéreo, fechando os olhos numa dormência calada, como se cedesse ao poder de um magnetismo soberano.

Tinha necessidade de adular, mas o seu querido filho e tão bonito ali estava, fisicamente feio, como a atalaia da sua honra, como a porta de bronze a lhe interceptar a entrada no palácio silforamático da prostituição.

E então ela erguia-se em toda a majestade do seu dever e abraçava e beijava o filho, numa aluvião delirante de carinhos enternecedores.

Aquele filho livrava-a de ter uma Waterloo na batalha renhida da sua existência.

E então trabalhava, trabalhava muito.

Ele já pouco ia ver a mulher e o filho. O pão, no entanto, escasseava, o fogão estava negro e calado.

O proprietário da casa onde moravam já lhes falara uma vez, duas, três vezes.

Tinham-se atrasado um tanto... uns cinco meses.

O fornecedor o vira entrar em casa diversas noites, cambaleando, e mastigando frases desconstruídas.

Dissera que não fiava a bêbados, desconfiava que não seria pago e depois atirava os seus dichotes canalhas à sua freguesa e desejava-a, mas o único meio de a obter, pensava ele, era tornando-se desapietado e negando-lhe o alimento, porquanto ela assim cederia, já que o marido pouco parava em casa.

No entanto, a vida dela caía, caía como as pétalas de uma rosa ao chegar o inverno desabrido e úmido.

As papoulas de sua face desbotavam dia-a-dia.

Ele já não trabalhava quase, desmoralizara-se de todo e negavam-lhe trabalho.

Deixava, dez, quinze dias de ir ver a família.

Uma ocasião foram dizer-lhe, um pequeno aprendiz seu, que o filho fora atacado de varíola.

Achava-se ele em casa da concubina.

Ela, ao ouvir o recado do pequeno, sorriu-se com um sorriso de vingança, pois dizia – que ele lhe prometera casamento, que a enganara, mas que ela se vingaria; e, terminantemente, ordenou-lhe que não aparecesse em casa, que não fosse ver o filho, que ela faria as despesas da moléstia e do enterro, caso a criança morresse.

E pegando da pena escreveu, imitando o quanto possível a letra do amante: – “Minha querida – sinto extremamente o estado do nosso filho, mas como não encontro trabalho na cidade e é absolutamente preciso que eu parta hoje para a vila de..., a um magnífico negócio onde poderei ter mais prontos resultados de dinheiro, desculpa a precipitação com que te escrevo e olha bem por nosso filho. – Tu és boa, perdoa-me, pois, os dias que não tenho ido à casa.

– Para que nada falte ao pequeno, aí te envio uma sofrível importância; a sua doença não há de ser nada; daqui a pouco te mandarei lá o médico. – Teu marido

A.”

Meteu o bilhete num envelope, puxou de uma bolsa, colocou dentro umas cinco notas de mil-réis e deu ao pequeno que saiu.

Ele, bestializado com tudo aquilo, meio parvo, fechava de vez em quando os olhos, como que para não ver ou não desvendar a profundidade do seu abismo.

No entanto ela ria canibalescamente e redobrava de afagos para com o seu louro – como lhe chamava.

Era viúva, herdara alguma coisa para a sua subsistência e sabia atrair os ladinos e triunfar dos seus caprichos, como fazia com ele.

E enquanto a viúva pantera explosia as suas paixões venenosas, a honesta mulher, só em casa, desamparada como uma criança nua numa estrada, por uma noite negra, muito negra, aos uivos de um temporal cruel, sentindo ao longe, lá ao longe o monótono grasnar das aves agoureyras, via que o médico não chegava, que seu filho se sumia, se sumia, como a asa de uma andorinha na última extrema do horizonte.

Parecia que um prédio tinha desabado sobre ela.

Estava abatida, desconsolada, desfalecida.

Não ia ao quintal para não ver as suas aves, não ia à janela para não ver o sol percorrer satisfeito as amplidões serenas da serena luz.

Não ia porque, nas aves e no sol, ela via seu filho contente adormecido aos seus beijos.

E o aprendiz, pinoteador, travesso, acriançado, não fora lá, logo no mesmo dia.

Mas no dia seguinte, de tarde, quando no éter calmo se esbatiam as tintas crepusculares, e que a sinfonia da natureza, os límpidos turibulos das florestas, derramando perfumes suaves, convidavam o raciocínio a um recolhimento poético, morria-lhe nos braços o filho, como um Cristo menino nos braços de Maria.

E então, ela, numa angústia despedaçadora de mãe dolorosa, lembrando-se daquele corpo, daqueles olhos, daqueles lábios que iam talvez rebentar numa explosão de boninas, de cravos e de violetas, viu abrir-se a porta e entrar o

aprendiz com um objeto que lhe entregou.

Era a bolsa da concubina !!!

O DIABO E O RELOJOEIRO – Daniel Defoe

Vivia na paróquia de St. Bennet Funk, perto do Royal Exchange, uma honesta e pobre viúva que, depois de morto o marido, passou a aceitar sublocatários em sua casa. Ou seja, locou alguns de seus quartos a fim de reduzir os custos com o aluguel. Entre outros, cedeu sua mansarda a um artesão que fazia engrenagens para relógios, e que trabalhava para relojoeiras, conforme era o costume nessa atividade.

Certa feita, um homem e uma mulher subiram para falar com o relojoeiro sobre algum assunto relacionado ao seu mister. E quando estavam próximos dos últimos degraus, viram, pela porta escancarada da água-furtada, que o homem – relojoeiro ou fabricante de engrenagens – havia-se enforcado numa viga que se prolongava pouco abaixo do teto. Atônita com aquele cenário, a mulher parou e gritou ao homem, que lhe seguia, para que corresse e cortasse a corda que sustentava o infeliz.

Neste mesmo instante, doutro rincão do quarto, cuja visão não era possível a partir das escadas, correu velozmente outro homem, a trazer um banquinho nas mãos. Com ares de quem se encontra com grande pressa, colocou o escabelo sob o desventurado e, subindo rapidamente, sacou do bolso uma faca. Segurando a corda com uma das mãos, fez sinal com a cabeça para a mulher e o homem, a advertindo-os para se detivessem e não subissem, ao mesmo tempo em que exibia a faca na outra mão, como se estivesse prestes a cortar a corda e soltar o enforcado.

Nisto, a mulher se deteve por um momento, mas o homem sobre o banquinho continuava a segurar a faca – como se permanecesse confuso com o nó –, sem, contudo, cortá-la. Por esta razão, a mulher gritou novamente ao seu acompanhante, que, supondo que algo impedia a ação do outro homem, disse à mulher:

– Sobe e ajuda o homem do banquinho.

Mas o homem no banquinho novamente acenou para que ficassem quietos e não

entrassem, qual se lhes dissesse: "Cortarei a corda imediatamente".

Então, desferiu dois golpes com a faca na corda, à guisa de cortá-la, mas parou novamente. O desgraçado seguia dependurado e, portanto, a morrer.

Porque o fato se repetia, a mulher gritou, da escada:

– O que está acontecendo? Por que não soltas o pobre homem?

E o homem que a seguia, já exaurido de paciência, afastou-a e lhe disse:

– Deixe-me passar. Eu te asseguro que a cortarei.

Dizendo isso, invadiu o quarto. Mas, quando chegou... Deus! O pobre relojoeiro continuava enforcado, mas não havia homem com uma faca, nem banquinho, e nenhuma outra coisa ou outro ser era visto e escutado. Tudo havia sido uma ilusão, urdida por criaturas espectrais, enviadas sem dúvida para deixar que o pobre infeliz se enfocasse e expirasse.

O visitante estava tão aterrorizado e surpreso que, apesar de toda a coragem que demonstrara, caiu ao chão como se estivesse morto. E a mulher, por fim, vendo-se na obrigação de baixar o homem, teve que cortar a corda com um par de tesouras, o que lhe redeu um grande trabalho.

Como não me cabe pôr em dúvida a veracidade desta história, que me foi contada por pessoas em cuja honestidade eu deposito a minha confiança, creio que não me dará trabalho convencer-vos de quem devia ser o homem do banquinho: era o diabo, que estava no quarto com o objetivo de pôr cobro ao assassinio de um homem a quem, conforme o seu costume, havia tentado, e antes convencido a que fosse, de si mesmo, o verdugo. Demais disso, este fato criminoso corresponde tão bem à natureza do demônio e ao seu ofício – qual seja, a de um assassino – que nunca o pus em dúvida. E nem posso crer que estaremos difamando o diabo quando a ele atribuímos a prática de tal malefício.

Nota: Não posso ter certeza quanto ao final desta história. Assim, não sei se o relojoeiro foi liberado com rapidez suficiente, a tempo de recuperar-se, ou se o diabo alcançou os seus propósitos, mantendo o homem e a mulher afastados, na escada, até que fosse demasiadamente tarde. Mas, seja como for, é certo que ele executou o seu mister demoníaco e permaneceu na água-furtada até que foi compelido a evadir-se.

O texto que o leitor acabou de ler não é propriamente um conto, visto como não tem o caráter ficcional. Trata-se de uma das várias narrativas que ilustram exemplarmente o extenso ensaio “An Essay on the History and Reality of Apparitions”, publicado em Londres, no ano de 1728.

O FUNIL DE COURO – Arthur Conan Doyle

Meu amigo, Lionel Dacre, morava na Avenue de Wagram, em Paris.

Sua casa era dessas comuns, tendo grades de ferro e um espaçoso gramado na frente, e ficava no lado esquerdo se você viesse pelo Arco do Triunfo. Imagino que ela já existia ali bem antes da construção da avenida, pois as telhas cinzas estavam manchadas de líquens, e as paredes mostravam-se emboloradas e desbotadas pelo tempo. Vista da rua, dava a impressão de ser uma casa pequena, com cinco janelas na fachada, se estou bem lembrado, mas que se estreitava para o fundo até reduzir-se a um único amplo aposento. Era ali que Dacre colocara a singular biblioteca de literatura de ocultismo, e as fantásticas curiosidades que consistiam, ao mesmo tempo, na sua paixão predileta e num divertimento para seus amigos. Homem abastado, de gostos excêntricos e refinados, ele investira boa parte da sua vida e da sua fortuna em reunir o que se dizia ser a única coleção particular de obras cabalísticas, talmúdicas e de artes mágicas, muitas das quais de grande raridade e valia. Suas preferências inclinavam-se para o maravilhoso e o monstruoso, e tenho ouvido dizer que os experimentos que fazia no campo do desconhecido haviam transposto todos os limites do civilizado e do decente. Ele jamais fez referências sobre esses assuntos a seus amigos ingleses, assumindo sempre a postura do estudioso e do especialista; mas um francês, cujos gostos eram da mesma natureza que os de Dacre, assegurou-me que os piores excessos da missa negra haviam sido perpetrados naquele amplo e alto salão, que se alongava entre as estantes de livros e os mostruários de seu museu.

A aparência de Dacre era suficiente para mostrar que seu acentuado interesse nesses assuntos psíquicos era de ordem intelectual antes que espiritual. Não havia o menor vestígio de ascetismo naquela face robusta, e sim muita energia mental no volumoso crânio em formato de abóbada, que se elevava em curva por entre delgados anéis de cabelo, como um pico nevado acima da orla de abetos. Seu conhecimento era maior que sua cautela, e suas faculdades eram bem superiores ao seu caráter. Os pequenos olhos claros, afundados no rosto carnudo, cintilavam com inteligência e uma inabalável curiosidade pela vida, mas eram

olhos de alguém sensual e egotista. O que foi dito sobre esse homem é o suficiente, pois agora já é morto, pobre coitado, morto exatamente no momento em que estava certo de haver finalmente descoberto o elixir da vida. Não é do seu caráter complexo que irei me ocupar, mas com o incidente muito estranho e inexplicável que ocorreu durante a visita que lhe fiz no início da primavera de 1882.

Conheci Dacre na Inglaterra, porque minhas pesquisas no salão assírio do Museu Britânico foram conduzidas ao mesmo tempo em que ele tentava estabelecer um significado místico e esotérico a tabuinhas de argila com inscrições da Babilônia, e tal coincidência de interesses foi a causa da nossa aproximação. Comentários casuais converteram-se em conversações diárias, e essas foram nos conduzindo a algo próximo da amizade. Prometi a ele que na seguinte viagem que fizesse a Paris, iria visitá-lo. Quando foi possível cumprir a promessa, eu estava morando numa pequena casa em Fontainebleau, e como os trens noturnos eram inconvenientes, ele me convidou a passar a noite em sua casa.

– Tenho somente aquela peça disponível – disse ele, apontando para um largo sofá em sua ampla biblioteca. – Espero que possa ficar confortável ali.

Era um singular quarto de dormir, com as altas paredes cobertas de volumes encadernados de capa marrom, mas não haveria mobília mais agradável para um rato de biblioteca da minha espécie, e minhas narinas não sentiriam melhor perfume que o leve, sutil cheiro característico que se exala de um velho livro. Disse a ele que não podia desejar aposento mais encantador e ambiente mais apropriado.

– Se as armações não são nada convenientes nem convencionais, são pelo menos valiosas – disse ele, olhando as estantes em torno. – Investi cerca de um quarto de milhão em dinheiro nesses objetos que o cercam. Livros, armas, joias, esculturas, tapeçarias, imagens – dificilmente haverá aqui algo que não tenha a sua história, geralmente digna de ser contada.

Enquanto dizia essas coisas, ele estava sentado a um lado da espaçosa lareira e eu do outro lado. A mesa de leitura ficava a sua direita e o forte candeeiro acima dela lançava um vívido círculo de luz. No centro da mesa, um palimpsesto semienrolado tinha ao redor vários e estranhos artigos de antiquários. Um deles era um volumoso funil, como aqueles usados para encher tonéis de vinho. Parecia ser feito de madeira negra, com as bordas revestidas de latão descorado.

– Eis ali uma coisa curiosa – observei. – Qual é a sua história?

– Ah! – disse ele – é exatamente a pergunta que mais de uma vez tive ocasião de fazer a mim mesmo. Gostaria muito de saber a resposta. Vamos, pegue o funil, examine-o.

Foi o que fiz, descobrindo que aquilo que eu imaginara ser madeira era na realidade couro, embora o tempo o tivesse endurecido ao extremo. Era um enorme funil, e deveria conter pouco mais de um litro quando cheio. O latão recobria as bordas do círculo maior, mas a ponta do funil era também revestida de metal.

– O que você acha disso? – perguntou Dacre.

– Poderia imaginar que pertenceu a algum negociante de vinho ou fabricante de malte da Idade Média – respondi. – Já vi na Inglaterra jarros de couro do século dezessete, para servir bebidas – eram chamados de black jacks. Tinham a mesma cor e solidez dessa peça.

– Arrisco afirmar que esse funil é mais ou menos da mesma data – disse Dacre – e, sem dúvida, também era usado para encher recipientes com líquidos. Se as minhas suspeitas forem corretas, contudo, um estranho vinhateiro foi quem o usou e o recipiente a ser enchido, bastante singular. Você não observa nada fora do comum na extremidade mais estreita?

Quando o levantei próximo da luz, pude verificar que numa estreita faixa, cinco polegadas acima do bico de metal, o gargalo de couro do funil estava todo esfolado e riscado, como se alguém tivesse feito cortes ao redor com uma lâmina cega. Somente nessa faixa ocorria isso; a parte restante da superfície negra e fosca não apresentava qualquer aspereza.

– Alguém experimentou cortar o gargalo.

– Você chamaria a isso de corte?

– Está lacerado e esfiapado. Foi preciso alguma força para deixar essas marcas em material tão resistente, qualquer que tenha sido o instrumento utilizado. Mas, e você, o que pensa disso? Acho que você sabe mais do que está dizendo.

Dacre sorriu e seus olhinhos experientes piscaram.

– Você incluiu a psicologia dos sonhos entre os seus assuntos de estudo? – indagou.

– Eu nem mesmo soube até agora da existência de tal psicologia.

– Meu caro senhor, aquela prateleira acima da vitrine de joias está repleta de livros, de Alberto Magno e outros autores. Tratam exclusivamente desse assunto

que, em si mesmo, é uma ciência.

– Uma ciência de charlatães.

– O charlatão é sempre o pioneiro. Do astrólogo surgiu o astrônomo, do alquimista o químico, do mesmeriano o psicólogo experimental. O impostor de ontem é o professor de amanhã. Mesmo coisas tão sutis e impalpáveis como os sonhos serão, no devido tempo, submetidas a sistema e ordem. Quando chegar esse tempo, as pesquisas de nossos amigos daquela prateleira de livros deixarão de ser divertimento dos místicos para se tornarem os fundamentos de uma ciência.

– Supondo que isso seja verdadeiro, que relação pode existir entre a ciência dos sonhos e um funil enorme, negro, com as bordas revestidas de latão?

– Vou contar-lhe. Você sabe que tenho um agente que está sempre atento em relação às raridades e curiosidades de interesse para a minha coleção. Alguns dias atrás ele ouviu falar que um negociante do cais do Sena havia adquirido algumas velhas quinquilharias encontradas num armário de uma casa antiga, aos fundos da rua Mathurin, no Quartier Latin. A sala de jantar dessa velha residência era decorada com um escudo de armas, que continha insígnias, e listas vermelhas sobre um fundo prateado, o que, após investigações, foi comprovado ser o escudo de Nicolas de la Reynie, alto funcionário do rei Luís XIV. Não resta nenhuma dúvida de que os demais artigos encontrados no armário datavam-se de antes do início desse reinado. A inferência é que, por conseguinte, todos os artigos eram propriedade desse Nicolas de la Reynie, que foi, pelo que sei, o cavalheiro que se ocupou com a manutenção e execução das draconianas leis da época.

– E daí?

– Eu pediria a você para segurar uma vez mais o funil e examinar a borda superior, revestida de latão.

Havia por certo alguns arranhões sobre ela, quase apagados pelo tempo. O efeito geral era o da existência de diversas letras gravadas; a última delas mostrava certa semelhança com um B.

– Trata-se de um B, não é?

– Acho que sim.

– Penso também desse modo. Na verdade, não tenho dúvida alguma de que se trata de um B.

– No entanto o nome do aristocrata que você mencionou tinha R por inicial.

– Exatamente! Eis a beleza da coisa. Ele possuía este curioso objeto e, entretanto, o objeto tinha as iniciais de outra pessoa gravadas nele. Por que o guardava?

– Não posso imaginar. Você pode?

– Bem, talvez possa ter uma hipótese. Você consegue ver algum desenho um pouco adiante, nessa mesma borda?

– Eu diria que é o desenho de uma coroa.

– É de fato uma coroa; mas se você examiná-la sob uma boa luz, vai ficar convencido de que não é uma coroa qualquer. É uma coroa heráldica – um emblema de distinção, e esse aí se compõe alternadamente de quatro pérolas e quatro folhas de morangueiro, o emblema representativo de um marquês. Podemos inferir, portando, que a pessoa cujas iniciais terminam com a letra B possuía o título que lhe dava direito ao uso desse diadema.

– Então, esse vulgar funil de couro pertenceu a um marquês?

Dacre sorriu de modo peculiar.

– Ou a algum membro da família de um marquês – disse ele. – Isso é tudo que podemos claramente reunir a propósito dessa borda gravada.

– Mas o que tudo isso tem a ver com sonhos?

Eu não sei se era algo na expressão do rosto de Dacre, ou qualquer sutil sugestão advinda de seus gestos, mas um sentimento de repulsa, de horror irracional tomou conta de mim, enquanto olhava aquele antigo e rugoso volume de couro.

– Mais de uma vez tenho recebido informações importantes por intermédio de meus sonhos – disse meu companheiro, com o didatismo característico em sua maneira de falar. – Agora faço disso uma norma: sempre que duvido das informações obtidas sobre qualquer objeto, lembro de colocá-lo próximo a mim, quando vou dormir, e fico na expectativa de algum esclarecimento a seu respeito.

Tal procedimento não me parece absurdo, embora não tenha ainda merecido as benções da ciência ortodoxa. De acordo com minha teoria, um objeto associado intimamente a qualquer paroxismo da emoção humana, seja de alegria ou de sofrimento, conservará uma certa atmosfera ou ligação com esse evento, capaz de ser comunicada a uma mente sensível. Quero significar, por mente sensível, não uma sensibilidade fora do normal, mas uma inteligência treinada e educada como a sua ou a minha.

– Você quer dizer que, por exemplo, se eu dormir junto daquela velha espada, que está ali na parede, posso sonhar com algum episódio sangrento do qual aquela mesma espada fez parte?

– É um excelente exemplo, pois, a bem da verdade, eu próprio usei aquela espada com esse propósito, e vi no meu sonho a morte de seu possuidor. Morreu durante uma movimentada escaramuça, que não fui capaz de identificar, mas que ocorreu na época das guerras frondistas.

Se você pensar a respeito desse assunto, algumas de nossas lendas populares mostram que esse fenômeno já era reconhecido por nossos ancestrais, embora nós, com a nossa sabedoria, as tenhamos classificado entre as superstições.

– Por exemplo?

– Bem, o costume de colocar gulodices de noiva debaixo do travesseiro, de modo que, ao dormir, tenha ela sonhos agradáveis. Este é um dos diversos exemplos que você poderá encontrar num folheto que eu mesmo escrevi sobre o tema. Mas, voltando ao que interessa, dormi certa noite com esse funil ao meu lado, e tive um sonho que sem dúvida projetou uma curiosa luz sobre seu uso e sua origem.

– O que sonhou você?

– Eu sonhei... – Ele fez uma pausa e uma compenetrada expressão de interesse surgiu em seu rosto imponente – Por Júpiter, é uma ótima ideia! – exclamou. – Realmente vai ser uma experiência muitíssimo interessante. Você é um indivíduo dotado de psiquismo, com nervos que respondem prontamente a qualquer impressão.

– Nunca fiz testes comigo mesmo nessa direção.

– Pois vai testar hoje à noite. Seria demasiado pedir-lhe, como um grande favor, para colocar o velho funil ao lado de seu travesseiro, quando você for deitar-se no sofá?

Tal solicitação pareceu-me grotesca; mas devo admitir que, na complexidade da minha natureza, existe um fascínio para tudo que é bizarro e fantástico. Não acreditava nem um pouco na teoria de Dacre, nem esperava qualquer êxito nesse tipo de experiência; entretanto, seduzia-me o fato de que ela pudesse ser realizada. Dacre, com muita seriedade, levou uma banquetta à cabeceira do sofá e colocou o funil sobre ela. Depois disso, após uma breve conversação, desejou-me boa-noite e saiu da sala.

Fiquei algum tempo ali, sentado, fumando, ao calor da lareira, enquanto revolia mentalmente o incidente ocorrido e a estranha experiência que parecia ainda me aguardar adiante. Cético que eu fosse, havia alguma coisa impressiva no comportamento confiante de Dacre, e aquele ambiente extraordinário que me cercava, o espaço enorme com objetos incomuns, sinistros, espalhados ou suspensos em torno dele, tudo isso criava uma aura de solenidade em meu espírito. Por fim, desvesti-me e, apagando o candeeiro, deitei-me no sofá. Após revolver-me por longo tempo, adormeci. Vou tentar descrever do modo mais exato possível o drama que surgiu em meus sonhos. Ele agora está fixado na minha memória mais claramente do que tudo que eu tenha visto com os olhos despertos. Havia um quarto que tinha a aparência de uma abóbada. Quatro arcos de base triangular levantavam-se dos quatro cantos na altura que seria do forro do quarto e reuniam-se num ponto mais acima, criando um teto na forma de taça. A arquitetura era tosca, mas visivelmente sólida. Com certeza, fazia parte de uma grande construção.

Três homens de vestes negras, que usavam esquisitos chapéus de veludo também negro, mais amplos no topo, sentavam-se numa linha tapetada de vermelho de um estrado. Os rostos eram bastante solenes e melancólicos.. À esquerda, de pé, viam-se dois homens, de longas togas, segurando nas mãos porta-fólios que pareciam atulhados de papéis. No lado direito, olhando na minha direção, estava uma mulher de baixa estatura, cabelos louros e olhos azul-claros, expressivos – os olhos de uma menina. Já ultrapassara a primeira juventude, mas não se podia dizer que estivesse na meia-idade. Seu corpo tendia à gordura, mas o porte era altivo e confiante. O rosto, pálido e sereno. Era um rosto interessante, gracioso e no entanto felino, com uma tênue sugestão de crueldade em torno da pequena boca, reta, firme e do maxilar rechonchudo. Vestia uma espécie de camisola branca e larga. De pé, ao lado dela, um sacerdote magro, de expressão ansiosa, murmurava-lhe algo ao ouvido e continuamente elevava um crucifixo diante de seus olhos. Ela voltava a cabeça e olhava fixamente, para além do crucifixo, os três homens de preto que eram, eu senti, os seus juízes.

Enquanto eu olhava, os três homens se levantaram e alguma coisa foi dita, mas não consegui entender uma única palavra, embora percebesse que, dos três, era o homem do centro quem estava falando.

Depois abandonaram a sala, seguidos pelos dois homens com porta-fólios.

No mesmo instante vários indivíduos de aparência rude, vestindo sólidas jaquetas, entraram impetuosos e foram removendo, primeiro o assento tapetado de vermelho, depois as armações do estrado, de modo a deixarem

aquele espaço inteiramente vazio. Quando a armação de fundo do estrado foi removida, vi alguns objetos assustadores, peças de mobília, que estavam por detrás dela. Uma dessas peças parecia uma cama com cilindros de madeira nas duas extremidades e um sarilho manual para regular o seu comprimento. Outro objeto era um potro de madeira. E assim havia diversas outras coisas igualmente estranhas e também um conjunto de cordas suspensas que passavam por roldanas.

Tudo aquilo não era diferente de uma moderna sala de ginástica.

Assim que o estrado foi retirado, apareceu em cena um novo personagem. Era um homem alto, magro, de roupa negra, tendo um rosto descarnado e austero. O aspecto desse homem me fez estremecer.

Suas roupas brilhavam de tão engraxadas e estavam salpicadas de manchas. Movia-se com lenta e impressionante dignidade, como quem sumisse o comando de tudo desde o instante de sua entrada. Apesar da aparência rude e das vestes sujas, aquela sala era agora sua responsabilidade, estava sob seu controle. Viam-se cordas finas enroladas e dependuradas em seu antebraço esquerdo. A mulher examinou-o de alto a baixo com os olhos, mantendo a expressão impassível. Sua expressão era confiante, até mesmo de desafio. Mas foi muito diferente com o sacerdote. O rosto deste tornou-se horivelmente lívido e eu vi a umidade do suor brilhar e deslizar pela sua fronte ampla e levemente inclinada. Ele ergueu as mãos em gesto de prece e curvava-se continuamente para murmurar palavras frenéticas no ouvido da mulher.

O homem de vestes negras agora avançava e, tomando uma das cordas em seu braço esquerdo, amarrou os pulsos da mulher, que ficou com as mãos unidas. Ela estendia os braços sem resistência na direção dele, enquanto era amarrada. Então ele segurou-a rudemente pelos ombros, empurrando-a na direção do potro de madeira, cujo assento ficava um pouco acima da cintura dela.

Por isso ergueram-na e colocaram-na sobre o assento, deitada de costas, com o rosto voltado para o teto, enquanto o sacerdote, horrorizado e trêmulo, fugia da sala.

A mulher movia rapidamente os lábios, e, ainda que eu não pudesse ouvir nada, sabia que ela estava rezando. Seus pés pendiam suspensos nos dois lados do potro e vi que alguns lacaios grosseiros, sob ordem, haviam-lhe amarrado os tornozelos e prendido a outra extremidade das cordas em anéis de ferro fixados sobre o chão de pedra.

Senti que meu coração afundava, enquanto eu via aqueles sinistros preparativos e ao mesmo tempo me achava preso ao fascínio do horror e não conseguia afastar os olhos daquele terrível espetáculo. Um homem entrara na sala carregando um balde de água em cada mão. Outro homem o seguia, trazendo um terceiro balde. Foram deixados ao lado do cavalo de madeira. O segundo homem segurava na outra mão uma grande concha de madeira – espécie de tigela com uma asa reta.

Entregou-a ao homem de vestes negras. Nesse momento um dos lacaios se aproximou da mulher com um objeto escuro nas mãos, o qual, mesmo em sonho, apoderou-se de mim, originando um vago sentimento de familiaridade. Era um funil de couro. Com um impulso enérgico e horrível, o laçao enfiou-o na... – mas não pude mais suportar. Meus cabelos se arrepiaram de pavor. Eu me estorci e debati, conseguindo romper os limites do sonho, soltando o grito mais forte de toda minha vida e fui encontrar-me, trêmulo de horror, no sofá de uma ampla biblioteca, com raios de luar fluindo da janela e atirando arabescos sombreados e prateados na parede oposta. Ah, que alívio abençoado sentir que estava de volta ao século dezenove, e não sob uma abóbada medieval, que estava num mundo onde os homens tinham corações humanos em seus peitos. Sentei-me no sofá, tendo os membros ainda trêmulos, a mente dividida entre a gratidão e o horror. Pensar que coisas tais foram um dia realizadas, que puderam ser realizadas sem que Deus houvesse fulminado os vilões responsáveis. Foi tudo uma fantasia, ou foi algo que realmente aconteceu nos dias negros, cruéis, da história do mundo? Mergulhei a cabeça palpitante entre as mãos ainda trêmulas. E, então, repentinamente, tive a impressão que cessavam as batidas de meu coração, e eu nem mesmo consegui gritar, tão grande foi o meu medo. Alguma coisa se movimentava na minha direção, na escuridão do quarto.

É uma sequência de horrores que abate o espírito humano. Eu não conseguia raciocinar, nem podia rezar; podia somente ficar sentado como uma imagem congelada, e olhar o sombrio espectro que atravessava a ampla sala. Mas então ele se moveu sobre uma faixa iluminada pelo luar e eu pude respirar aliviado uma vez mais. Era Dacre, e seu rosto indicava que ele parecia tão assustado quanto eu.

– Foi você? Pelo amor de Deus, o que houve? – perguntou ele com uma voz áspera.

– Como me alegro em vê-lo, Dacre! Estive no inferno. Foi uma coisa medonha.

– Então foi você quem gritou?

– Ouso dizer que sim.

– Seu grito ressoou por toda a casa. Os criados estão apavorados.

Dacre acendeu um fósforo e levou-o ao candeeiro..

– Vamos atizar o fogo da lareira e aquecer de novo o ambiente – acrescentou, atirando algumas achas de lenha sobre as brasas. – Por Deus, meu caro, como você está pálido! Dá a impressão de ter visto um fantasma!

– Você tem razão. Foram vários fantasmas.

– Quer dizer que o funil de couro funcionou, afinal?

– Eu não dormiria de novo ao lado dessa coisa infernal nem por todo o dinheiro que você pudesse oferecer-me.

Dacre soltou uma risadinha reprimida.

– Eu esperava que você tivesse uma noite agitada – disse ele. – Mas você me deu o troco, pois aquele grito não foi nada agradável, às duas horas da madrugada. Suponho pelo que você está dizendo que você viu todo o terrível negócio.

– Que terrível negócio?

– A tortura pela água, o “interrogatório extraordinário”, como era chamado nos alegres dias de Le Roi Soleil. Você aguentou até o fim?

– Não, graças a Deus. Acordei antes que começasse de fato.

– Ah, você é um felizardo! Eu suportei até o terceiro balde. Bem, é uma velha estória, e todos os que dela participaram estão agora em suas tumbas, assim, de qualquer modo, que importância tem sabermos como chegaram até ali? Suponho que você tenha alguma ideia a propósito daquilo que viu?

– A tortura de alguma malfeitores. A mulher deve ter sido uma terrível malfeitores, na verdade, se os seus crimes foram cometidos na proporção de sua penalidade.

– Bem, temos esse pequeno consolo – disse Dacre, arrepanhando o roupão e acorrendo-se mais próximo da lareira. – Eles foram cometidos na proporção da penalidade. Quer dizer, se estou correto sobre a identidade da mulher.

– Como pôde saber a provável identidade dela?

Por resposta, Dacre apanhou da prateleira próxima um antigo volume com capa de velino.

– Apenas escute – disse ele. – Está escrito num francês do século dezessete, mas farei uma tradução aproximada. Você julgará por si mesmo se matei ou não a

charada: “A prisioneira foi conduzida à presença das Grand Chambers e Tournelles do Parlamento, em sessões de corte de justiça, acusada do assassinato do mestre Dreux d’Aubray, o pai dela, e de seus dois irmãos, os senhores d’Aubray, um deles tenente civil, e conselheiro do Parlamento o outro. Em pessoa, parecia difícil de acreditar que ela realmente tivesse cometido ações de tal perversidade, pois seu aspecto era meigo, e de baixa estatura, com uma pele bonita e olhos azuis. Entretanto, a Corte, tendo averiguado a sua culpa, condenou-a aos interrogatórios usual e extraordinário, de modo a obrigá-la a confessar os nomes de seus cúmplices, depois do que seria conduzida numa carreta até a Place de Grève, onde seria decapitada, sendo seu corpo posteriormente queimado e as cinzas jogadas aos ventos. A data deste registro é de 16 julho de 1676.”

– É interessante – eu disse – mas não muito convincente Como você prova serem a mesma essas duas mulheres?

– Já vou fazê-lo. A narrativa prossegue, descrevendo a conduta da mulher ao ser interrogada: “Quando o carrasco se aproximou, ela o reconheceu pelas cordas que ele trazia nas mãos, e ela em seguida estendeu as próprias mãos para ele, olhando-o de alto a baixo sem pronunciar uma palavra”. Que tal isso?

– Confere, de fato.

– “Ela olhou sem estremecer o potro de madeira e os anéis de ferro que tinham retorcido tantos membros humanos e causado tantos gritos de angústia. Quando seus olhos caíram sobre os três baldes com água, que estavam já preparados para ela, disse com um sorriso, ‘toda essa água deve ter sido trazida aqui com o propósito de afogar-me, monsieur. O senhor decerto não tem, confio eu, a menor ideia de forçar uma pessoa da minha estatura a beber tudo isso’. Deverei ler os detalhes da tortura?

– Não, pelo amor de Deus, não!

– Eis um parágrafo da sentença que vai lhe mostrar que o que está aqui registrado é uma cena que, por certo, você presenciou esta noite: “O bom abade Pirot, incapaz de contemplar os tormentos a que ia ser submetida a sua penitente, saiu correndo da sala” Isso convence você?

– Completamente. Não tenho mais dúvida de que se trata do mesmo evento. Mas, quem era essa mulher de aparência tão atraente e cujo fim foi tão horrível?

Sem responder, Dacre cruzou-me à frente e trouxe, aceso, um pequeno lampião, colocando-o depois sobre a banquetta que estava ao lado do sofá. Erguendo o

funil agourento, iluminou em cheio a orla de latão. Vistas assim, bem iluminadas, as gravações na orla pareciam mais nítidas que na noite anterior.

– Já concordamos que se trata do emblema de um marquês ou marquesa – disse ele. Também acertamos que a última letra é B.

– Sem dúvida.

– Vou sugerir agora a você que as outras letras, da direita para a esquerda, são M, M; um d minúsculo, A, um d minúsculo e, então, finalmente, o B.

– Sim, Você tem razão. Posso ver claramente os dois d minúsculos.

– O que eu li a você esta noite – disse Dacre – é a cópia do registro oficial do processo de Marie Madeleine d’Aubray, marquesa de Brinvilliers, uma das mais célebres envenenadoras e assassinas de todos os tempos.

Fiquei sentado em silêncio, acabrunhado ante a natureza extraordinária do acontecimento. e ante a inteireza das provas em relação às quais Dacre expusera o real significado. De um modo vago, recordei alguns detalhes da carreira da mulher, sua libertinagem desenfreada, o sangue-frio e a prolongada tortura a seu pai doente, o assassinato dos irmãos motivado por lucros mesquinhos. Lembrei também que a bravura de seu fim havia reparado de algum modo o horror de sua vida, e que Paris em peso havia simpatizado com seus momentos finais, havendo-a abençoado como mártir poucos dias depois de havê-la amaldiçoado como assassina. Uma objeção, e apenas uma, passou-me pela mente.

– Como as iniciais de seu nome e o emblema de sua categoria vieram a ser gravados no funil? Por certo a admiração medieval à nobreza não chegava ao ponto de ornamentar os instrumentos de tortura com os títulos de suas vítimas, não é verdade?

– Essa questão também me intrigou – disse Dacre –, mas ela admite uma explicação simples. O processo provocou extraordinário interesse na época, e nada poderia ser mais natural que La Reynie, o Chefe de Polícia, tivesse retido esse funil como sinistro souvenir. Não era acontecimento frequente que uma marquesa de França fosse submetida ao interrogatório extraordinário. Que ele tivesse mandado gravar as iniciais dela sobre o funil, a título de informação para as demais pessoas, era seguramente um procedimento comum em casos assim.

– E isto? – perguntei, apontando para as marcas sobre o gargalo de couro do funil.

– Ela era uma tigresa cruel – disse Dacre, enquanto se afastava dali. – Penso ser evidente que, a exemplo das outras tigresas, essa também tivesse dentes fortes e

afiados.

SUMO INFORMATIVO – Lawrence M. Schen

– Não posso ajudá-lo – disse Maxwell, e conduziu-me até à porta. A entrevista pela qual eu esperara dez semanas terminara em dez segundos. Ficara estragada assim que ele me vira pessoalmente, assim que obtivera um rosto para unir ao nome desconhecido que estava na sua agenda. Não havia hipótese de ele dar ouvidos a um velho.

Ficara confuso no início. Eu não parecia tão velho quanto ele pensara. Movia-me mais rapidamente, era mais alto, mas os setenta anos ainda se revelavam no meu rosto. Para mim chegava.

– Fica onde estás – assobiou Alejandro ao meu ouvido esquerdo, acelerando as minhas glândulas supra-renais com um impulso digital de uma dúzia de rotinas. Fiz uma pausa. A força aumentou dentro de mim, e as dores e sofrimentos da velhice dissolveram-se.

A sala tornou-se mais clara, coberta de luz, à medida que as minhas pupilas dilatavam devido ao estímulo artificial que fluía pelo meu sangue. Mais, mais e mais. Alejandro jogava com os meus receptores de dopamina, a minha reabsorção de acetilcolina e meia dúzia de enzimas responsáveis por degradar os neurotransmissores envolvidos nas respostas emocionais enviadas através do meu lobo frontal.

– Não vou a lado nenhum – sussurrei rispidamente.

Os meus nervos pareciam gelo. Estava calmo, frio, psicótico. De repente já não conseguia ver Maxwell como o poderoso diretor-geral da Allegheny Bio-Tech. Não era o neto santimonial do homem a quem eu dedicara uma vida de trabalho. Já nem era meu patrão. Aos meus olhos era apenas carne. Ele que se lixe.

– Vai ouvir o que tenho para dizer. E depois, talvez eu saia. – Forcei um sorriso, o tipo de sorriso aberto que eu sempre associara a assassinos-em-série e a incendiários. Isto era perigoso, Alejandro nunca me espremera assim tanto. Uma coisa era controlar e regredir a química do envelhecimento, mas isto era completamente diferente.

Maxwell não tinha conhecimento de Alejandro. Não sabia que eu estava a ser melhorado, bombeado com péptideos e «sumo» neuroquímico.

Ele não tinha lido nenhuma das minhas propostas, nem um único dos meus relatórios. Provavelmente não os haviam feito chegar à sua secretária. Porque o fariam? Para ele eu era apenas mais um investigador obsoleto, velho e fora de validade. Vi-o mover casualmente a mão por baixo da sua secretária, vi o intrigante movimento do músculo no seu pulso indicar que ele dobrara um dedo. Alejandro gritou ao meu ouvido, alertando-me para o gesto embora eu já o tivesse visto. Podê-lo-ia ter impedido, pois estava tão excitado que teria sido banal saltar sobre a sua mesa e desviar-lhe bruscamente a mão. Isso teria conquistado a sua atenção. Homens de setenta anos não costumam saltar sobre mesas.

Mas isso não seria suficiente.

Precisava de uma demonstração mais convincente. Alejandro aumentara consideravelmente a minha serotonina. Os meus pensamentos avançaram, mais rápidos do que nunca, à custa de um pequeno aumento em paranóia.

Neste caso, porém, a paranóia era perfeitamente justificável. Maxwell tinha premido o botão de emergência que havia por baixo da sua secretária.

Era óbvio, previsível, infantil. Antes de Alejandro eu não teria feito ideia; com a sua ajuda eu pensava suficientemente rápido para me desviar casualmente da porta e me posicionar no sítio certo. A equipa de segurança irrompeu subitamente, passando por mim sem se darem conta. Eram dois: Bjorn e Bret.

Homens fortes, grandes e musculosos que gostavam um pouco demais do seu trabalho. E que me haviam expulsado da última vez que eu tentara falar com o Sr. Maxwell. Zombando de mim, chamando-me «avozinho» e empurrando-me escada abaixo. Tive sorte em não partir uma perna. Mas isso foi antes de Alejandro.

– Senhores, o Sr. Corazon já estava de saída. – Maxwell sorria, presunçoso e superior, não tendo ainda sequer chegado aos quarenta, controlador do pequeno botão na sua mesa. – Levem-no ao seu laboratório e ajudem-no a juntar as suas coisas. Acabou de decidir reformar-se. E já vai tarde.

– Alejandro, está na hora do espetáculo – disse a mim mesmo, sabendo que o farmacógrafo alojado no meu canal auditivo me ouviria. Condução óssea. – Vamos esmerar-nos. Só temos uma oportunidade para causar uma primeira impressão.

– Certo, chefe – sussurrou ele de volta. Quase podia senti-lo puxando o meu

sistema nervoso simpático para um estado de overdrive. As endorfinas inundaram o meu cérebro. A vida era boa, rosada, ensolarada. Eu tinha a força de cerca de oito jovens, a rapidez de pelo menos seis. Dentro de dez minutos sentir-me-ia uma merda, quando o pico atual caísse para uma extraordinária depressão, mas por enquanto sentia-me novamente um adolescente, um deus.

Falei calmamente, a minha voz livre da hilaridade que eu sentia, cada palavra suave e fluida. – Sr. Maxwell, já que não quer ouvir-me, fi que onde está e observe. Este é apenas um dos aspectos do farmacógrafo de que tenho tentado falar-lhe nos últimos três meses.

Era originalmente só uma ideia; agora é um protótipo. – Estendi a mão, quase depressa demais para os meus olhos seguirem, e agarrei no braço de Bjorn. Puxei-o pelo antebraço, quase sem esforço, agarrando-o e levantando-o mais para cima com a outra mão, os meus dedos apertando os seus bíceps.

Foi então que percebi que Alejandro não queria correr o risco de falhar; o meu aumento de serotonina estava a levar-me para fora da moralidade humana. Sentia-me como se estivesse fora de mim, assistindo com um desinteresse casual enquanto alguém rachava o braço de Bjorn ao meio e o atirava para o outro lado da sala, pequenos fragmentos de osso aparecendo por entre o sangue e pele rasgada. Ele gritava antes da cabeça bater na parede fazendo-o desmaiar. O que, quando pensamos nisso, o tornava mais afortunado que Bret.

Sorri, então, educadamente para Maxwell, diminuindo a distância entre mim e Bret. Ele era à vontade uns trinta centímetros mais alto do que eu, e vinte a trinta quilos mais pesado. Alejandro enfraqueceu a sensibilidade na minha mão direita e eu enterrei-a com força no seu abdómen. Engraçado, as pessoas nunca esperam que nós façamos este tipo de coisas. Os meus dedos atravessaram facilmente a sua pele e músculo, sentindo as suas entranhas antes de agarrar num pedaço de intestino e o puxar para o mostrar ao Sr. Maxwell. Bret caiu no chão, consciente mas em choque. Os meus níveis de serotonina desceram um pouco, e eu senti algum horror pelo que fizera. Alejandro compensou-nos rapidamente e a culpa dissipou-se.

Não havia tempo para sentimentos de culpa.

Parecia que eu mal flexionara as pernas e já tinha saltado para cima da secretária de Maxwell, esfregando-lhe a cara com a minha mão ensanguentada.

Aconteceu tudo tão rapidamente, numa questão de segundos. Enfiei a mão limpa no bolso do meu casaco e retirei uma brilhante esfera de cerâmica e metal precioso: o irmão mais novo de Alejandro. Sentia-me ainda muito magoado;

agarrei Maxwell, quase arrancando a sua orelha no processo de enfiar lá dentro a pequena esfera, empurrando-a bem para o fundo, alojando-a contra o seu tímpano.

– Contato, chefe – informou-me Alejandro, a sua voz parecendo a minha numa gravação. – Guillermo está no sítio e totalmente funcional.

– Ativar e sedar – disse-lhe eu, e o sinal foi enviado para o escravizado farmacógrafo no ouvido de Maxwell. – E desacelera-me um pouco, lentamente. Antes que eu comece com os tremores.

Larguei então Maxwell, descendo da sua mesa, ignorando tanto o homem inconsciente que sangrava a um canto como os gemidos daquele que eu estripava em frente à mesa. Maxwell tinha toda a minha atenção. Havia medo no seu rosto, resultado do seu próprio sistema nervoso simpático dizendo-lhe que se encontrava numa situação perigosa. Ele queria entrar em pânico; acabara de ver um septuagenário inutilizar a sua equipe de segurança e depois atacá-lo. A sua linguagem corporal gritava medo, mas ele começou a relaxar à medida que o pequeno Guillermo reescrevia os sinais químicos que o seu cérebro enviava. Eu quase conseguia ver as ondas de alívio e calma tomando posse dele.

Apesar da eliminação do medo fisiológico, Maxwell estava ainda apavorado. Eu sabia que ele não o conseguia sentir, não profundamente, mas ele sabia. Sabia que se devia estar a urinar, em vez de estar todo relaxado e confortável.

– O que é que você fez? – perguntou-me ele, incapaz de parar de sorrir enquanto se sentava de novo na sua cadeira. – O que é que está a acontecer?

– O futuro da bio-farmacologia, Sr. Maxwell. Um banco de microprocessadores que interage com os mensageiros químicos do cérebro e é capaz de reescrever e editar novas instruções à química do corpo. Um sistema neuroquímico especializado que nos pode acelerar, tornar mais fortes e até destemidos. Ou acalmar-nos, adormecer os nossos sentidos, apagar a dor. Todos os sinais que o cérebro envia ao corpo e o corpo envia ao cérebro, alteráveis, reversíveis. É o que eu tenho tentado mostrar-lhe nos últimos três meses.

Maxwell acenou com a cabeça, sorrindo como um idiota enquanto Guillermo o mantinha drogado e alegre. Não era exatamente o estado em que eu queria que ele estivesse, mas demoraria horas para o farmacógrafo se ajustar à fisiologia individual de Maxwell. Até lá, só eram possíveis manipulações químicas grosseiras. As alterações mais específicas só poderiam ser implementadas mais tarde, e as formas mais subtis levariam dias.

Alejandro estava no meu ouvido há uma semana. Os tremores do meu Parkinson

estavam ausentes há dois dias.

– Não me vou reformar, Sr. Maxwell, mas vou sair do meu gabinete. Vai dar-me um mais amplo, e um laboratório maior. E uma equipe. A Allegheny Bio-Tech vai começar a tratar muitos dos problemas deste mundo. E em compensação pelo seu apoio e compreensão, vou torná-lo mais rico do que alguma vez imaginou.

– Porquê? – Maxwell sorriu, os seus olhos cheios de lágrimas, o controle de Guillermo mantendo-o claramente perto do limite da euforia religiosa. – O que é que ganha com isso?

– Eu? Bem, Sr. Maxwell, eu passo a sentir-me novamente jovem. Forte e saudável como já não sou há anos. E com a sua generosa ajuda, espalharei esta sensação a todos os outros cidadãos geriátricos do país. A juventude já foi desperdiçada com os mais jovens demasiado tempo, e nós não continuaremos a ir silenciosamente para a reforma e para casas de repouso. E se tentar impedir-nos, bem, só teremos que o fazer parar. Percebeu?

DOIS AMIGOS – Guy de Maupassant



Paris estava bloqueada, faminta e arquejante. Tornavam-se muito raros os pardais sobre os telhados, e os esgotos se despovoavam. Comia-se o que se encontrava.

Passeando tristemente, por uma clara manhã de janeiro, ao longo do bulevar exterior, com as mãos nos bolsos da calça e o ventre vazio, de repente o Sr. Morissot, relojoeiro de profissão e chineleiro nas horas vagas, parou ante um colega, em quem reconheceu um amigo. Era o Sr. Sauvage, um conhecimento travado à beira da água.

Todos os domingos, antes da guerra, Morissot partia ao amanhecer, levando em uma das mãos uma vara de bambu e à s costas uma caixa de folha-de-flandres. Tomava o trem de Argenteuil, descia em Colombes, e depois caminhava a pé em direção à ilha Marante. Mal chegava a este lugar de seus sonhos, punha-se a pescar; pescava até á noite.

Todos os domingos encontrava ali um homenzinho atarracado e jovial, o Sr. Sauvage, merceeiro estabelecido na Rua de Nossa Senhora de Loreto, outro pescador fanático. Não raro passavam os dois a metade do dia lado a lado, com a linha na mão e os pés oscilando acima da corrente; e tomaram-se de amizade.

Em certos dias não trocavam uma palavra. Algumas vezes conversavam; mas entendiam-se admiravelmente sem dizer nada, pois tinham gostos semelhantes e sensações idênticas.

Na primavera, de manhã, pelas dez horas, quando o sol rejuvenescido fazia flutuar sobre o rio tranqüilo essa pequena barrela que corre com a água, e derramava no dorso dos dois obstinados pescadores um bom calor de estação recente, Morissot dizia por vezes ao seu vizinho:

– "Que doçura, hem?" - e o Sr. Sauvage respondia:

"Não conheço nada melhor." E isto lhes bastava para se compreenderem e se estimarem.

No Outono, ao fim do dia, quando o céu, ensangüentado pelo poente, lançava na

água imagens de nuvens escarlates, purpurejava o rio inteiro, inflamava o horizonte, tornava rubras como o fogo e dourava, entre os dois amigos, as árvores já tostadas, trementes de um frêmito de inverno, o Sr. Sauvage fitava Morissot, a sorrir, e exclamava: - "Que espetáculo!" E Morissot, maravilhado, respondia, sempre com os olhos no seu flutuador: - "Isso é melhor do que o bulevar, hem?"

Mal se reconheceram, apertaram-se as mãos energicamente, muito comovidos de se reencontrarem em circunstâncias tão diversas. O Sr. Sauvage, dando um suspiro, murmurou:

– Acontece cada uma!

Morissot, muito triste, gemeu:

– E que tempo! Hoje é o primeiro dia bonito do ano.

Com efeito, o céu estava inteiramente azul e repleto de luz.

Puseram-se a caminhar um ao lado do outro, meditativos e tristes. Morissot prosseguiu:

– E a pesca, bem? Que boa lembrança!

O Sr. Sauvage perguntou:

– Quando voltaremos a ela?

Entraram num pequeno café e tomaram juntos um absinto; depois, voltaram a passear pelas calçadas.

De súbito, Morissot se deteve:

– Mais um verde, não?

O Sr. Sauvage concordou:

– As suas ordens.

E entraram em outra casa de bebidas.

Ao sair, achavam-se muito atordoados, transtornados como pessoas em jejum cujo ventre está cheio de álcool. O tempo era doce. Uma brisa acariciante fazia-lhes cócegas no rosto.

O Sr. Sauvage, a quem o ar tépido acabava de embebedar, parou:

– E se a gente fosse lá?

– Lá, onde?

– A pesca.

– Mas onde?

– Ora essa! Em nossa ilha. Os postos avançados franceses ficam perto de Colombes. Eu conheço o Coronel Dumoulin; hão de nos deixar passar facilmente.

Morissot estremeceu de desejo:

– Muito bem. De acordo.

E separaram-se para apanhar os seus instrumentos.

Uma hora depois, caminhavam juntos no meio da estrada. Alcançaram, afinal, a casa de campo ocupada pelo coronel. Este sorriu do pedido dos dois homens, e anuiu à fantasia deles. Prosseguiram seu caminho, munidos de passaporte.

Não tardou que transpusessem os postos avançados, atravessassem Colombes abandonada, e se vissem à margem dos pequenos vinhais que descem para o Sena. Eram cerca de onze horas.

Em frente, a aldeia de Argenteuil parecia morta. As eminências do Orgemont e do Sannois dominavam toda a região. A grande planície que vai até Nanterre estava deserta, completamente deserta, com suas cerejeiras nuas e suas terras cinzentas.

O Sr. Sauvage, apontando os cimos com o dedo, murmurou:

– Os prussianos estão lá no alto!

E uma inquietação paralisava os dois amigos em face daquele ermo.

Os prussianos! Eles nunca tinham avistado nenhum, mas sentiam-nos ali desde meses atrás, ao redor de Paris, arruinando a França, pilhando, chacinando, esfomeando, invisíveis e todo-poderosos. E uma espécie de supersticioso terror somava-se ao ódio que tinham a esse povo desconhecido e vitorioso.

– E se encontrássemos alguns deles, hem? - disse Morissot, balbuciante.

O Sr. Sauvage respondeu, deixando transparecer, a despeito das circunstâncias, esse gosto parisiense do gracejo:

– A gente lhes oferecia uma fritada.

Porém hesitavam em se expor ao campo, intimados pelo silêncio de todo o

horizonte.

Por fim, o Sr. Sauvage decidiu-se:

– Vamos, a caminho! Mas com cautela.

E desceram a um vinhedo, curvados em dois, de rastros, valendo-se de moitas para se resguardarem, olhar inquieto, ouvido atento.

Faltava atravessar uma faixa de terra nua para ganharem a margem do rio. Puseram-se a correr; e, apenas atingiram a ribanceira, agacharam-se entre os caniços secos.

Morissot colou o rosto ao chão para escutar se andava gente pelos arredores. Não ouviu nada. Estavam sozinhos, inteiramente sozinhos.

Serenaram-se e começaram a pescar.

Diante deles, a abandonada ilha Marante ocultava-se à ribanceira oposta. A casinha do restaurante achava-se fechada, parecia desamparada desde anos.

O Sr. Sauvage pescou a primeira cavala. Morissot apanhou a segunda, e de momento a momento levantavam as linhas com um bichinho prateado a saltitar na extremidade do fio: verdadeira pesca milagrosa.

Introduziram delicadamente os peixes numa rede de malhas muito apertadas, mergulhada a seus pés. E uma alegria deliciosa os penetrava, essa alegria que nos domina ao reentrarmos no gozo de um prazer amado de que fomos privados durante muito tempo.

O bom sol destilava-lhes seu calor entre as espáduas; já não ouviam nada, já não pensavam em nada; ignoravam o resto do mundo: pescavam.

Súbito, porém, um ruído surdo, que parecia vir de sob a terra, fez tremer o solo. O canhão voltava a troar.

Morissot volveu a cabeça, e avistou acima da ribanceira, além, à esquerda, o grande perfil do Mont-Valérien, que trazia na frente um penacho branco, um vapor do pó que acabava de cuspir.

E logo um segundo jacto de fumaça partiu do cimo da fortaleza; e alguns instantes depois ribombou nova detonação.

Seguiram-se outras, e a cada instante a montanha golfava a sua exalação de morte, soprava os seus vapores leitosos, que se erguiam lentamente no céu calmo, formavam acima dela uma nuvem.

O Sr. Sauvage ergueu os ombros:

– Lá continuam eles.

Morissot, que via, com ânsia, submergir-se pouco a pouco a pluma do seu flutuador, foi repentinamente assaltado de uma cólera de homem plácido contra aqueles endemoninhados que se batiam assim, e resmungou:

– Ë preciso ser estúpido para matar deste jeito!

– São piores que animais - observou o Sr. Sauvage.

E Morissot, que acabava de pegar uma mugem:

– E dizer-se que será sempre assim, enquanto houver governos!

O Sr. Sauvage o deteve:

– A República não teria declarado guerra...

Morissot interrompeu-o:

– Com os reis, temos a guerra fora de portas; com a República, temos a guerra dentro de casa.

E pegaram tranqüilamente a discutir, ferindo os problemas políticos com uma razão sadia de homens mansos e limitados, acordes quanto a este ponto: nunca se teria liberdade. E o Mont-Valérien troava sem repouso, demolindo a balaços de artilharia casas francesas, triturando vidas, arrasando seres, aniquilando muitos sonhos, muitas esperadas alegrias, muitas felicidades prometidas, abrindo em corações de esposas, em corações de moças, em corações de mães, além, noutras terras, sofrimentos que não mais teriam fim.

– E a vida - declarou o Sr. Sauvage.

– Diga antes que é a morte - replicou Morissot a rir.

Mas estremeceram de espanto, sentindo claramente que alguém acabava de caminhar, atrás deles; e, voltando os olhos, avistaram às suas costas, em pé, quatro homens, quatro homenzarrões armados e barbudos, vestidos de libré como lacaios, e com bonés chatos, mantendo-os em frente na extremidade dos seus fuzis.

As duas linhas escaparam-se-lhes das mãos e começaram a descer o rio.

Em alguns segundos foram eles agarrados, presos, arrebatados, metidos numa

barca e transportados à ilha.

E atrás da casa que tinham julgado abandonada avistaram uns vinte soldados alemães.

Uma espécie de gigante peludo, que fumava, a cavalo sobre uma cadeira, um grande cachimbo de porcelana, perguntou-lhes, em excelente francês:

– Então, senhores, fizeram boa pesca?

Ai, um soldado depôs aos pés do oficial a rede cheia de peixes, que tivera o cuidado de trazer. O prussiano sorriu:

– Ah! ah! pelo que vejo, a coisa não ia mal. Mas o caso é outro. Escutem-me e não se perturbem. Para mim os senhores são dois espiões mandados para me espreitarem. Eu os prendo e fuzilo. Os senhores fingiam pescar para melhor dissimularem os seus propósitos. Caíram em minhas mãos, tanto pior para os senhores; é a guerra. Mas, como saíram pelos postos avançados, têm certamente uma palavra de ordem para entrar. Digam-me essa palavra de ordem, e eu lhes perdoarei.

Lívidos, um ao lado do outro, com as mãos agitadas por leve tremor nervoso, os dois amigos mantinham-se calados.

O oficial continuou:

– Ninguém o saberá nunca, os senhores voltarão calmamente. O segredo desaparecerá com os senhores. Se recusarem, morrerão, e imediatamente. Escolham.

Eles permaneceram imóveis, sem abrir a boca.

O prussiano, sempre calmo, prosseguiu, apontando para o no:

– Imaginem que em cinco minutos estarão no fundo daquela água. Em cinco minutos! Os senhores têm parentes, não?

O Mont-Valérien não cessava de atroar.

Os dois pescadores continuavam em pé, e silenciosos. O alemão deu ordens na sua língua. A seguir, mudou de lugar a cadeira, para não ficar muito perto dos prisioneiros; e doze homens se vieram colocar a vinte passos, de fuzil ao pé.

O oficial prosseguiu:

– Dou-lhes um minuto, nem dois segundos mais.

Depois, ergueu-se de supetão, aproximou-se dos dois franceses, segurou Morissot pelo braço, arrastou-o para mais longe, disse-lhe em voz baixa:

– Depressa, a palavra de ordem? Seu companheiro não saberá de coisa alguma; eu darei a impressão de ter ficado compadecido.

Morissot não respondeu nada.

Então o prussiano arrebatou o Sr. Sauvage e propôs-lhe a mesma coisa.

O Sr. Sauvage não respondeu.

Ficaram novamente os dois um ao lado do outro.

E o oficial entrou a dar voz de comando. Os soldados ergueram as armas.

Então o olhar de Morissot caiu, por acaso, sobre a rede cheia de cavalas, que ficara na grama, a alguns passos dele.

Um raio de sol fazia brilhar o monte de peixes, que ainda se agitavam. Sentiu invadi-lo um desfalecimento. Apesar dos seus esforços, os olhos se lhe encheram de lágrimas. Balbuciou:

– Adeus, Sr. Sauvage.

O Sr. Sauvage respondeu:

– Adeus, Sr. Morissot.

Apertaram-se as mãos, abalados da cabeça aos pés por invencíveis tremores.

O oficial gritou:

– Fogo!

Os doze tiros foram como um só.

O Sr. Sauvage caiu em cheio sobre o nariz. Morissot, mais alto, oscilou, girou e desabou sobre o companheiro, com o rosto para o céu, enquanto de sua túnica, crivada no peito, se escapavam borbotões de sangue.

O alemão deu novas ordens.

Seus homens se dispersaram, e voltaram depois com cordas e pedras, que ataram aos pés dos dois mortos; em seguida levaram-nos à ribanceira.

O Mont-Valérien não parava de ribombar, toucado, agora, de uma montanha de fumaça.

Dois soldados seguraram Morissot pela cabeça e pelas pernas; dois outros pegaram o Sr. Sauvage de modo idêntico. Os corpos, balançando com força por um instante, foram atirados ao longe, descreveram uma curva, depois mergulharam no rio, a prumo, arrastados pelas cordas.

A água esguichou, borbulhou, estremeceu, acalmou-se por fim, enquanto pequeninas vagas vinham até às margens.

Flutuava um pouco de sangue.

O oficial, sempre sereno, disse a meia voz:

– Agora é a vez dos peixes.

E tornou para casa.

De repente avistou na grama a rede com as cavalas. Apanhou-a, examinou-a, sorriu, gritou:

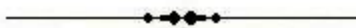
– Wilhelm!

Acorreu um soldado de avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou:

– Trate de me fritar quanto antes estes bichinhos, enquanto ainda estão vivos. Será uma delícia.

E voltou a fumar o seu cachimbo.

ÓLEO DE CÃO – Ambrose Bierce



Meu nome é Boffer Bings. Nasci de pais honestos, em um estilo de vida dos mais humildes. Meu pai era fabricante de óleo de cão, e minha mãe tinha, ao pé da igreja da vila, um pequeno gabinete, onde eliminava bebês indesejados. Já na minha infância aprendi os processos da indústria. Não apenas ajudava o meu pai procurando os cães para seu caldeirão, como também minha mãe me encarregava frequentemente da missão de me desfazer dos despojos de seu trabalho no gabinete. Para me desincumbir desse mister, às vezes precisei de toda minha natural inteligência, posto que todos os agentes da lei da vizinhança se opunham aos negócios de minha mãe. Já que os agentes não haviam sido eleitos pela oposição, o assunto nunca tinha injunções políticas: simplesmente faziam-no por fazer. Naturalmente, o trabalho de meu pai – fabricação de óleo de cão – era menos impopular, embora os proprietários dos cães desaparecidos o olhassem às vezes com desconfiança, o que, em certa medida, se refletia em mim. Como sócios, à escondida, tinha meu pai os médicos da cidade, que quase nunca aviavam uma receita sem que nela constasse ao que eles orgulhosamente designavam “Ol. can.”, o remédio mais valioso que já se houvera descoberto. Mas a maioria das pessoas não está disposta a fazer sacrifícios pessoais pelos aflitos, e era evidente que muitos dos cachorros mais gordos da cidade eram proibidos de brincar comigo. Isto feriu a minha sensibilidade juvenil e, certa feita, dirigiram-se a mim para fazer-me de pirata.

Olhando para trás, para aqueles dias, não posso, às vezes, evitar o arrependimento, pois, levando indiretamente os meus queridos pais à morte, fui o autor dos infortúnios que profundamente afetaram o meu futuro.

Certa noite, ao passar à frente da fábrica de meu pai, quando vinha do gabinete de minha mãe, trazendo um exposto, vi um guarda que parecia observar atentamente os meus movimentos. Embora bastante jovem, eu já aprendera que os guardas só acorriam aos fatos mais repreensíveis, de molde que dele me esquivei, enfiando-me na fábrica de azeite por uma porta lateral, que calhou de estar aberta. Travei a porta de uma vez e fiquei só com o meu morto. O meu pai já se recolhera. A única luz daquele lugar provinha do forno, que ardia

intensamente sob um dos caldeirões, espalhando uma profunda luz e lançando reflexos rubros nas paredes. No caldeirão, o óleo estava em indolente ebulição, empurrando, ocasionalmente, um pedaço de cão para a superfície. Fiquei a esperar que o guarda se retirasse. Mantive no meu colo o corpo nu da criancinha e lhe acariciei ternamente o cabelo curto e sedoso. Ah, como era bela! Já naquela tenra idade eu gostava muitíssimo das criancinhas e, ao contemplar aquele anjinho, quase desejei em meu coração que a pequena ferida vermelha de seu peito, obra de minha querida mãe, não fosse mortal.

O que eu pretendia, como de costume, era jogar a criança ao rio, que a natureza sabiamente nos legara para tal fim, mas, naquela noite, com medo do policial, não me atrevi a deixar a fábrica de azeite. “Afim – disse com os meus botões –, não acho que teria importância se eu vier a entorná-la no caldeirão. O meu pai nunca irá distinguir os seus ossos dos ossos de um cachorro. E as poucas mortes que pudessem resultar da administração de outro tipo de azeite, no lugar do incomparável 'Ol. can.', não serão percebidas em uma população que cresce tão rapidamente”. Em suma, dei o meu primeiro passo para o crime, o que me trouxe sofrimentos indizíveis, e entornei a criança no caldeirão.

No dia seguinte, para minha surpresa, meu pai, a esfregar as mãos de satisfação, informou a mim e à minha mãe que obtivera o óleo de qualidade nunca vista, e que este era o parecer dos médicos aos quais levava amostras. Ele acrescentou que não tinha ideia de como lograra tal resultado, pois tratara os cães como sempre o fizera, em todos os aspectos, e eram eles de uma raça comum. Considerei que era o meu dever lhes ofertar uma explicação e teria certamente contido o ímpeto de minha língua se pudesse prever as consequências. Os meus pais, lamentando a anterior ignorância sobre as vantagens de combinar os seus afazeres, adotaram medidas para reparar o erro. Minha mãe mudou o seu gabinete para uma ala do edifício da fábrica e as minhas tarefas com relação ao ofício cessaram. Já não mais precisavam de mim para que me desfizesse dos pequenos supérfluos e não remanescia a necessidade de atrair os cães à condenação, pois o meu pai renunciou completamente a eles, embora ainda ocupassem o honroso nome no azeite. Assim, subitamente atraído para o ócio, poder-se-ia esperar que eu me tornasse uma pessoa viciosa e dissoluta, mas não foi isso o que aconteceu. A santa influência de minha querida sempre recaía sobre mim, protegendo-me das tentações que assediam a juventude, e, além disso, meu pai era diácono de uma igreja. Ai de mim! Por culpa minha, estas estimáveis pessoas iriam evoluir a um fim tão cruel!

Ao experimentar um proveito duplo com os seus negócios, minha mãe se entregou ao mister com uma assiduidade nunca dantes vista. Não apenas se desfazia dos bebês indesejados que lhe eram entregues, como acorria às ruas e becos à procura de criancinhas maiores e mesmo adultos que lograva atrair à fábrica. Também meu pai, apaixonado pela melhor qualidade do óleo produzido, fornava os seus caldeirões com diligência e zelo. A conversão de seus vizinhos em óleo de cão tornou-se, em suma, a paixão de suas vidas. Uma ganância absorvente invadiu suas almas e ocupou o lugar da esperança que tinham de alcançar o paraíso, que, de sua feita, também os inspirava.

E se atiraram tão vivamente à empresa que uma reunião pública foi realizada, na qual adotaram-se resoluções que os censuravam severamente. Ele foi intimado pelo presidente: quaisquer incursões contra a população seriam recebidas com hostilidade. Meus pobres pais saíram da assembleia com o coração partido, desesperados e, creio eu, não completamente sãos. Considerei prudente, de toda forma, não entrar com eles na fábrica de óleo naquela noite e fui dormir lá fora, num estábulo.

Cerca de meia-noite, algum misterioso impulso ordenou que eu me levantasse e espreitasse pela janela do quarto do forno, onde eu sabia que meu pai já dormia. O fogo ardia em fulgores, como se esperasse por uma colheita abundante no dia seguinte. Um dos enormes caldeirões fervia devagar, dotado de um misterioso aspecto de auto-contenção, como se aguardasse o momento de transbordar a sua total energia. Mas meu pai não estava na cama. Levantara-se e estava com roupas de dormir. Fazia um nó numa corda vigorosa. Pelos olhares que dirigia à porta do quarto de minha mãe, deduzi perfeitamente o propósito que ele tinha em mente. Mudo e imóvel, cheio de terror, eu nada pude fazer em matéria de prevenção ou alerta. Subitamente, a porta do quarto de minha mãe se abriu sem fazer ruído e eles se defrontaram, ambos aparentemente surpresos. A senhora também estava de camisola, e levava, na mão direita, a sua ferramenta de trabalho: uma longa adaga de lâmina estreita.

Ela foi, igualmente, incapaz de negar-se ao lucro que a atitude hostil dos cidadãos e a minha ausência lhe permitiam. Por instantes, eles contemplaram mutuamente os olhos em chamas e, então, lançaram-se com indescritível fúria um contra o outro. Como demônios, lutaram pelo cômodo todo. Meu pai maldizia. Minha mãe gritava. Ela tentava cravar-lhe a adaga. Ele forçava por estrangulá-la com as grandes mãos. Não sei por quanto tempo tive a desgraça de observar este desagradável momento de infelicidade doméstica, mas, enfim,

depois de um esforço mais vigoroso que o ordinário, os adversários subitamente se separaram.

O peito de meu pai e a arma de minha mãe exibiam sinais de contato. Por instantes, olharam-se da forma mais hostil. Então meu pobre e ferido pai, sentido sobre si a mão da morte, saltou à frente e, fazendo pouco da resistência que a minha mãe oferecia, tomou-a nos braços, conduzindo-a ao caldeirão fervente. E, reunindo as suas últimas forças, saltou com ela! Em um momento, ambos tinham desaparecido e adicionavam seu óleo àquele do comitê dos cidadãos que os haviam convocado, no dia anterior, à reunião pública.

Convencido que estes funestos acontecimento obstruíam todos os caminhos para uma honrável carreira naquela cidade, abandonei-a em prol da famosa vila de Otumwee, onde escrevi estas memórias com o coração repleto de remorsos por um ato tão imprudente e que envolve um deveras catastrófico desastre comercial.

LILITH - Marcel Schwob



*Not a drop of her blood was human,
But she was made like a soft sweet woman*^[4].
Dante-Gabriel Rossetti.

Creio que ele a amou tanto quanto se pode amar uma mulher neste mundo; mas sua história foi mais triste que nenhuma. Ele havia estudado durante muito tempo Dante e Petrarca: as formas de Beatriz e Laura flutuavam diante de seus olhos, e os divinos versos, nos quais resplandece o nome de Francisca de Rímini, cantavam em seus ouvidos.

No primeiro ardor de sua juventude, havia amado apaixonadamente as virgens atormentadas de Correggio, cujos corpos, voluptuosamente enamorados do céu, têm olhos desejosos de bocas que palpitam e clamam dolorosamente pelo amor. Mais tarde, admirou o pálido esplendor humano das figuras de Rafael, o seu sorriso tranquilo e o seu contentamento virginal. Mas quando foi ele mesmo, tomou por mestre, assim como Dante, Brunetto Latini, e viveu em seu século, no qual os rostos rígidos têm a extraordinária beatitude dos paraísos misteriosos.

E, entre as mulheres, conheceu primeiro Jenny, que era nervosa e apaixonada, e cujos olhos eram adoradamente circundados por sombras, banhados por uma lânguida umidade e marcados por um olhar profundo. Ele era um amante triste e sonhador. Buscava a expressão da voluptuosidade com uma amargura entusiasmada. E quando Jenny, fatigada, caía no sono, sob os raios da manhã, ele espalhava guinéus brilhantes entre os seus cabelos ensolarados. Depois, contemplando suas pálpebras fechadas e seus longos cílios descansados, e sua fronte ingênua, que parecia ignorar o passado, perguntava-se, amargamente, recostado ao travesseiro, se ela preferia o ouro amarelo ao seu amor, e quais seriam os sonhos desilusionantes que perpassavam sob as paredes transparentes de sua carne.

Depois, imaginou as mulheres dos tempos supersticiosos, que enfeitiçavam seus amantes depois de terem sido por eles abandonadas. Escolheu Hélène, que mexia em uma frigideira de bronze a imagem de cera de seu pérfido prometido:

ele a amou, enquanto ela traspassava o seu coração com uma delgada agulha de aço. Deixou-a por Rose-Mary, cuja mãe, que era uma maga, lhe dera um globo cristalino de berilo, como penhor de sua pureza. Os espíritos do berilo zelavam por ela e a acalentavam com seus cantos. Mas quando ela se perdeu, o globo fez-se cor de opala, e ela, em seu furor, o destruiu com uma espada. Os espíritos do berilo fugiram, chorando, da pedra quebrada, e a alma de Rose-Mary voou com eles.

Então, amou Lilith, a primeira mulher de Adão, que não foi criada a partir do homem. Ela não foi, como Eva, feita de terra vermelha, mas de matéria não humana. Fizera-se semelhante à serpente, e foi ela quem induziu a serpente a tentar os demais. Pareceu-lhe que ela era mais verdadeiramente mulher – a primeira –, de sorte que foi a jovem do Norte a quem ele finalmente amou nesta vida, e com quem se casou, e lhe deu o nome de Lilith.

Mas era puro capricho de artista; ela parecia-se com as figuras pré-rafaelitas que ele fazia reviver em suas telas. Tinha os olhos da cor do céu, e seus longos cabelos eram resplandecentes como os de Berenice que, depois de ofertados aos deuses, ora se encontram dispersos no firmamento. Sua voz tinha o som suave das coisas que estão prestes a se quebrar; seus movimentos eram delicados como o roçar de plumas; e assumia tantas vezes a aparência de algo de outro mundo, que não este orbe inferior, que ele a olhava como se ela fosse uma aparição.

Para ela, ele escreveu sonetos sublimes, que contavam a história de seu amor, e os chamou de A casa da vida. Ele os havia copiado em um volume feito com páginas de pergaminho. A obra parecia um missal pacientemente ilustrado com iluminuras.

Lilith não viveu muito, pois não havia nascido para esta terra. E como os dois sabiam que Lilith estava morrendo, ela o consolou como pôde.

– Meu amor – disse-lhe ela –, dos portões dourados do céu, eu me inclinarei à tua presença. Terei comigo três lírios nas mãos e sete estrelas nos cabelos. Verte-ei do poente divino, que se estende sobre o éter. Tu virás até mim, e juntos iremos aos poços insondáveis de luz. E rogaremos a Deus para vivermos juntos eternamente, da mesma forma que nos amamos por um instante neste mundo.

Ele a viu morrendo enquanto pronunciava estas palavras, e imediatamente escreveu um poema magnífico, a joia mais bela com a qual jamais se adornou uma morta. Imaginou que ela o tinha abandonado há dez anos. E a via inclinada sobre os portões dourados do céu, até que eles amornassem à pressão de seu

seio, até que os lírios adormecessem em seus braços. Ela sussurrava as mesmas palavras. Depois, escutava por longo tempo e sorria: “Assim será quando ele vier”. E ele a via sorrir. Então ela estendia os braços ao longo dos portões, cobria a face com as mãos e chorava. Ele ouvia os seus prantos.

Esta foi a última poesia que ele escreveu no livro de Lilith. Selou-o para sempre com colchetes de ouro e, quebrando a pena, jurou que havia sido poeta somente para ela, e que Lilith levaria a sua glória ao túmulo. Os antigos reis bárbaros eram enterrados com seus tesouros e seus escravos preferidos. Degolavam as mulheres que amavam a céu aberto, e suas almas vinham beber do sangue vermelho.

O poeta que amara Lilith lhe fazia a oferenda da vida de sua vida, do sangue de seu sangue. Imolava a sua imortalidade terrestre e metia no ataúde a esperança dos tempos futuros. Ergueu os brilhantes cabelos de Lilith e colocou o manuscrito sob a sua cabeça. Por detrás da palidez de sua pele, ele via reluzir o marroquim vermelho e os colchetes dourados que encerravam a obra de sua existência.

Depois fugiu para longe da tumba, para longe de tudo o que havia sido humano, levando a imagem de Lilith no coração e os versos ressoando no cérebro. Viajou em busca de novas paisagens que lhe não lhe recordassem a amada. Pois queria conservar as lembranças por si mesmo, e não porque a visão de objetos indiferentes fizessem-na aparecer diante dos seus olhos. Não uma Lilith humana, tal como ela parecia ter sido numa forma efêmera, mas umas das eleitas, idealmente situada mais além do céu, aquela com quem ele iria unir-se algum dia.

Mas o ruído do mar recordava os prantos de Lilith, e ele ouvia a sua voz sob a profundidade dos bosques. E a andorinha, ao virar a sua cabeça negra, lembrava-lhe o gracioso movimento do pescoço de sua amada. E o disco da lua, decomposto nas águas escuras das lagoas nas clareiras, lançava sobre ele milhares de olhares dourados e arredios. De repente, uma corça, ao penetrar no mato, oprimiu-lhe o coração com uma lembrança. As brumas, que envolvem a floresta sob o resplendor azulado das estrelas, tomaram a forma humana e avançaram para ele, e as gotas d’água da chuva sobre as folhas mortas pareciam o ágil ruído dos dedos amados.

Fechou os olhos ante a natureza e, na sombra em que transitavam as imagens de

luz ensanguentada, viu Lilith tal qual como a havia amado – terrestre, não celeste; humana, não divina –, com um olhar mutante de paixão, que era alternadamente o olhar de Hélène, de Rose-Mary e de Jenny. E quando tentava imaginá-la inclinada sobre os portões de ouro dos céus, entre a harmonia das sete esferas, aquela aparição exprimia a saudade das coisas terrenas, a infelicidade por não mais amar. Então desejou ter os olhos sem pálpebras dos seres infernais para escapar de tão tristes alucinações.

Assim, ansiou por recuperar de alguma forma aquela imagem divina. E, apesar da promessa que a si mesmo fizera, tentou descrevê-la, mas a pena traiu os seus esforços. Seus versos choravam sobre Lilith, sobre o pálido corpo de Lilith, que a terra encerrava em seu seio. Então, lembrou-se – pois já eram passados dois anos – de que havia escrito maravilhosos poemas, nos quais o seu ideal resplandecia estranhamente. Estremeceu.

Quando veio, a ideia o dominou completamente. Ele era sobretudo poeta. Correggio, Rafael e os mestres pré-rafaelitas, Jenny, Hélène, Rose-Mary, Lilith foram apenas motivos de entusiasmo literário. Lilith também? Talvez. Mas Lilith não queria voltar a ele senão como uma terna e doce mulher terrena. Pensou em seus versos e recordou de alguns fragmentos que lhe pareceram belos. E se surpreendeu dizendo: “Havia ali bons poemas”. Voltou a sentir nos lábios a amargura da glória perdida. O homem de letras nele renasceu e o fez implacável.

Certa noite, ele se viu tremendo, perseguido por um cheiro tenaz que se lhe incrustara à roupa, com a umidade da terra nas mãos, com o ruído de madeira quebrada em seus ouvidos. E, diante dele, estava o livro, a obra de sua vida, que ele acabara de arrancar à morte. Havia-o furtado de Lilith. E desfalecia ao pensar nos cabelos desgarrados, nas suas mãos que tateavam em meio à podridão de quem havia amado, naquele marroquim que cheirava à morta, naquelas páginas, odiosamente úmidas, que deixavam escapar a glória com o cheiro da putrefação.

E quando sentiu ressurgir o ideal por um instante, quando acreditou ver de novo o sorriso de Lilith e beber de suas lágrimas ardentes, foi tomado pelo frenético desejo de glória. Enviou à publicação o manuscrito, com o sangrento remorso de um furto e de uma prostituição, e o doloroso sentimento de uma vaidade satisfeita. E abriu ao público seu coração, mostrou toda a sua angústia, arrastou diante dos olhos de todos o cadáver de Lilith e sua inútil imagem entre as eleitas. E nesse tesouro tismado por um sacrilégio, entres as canaletas das

frases, ressoava o rangido de um caixão.

O MORTAL IMORTAL – Mary Shelley



Dezesseis de julho de 1833. Este é um aniversário especial para mim, cumpro trezentos e vinte três anos!

O judeu errante? Decerto que não, por ele já passaram mais de oito séculos. Em comparação com ele sou um imortal muito jovem.

Serei imortal? Isso é o que me tenho perguntado dia e noite durante os últimos trezentos anos, e ainda não fui capaz de responder. Precisamente hoje descobri um cabelo branco entre meus fartos morenos, e isso certamente significa que começo a envelhecer. Ainda que também poderia já estar ali escondido durante trezentos anos, pois algumas pessoas têm o cabelo completamente branco antes de cumprir os vinte.

Vou contar a minha história; e logo, deixarei que os leitores julguem por mim. Assim, enquanto a conto, irão passando umas tantas horas desta longa eternidade que me está sendo tão insuportável. Para sempre! É isso possível? Viver para sempre! Tenho escutado sobre encantamentos em que as vítimas foram entregues a um profundo sono e despertaram cem anos depois, frescas como uma rosa. Ouvi falar, por exemplo, dos Santos dormentes e do feliz que foi o lendário Nourjahad. Ser imortal dessa maneira não seria cansativo porém, ai, que insuportável se faz o peso do tempo eterno, o lento passo das horas sucedendo-se sem fim! Mas sigo com meu relato.

Todo o mundo ouviu falar de Cornelius Agrippa. A sua memória é tão imortal como sou eu, por causa da sua sabedoria. Todo o mundo ouviu também falar daquele discípulo seu que, sem querer, invocou o Inimigo na ausência do mestre e foi destruído por ele. O relato deste acidente, verdadeiro ou falso, pôs em apuros o célebre filósofo. Abandonaram-no todos alunos seus, e os seus serventes desapareceram. Não tinha quem mantivesse o lume aceso enquanto dormia ou quem prestasse atenção às mudanças de cor das suas poções enquanto estudava. Um após outro, estragavam-se todos seus experimentos, já que duas mãos não bastavam para ter conta deles. Os espíritos das trevas riam-se dele por não conseguir reter um só mortal a seu serviço.

Eu era naquela época mais novo, muito pobre e estava muito apaixonado namorado. Fora discípulo de Cornelius durante um ano mais ou menos, porém estava ausente quando ocorreu o acidente. Quando regressei, os meus amigos pediram-me que não voltasse àquela casa. Tremia quando me contaram aquela arrepiante história e não esperei por um segundo aviso; assim que, quando Cornelius me veio oferecer uma bolsa de ouro para ficar sob seu teto, senti como se o próprio Satanás me estivesse a tentar. Estava arrepiado, batiam-me os dentes e sai correndo tão rápido quanto me permitiam as minhas debilitadas pernas.

Desfalecido, deixei que os meus passos me levassem ao lugar onde me dirigira cada serão dos dois últimos anos: a uma fonte da qual brotava suavemente uma água pura e limpa, perto da qual aguardava uma moça de cabelos mouros com olhos fixos no caminho pelo qual eu acabava de chegar. Não recordo o tempo em que não amava Bertha: fomos vizinhos e companheiros de jogos desde crianças; os seus pais, como os meus, eram de condição humilde porém honrados, e nosso amor era fonte de alegria para eles. Mas um funesto dia, uma febre maligna levou seu pai e sua mãe, e Bertha ficou órfã. O meu pai a acolheria de bom grado sob nosso teto, porém, desgraçadamente, a dona do castelo vizinho, rica, solitária e sem filhos, declarou a sua intenção de apadrinhá-la. Daí em diante, Bertha vestiria roupas de seda, moraria num palácio de mármore e todos a veriam como aquela a quem sorria a fortuna. Realmente, apesar da sua nova situação e os seus novos amigos, Bertha seguia fiel a seu amigo de tempos mais humildes. Visitava amiúde a casa do meu pai, e quando lhe proibiram ir ali, desviava-se para um caminho próximo para encontrar-se comigo na sombria a fonte.

Dizia amiúde que com a sua nova protetora não tinha um compromisso tão sagrado como o que a unia comigo. E como eu não era bastante rico para poder casar, ela começava a estar farta de viver atormentada por causa minha. Era orgulhosa porém também impaciente, e exasperava-se pelos obstáculos que impediam a nossa união. Ela estivera muito aflita enquanto eu estava fora, e agora lastimava-se com amargura e me reprovava por ser pobre. Respondi-lhe sem pensar: "Sou pobre porém honrado! Não te preocupes, quem sabe logo serei rico!"

Esta afirmação deixou-a cheia de perguntas. Tinha medo de assustá-la se lhe confessasse a verdade. Porém consegui que eu contasse; e então, com um olhar de desprezo, disse: "Diz que me ama, não obstante tem medo de enfrentar o diabo por mim!"

Assegurei-lhe que só temia ofendê-la, porém ela teimava que receberia uma magnífica recompensa. Assim, alentado e envergonhado por ela, cego pelo amor e pela esperança e rindo-me dos meus temores, voltei com passo rápido e coração ligeiro para aceitar a oferta do alquimista, quem me devolveu imediatamente o meu antigo posto.

Passou um ano e ganhei uma soma considerável de dinheiro. O costume espantou os meus temores. Ainda que estava à espreita em todo momento, nunca achei nenhuma pegada de bode na nossa casa, nem se viu nunca a tranqüilidade do nosso estudo perturbada por gritos demoníacos. Segui vendo Bertha às escondidas e a esperança renasceu em mim; esperança sim, mas não felicidade completa, pois que Bertha cuidava que a segurança era inimiga do amor e se comprazia-se fazendo-me elixir entre eles. Ainda que fiel, era bastante coquete e fazia-me adoecer de ciúmes. Desprezava-me de mil maneiras e nunca se desculpava, fazia-me gemer de raiva e logo obrigava-me a suplicar-lhe perdão. Às vezes, quando cuidava que não era submisso o bastante, inventava alguma história dum rival que era o preferido da sua protetora. Vivia rodeada de moços vestidos de seda, ricos e galantes, que oportunidade poderia ter o esfarrapento discípulo de Cornelius comparado com eles?

Numa ocasião, o filósofo tinha-me tão ocupado que não pude encontrar-me com ela tal como combináramos. Cornelius andava enredado em trabalho muito importante, e tive que ficar alimentando o forno e vigiando os preparados químicos dia e noite, enquanto Bertha esperava em vão na fonte. Era orgulhosa, e zangou-se muito por isso. Quando por fim pude escapar durante os escassos minutos que tinha para dormir, esperava que ela me confortasse; contudo, recebeu-me com indiferença e desprezo, e assegurou-me que não havia concedido sua mão a um homem que não fosse capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo por ela. Jurou que se vingaria, e decerto que o fez. Enquanto eu sofria em silêncio minha derrota, escutei dizer que ela estivera caçando acompanhada de Albert Hoffer. Hoffer era o preferido da sua protetora, e um dia passaram os três cavalgando diante de minha casa. Pareceu-me que mencionavam o meu nome, seguido duma risada burlesca, enquanto Bertha cravava os seus olhos escuros, cheios de desprezo, na minha velha casa.

Todo o veneno e o desassossego dos céus assolou meu coração. Primeiro derramei um rio de lágrimas pensando que nunca chegaria a ser minha, e logo reneguei da sua veleidade. Porém ainda assim tinha que seguir aticando o lume e vigiando as mudanças das ininteligíveis mezinhas do alquimista.

Cornelius levava três dias e três noites de vigília sem sequer cerrar olhos. As poções dos seus alambiques progrediam a um ritmo mais lento do que ele esperava. Apesar de sua preocupação, já não podia manter os olhos abertos; custava-lhe um tanto sacudir o sono que lhe cegava uma e outra vez os sentidos. Por fim, olhou melancólico os crisóis e murmurou: "Ainda não está pronto, terá que passar ainda outra noite antes de que a obra esteja pronta. Winzy, filho, tu que és arguto e leal e dormiste pela noite, vigia este vaso. Contém um líquido duma cor ligeiramente rosada; quando começar a mudar de tom, acorde-me, até então deixa-me fechar um pouco os olhos. Primeiro põe-se branco, e depois despende faíscas douradas; porém não esperes até que passe disso, quando a cor rosa começar a sumir, acorda-me". Estas últimas palavras, murmuradas enquanto adormecia, já quase não as escutei. Mas, nem sequer então se deixou dobrar pelas leis da natureza e seguiu dizendo: "Winzy, filho, não toques o vaso, não se te ocorra levá-lo aos lábios. É um filtro que cura o amor, e tu não queres deixar de amar a tua Bertha, não é? Pois muito cuidado com ele!"

Repousou a venerável testa no peito e caiu no sono, apenas se escutava a sua respiração. Observei o vaso durante uns minutos, porém o tom rosa do líquido não mudou. Então, a minha mente começou a vagar, vi-me na fonte, em lembrando cenas encantadoras que nunca haviam de voltar, nunca! Quando a palavra "nunca" começou a tomar forma nos meus lábios encheu-me o coração de veneno. Traidora!, traidora e cruel! Nunca tornaria a olhar como olhava Albert. Mulher detestável e odiosa! A coisa não podia ficar assim, como vingança havia de dar morte a Albert a seus pés... mataria a ela com minhas próprias mãos... Sorria triunfante e altiva, consciente da minha aflição e o seu poder. Mas, que poder tinha ela sobre mim? O poder de provocar minha ira, o meu desprezo mais absoluto, a minha... qualquer coisa menos indiferença! Se pudesse conseguir isso! Se pudesse olhá-la com olhos indiferentes e entregar-lhe esse amor não correspondido a outra mais pura e sincera, isso seria, sem dúvida, uma vitória!

De repente, um luz intensa cintilou ante meus olhos. Já me esquecera da poção do mestre. Contemplei-a com assombro: a superfície do líquido refulgia com beleza admirável, despedia umas faíscas mais brilhantes que as produzidas pelos raios de sol ao passar através de um diamante. Uma fragrância deliciosa embebeu meus sentidos, o vaso parecia uma bola luminosa e brilhante, fascinante para a vista e cativante para o olfato. A minha primeira reação, inspirada instintivamente pelos sentidos, foi: "quero beber! tenho que beber!" Levei o vaso aos lábios e murmurei: "Curara-me deste amor, desta tortura!" Quando o filósofo acordou, já eu engolira a metade do licor mais delicioso que

provou o paladar humano. Assustei-me e deixei cair o vaso, o líquido derramou cintilando pelo chão e começou a arder. Entretanto, senti como Cornelius me apertava a garganta berrando: "Desgraçado, destruístes o trabalho de toda a minha vida!"

Não se deu conta de que eu bebera parte da poção. Cria que pegara o vaso por curiosidade e que o deixara cair, assustado pelo resplendor e a intensa luz que desprendia; versão que eu admiti implicitamente. Nunca lhe contei a verdade. Apagamos o lume e o resto da poção foi-se esvaecendo, Cornelius recuperou a serenidade, como deve fazer todo filósofo ante as maiores adversidades, e deu-me permissão para descansar.

Seria inútil tentar descrever o sono celestial que elevou a minha alma ao paraíso do gozo durante as restantes horas daquela noite inesquecível. As palavras seriam simples representações banais da satisfação e da alegria que assolavam o meu coração quando despertei. Flutuava no ar, o meu pensamento vagava pelas nuvens. A terra parecia o céu, e o meu legado desse paraíso era viver num êxtase de gozo. "Isto é estar curado do amor", pensei. "Hoje irei visitar a Bertha e mostrar-me-ei frio e distante, demasiado feliz como para tratá-la com desprezo, porém completamente indiferente ante ela!"

As horas voavam e Cornelius, certo de que se o conseguira a primeira vez também o havia lograr uma segunda, começou de novo a elaborar a sua poção. Fechou-se com os livros e as ervas, e deu-me uns dias de descanso. Vesti-me cuidadosamente e olhei-me num escudo velho porém brilhante que me serviu de espelho; parecia que o meu aspecto melhorara extraordinariamente. com bom ânimo e rodeado de toda a beleza do céu e da terra, saí para fora dos limites da cidade. Fui ao castelo, chegando lá, dei-me conta de que era capaz de ver suas grandiosas torres com espírito leve, porque já estava curado do amor. Bertha viu-me ao longe quando subia pelo caminho, e não sei que repentina força despertou no seu peito que, ó verme, desceu a escada de mármore brincando com uma corça e começou a correr para mim. Mas também me viu a velha bruxa fidalga que se fazia chamar sua protetora e, na realidade, era a sua tirana; subia abafada e coxeando para o pórtico, enquanto um pagem, tão feio coma ela, lhe sustentava o vestido. Foi ele que deteve minha linda amiga dizendo: "Onde vais com tanta pressa, desvergonhada? Volta à tua gaiola, que fora revoam os falcões".

Podem apreciar como Bertha apertava as mãos, com olhos ainda voltados para mim. Como aborrecia a velha harpia que teimava em reprimir os nobres

impulsos da minha amada quando por fim começava a comover-se! Até então, eu sempre evitara defrontar-me com a senhora do castelo por respeito, porém naquele momento não reparei em considerações tão triviais. Já curara do amor e estava por cima de qualquer temor humano, assim apurei o passo e cheguei em seguida ao pórtico. Bertha estava preciosa! Brilhavam-lhe os olhos e ardiam de impaciência e raiva, estava mais garrida e encantadora que nunca, porém eu já não a amava Oh, não! Adorava!, Venerava! Idolatrava!

Aquele dia pressionara-a com mais insistência que nunca para que consentisse em casar de imediato com meu rival. Reprovava-lhe que lhe tivesse dado azos, e ameaçava-a com expulsá-la da casa envergonhada e desonrada. Ela, orgulhosa, rebelou-se contra a tal ameaça; mais, ao lembrar todos os desprezos que me fizera, e que, quiçá por isso, perdera o que agora considerava o seu único amigo, rompeu a chorar com raiva e remorsos. Nesse momento apareci. "Oh, Winzy!", exclamou. "Leva-me em seguida a cabana da teu pai. Renego todos os luxos desta suntuosa casa que não me trouxe mais que desgraças, leva-me de volta à pobreza e à felicidade!"

Colhi-a nos braços, extasiado. A velha ficou muda de raiva, e quando começou a proferir impropérios já estávamos longe, caminho da casa dos meus pais. A minha mãe recebeu com ternura e alegria a coitadinha refugiada, que acabava de escapar duma gaiola de ouro buscando a liberdade na singeleza; e o meu pai, que lhe queria coma a uma filha, deu-lhe as boas-vindas de todo coração. Foi um dia de júbilo, o meu coração pulava de alegria sem necessidade de nenhuma poção mágica.

Pouco depois daquele dia tão agitado casei com Bertha. Deixei de ser discípulo de Cornelius, porém segui sendo seu amigo. Sempre lhe estive agradecido por permitir, sem saber, tomar um gole daquele elixir divino que, em vez de curar-me do amor –triste cura!, um remédio cheio de saudade e dor contra uma coisa que hoje se assemelha a uma bênção– infundiu em mim a coragem e resolução necessárias para conquistar o inestimável tesouro que resultaria ser Bertha.

Com freqüência, recordo aquela época de embriaguez quase hipnótica. A beberagem de Cornelius não cumprira o cometido para o que ele afirmava que fora preparada, mas não há palavras que possam expressar os efeitos tão maravilhosos que produziu em mim. Ainda que o efeito se ia esvaecendo, durou muito tempo e encheu-me a vida de delícia. Às vezes, Bertha abraçava-se ao me ver tão alegre e entusiasmado, algo inusitado em mim já que antes era mais bem sério, mesmo tristonho. Agora, com meu novo caráter, ainda me queria mais, e

nas nossas vidas não havia lugar para a tristeza.

Uns cinco anos depois, Cornelius mandou-me chamar a seu leito de morte requerendo a minha presença imediata. Achei-o deitado no leito cunha febre altíssima; a faísca de vida que lhe restava brilhava-lhe no penetrante olhar, fixo num vaso de vidro que continha um líquido rosado.

— Notaste do insignificante que é a vontade humana? –disse com voz entrecortada e como para si. Pela segunda vez estão a ponto de ver-se cumpridas as minhas esperanças, e uma segunda vez me escapam. Vês essa poção? Lembra que há uns cinco anos preparei a mesma beberagem com mesmo resultado: daquela, como agora, esperava poder saciar a minha sede com elixir da imortalidade então, entregá-lo a ti e agora, já é tarde demais!

Falava com dificuldade e tinha que recostar-se contra a almofada. Mas não pude evitar dizer-lhe:

— Porém, venerado mestre, como pode um remédio contra o amor devolver-lhe a vida?

— Um remédio para o amor e para tudo: o Elixir da Imortalidade! Ai, se pudesse bebê-lo agora viveria para sempre! –disse, de maneira case ininteligível, enquanto que um vago sorriso lhe iluminava a cara.

E, dizendo isto, do vaso surgiu um resplendor dourado, e uma fragrância bem conhecida por mim espalhou-se no ar. Apesar de débil que estava, ergueu-se e estendeu o braço, a força parecia retornar a seu corpo como por arte de magia. A mim assustou um forte estalo, o elixir despendeu fagulhas e o vaso quebrou em mil cacos. Olhei para o filósofo: caíra de costas e tinha os olhos vidrados e as feições rígidas, estava morto!

Porém eu estava vivo e ia viver para sempre! Isso disse o desafortunado alquimista, e durante uns dias acreditei nas suas palavras. Recordava a felicidade embriagadora que me inundou depois de tomar aquele trago às escondidas. Passei a observar as mudanças que se produziram no meu corpo e na minha alma: a exultante elasticidade do primeiro e o eufórico entusiasmo da última. Examinei o meu rosto detalhadamente no espelho, e não notei que se tivesse produzido nenhuma mudança nas minhas feições durante os últimos cinco anos. Recordava a luminosa cor e o aroma daquela deliciosa bebida, dignos do poder que possuía. Portanto, eu era Imortal!

Uns dias mais tarde, eu mesmo ria da minha credulidade. O velho provérbio que diz que "ninguém é profeta na sua terra" resultou ser verdade tocante a mim e meu defunto mestre. Eu apreciava-o como pessoa e respeitava-o como mestre, porém a idéia de que pudesse ter algum poder sobre as forças das trevas parecia-me ridícula e ria-me do medo supersticioso com que o olhavam. Era um filósofo sábio, mas não conhecia outros espíritos que não fossem os recobertos de carne e osso. Os seus conhecimentos eram puramente humanos; e o saber humano, conseguiu convencer-me, nunca chegaria a dominar as leis da natureza até o ponto de poder encerrar a alma para sempre na sua morada carnal. Cornelius elaborara uma bebida que restabelecia o espírito, uma bebida mais embriagadora que vinho e mais doce e olorosa que nenhuma fruta, e que provavelmente tinha poderes medicinais: proporcionava alegria ao coração e vigor aos membros. Porém os seus efeitos acabariam desaparecendo, no meu corpo já começavam a minguar. Considerava-me um tipo afortunado porque o meu mestre me obsequiara com boa saúde e alegria e quiçá uma longa vida. Porém a minha boa fortuna acabava aí, a longevidade era bem diferente da imortalidade.

Segui abrigando esta crença durante muitos anos, ainda que às vezes me passava uma idéia pela cabeça: estava realmente equivocado o alquimista? Mas, em geral, seguia a crer que chegaria a minha hora como a qualquer cristão, talvez um pouco tarde porém, a uma idade normal. Mas não havia dúvida que tinha uma aparência extraordinariamente juvenil. As pessoas riam de minha vaidade por olhar-me no espelho com tanta frequência. Porém era tudo debalde, já que na minha frente não se via uma ruga; as madeixas, os olhos, tudo eu seguia tão jovem como aos vinte anos.

Estava desconcertado, olhava a mirrada beleza de Bertha, e parecia mais a minha mãe. Pouco a pouco, os vizinhos começaram a fazer comentários deste tipo e finalmente, descobri que me chamavam "o rapaz amigado". Mesmo Bertha começou a inquietar-se, tornou-se zelosa e irritável e, com o tempo, começou a fazer perguntas. Não tínhamos filhos, estávamos completamente sós; porém, assim como tudo, ao ir envelhecendo, o seu caráter leve e esperto acabou por aquietar-se, e a sua beleza começou a murchar. Contudo, eu apreciava-a como a amante que adorara na juventude e a esposa que conquistara com tanta dedicação.

A final, a situação tornou-se insuportável. Bertha tinha cinqüenta anos e eu vinte. Envergonhado, adotei costumes de velho: nos bailes já não me juntava com moços, ainda que o meu coração brincava com eles e tinha que conter os

pés para não dançar; fazia uma figura ridícula entre os homens maduros da vila. Porém as coisas já começaram a mudar antes de tudo isso. Rejeitavam-nos todos porque acreditavam que fizéramos, pelo menos eu, um pacto diabólico com algum dos supostos aliados do meu antigo mestre. De mim tinham medo e aborreciam, e a pobre Bertha, ainda que lhe tinham mágoa, abandonaram-na à sua sorte.

Que podíamos fazer? Ficar sentados a frente do lume vendo como a pobreza entrava na nossa casa, já que ninguém queria comprar os produtos da minha granja. Amiúde tinha que fazer vinte milhas de viagem para poder vendê-los em local onde não me conhecessem. Menos mal que tínhamos algo guardado por virem maus tempos.

Ficávamos sós, o moço avelhentado e a sua antiquada mulher sentados diante do fogo. Bertha seguia insistindo em saber a verdade, juntava tudo o que escutara sobre mim e tirava as suas próprias conclusões. Chegou a suplicar-me que desfizesse aquela magia. Tentou convencer-me de quanto mais formosas eram as cãs que meus cabelos castanhos, elogiava o respeito e a veneração que inspira a velhice, comparados com a escassa consideração que se tem com os jovens. Como podem imaginar que o desprezável dom da juventude e a beleza seria mais forte que ódio, o desprezo e a vergonha? Acabariam queimando-me por praticar magia negra, e a Bertha —a que não fora capaz de transmitir nem sequer uma pequena parte da minha boa fortuna— poderiam dilapidá-la por ser a minha cúmplice. Por último, chegou a insinuar que devia compartilhar meu segredo com ela para que pudesse gozar dos mesmos benefícios, se não queria que me denunciasse, e depois começou a chorar.

Vi-me tão encurralado que pensei que o melhor era dizer-lhe a verdade. contei com todo o tato que pude, e não lhe falei de imortalidade, senão duma longa vida, que era também o que melhor encaixava com a idéia que eu tinha do assunto. Quando rematei o relato, pus-me de pé e disse-lhe:

— E agora, Bertha, ainda queres denunciar o teu amante de juventude? Sei que não o farás, porém seria injusto que ui, a minha querida esposa, sofresse as conseqüências da minha má sorte e das artes malditas de Cornelius. Devo-me ir. A ti fica o bastante para viver; e, quando eu partir, voltarão os velhos amigos para dar-te uma mão. Ainda pareço novo e sou forte, posso trabalhar e ganhar o pão onde ninguém me conheça nem suspeite de mim. Amei-te de moço e ponho a Deus por testemunha de que não te abandonaria na velhice, se não fosse pela tua própria segurança e felicidade.

Vesti o casaco e dirigi-me à porta; porém em seguida senti que os braços de

Bertha rodeavam o meu pescoço e os seus lábios bicavam os meus. "Não, meu queridinho, meu Winzy", disse, "não te irás só, leva-me contigo; deixaremos este lugar e, como ti disseste, entre desconhecidos estaremos seguros e livres de qualquer suspeita. Ainda não sou tão velha para envergonhar-te. Seguramente há de desaparecer logo o feitiço e, por Deus, envelhecerás como deves. Por favor, não te vás sem mim!"

Abracei-a forte contra o meu peito e disse-lhe: "Não temas, não te deixarei, não o pensara nem por um momento. Seguirei sendo o teu maridinho fiel e cuidarei de ti até que Deus te chame a seu lado".

No dia seguinte preparamo-nos em segredo para a partida. Teríamos que renunciar a muitas coisas, era inevitável. Reunimos a soma de dinheiro necessária para manter-nos pelo menos enquanto Bertha vivesse e, sem dizer adeus a ninguém, deixamos nossa terra natal para refugiar-nos num lugar remoto do oeste de França.

Foi cruel afastar a pobre Bertha da sua vila natal e os seus amigos de juventude e levá-la a um país com outra língua e outros costumes. Para mim, a partida era algo sem demasiada importância devido ao segredo do meu insólito destino. Compadecia-me profundamente dela e alegrava-me comprovar que encontrava consolo para as suas desgraças em pequenas casualidades ridículas. Longe de todos os conhecidos, ela tentava ocultar a evidente diferença de idade que nos separava mediante milhares de truques femininos: punha carmim nos lábios, usava roupa juvenil e comportava-se coma uma mocinha. Não podia aborrecer-me com ela, não levava eu também uma máscara? Por que havia de discutir com ela se os seus truques não funcionavam tão bem como os meus? Uma tristeza infinita assolava o meu coração quando lembrava que essa era a minha Bertha, a que eu amara tão apaixonadamente, a que tanto me custara conquistar. Aquela garota de cabelos mouros e olhos escuros, com sorriso pícaro e cativador, que saltitava como uma corça, convertera-se nessa velha mexeriqueira e zelosa. Deveria venerar as suas cãs e rugas! Sabia que era o meu dever.

Porém esse tipo de decadência não era o que me aborrecia nela. A sua desconfiança não tinha limite. A sua principal ocupação era descobrir que, apesar da aparência externa, eu também estava a envelhecer. Creio que, no fundo, a pobre amava-me de verdade; mas nunca conheci uma mulher com forma tão opressiva de mostrar o seu carinho. Descobria rugas no meu rosto e debilidade no meu andar, enquanto eu brincava com vitalidade juvenil e parecia o mais novo dos moços do lugar. Nunca se me ocorreria falar a outra mulher;

porém, numa ocasião, ela, crendo que a beleza da vila me via com bons olhos, comprou-me uma peruca cinza. O tema habitual de conversação com suas amigas era que, ainda que parecesse tão novo, o meu corpo estava a deteriorar-se e o pior sintoma, afirmava, era essa aparente saúde. Dizia que a minha juventude era uma enfermidade e que devia estar preparado, se não para uma morte repentina e horrível, quando menos para despertar uma manhã com o cabelo todo branco, curvado e com todos os achaques da velhice. Deixava-a falar e amiúde mesmo corroborava as suas conjecturas, que concordavam com minhas eternas especulações sobre o meu estado. Até cheguei a tomar um sério ainda que doloroso interesse por escutar tudo o que o seu rápido engenho e a sua imaginação exaltada podiam discorrer sobre o tema.

Para que estender em mais detalhes? Ainda vivemos juntos muitos anos. Bertha ficou parálitica e prostrada numa cama. Cuidei dela como uma mãe cuidaria um filho. Com o tempo, tornou-se ainda mais raivosa e obsessiva, sempre cismando sobre quanto tempo eu ia sobreviver. Consola-me saber que cumpro escrupulosamente o meu dever para com ela. Foi a minha companhia na juventude e foi também na velhice e, afinal, quando enterrei o seu corpo, chorei desconsolado pela perda do único elo que realmente me unia a este mundo.

Desde então, quantas foram as minhas preocupações e pesares e que poucas e vãs as alegrias! Vou deixar a minha historia neste ponto, não paga a pena seguir. Um marinheiro sem temor nem compaixão, sacudido por um mar tormentoso; um viajante perdido num monte imenso, sem luzes nem estrelas que o guiem: isso é o que eu sou e estou mais perdido e desesperado que nenhum deles. Um barco próximo ou a luz d'alguma casa ao longe poderiam salvá-los, porém para mim não há outro farol que a esperança da morte.

Morte! misteriosa dama de escuro rosto que alentas os pobres mortais! Por que, entre todos eles, tivestes que me privar a mim do teu abraço protetor? Oh, a paz, o profundo silêncio da tumba! Se o meu cérebro se detivesse e o meu coração deixasse de sentir emoções que só variam em novas formas de tristeza!

Então, sou imortal? Volto com a primeira pergunta. Em primeiro lugar, não é mais provável que a poção não concedesse a vida eterna, senão uma longa vida? Isso é o que eu espero. Ademais, só tomei a metade da poção, não teria que bebê-la toda para completar o feitiço? Portanto, tomar a metade do Elixir da Imortalidade só suporia ser semi-imortal e assim, a minha eternidade ficaria truncada e invalidada.

Ora, de todo o modo, quem poderia saber quantos anos são a metade da

eternidade? Amiúde, trato de adivinhar segundo que regra se pode dividir o infinito. Às vezes imagino que me acho velho. já encontrei uma cã. Porém sou um tolo!! ainda me lamento? Sim, invade-me com frequência o medo da velhice e morte; e, ainda que aborreço a vida, quanto mais vivo mais me aterra a morte. Ai, o ser humano é um mistério! Nascemos para perecer e teimamos em lutar, como faço eu, contra as leis que regem a nossa natureza.

Maldita contradição, estou certo de que algum dia hei morrer. A poção do alquimista não poderá mais que o fogo, uma espada ou as profundas águas dum rio. Já me tenho visto mais duma vez nas azuis profundidades de um plácido lago ou nos tumultos rápidos dum imenso rio, pensando que a paz reside nas suas águas. Porém, assim mesmo, sempre dei volta para seguir vivendo outro dia mais. Pergunto eu se o suicídio será um pecado para alguém que não tem outra forma de cruzar as portas do outro mundo. Fiz de tudo, exceto apresentar-me voluntário para o exército ou um duelo, porque desta maneira não só destruiria a mim mesmo, não, senão também outros mortais, por isso dei para trás. Os mortais não são os meus iguais. A inesgotável força vital que habita o meu corpo e a sua existência efêmera nos faz tão opostos como os pólos. Por isso, eu não seria quem ergueria uma mão nem contra o mais débil nem o mais forte deles.

Assim vivi durante todos estes anos, só e aborrecido de mim mesmo, desejando morrer porém ainda vivo: um mortal imortal. não tenho ambições nem sou cobiçoso, e esse ardente amor que me rói o coração –esse que não voltará nunca, porque nunca encontrei um igual a quem possa entregá-lo– perdura só para atormentar-me.

Precisamente hoje, ideei um projeto com o qual poderei acabar com tudo sem ter que suicidar-me nem fazer doutro homem um Caim: uma expedição a que nenhum mortal, nem sequer alguém novo e forte como eu, havia sobreviver. Desta maneira, porei à prova a minha imortalidade e descansarei para sempre ou voltarei para converter-me num prodígio da natureza e um benfeitor da humanidade.

Mais antes de partir, a vaidade levou-me a escrever estas páginas. Não quero morrer sem deixar pegada. Já passaram três séculos desde o funesto dia em que bebi aquela poção e não há de passar outro ano antes de que, enfrentando enormes perigos, lutando contra as forças do céu no seu próprio terreno, açoitado pelo temporal, a fome e a fadiga, abandone a ação da chuva e o vento este corpo que se converteu numa gaiola demasiado resistente para uma alma

tão sedenta de liberdade. Porém se sobrevivo, o meu nome será lembrado como um dos mais célebres entre os mortais. E, daquela, hei empregar métodos mais contundentes para dispersar e aniquilar todos os átomos que compõem o meu corpo e liberar a vida encadeada dentro, a que tão cruelmente se lhe impediu ascender deste mundo de trevas a uma esfera mais adequada á sua essência imortal.

AO ENCONTRO DAS ESTRELAS – por Lawrence Schimel e Mark A. Garland

— Consegues acreditar como isto é tão escuro? — perguntou Jerina, com a mão em frente do rosto e incapaz de a ver. — Isto é mesmo incrível.

— Chh. — sibilou Mitchell. Olhou deslumbrado para cima, para as estrelas dispostas no interior do teto em forma de abóbada, mesmo já tendo visto a exposição umas cem vezes.

Jerina murmurou qualquer coisa mas Mitchell não lhe estava a prestar atenção. Estava a tentar ouvir o áudio-guia.

— ... um exemplo do que acontecia todos os dias antes da esfera de Dyson ser construída. Normalmente com uma duração entre seis e doze horas na maioria dos locais da velha Terra, existiam alguns pontos onde a noite durava seis meses inteiros, seguidos por um período igual de dia. Como a maioria de vocês está a aprender esta semana, a esfera de Dyson foi construída para aproveitar toda a energia solar, a maioria da qual estava a escapar para o Espaço. Devido à rotação da velha Terra, a energia solar só podia ser utilizada por um limitado período de tempo em cada dia. As pessoas foram forçadas a recorrer a outras formas, perigosas, de energia, como a fusão nuclear. Se seguirem agora o guia até à próxima sala, irão ver exemplos de maquinaria usada na velha Terra para captar energia.

As luzes foram ligadas e as estrelas desapareceram. Mitchell continuou a olhar para o teto, como se as estrelas ainda lá estivessem, mas mais difíceis de ver com as luzes ligadas.

— Quem me dera poder vê-las na realidade. — disse em voz alta.

— Não, não queres isso! — ripostou Jerina, franzindo o cenho. — Essa seria a última coisa que verias, e sabes disso. Além do mais, mesmo que não te arrastassem, as estrelas verdadeiras estão tão distantes que seria o mesmo como olhar para estas. E de qualquer forma, irias gelar até à morte na escuridão, porque não haveria nenhuma luz solar. — Ela abanou a cabeça. — Agora vem. Não quero perder a exposição nuclear. Ouvi dizer que os hologramas de Chernobyl são espetaculares.

Ele encolheu os ombros. Era do conhecimento geral que se uma pessoa se aventurasse para fora da esfera de Dyson (o que ninguém era capaz) e se encontrasse frente a frente com as estrelas (o que nunca acontecia) a tração das estrelas iria arrastá-lo até cair, indefeso, cair para todo o sempre. Todos, até o

pai de Mitchell, diziam que a tração era forte o suficiente para quebrar um cabo de aço num instante, ou superar os motores mais fortes, após pouco tempo. Que Mitchell soubesse, nunca ninguém se aventurara para o exterior da esfera de Dyson em dois mil anos; pelo menos ninguém que tivesse vivido para o contar. Ainda assim, Mitchell tinha a certeza de que algo não batia certo nesta ideia, apesar de conseguir sentir uma quase tangível tração das “falsas” estrelas projetadas no teto abobado do Instituto.

Só podia imaginar o que as verdadeiras estrelas lhe fariam. A força, pensou, devia ser incrível! Apesar disso, ainda havia questões por responder...

Foi atrás de Jerina. Ela nunca participara no circuito antes; ele praticamente crescera aqui. O seu pai era o administrador sénior do Instituto. Mitchell vira imensas coisas, tanto no interior como no exterior do instituto, usando em segredo os códigos do pai – coisas que um rapaz da sua idade não era suposto ver.

E ele sabia de lugares, lugares que tinha a certeza ninguém ser suposto descobrir. Lugares que tornavam algumas das suas interrogações ainda maiores.

Ainda não era amigo de Jerina há tempo suficiente para a levar a esses lugares secretos. Pelo menos, ainda não. Mas quanto mais tempo passava com ela, mais começava a ficar convencido de que talvez ela tivesse razão. Ela tinha as suas próprias ideias sobre imensas coisas, da mesma forma que ele, e algumas das suas ideias eram boas.

A visita prosseguiu para as exposições espaciais, que eram a parte favorita de Mitchell. Jerina e as outras crianças olhavam com grande admiração para os hologramas, a mostrarem como todos os planetas e luas no Sistema Solar tinham sido combinados de modo a construir a esfera de Dyson. Mitchell observou as naves espaciais a construírem a esfera, observou homens e mulheres em fatos espaciais a realizarem o trabalho.

— Alguma vez houve missões destinadas a outras estrelas? — perguntou Mitchell, como normalmente perguntava, porque nunca estava satisfeito com as respostas.

— Não. — respondeu o guia, a mesma resposta que o pai de Mitchell lhe dava sempre. — Enviámos sondas a todas as estrelas vizinhas, e não existe vida, certamente nada que valha a pena arriscarmos vidas e recursos para ver. É aqui que pertence a raça humana, a salvo da loucura, e do frio e vazio das profundezas do Espaço.

— Mas porque razão as pessoas que construíram a esfera não foram arrastadas

pela tração das estrelas? — perguntou Mitchell, mais uma vez. — E as naves espaciais que usaram, e as sondas?

— Muitas foram, de facto. — respondeu o guia. — Mas a tração é muito mais forte agora do que era há mil anos. Atualmente, ninguém conseguiria sobreviver a tal tentativa.

A visita-guiada prosseguiu para a sala dos Artefatos, onde eram guardadas centenas de antiguidades, incluindo seções inteiras de artefatos espaciais, e ferramentas e equipamento utilizados para construir a esfera. Até havia um simulador dos alojamentos de uma estação espacial. E num expositor de vidro no canto da sala, não pela primeira vez, Mitchell deixou-se ficar para trás, onde uma fila de fatos espaciais brancos e perfeitamente preservados estavam pendurados.

Mitchell ficou a observá-los por um longo tempo, e a um fato em particular, com o qual estava bastante familiarizado.

— Ei! — chamou-o Jerina, à espera dele. — Vais-me fazer perder o resto!

— Talvez. — disse Mitchell. — E daí, talvez não.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Jerina.

Há anos que pensava nisso; com os códigos do pai podia entrar no instituto quando quisesse. Mas sempre fora demasiado jovem, demasiado pequeno, demasiado amedrontado. Sempre... E precisava da pessoa certa, para ajudar.

— Quero dizer, — disse Mitchell, — que talvez regressemos.

Às 22h as janelas do seu quarto tornaram-se subitamente opacas, lançando o quarto na escuridão. Mitchell deitou-se de lado e olhou para a janela escurecida. Se estivesse a viver na velha Terra, pensou, veria da janela as estrelas à noite. Se agora abrisse a janela, ou saísse para o exterior e olhasse para o céu, tudo o que veria seria o Sol a brilhar, e a curva da esfera de Dyson a rodeá-lo.

Tentou imaginar de novo como teria sido na velha Terra, viver num planeta, em vez de numa concha como vivia agora, a orbitar o Sol. O ano estaria dividido em estações, cada uma delas única. Tudo estaria num estado de variações constantes. Até os próprios dias não seriam iguais; na velha Terra a escuridão desceria maravilhosamente cada noite, enquanto uma pessoa ainda estivesse no exterior! E à medida que o Sol desaparecesse do céu, surgiriam as estrelas...

Mitchell trouxera vídeos sobre pores-do-Sol da biblioteca da escola, mas ainda

não era capaz de imaginar a possibilidade de não existir um sol de todo. Nos vídeos, parecia que o Sol tinha caído do céu! Mitchell sabia que a velha Terra tinha orbitado o Sol, mas por causa da rotação do planeta parecera que o Sol revolia em torno das pessoas em vez do inverso. Ele queria experimentar essa sensação, ver o Sol a mover-se no céu, em vez de estar sempre num lugar fixo diretamente por cima das cabeças; ou deixar-se envolver pela serenidade do crepúsculo, quando o céu se encontrava equilibrado entre o dia e a noite. E a Lua! Oh, ter uma lua como essa ao alto, no céu. Mitchell apenas desejava...

Rolou na cama e fitou a escuridão do seu quarto, de costas para a janela. Não conseguia acabar o pensamento, o sentimento era demasiado forte. Conseguiria senti-las ao caminhar na esfera de Dyson, pensou, aquelas áreas que eram feitas de pedaços da Lua? Ele viveria num desses lugares, se pudesse, o mais próximo possível da Lua que conseguisse, depois de ter sido destruída em pedaços para fabricar o escudo da esfera de Dyson.

Viver numa dessas áreas torná-lo-ia o homem da Lua? Os hologramas tinham explicado como as pessoas por vezes pensavam que as crateras na superfície da Lua se assemelhavam a um rosto. E crianças acreditavam que a Lua era feita de queijo. Uma enorme bola de queijo verde! Será que pensaram que tinha sido posta em órbita para mantê-la fresca, onde o Espaço atuaria como um frigorífico gigante hermeticamente selado?

Afinal de contas, as pessoas na velha terra tinham julgado em tempos que se uma pessoa navegasse sufi cientemente longe no mar, iria eventualmente cair pela borda! Por vezes também diziam que a lua era azul, quando se apresentava sempre com um branco pérola brilhante. Parece que as cores na velha Terra não tinham nada a ver com a realidade.

A não ser que a Lua tivesse realmente tido essas cores no passado, antes dos hologramas terem sido feitos... Não havia forma de ele descobrir, assim como não havia forma de saber qual a sensação de ver as estrelas, na realidade, ou o quão forte tinha sido a antiga tração. Afinal de contas, uma pessoa tinha que descobrir primeiro um caminho para fora da esfera, e toda a gente sabia que todas as escotilhas tinham sido seladas há séculos.

E depois tinha que se descobrir uma forma de uma pessoa se manter viva no Espaço o tempo suficiente para dar uma vista de olhos. E toda a gente sabia que isso também era impossível...

Mas isto trouxe-o de volta às suas interrogações. Mitchell já experimentara o fato espacial, carregando-o com energia e fluidos e oxigénio selecionados das reservas do laboratório da sua escola. Até construía um pequeno receptor que

operava na frequência de rádio do fato.

E tinha a certeza que alguns dos locais secretos onde ultimamente estivera eram locais onde ninguém se aventurava há séculos...Mas ele encontrara ali outra coisa que ainda funcionava...

Mitchell só precisava de mais uma coisa: ajuda. Não tinha a certeza que Jerina iria alinhar no seu plano, ou se podia confiar nela acerca deste assunto, mas ao fechar os olhos e tentar dormir, decidiu que valia a pena a tentar.

— És doido! — disse Jerina a Mitchell, de olhar horrorizado, embora no seu rosto tivesse cintilado um genuíno interesse. — Serás arrastado pela tração. Todos sabem isso, exceto tu. Estás a pedir a minha ajuda para te matares!

— Olha — disse Mitchell, esforçando-se para se explicar. — Supostamente, não existe nenhuma forma de sobreviver no exterior, mas o fato espacial funciona, eu sei que sim. E não é suposto existirem mais escotilhas ativas, mas eu encontrei uma! E de acordo com as consolas do computador, ainda lhe resta energia. Supostamente já ninguém mais deseja sair para o exterior, mas já observei o meu pai no Instituto, sozinho, a observar as estrelas no teto. Vi a expressão no seu rosto. Penso que ele também se interroga, por vezes.

Jerina fez um esgar com a boca, mas não pôde deixar de se interessar. — E então?

— Por isso, talvez a parte sobre a tração das estrelas não seja realmente verdadeira. Talvez não seja mais forte do que era quando construíram a esfera de Dyson. Talvez não seja forte de todo! Tudo o que sei é que preciso de descobrir a verdade. E preciso que tu me ajudes.

Jerina parecia assustada, mas não tanto quanto Mitchell julgara que fosse estar. E o brilho nos seus olhos definitivamente aumentava.

— Eu não tenho que sair para o exterior também, pois não? — perguntou.

— Não. — disse ele. — Tens apenas que pôr a escotilha a trabalhar.

— As estrelas ir-te-ão arrastar para longe, para a tua morte, — disse Jerina. — e depois o teu pai e o meu pai irão ambos matar-me!

Mitchell limitou-se a fitá-la de frente.

— Talvez. — disse ele. — Mas quando ele descobrir que andei a usar os seus códigos, vai-me matar à mesma. A única coisa com que tens que te preocupar é a série de problemas em que isto te pode envolver.

— Eu sei. — disse Jerina calmamente.

Mitchell desviou o olhar.

— Então, vais ajudar-me?

— Está bem. — disse-lhe ela, mostrando o início de um sorriso. — Eu ajudo-te.

O fato funcionava na perfeição, da mesma forma que quando o testara há poucas semanas. Ainda era um pouco baixo demais, e mal tinha a força suficiente para movimentar as juntas de metal, mas era capaz de mover os braços o suficiente para operar os controlos externos, e conseguia ver através do visor, ainda que por pouco. Ele criara um cabo de aço, uma linha de fibra de carbono que tinha a certeza ser cem vezes mais forte do que tudo o que fora usado na altura em que a esfera fora construída.

Enganchou-o ao fato, e depois experimentou o rádio.

— Inicia a sequência. — disse ele, virando-se o suficiente para poder ver Jerina. Ela encontrava-se na consola de controle da escotilha, nervosa e à espera.

Tinham diminuído as luzes da sala ao mínimo, de modo a que não pudesse ser detectado um aumento no consumo de energia até porem realmente a escotilha a trabalhar. Depois disso, não havia muito que alguém pudesse fazer. Até ele regressar para o interior, assumindo que ele regressaria...

Jerina carregou em vários botões do console, até que lentamente se abriu uma parede inteira do pequeno compartimento, revelando um corredor longo e vazio.

— Ok. — disse Mitchell. — Vou entrar. — Moveu-se com dificuldade para a frente, balançando-se no enorme fato volumoso, a lutar contra o peso que o ameaçava derrubar. — Agora. — disse ele.

Virou-se e viu Jerina a carregar noutro botão, depois a porta fechou-se de novo e estava completamente sozinho.

— Consegues ainda ouvir-me? — perguntou.

Houve silêncio, até que por fim a voz de Jerina inundou os seus ouvidos. — Sim.

Mitchell olhou para o fundo do corredor fracamente iluminado, onde a porta exterior começara a abrir-se, da direita para a esquerda.

— Está a funcionar. — gritou, ansioso e a tremer. — Está tudo a funcionar.

Mitchell correu para a frente em direção à parede, tateando por algo a que

pudesse prender o cabo. A parede era totalmente lisa. A porta abriu-se cada vez mais, até desaparecer por completo. Foi substituída por uma visão de negro total e estrelas genuínas e incontáveis. Mitchell deu por si a flutuar à deriva, lentamente e em direção ao Espaço, e não havia nada que pudesse fazer para o travar.

À medida que flutuava livre da esfera de Dyson em direção ao vazio, Mitchell torcia a cabeça de um lado para o outro em desespero, à procura de uma pega. Uma fila de anéis de metal do tamanho de um punho encontrava-se alinhada na superfície exterior ao lado da abertura.

Mitchell esticou-se com o gancho do cabo e tentou alcançar o anel mais próximo, mas falhou.

Tentou de novo, esticou-se, tentando mover-se, mesmo não havendo nada contra o que pudesse fazer força agora. Desta vez, o gancho ficou preso.

Mitchell observou o cabo a desenrolar-se cerca de quarenta metros, e viu pelo canto do visor do fato a linha a esticar-se. Susteve a respiração e preparou-se, esperando que o cabo cedesse, e que as estrelas o arrastassem com uma sucção a que nem os melhores materiais poderiam resistir. Esperou, suspenso acima da infinidade na ponta do cabo, e nada aconteceu.

— Está tudo bem. — disse ele a Jerina. — O cabo continua firme. — Ouviu-a a dar um grande suspiro de alívio e então virou a sua atenção para as estrelas.

Bilhões delas. Ainda mais do que nas imagens no teto do Instituto. E brilhantes, enchendo o universo com uma luz branca cintilante, forte e clara como incontáveis lasers, e no entanto suave, delicada como o tempo.

Então sentiu a tração. Sentiu-a a crescer mais forte, mais forte do que alguma vez poderia ter imaginado. Forte o suficiente, sabia agora, para romper os melhores cabos, ultrapassar os maiores obstáculos, para finalmente quebrar quaisquer laços que um ser humano pudesse alguma vez conhecer, ou sequer imaginar...

— Do que estás a falar? — disse Jerina, com o pânico evidente na voz. — O que está a acontecer? — Apercebeu-se de que falara em voz alta, dizendo tudo o que estava a pensar.

— A tração, — explicou, — é real. Mas as estrelas não me estão a puxar do exterior, estão a puxar por mim no interior, dentro da minha mente, dentro de cada parte de mim.

— Estás a falar como um maluco agora. — disse Jerina. — Estás bem?

— Não, não estou. — disse Mitchell. — Mas não é nada de preocupante.

— Não vais regressar? — instou-o Jerina.

— Sim, — respondeu Mitchell, — mas apenas por uns instantes. Jerina, quero que tu experimentes.

Ouviu a respiração ofegante de Jerina.

— Disseste que eu não teria que o fazer!

Mitchell limitou-se a sorrir, e a iniciar o caminho de volta.

AO ENCONTRO DAS ESTRELAS – por Lawrence Schimel e Mark A. Garland

— Consegues acreditar como isto é tão escuro? — perguntou Jerina, com a mão em frente do rosto e incapaz de a ver. — Isto é mesmo incrível.

— Shh. — sibilou Mitchell. Olhou deslumbrado para cima, para as estrelas dispostas no interior do teto em forma de abóbada, mesmo já tendo visto a exposição umas cem vezes.

Jerina murmurou qualquer coisa mas Mitchell não lhe estava a prestar atenção. Estava a tentar ouvir o áudio-guia.

— ... um exemplo do que acontecia todos os dias antes da esfera de Dyson ser construída. Normalmente com uma duração entre seis e doze horas na maioria dos locais da velha Terra, existiam alguns pontos onde a noite durava seis meses inteiros, seguidos por um período igual de dia. Como a maioria de vocês está a aprender esta semana, a esfera de Dyson foi construída para aproveitar toda a energia solar, a maioria da qual estava a escapar para o Espaço. Devido à rotação da velha Terra, a energia solar só podia ser utilizada por um limitado período de tempo em cada dia. As pessoas foram forçadas a recorrer a outras formas, perigosas, de energia, como a fusão nuclear. Se seguirem agora o guia até à próxima sala, irão ver exemplos de maquinaria usada na velha Terra para captar energia.

As luzes foram ligadas e as estrelas desapareceram. Mitchell continuou a olhar para o teto, como se as estrelas ainda lá estivessem, mas mais difíceis de ver com as luzes ligadas.

— Quem me dera poder vê-las na realidade. — disse em voz alta.

— Não, não queres isso! — ripostou Jerina, franzindo o cenho. — Essa seria a última coisa que verias, e sabes disso. Além do mais, mesmo que não te arrastassem, as estrelas verdadeiras estão tão distantes que seria o mesmo como olhar para estas. E de qualquer forma, irias gelar até à morte na escuridão, porque não haveria nenhuma luz solar. — Ela abanou a cabeça. — Agora vem.

Não quero perder a exposição nuclear. Ouvi dizer que os hologramas de Chernobyl são espetaculares.

Ele encolheu os ombros. Era do conhecimento geral que se uma pessoa se aventurasse para fora da esfera de Dyson (o que ninguém era capaz) e se encontrasse frente a frente com as estrelas (o que nunca acontecia) a tração das estrelas iria arrastá-lo até cair, indefeso, cair para todo o sempre. Todos, até o pai de Mitchell, diziam que a tração era forte o suficiente para quebrar um cabo de aço num instante, ou superar os motores mais fortes, após pouco tempo. Que Mitchell soubesse, nunca ninguém se aventurara para o exterior da esfera de Dyson em dois mil anos; pelo menos ninguém que tivesse vivido para o contar. Ainda assim, Mitchell tinha a certeza de que algo não batia certo nesta ideia, apesar de conseguir sentir uma quase tangível tração das “falsas” estrelas projetadas no teto abobado do Instituto.

Só podia imaginar o que as verdadeiras estrelas lhe fariam. A força, pensou, devia ser incrível! Apesar disso, ainda havia questões por responder...

Foi atrás de Jerina. Ela nunca participara no circuito antes; ele praticamente crescera aqui. O seu pai era o administrador sénior do Instituto. Mitchell vira imensas coisas, tanto no interior como no exterior do instituto, usando em segredo os códigos do pai – coisas que um rapaz da sua idade não era suposto ver.

E ele sabia de lugares, lugares que tinha a certeza ninguém ser suposto descobrir. Lugares que tornavam algumas das suas interrogações ainda maiores.

Ainda não era amigo de Jerina há tempo suficiente para a levar a esses lugares secretos. Pelo menos, ainda não. Mas quanto mais tempo passava com ela, mais começava a ficar convencido de que talvez ela tivesse razão. Ela tinha as suas próprias ideias sobre imensas coisas, da mesma forma que ele, e algumas das suas ideias eram boas.

A visita prosseguiu para as exposições espaciais, que eram a parte favorita de Mitchell. Jerina e as outras crianças olhavam com grande admiração para os hologramas, a mostrarem como todos os planetas e luas no Sistema Solar tinham sido combinados de modo a construir a esfera de Dyson. Mitchell observou as naves espaciais a construírem a esfera, observou homens e mulheres em fatos espaciais a realizarem o trabalho.

— Alguma vez houve missões destinadas a outras estrelas? — perguntou Mitchell, como normalmente perguntava, porque nunca estava satisfeito com as respostas.

— Não. — respondeu o guia, a mesma resposta que o pai de Mitchell lhe dava sempre. — Enviámos sondas a todas as estrelas vizinhas, e não existe vida, certamente nada que valha a pena arriscarmos vidas e recursos para ver. É aqui que pertence a raça humana, a salvo da loucura, e do frio e vazio das profundezas do Espaço.

— Mas porque razão as pessoas que construíram a esfera não foram arrastadas pela tração das estrelas? — perguntou Mitchell, mais uma vez. — E as naves espaciais que usaram, e as sondas?

— Muitas foram, de facto. — respondeu o guia. — Mas a tração é muito mais forte agora do que era há mil anos. Atualmente, ninguém conseguiria sobreviver a tal tentativa.

A visita-guiada prosseguiu para a sala dos Artefatos, onde eram guardadas centenas de antiguidades, incluindo seções inteiras de artefatos espaciais, e ferramentas e equipamento utilizados para construir a esfera. Até havia um simulador dos alojamentos de uma estação espacial. E num expositor de vidro no canto da sala, não pela primeira vez, Mitchell deixou-se ficar para trás, onde uma fila de fatos espaciais brancos e perfeitamente preservados estavam pendurados.

Mitchell ficou a observá-los por um longo tempo, e a um fato em particular, com o qual estava bastante familiarizado.

— Ei! — chamou-o Jerina, à espera dele. — Vais-me fazer perder o resto!

— Talvez. — disse Mitchell. — E daí, talvez não.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Jerina.

Há anos que pensava nisso; com os códigos do pai podia entrar no instituto quando quisesse. Mas sempre fora demasiado jovem, demasiado pequeno, demasiado amedrontado. Sempre... E precisava da pessoa certa, para ajudar.

— Quero dizer, — disse Mitchell, — que talvez regressemos.

Às 22h as janelas do seu quarto tornaram-se subitamente opacas, lançando o quarto na escuridão. Mitchell deitou-se de lado e olhou para a janela escurecida. Se estivesse a viver na velha Terra, pensou, veria da janela as estrelas à noite. Se agora abrisse a janela, ou saísse para o exterior e olhasse para o céu, tudo o que veria seria o Sol a brilhar, e a curva da esfera de Dyson a rodeá-lo.

Tentou imaginar de novo como teria sido na velha Terra, viver num planeta, em

vez de numa concha como vivia agora, a orbitar o Sol. O ano estaria dividido em estações, cada uma delas única. Tudo estaria num estado de variações constantes. Até os próprios dias não seriam iguais; na velha Terra a escuridão desceria maravilhosamente cada noite, enquanto uma pessoa ainda estivesse no exterior! E à medida que o Sol desaparecesse do céu, surgiriam as estrelas...

Mitchell trouxera vídeos sobre pores-do-Sol da biblioteca da escola, mas ainda não era capaz de imaginar a possibilidade de não existir um sol de todo. Nos vídeos, parecia que o Sol tinha caído do céu! Mitchell sabia que a velha Terra tinha orbitado o Sol, mas por causa da rotação do planeta parecera que o Sol revolia em torno das pessoas em vez do inverso. Ele queria experimentar essa sensação, ver o Sol a mover-se no céu, em vez de estar sempre num lugar fixo diretamente por cima das cabeças; ou deixar-se envolver pela serenidade do crepúsculo, quando o céu se encontrava equilibrado entre o dia e a noite. E a Lua! Oh, ter uma lua como essa ao alto, no céu. Mitchell apenas desejava...

Rolou na cama e fitou a escuridão do seu quarto, de costas para a janela. Não conseguia acabar o pensamento, o sentimento era demasiado forte. Conseguiria senti-las ao caminhar na esfera de Dyson, pensou, aquelas áreas que eram feitas de pedaços da Lua? Ele viveria num desses lugares, se pudesse, o mais próximo possível da Lua que conseguisse, depois de ter sido destruída em pedaços para fabricar o escudo da esfera de Dyson.

Viver numa dessas áreas torná-lo-ia o homem da Lua? Os hologramas tinham explicado como as pessoas por vezes pensavam que as crateras na superfície da Lua se assemelhavam a um rosto. E crianças acreditavam que a Lua era feita de queijo. Uma enorme bola de queijo verde! Será que pensaram que tinha sido posta em órbita para mantê-la fresca, onde o Espaço atuaria como um frigorífico gigante hermeticamente selado?

Afinal de contas, as pessoas na velha terra tinham julgado em tempos que se uma pessoa navegasse sufi cientemente longe no mar, iria eventualmente cair pela borda! Por vezes também diziam que a lua era azul, quando se apresentava sempre com um branco pérola brilhante. Parece que as cores na velha Terra não tinham nada a ver com a realidade.

A não ser que a Lua tivesse realmente tido essas cores no passado, antes dos hologramas terem sido feitos... Não havia forma de ele descobrir, assim como não havia forma de saber qual a sensação de ver as estrelas, na realidade, ou o quão forte tinha sido a antiga tração. Afinal de contas, uma pessoa tinha que descobrir primeiro um caminho para fora da esfera, e toda a gente sabia que todas as escotilhas tinham sido seladas há séculos.

E depois tinha que se descobrir uma forma de uma pessoa se manter viva no Espaço o tempo suficiente para dar uma vista de olhos. E toda a gente sabia que isso também era impossível...

Mas isto trouxe-o de volta às suas interrogações. Mitchell já experimentara o fato espacial, carregando-o com energia e fluidos e oxigénio selecionados das reservas do laboratório da sua escola. Até construíra um pequeno receptor que operava na frequência de rádio do fato.

E tinha a certeza que alguns dos locais secretos onde ultimamente estivera eram locais onde ninguém se aventurava há séculos...Mas ele encontrara ali outra coisa que ainda funcionava...

Mitchell só precisava de mais uma coisa: ajuda. Não tinha a certeza que Jerina iria alinhar no seu plano, ou se podia confiar nela acerca deste assunto, mas ao fechar os olhos e tentar dormir, decidiu que valia a pena a tentar.

— És doido! — disse Jerina a Mitchell, de olhar horrorizado, embora no seu rosto tivesse cintilado um genuíno interesse. — Serás arrastado pela tração. Todos sabem isso, exceto tu. Estás a pedir a minha ajuda para te matares!

— Olha — disse Mitchell, esforçando-se para se explicar. — Supostamente, não existe nenhuma forma de sobreviver no exterior, mas o fato espacial funciona, eu sei que sim. E não é suposto existirem mais escotilhas ativas, mas eu encontrei uma! E de acordo com as consolas do computador, ainda lhe resta energia. Supostamente já ninguém mais deseja sair para o exterior, mas já observei o meu pai no Instituto, sozinho, a observar as estrelas no teto. Vi a expressão no seu rosto. Penso que ele também se interroga, por vezes.

Jerina fez um esgar com a boca, mas não pôde deixar de se interessar. — E então?

— Por isso, talvez a parte sobre a tração das estrelas não seja realmente verdadeira. Talvez não seja mais forte do que era quando construíram a esfera de Dyson. Talvez não seja forte de todo! Tudo o que sei é que preciso de descobrir a verdade. E preciso que tu me ajudes.

Jerina parecia assustada, mas não tanto quanto Mitchell julgara que fosse estar. E o brilho nos seus olhos definitivamente aumentava.

— Eu não tenho que sair para o exterior também, pois não? — perguntou.

— Não. — disse ele. — Tens apenas que pôr a escotilha a trabalhar.

— As estrelas ir-te-ão arrastar para longe, para a tua morte, — disse Jerina. — e depois o teu pai e o meu pai irão ambos matar-me!

Mitchell limitou-se a fitá-la de frente.

— Talvez. — disse ele. — Mas quando ele descobrir que andei a usar os seus códigos, vai-me matar à mesma. A única coisa com que tens que te preocupar é a série de problemas em que isto te pode envolver.

— Eu sei. — disse Jerina calmamente.

Mitchell desviou o olhar.

— Então, vais ajudar-me?

— Está bem. — disse-lhe ela, mostrando o início de um sorriso. — Eu ajudo-te.

O fato funcionava na perfeição, da mesma forma que quando o testara há poucas semanas. Ainda era um pouco baixo demais, e mal tinha a força suficiente para movimentar as juntas de metal, mas era capaz de mover os braços o suficiente para operar os controlos externos, e conseguia ver através do visor, ainda que por pouco. Ele criara um cabo de aço, uma linha de fibra de carbono que tinha a certeza ser cem vezes mais forte do que tudo o que fora usado na altura em que a esfera fora construída.

Enganchou-o ao fato, e depois experimentou o rádio.

— Inicia a sequência. — disse ele, virando-se o suficiente para poder ver Jerina. Ela encontrava-se na consola de controle da escotilha, nervosa e à espera.

Tinham diminuído as luzes da sala ao mínimo, de modo a que não pudesse ser detectado um aumento no consumo de energia até porem realmente a escotilha a trabalhar. Depois disso, não havia muito que alguém pudesse fazer. Até ele regressar para o interior, assumindo que ele regressaria...

Jerina carregou em vários botões do console, até que lentamente se abriu uma parede inteira do pequeno compartimento, revelando um corredor longo e vazio.

— Ok. — disse Mitchell. — Vou entrar. — Moveu-se com dificuldade para a frente, balançando-se no enorme fato volumoso, a lutar contra o peso que o ameaçava derrubar. — Agora. — disse ele.

Virou-se e viu Jerina a carregar noutro botão, depois a porta fechou-se de novo e estava completamente sozinho.

— Consegues ainda ouvir-me? — perguntou.

Houve silêncio, até que por fim a voz de Jerina inundou os seus ouvidos. — Sim.

Mitchell olhou para o fundo do corredor fracamente iluminado, onde a porta exterior começara a abrir-se, da direita para a esquerda.

— Está a funcionar. — gritou, ansioso e a tremer. — Está tudo a funcionar.

Mitchell correu para a frente em direção à parede, tateando por algo a que pudesse prender o cabo. A parede era totalmente lisa. A porta abriu-se cada vez mais, até desaparecer por completo. Foi substituída por uma visão de negro total e estrelas genuínas e incontáveis. Mitchell deu por si a flutuar à deriva, lentamente e em direção ao Espaço, e não havia nada que pudesse fazer para o travar.

À medida que flutuava livre da esfera de Dyson em direção ao vazio, Mitchell torcia a cabeça de um lado para o outro em desespero, à procura de uma pega. Uma fila de anéis de metal do tamanho de um punho encontrava-se alinhada na superfície exterior ao lado da abertura.

Mitchell esticou-se com o gancho do cabo e tentou alcançar o anel mais próximo, mas falhou.

Tentou de novo, esticou-se, tentando mover-se, mesmo não havendo nada contra o que pudesse fazer força agora. Desta vez, o gancho ficou preso.

Mitchell observou o cabo a desenrolar-se cerca de quarenta metros, e viu pelo canto do visor do fato a linha a esticar-se. Susteve a respiração e preparou-se, esperando que o cabo cedesse, e que as estrelas o arrastassem com uma sucção a que nem os melhores materiais poderiam resistir. Esperou, suspenso acima da infinidade na ponta do cabo, e nada aconteceu.

— Está tudo bem. — disse ele a Jerina. — O cabo continua firme. — Ouviu-a a dar um grande suspiro de alívio e então virou a sua atenção para as estrelas.

Bilhões delas. Ainda mais do que nas imagens no teto do Instituto. E brilhantes, enchendo o universo com uma luz branca cintilante, forte e clara como incontáveis lasers, e no entanto suave, delicada como o tempo.

Então sentiu a tração. Sentiu-a a crescer mais forte, mais forte do que alguma vez poderia ter imaginado. Forte o suficiente, sabia agora, para romper os melhores cabos, ultrapassar os maiores obstáculos, para finalmente quebrar quaisquer laços que um ser humano pudesse alguma vez conhecer, ou sequer imaginar...

— Do que estás a falar? — disse Jerina, com o pânico evidente na voz. — O que

está a acontecer? — Apercebeu-se de que falara em voz alta, dizendo tudo o que estava a pensar.

— A tração, — explicou, — é real. Mas as estrelas não me estão a puxar do exterior, estão a puxar por mim no interior, dentro da minha mente, dentro de cada parte de mim.

— Estás a falar como um maluco agora. — disse Jerina. — Estás bem?

— Não, não estou. — disse Mitchell. — Mas não é nada de preocupante.

— Não vais regressar? — instou-o Jerina.

— Sim, — respondeu Mitchell, — mas apenas por uns instantes. Jerina, quero que tu experimentes.

Ouviu a respiração ofegante de Jerina.

— Disseste que eu não teria que o fazer!

Mitchell limitou-se a sorrir, e a iniciar o caminho de volta.

MADAME TEÓFILA – Téophile Gautier

Madame Teófila era uma gata avermelhada, de peito branco, nariz cor-de-rosa e olhos azuis, assim chamada porque vivia comigo numa perfeita intimidade, dormindo aos pés da minha cama, fazendo a sesta no encosto da minha poltrona enquanto eu escrevia, acompanhando-me ao jardim nos meus passeios, assistindo às minhas refeições e interceptando, muitas vezes, o bocado que eu ia levar à boca.

Uma vez, um dos meus amigos, afastando-se por alguns dias, confiou-me um papagaio, para que eu o guardasse enquanto durasse a sua ausência. O pássaro, sentindo-se deslocado, subira até o alto do poleiro, e circunvagava em torno, com ar desconfiado, aqueles olhos semelhantes a tachas de latão, encarquilhando as membranas brancas que lhe servem de pálpebras. Madame Teófila nunca vira em toda a vida um papagaio; e esse animal, novo para ela, causava-lhe evidente surpresa. Imóvel, tão imóvel como um gato embalsamado do Egito nas suas faixas, mirava o pássaro, reunindo com um ar de meditação profunda todos os conhecimentos de história natural que pudera colher nos seus passeios sobre o telhado, no quintal e no jardim.

A sombra de seus pensamentos passava-lhe pelas pupilas móveis, e nelas pude ler este resumo do seu exame: “Decididamente, é um pinto verde”.

Firme nesta conclusão, a gata saltou da mesa onde estabelecera o seu observatório, e foi agachar-se a um canto da sala, com o ventre por terra, os cotovelos para a frente, a cabeça baixa, o dorso estirado, como a pantera negra do quadro de Gérôme, espreitando as gazelas que vão beber no lago.

O papagaio seguia os movimentos da gata com a inquietação febril; eriçava as penas, mexia com a corrente, passava o bico pelo bordo do vaso das comidas. Instintivamente, via ele na gata um inimigo, meditando e planejando alguma peça. Quanto aos olhos da gata, fixos sobre o pássaro com uma intensidade fascinadora, diziam, numa linguagem que o papagaio muito bem compreendia: “Não obstante ser verde, este pinto deve ser bom para comer!”

Eu seguia com interesse esta cena, pronto a intervir quando fosse preciso. Madame Teófila aproximou-se insensivelmente: as narinas róseas tremiam-lhe; e semicerrava os olhos, estendia e contraía as garras.

Calafrios corriam-lhe o dorso, como a um gastrônomo que caminha para uma mesa bem servida; deleitava-se com a idéia do repasto succulento e raro que ia fazer. Aquele manjar exótico aguçava-lhe o apetite.

De repente, seu dorso se encurvou como um arco retesado, e, de um salto, ela foi cair prestemente sobre a gaiola. O papagaio, vendo o perigo, com uma voz baixa, grave e profunda como a de um filósofo, gritou: “Já almoçaste, Jacquot?”

Esta frase causou um indizível terror à gata, que imediatamente saltou para trás. Uma fanfarra de clarins, um monte de pratos despedaçando-se, o estampido de uma espingarda nos ouvidos, não lhe teriam causado mais vertiginoso medo. Todas as suas idéias ornitológicas esboroavam-se.

— Quê? manjar do rei? — continuou o papagaio.

A fisionomia da gata exprimia claramente: “Não é um pinto, é um homem; ele fala!”

“Quando eu bebo um pouco mais, no botequim tudo dança”, cantou o pássaro com estrondos de voz ensurdecedores, como se houvesse compreendido que a sua palavra era o seu melhor meio de defesa. A gata lançou-lhe um olhar cheio de interrogações, e, não recebendo resposta satisfatória, foi estender-se na cama, de onde não saiu todo o resto do dia.

As pessoas que não têm o hábito de tratar com os animais pensarão talvez que estou emprestando intenções à ave e ao quadrúpede. Mas não fiz mais do que traduzir fielmente suas idéias em linguagem humana...

No dia seguinte, Madame Teófila, um pouco serenada, ensaiou um novo ataque e foi repelida pelo mesmo processo. Deu-se por satisfeita e aceitou o pássaro como homem.

CONFISSÃO ENCONTRADA NUMA MASMORRA NA ÉPOCA DE CARLOS II – Charles Dickens

Eu tinha a patente de tenente no exército de Sua Majestade e servi no estrangeiro nas campanhas de 1667 e 1678. Concluído o Tratado de Nijmegen, voltei para casa e, abandonando o serviço militar, retirei-me a uma pequena propriedade situada poucas milhas a leste de Londres, que havia adquirido recentemente por direitos de minha mulher.

Esta é a última noite de minha vida; por isso, revelarei toda a verdade, nua e crua, sem qualquer disfarce. Nunca fui um homem valente; tive, desde criança, uma natureza desconfiada, reservada e taciturna. Falo de mim mesmo como se já não mais estivesse neste mundo, pois, enquanto escrevo, já estão cavando a minha sepultura e escrevendo o meu nome no livro negro da morte.

Pouco depois de meu retorno à Inglaterra, meu único irmão contraiu uma enfermidade mortal. Esta circunstância não me causou sofrimento, pois quase não mantínhamos contato desde que nos tornamos adultos. Ele era um homem generoso e de coração aberto, mais belo do que eu, mais bem-sucedido e, em geral, mais amado. Os que, por serem seus amigos, quiseram conhecer-me no estrangeiro ou em nosso país, raras vezes se apegavam a mim por muito tempo, e sempre diziam, em nossa primeira conversa, que se surpreendiam em encontrar irmãos tão diferentes nos modos e aspecto. Eu mesmo tinha o costume de provocar tal declaração, pois já sabia a espécie de comparações que fariam entre nós e, como sentia em meu coração uma amarga inveja, tratava de justificá-la diante de mim mesmo.

Nós nos havíamos casado com duas irmãs. Este vínculo adicional entre nós, tal como o considerariam alguns, serviu apenas para nos afastar ainda mais. Sua mulher me conhecia bem. Nunca, estando ela presente, mostrei meus ciúmes e rancores secretos, mas aquela mulher os conhecia tão bem quanto eu. Jamais, naqueles momentos, eu erguia os olhos quando os dela estavam fixos em mim,

ou mesmo descia ou desviava olhar, mas sempre constrangia-me a sensação de que ela sempre me vigiava. Foi um alívio inexprimível para mim quando brigamos, e foi um alívio ainda maior quando, encontrando-me no estrangeiro, soube que ela havia morrido. Tenho agora a sensação de que, desde então, algum terrível e estranho prenúncio do que depois aconteceu pairava sobre nós. Eu a temia. Ela me assombrava. Seu olhar fixo e constante agora retorna à minha mente, como a lembrança de um sonho fantasmagórico, fazendo gelar o meu sangue.

Ela morreu pouco depois de dar à luz a uma criança, um menino. Quando o meu irmão soube que não havia esperança de recuperação em sua enfermidade, chamou a minha mulher para perto de seu leito e confiou o órfão, uma criança de quatro anos, à sua proteção. Legou ao menino todas as suas propriedades e escreveu em testamento que, em caso de morte do herdeiro, os bens passariam à minha mulher, como único reconhecimento que lhe poderia fazer de seus cuidados e amor. Trocou comigo algumas palavras fraternais, lamentando a nossa prolongada separação e, exaurido, mergulhou em um sono do qual jamais despertou.

Nós não tínhamos filhos e, como entre as irmãs houvera uma imensa afeição, e tendo a minha esposa quase ocupado o lugar de mãe para o menino, ela o amou como se a criança fosse realmente dela. O garoto estava fortemente ligado a ela. Todavia, ele era a imagem da mãe tanto na fisionomia quanto no espírito, e sempre desconfiou de mim.

Não posso precisar a data em que tive pela primeira vez aquela sensação, mas sei que começou a incomodar-me a simples presença daquela criança. Sempre que saía de meus melancólicos pensamentos, deparava com ele a olhar-me atentamente. Não com essa singela curiosidade infantil, mas com algo que continha o propósito e a finalidade que com tanta frequência eu observara em sua mãe. Não se tratava de nenhum esforço de minha imaginação: baseava-se na grande semelhança nos traços e na expressão. Eu nunca o surpreendi com os olhos baixos. Ele me temia, mas ao mesmo tempo parecia desprezar-me instintivamente. E, mesmo que retrocedesse ao meu olhar – tal como fazia quando estávamos sozinhos, e para chegar-se mais perto da porta –, sustentava fixos nos meus os seus olhos brilhantes.

Quiçá eu esteja escondendo de mim mesmo a verdade, mas não creio que, quando tudo aquilo começou, eu estivesse propenso a fazer-lhe algum mal. Talvez eu tenha refletido sobre quão proveitosa nos seria a sua herança e,

embora fosse possível que eu desejasse a sua morte, jamais pensei em provocá-la. Tal ideia não me chegou de repente. Ela veio aos poucos, insinuando-se, a princípio, de forma difusa, como que à distância, da mesma forma que os homens podem pensar em um terremoto ou no último dia de sua vida, que vai se aproximando cada vez mais, e, com isso, perdendo algo de seu horror e improbabilidade; a ideia convertia-se em parte integrante – ou, melhor dizendo, quase toda soma e substância – dos meus pensamentos diários, resolvendo-se não mais em uma questão de perpetração ou abstinência do ato, mas de meios e segurança na sua realização.

Entrementes ao que acontecia no meu íntimo, eu não podia suportar que o menino me apanhasse olhando para ele. Todavia, um fascínio me arrastava à contemplação de seu corpo ligeiro e frágil, pensando no quanto seria fácil matá-lo. Às vezes, subia furtivamente as escadas e o observava enquanto dormia; mas, geralmente, eu gravitava pelo jardim – próximo da janela da sala em que ele se achava, inclinado, a estudar as suas pequenas lições –, e, ali, enquanto ele permanecia sentado em uma cadeirinha, ao lado de minha mulher, eu o espreitava horas a fio, por detrás de uma árvore, escondendo-me e surpreendendo-me, como um culpado miserável que eu era, ante o mínimo farfalhar de uma folha. Mas, ainda assim, esgueirava-me, somente para espialo, e começar tudo de novo.

Bem próxima à nossa casa, mas longe de nossa vista, e também de nossos ouvidos quando o vento minimamente se agitava, havia uma extensão profunda de água. Usando a navalha, levei vários dias talhando um tosco modelo de barco, que por fim concluí e o deixei num lugar onde o garoto pusesse encontrá-lo. Então, escondi-me em um lugar secreto, por onde ele deveria escapar sozinho para fazer flutuar a bugiganga, e aguardei a sua chegada. Não veio nesse dia nem no dia seguinte, malgrado eu tenha esperado do meio-dia até o anoitecer. Eu estava certo que o tinha em minha rede, pois eu o ouvi a falar do brinquedo, e sabia que, em seu prazer infantil, guardava o barquinho ao lado da cama. Eu não me senti cansado ou fatigado: esperei pacientemente e, no terceiro dia, ela passou próximo a mim, correndo alegremente, com seus cabelos sedosos ao vento, cantando – que Deus tenha piedade de mim! – uma alegre balada cujas palavras mal conseguia balbuciar.

Deslizei por trás dele, escondendo-me nuns arbustos que crescem naquelas paragens, e só o diabo sabe com que terror eu, um homem forte e maduro, seguia os passos daquele garotinho, que se aproximava da beira da água. Eu estava praticamente sobre ele, havia-me agachado sobre os joelhos e levantado uma mão para empurrá-lo, quando ele viu a minha sombra na corrente e voltou-

se para mim.

O fantasma de sua mãe mirava-me pelos olhos do menino. O sol irrompeu por trás de uma nuvem: refulgia no céu brilhante, na terra luminosa, na água clara e nas gotas cintilantes de chuva sobre as folhas. Havia olhos em tudo. O imenso universo repleto de luz estava ali para testemunhar o assassinato. Eu não sei o que ele disse; ele procedia de um sangue valente e viril e, apesar de ser apenas uma criança, não se acovardou, nem me adulou. Não o ouvi dizer, entre choros, que me amava, mas que tentaria me amar, e o vi correndo de volta para casa. O que eu vi em seguida foi a espada desembainhada em minha mão e o menino morto aos meus pés, espargido de sangue aqui e ali, mas em nada diferente do corpo que eu havia contemplado enquanto dormia, mantendo a mesma atitude, com o queixo descansando em cima da mãozinha.

Eu o tomei nos meus braços, com grande cuidado, agora que ele estava morto, e o levei até uma moita. Naquele dia, minha mulher havia saído de casa e não regressaria até o dia seguinte. A janela de nosso quarto, o único que havia nesse lado da casa, estava a apenas poucos metros do chão, e eu resolvi descer por ela à noite para enterrá-lo no jardim. Nem me passou pela mente que havia fracassado em meu plano, nem que dragariam a água sem nada encontrar, nem que o dinheiro estaria perdido, porquanto eu teria que alimentar crença de que o menino havia-se perdido, ou o haviam raptado. Todos meus pensamentos se concentravam na necessidade absorvente de ocultar o que eu havia feito.

Como me senti quando vieram me dizer que a criança estava desaparecida, quando enviei batedores em todas as direções, quando me sobressaltava e tremia à aproximação das pessoas, não há língua humana capaz de expressar, nem mente capaz de conceber. Eu o enterrei naquela noite. Quando eu separei os ramos e olhei dentro do matagal escuro, vi sobre o menino assassinado um vaga-lume que brilhava como o espírito visível de Deus. Mirei o seu túmulo quando ali o coloquei; o vaga-lume continuava a brilhar sobre o seu peito: um olho de fogo que voltava o olhar para o céu, em súplica para as estrelas, que me observavam em meu mister.

Tive de buscar a minha consorte e participar-lhe a notícia, dando-lhe também a esperança de que a criança seria logo encontrada. Tudo isso eu fiz com a aparência de sinceridade, pois eu não era objeto de nenhuma suspeita. Isto feito, sentei-me junto à janela do quarto o dia inteiro, observando o lugar em que se ocultava o terrível segredo.

Ficava este em uma parte do terreno que havia sido revirado, preparado para acolher grama nova, e por isso eu a escolhera, já que os rastros deixados por

minha pá tinham menos probabilidade de chamar atenção. Os trabalhadores que replantaram a grama devem ter pensado que eu estava maluco. Continuamente, mandava-os acelerar o trabalho, saía de casa e trabalhava juntamente com eles, pisava a grama com os pés e dava-lhes pressa com gestos frenéticos. Terminaram a tarefa antes da noite e então me senti em relativa segurança.

Dormi não como os homens que acordam felizes e revigorados, mas passando de uns sonhos vagos e sombrios, em que eu era perseguido, a visões de um punhado de grama, através da qual brotava de início uma mão, depois um pé e finalmente uma cabeça. Nesse ponto, sempre acordava e corria à janela, para assegurar-me de que nada daquilo acontecera realmente. Depois, voltava à cama. E assim passei a noite em meio a sobressaltos, levantando-me e deitando-me mais de vinte vezes, e tendo continuamente o mesmo sonho, o que era muito pior do que ficar acordado, pois cada sonho significava uma noite inteira de sofrimento. Uma vez pensei que o menino estava vivo e que eu jamais havia tentado assassiná-lo. Despertar desse sonho significou a maior de todas as aflições.

No dia seguinte, voltei a sentar-me junto à janela, sem nunca desviar o olhar do lugar que, malgrado coberto pela grama, parecia tão evidente para mim – em sua forma, seu tamanho, sua profundidade e suas bordas irregulares, tudo isto –, como se se exibisse plenamente à luz do dia. Quando um empregado passou por cima dele, pensei que ele iria ali afundar. Depois que seguiu em frente, olhei para verificar se seus pés não haviam danificado as bordas. Se um pássaro pousava ali, eu me aterrorizava ao pensar que, por um estranho imprevisto, ele poderia ser o instrumento da descoberta; se uma lufada de ar lhe soprava por cima, sussurrava-me a palavra assassinato. Não havia o que visse ou escutasse, por mais trivial ou insignificante que fosse, que não me aterrorizasse. E neste estado de vigília incessante, passei três dias.

No quarto dia, assomou em meu portão uma pessoa que servira comigo no estrangeiro, acompanhado por um irmão, oficial, que eu nunca havia visto. Senti que não conseguia deixar de olhar para o lugar. Era uma tardinha de verão e pedi aos criados que levassem ao jardim uma mesa e uma garrafa de vinho. Sentei-me, então, com a minha cadeira sobre a sepultura, seguro de que ninguém poderia perturbá-la agora sem o meu conhecimento, e tentei beber e a conversar.

Eles desejaram que minha mulher estivesse bem, que não estivesse obrigada a

ficar recolhida no quarto, que esperavam não havê-la feito retirar-se. O que eu poderia fazer, a não ser, com a voz vacilante, contar-lhe sobre a criança? O oficial desconhecido era um homem tímido, que mantinha os olhos no chão, enquanto eu falava. Também isso me apavorava! Não podia afastar a ideia de que ele havia visto ali alguma coisa que o fazia suspeitar da verdade. Perguntei a ele, precipitadamente, se supunha que... mas me detive.

– Que a criança tenha sido assassinada? – disse ele, olhando-me com amabilidade – Oh, não! O que poderia um homem ganhar assassinando um pobre garotinho?

Eu poderia responder melhor que ninguém o que se poderia ganhar com tal atitude, mas mantive a tranquilidade, embora um calafrio haja-me feito tremer. Interpretando equivocadamente a minha emoção, os homens se esforçaram em consolar-me com a esperança de que, com toda segurança, o menino seria encontrado – que grande alegria isto significava para mim! – quando, de súbito ouvimos um ganido baixo e profundo. Em sequência, dois enormes cães saltaram sobre o muro, lançaram-se para o jardim, e repetiram os sons dos latidos que já havíamos escutado.

– São sabujos! – gritaram meus visitantes.

Não era necessário que me dissessem! Embora, em toda a minha vida, eu nunca tivesse visto aquela espécie de cão de caça, eu sabia o que eram, e para que finalidade eles tinham vindo. Aferrei-me aos braços da cadeira, sem falar ou mexer-me.

– São de raça pura – comentou o homem que eu conhecera no estrangeiro. – Sem dúvida, se careciam de exercícios, já escaparam de seus guias.

Tanto ele quanto seu amigo voltaram-se para contemplar os cães. Estes se agitavam incessantemente, com os focinhos grudados ao chão, correndo para cá e para lá, de cima a baixo. Davam voltas em círculos, lançando-se em corridas frenéticas, sem nos prestar a mínima atenção, mas sempre reproduzindo aquele mesmo ganido. E aproximavam novamente o focinho ao chão, rastreando ansiosamente aqui e acolá. De repente, começaram a farejar a terra com redobrada ansiedade. Malgrado continuassem sobremodo inquietos, já não mais faziam círculos tão amplos, mantendo-se constrictos a um só lugar, diminuindo fatalmente a distância entre mim e eles. Aproximaram-se, finalmente, do cadeirão em que eu estava e lançaram mais uma vez o terrível ganido, passando a dilacerar as colunas de madeira que os impedia de escavar o chão. Pude ver a minha aparência no rosto dos homens que estavam comigo.

- Estão farejando alguma presa – disseram os dois, em uníssono.
- Não estão farejando presa nenhuma! – gritei.
- Por Deus, afaste-se daí! – disse o meu conhecido com grande preocupação. – Senão, eles vão despedaçá-lo.
- Mesmo que me despedacem membro a membro, daqui não sairei – gritei. – Acaso devem os cães levar os homens a uma morte vergonhosa? Vamos abatê-los! Vamos cortá-los em pedaços!
- Há aqui um mistério torpe! – disse o oficial que eu não conhecia, desembainhando a espada. – Em nome do rei Carlos, ajude-me a segurar este homem!

Ambos me agarraram e me conduziram para fora à força, embora eu lutasse e mordesse, batendo neles como um lunático. Depois de uma luta, fui imobilizado. E então... meu Deus! Eu vi os cães iracundos rasgando a terra, lançando-a aos ares como se fosse água.

O que mais tenho a contar? Que caí de joelhos e, batendo os dentes, confessei a verdade e roguei que me perdoassem. Que depois neguei, mas agora confesso novamente. Que fui julgado pelo meu crime, declarado culpado e sentenciado. Que não tenho coragem de antecipar o meu destino, ou encará-lo com bravura. Que não sou digno de compaixão, nem de consolo, de esperança, ou amizade. Que felizmente minha mulher perdeu as faculdades que lhe permitiriam saber da minha e da sua desgraça. Que estou sozinho neste calabouço de pedra com minha índole maligna, e que morrerei amanhã!

OS OLHOS QUE COMIAM CARNE – Humberto de Campos

Paulo Fernando mergulhou o rosto nas mãos, e ficou-se imóvel, petrificado pela verdade terrível. Estava cego. Acabava de realizar-se o que há muito prognosticavam os médicos.

A notícia daquele infortúnio em breve se espalhava pela cidade, impressionando e comovendo a quem a recebia. A morte dos olhos daquele homem de quarenta anos, cuja mocidade tinha sido consumida na intimidade de um gabinete de trabalho, e cujos primeiros cabelos brancos haviam nascido à claridade das lâmpadas, diante das quais passara oito mil noites estudando, enchia de pena os mais indiferentes à vida do pensamento. Era uma força criadora que desaparecia. Era uma grande máquina que parava. Era um facho que se extinguia no meio da noite, deixando desorientados na escuridão aqueles que o haviam tomado por guia. E foi quando, de súbito, e como que providencialmente, surgiu na imprensa a informação de que o professor Platen, de Berlim, havia descoberto o processo de restituir a vista aos cegos, uma vez que a pupila se conservasse íntegra, e se tratasse, apenas, de destruição ou defeito do nervo óptico. E, com essa informação, a de que o eminente oculista passaria em breve pelo Rio de Janeiro, a fim de realizar uma operação desse gênero em um opulento estancieiro argentino, que se achava cego há seis anos e não tergiversara em trocar a metade da sua fortuna pela antiga luz dos seus olhos.

A cegueira de Paulo Fernando, com as suas causas e sintomas, enquadrava-se rigorosamente no processo do professor alemão: dera-se pelo seccionamento do nervo óptico. E era pelo restabelecimento deste, por meio de ligaduras artificiais com uma composição metálica de sua invenção, que o sábio de Berlim realizava o seu milagre cirúrgico. Esforços foram empregados, assim, para que Platen desembarcasse no Rio de Janeiro por ocasião de sua viagem a Buenos Aires.

Três meses depois, efetuava-se, de fato, esse desembarque. Para não perder tempo, achava-se Paulo Fernando, desde a véspera, no Grande Hospital das Clínicas. E encontrava-se já na sala de operações, quando o famoso cirurgião

entrou, rodeado de colegas brasileiros, e de dois auxiliares alemães, que o acompanhavam na viagem, e apertou-lhe vivamente a mão.

Paulo Fernando não apresentava, na fisionomia, o menor sinal de emoção. O rosto escanhado, o cabelo grisalho e ondulado posto para trás, e os olhos abertos, olhando sem ver: olhos castanhos, ligeiramente saídos, pelo hábito de vir beber a sabedoria aqui fora, e com laivos escuros de sangue, como reminiscência das noites de vigília. Vestia pijama de tricoline branca, de gola caída. As mãos de dedos magros e curtos seguravam as duas bordas da cadeira, como se estivesse à beira de um abismo, e temesse tombar na voragem.

Olhos abertos, piscando, Paulo Fernando ouvia, em torno, ordens em alemão, tinir de ferros dentro de uma lata, jorro d'água, e passos pesados ou ligeiros, de desconhecidos. Esses rumores eram, no seu espírito, causa de novas reflexões.

Só agora, depois de cego, verificara a sensibilidade da audição, e as suas relações com a alma, através do cérebro. Os passos de um estranho são inteiramente diversos daqueles de uma pessoa a quem se conhece. Cada criatura humana pisa de um modo. Seria capaz de identificar, agora, pelo passo, todos os seus amigos, como se tivesse vista e lhe pusessem diante dos olhos o retrato de cada um deles. E imaginava como seria curioso organizar para os cegos um álbum auditivo, como os de datiloscopia, quando um dos médicos lhe tocou no ombro, dizendo-lhe amavelmente:

— Está tudo pronto... Vamos para a mesa... Dentro de oito dias estará bom.

O escritor sorriu, cético. Lido nos filósofos, esperava, indiferente, a cura ou a permanência na treva, não descobrindo nenhuma originalidade no seu castigo e nenhum mérito na sua resignação. Compreendia a inocuidade da esperança e a inutilidade da queixa. Levantou-se, assim, tateando, e, pela mão do médico, subiu na mesa de ferro branco, deitou-se ao longo, deixou que lhe pusessem a máscara para o clorofórmio, sentiu que ia ficando leve, aéreo, imponderável. E nada mais soube nem viu.

O processo Plateu era constituído por uma aplicação da lei de Roentgen, de que resultou o Raio-X, e que punha em contacto, por meio de delicadíssimos fios de «hêméra», liga metálica recentemente descoberta, o nervo seccionado. Completava-o uma espécie de parafina adaptada ao globo ocular, a qual, posta em contacto direto com a luz, restabelecida integralmente a função desse órgão. Cientificamente, era mais um mistério do que um fato. A verdade, era que as publicações europeias faziam, levianamente ou não, referências constantes às curas miraculosas realizadas pelo cirurgião de Berlim, e que seu nome, em breve, corria o mundo, como o de um dos grandes benfeitores da Humanidade.

Meia hora depois as portas da sala de cirurgia do Grande Hospital de Clínicas se reabriam e Paulo Fernando, ainda inerte, voltava, em uma carreta de rodas silenciosas, ao seu quarto de pensionista. As mãos brancas, postas ao longo do corpo, eram como as de um morto. O rosto e a cabeça envoltos em gaze, deixavam à mostra apenas o nariz afilado e a boca entreaberta. E não tinha decorrido outra hora, e já o professor Platen se achava, de novo, a bordo, deixando a recomendação de que não fosse retirada a venda, que pusera no enfermo, antes de duas semanas.

Doze dias depois passava ele, de novo, pelo Rio, de regresso para a Europa. Visitou novamente o operado, e deu novas ordens aos enfermeiros. Paulo Fernando sentia-se bem. Recebia visitas, palestrava com os amigos. Mas o resultado da operação só seria verificado três dias mais tarde, quando se retirasse a gaze. O santo estava tão seguro do seu prestígio que ia embora sem esperar pela verificação do milagre.

Chega, porém, o dia ansiosamente aguardado pelos médicos, mais do que pelo doente. O Hospital encheu-se de especialistas, mas a direção só permitiu, na sala em que se ia cortar a gaze, a presença dos assistentes do enfermo. Os outros ficaram fora, no salão, para ver o doente, depois da cura.

Pelo braço de dois assistentes, Paulo Fernando atravessou o salão. Daqui e dali, vinham-lhe parabéns antecipados, apertos de mão vigorosos, que ele agradecia com um sorriso sem endereço. Até que a porta se fechou, e o doente, sentado em uma cadeira, escutou o estalido da tesoura, cortando a gaze que lhe envolvia o rosto.

Duas, três voltas são desfeitas. A emoção é funda, e o silêncio completo, como o de um túmulo. O último pedaço de gaze rola no balde. O médico tem as mãos trêmulas. Paulo Fernando, imóvel, espera a sentença final do Destino.

— Abra os olhos! —diz o doutor.

O operado, olhos abertos, olha em torno. Olha e, em silêncio, muito pálido, vai se pondo de pé. A pupila entra em contacto com a luz, e ele enxerga, distingue, vê. Mas é espantoso o que vê. Vê, em redor, criaturas humanas. Mas essas criaturas não têm vestimentas, não têm carne; são esqueletos apenas; são ossos que se movem, tíbias que andam, caveiras que abrem e fecham as mandíbulas! Os seus olhos comem a carne dos vivos. A sua retina, como os raios-X, atravessa o corpo humano e só se detém na ossatura dos que a cercam, e diante das cousas inanimadas! O médico, à sua frente, é um esqueleto que tem uma tesoura na

mão! Outros esqueletos andam, giram, afastam-se, aproximam-se, como um bailado macabro!

De pé, os olhos escancarados, a boca aberta e muda, os braços levantados numa atitude de pavor, e de pasmo, Paulo Fernando corre na direção da porta, que adivinha mais do que vê, e abre-a. E o que enxerga, na multidão de médicos e de amigos que o aguardam lá fora, é um turbilhão de espectros, de esqueletos que marcham e agitam os dentes, como se tivessem aberto um ossuário cujos mortos quisessem sair. Solta um grito e recua. Recua, lento, de costa, o espanto estampado na face. Os esqueletos marcham para ele, tentando segurá-lo.

— Afastem-se! Afastem-se! —intima, num urro que faz estremecer a sala toda.

E, metendo as unhas no rosto, afunda-as nas órbitas, e arranca, num movimento de desespero, os dois glóbulos ensanguentados, e tomba escabujando no solo, esmagando nas mãos aqueles olhos que comiam carne, e que, devorando macabramente a carne aos vivos, transformavam a vida humana, em torno, em um sinistro baile de esqueletos...

Poeta, contista e político brasileiro, Humberto de Campos nasceu no Estado do Maranhão, em 1886. O conto que ora publicamos, que alia o horror à ficção científica, indubitavelmente influenciou o roteiro do filme estrelado por Ray Milland, «O Homem dos olhos de raio-X» («'X' - The Man With the X-Ray Eyes»), de Roger Corman (1963), embora não se lhe tenham sido outorgados os devidos créditos. Campos faleceu no Rio de Janeiro, em 1934.

O VADIO - Guy de Maupassant

Ele conhecera dias mais felizes, apesar do estado de miséria e de doença em que agora se encontrava.

Na idade de quinze anos, ficara com as pernas esmagadas por uma carruagem, na estrada real de Varville. Desde então mendigou, arrastando-se ao longo dos caminhos, através dos pátios das quintas, balouçado nas muletas, que lhe tinham feito levantar os ombros à altura das orelhas. A sua cabeça dir-se-ia enterrada entre duas montanhas.

Enjeitado encontrado num fosso, pelo cura de Billette, na véspera do dia de Finados, e batizado em razão disso, Nicolau Toussaint, educado por caridade, ficara estranho a todo e qualquer grau de instrução, estropiado depois de ter bebido alguns copos de aguardente oferecidos pelo padeiro da aldeia, para que ele fizesse rir, não tardou em dar em vagabundo, e mais nada sabia fazer do que estender a mão à caridade.

Outrora, a baronesa d'Avray concedia-lhe, para dormir, uma espécie de nicho cheio de palha, ao lado do galinheiro, na herdade que se ligava ao castelo: e ele ali estava ao abrigo, certo de, nos dias de grande fome, encontrar sempre um pedaço de pão e um copo de cidra na cozinha. Muitas vezes, recebia também alguns «sous» atirados pela velha senhora do alto da sua escadaria ou das janelas do seu quarto.

Porém, ela morrera.

Nas aldeias, não lhe davam nada: conheciam-no por demais; estavam fartos de o ver; havia quarenta anos que o viam passear o deformado de seu corpo andrajoso sobre as suas duas patas de madeira.

Todavia, ele não queria deixar aqueles sítios, porque não conhecia outra coisa sobre a Terra a não ser aquele canto de país, aquelas três ou quatro aldeias onde arrastara a sua vida miserável.

Marcara fronteiras à sua mendicidade e não teria nunca passado os limites que se acostumara a não ultrapassar.

Ignorava se o mundo se estenderia ainda muito para além das árvores que sempre tinham servido de limite à sua vida. Nem sequer o perguntava a si

próprio. E quando os camponeses, cansados de o encontrarem todos os dias à beira dos seus campos ou ao longo dos seus fossos, lhe gritavam:

– Porque não vais tu para as outras aldeias, em lugar de andares sempre a muletar por aqui?

Ele não respondia, e afastava-se, tomado de um medo vago pelo desconhecido, de um medo de pobre que receia confusamente mil coisas, as novas caras, as injúrias, os olhares de desconfiança e suspeita das pessoas que o não conheciam, e os gendarmes que vão dois a dois pelas estradas e que o faziam esconder, por instinto, nas moitas ou por detrás das pedras.

Quando os via de longe, reluzentes ao sol - encontrava de repente uma agilidade singular, uma agilidade de monstro, para alcançar qualquer esconderijo. Saltava nas muletas, e deixava-se cair à maneira de um trapo, rolando como uma bola, tornando-se pequenino, invisível, acaçapado como uma lebre na sua loca, confundindo os seus trapos russos com a terra.

Ele não tivera, no entanto, nada com eles. Mas aquilo estava-lhe na massa do sangue, como se houvesse recebido aquele temor e aquela manha dos seus ascendentes, que não conhecera.

Não tinha refúgio, nem teto, nem cabana, nem abrigo. Dormia por toda a parte, quer de verão quer de inverno, e introduzia-se nas granjas ou nos estábulos com uma ligeireza notável. E raspava-se sempre antes que houvessem dado pela sua presença. Conhecía os buracos para penetrar nas construções; e o manejar das muletas havia-lhe dado aos braços um vigor tão surpreendente, que trepava só à força de pulso até aos celeiros de forragens, onde se conservava quatro ou cinco dias sem bulir, quando havia recolhido no seu giro as provisões suficientes.

Vivia como os animais dos bosques no meio dos homens, sem conhecer ninguém, sem amar ninguém, não excitando aos camponeses mais que uma espécie de desprezo indiferente e de hostilidade resignada. Tinham-lhe posto a alcunha do «Sino» porque se baloiçava, entre as suas duas muletas de pau como um sino se baloiça entre os seus suportes.

Havia dois dias que não comia. Ninguém já lhe dava nada. Por fim, nem já o queriam ver. Os camponeses, dos seus portais, gritavam-lhe quando o viam chegar:

– Vê lá se te queres pôr a andar, tonante! Ainda não há três dias que te dei um bocado de pão!

E ele girava sobre as suas estacas e dirigia-se à casa vizinha, onde o recebiam da mesma maneira.

As mulheres declaravam de porta para porta:

– Mas é que a gente não pode dar de comer a este mandrião todo o ano.

Todavia, o mandrião tinha necessidade de comer todos os dias.

Tinha percorrido Saint-Hilaire, Varville e les Bocettes, sem recolher um cêntimo nem uma simples côdea. Só lhe restava uma esperança, era, Tournolles; mas era-lhe preciso caminhar ainda duas léguas pela estrada real, e sentia-se cansado a ponto de não poder arrastar-se mais, tendo o ventre tão vazio como a algibeira.

Apesar de tudo, pôs-se em marcha.

Era em Dezembro, um vento frio percorria os campos, sibilava nos ramos nus; e as nuvens galopavam através do céu baixo e sombrio, apressando-se não se sabe para onde. O estropiado caminhava lentamente, deslocando os seus suportes um após outro com penoso esforço, escorando-se na perna torcida que lhe restava, terminada por um pé aleijado e calçado por um trapo.

De tempos a tempos, assentava-se no fosso e descansava alguns minutos. A fome punha uma grande mágoa na sua alma confusa e pesada. Ele só tinha uma ideia: «comer», mas não sabia por que meio.

Durante três horas, penou na comprida estrada depois, quando avistou as árvores da aldeia, apressou os seus movimentos.

O primeiro lavrador que encontrou e ao qual pediu esmola, respondeu-lhe:

– Tu ainda por aqui? velho marau! Então eu nunca me verei livre de ti?

E o «Sino» afastou-se. De porta em porta, correram-no, recambiaram-no, sem lhe darem nada. E ele continuava, apesar disso, o seu giro, paciente e obstinado. Não recolheu um sou.

Então visitou as herdades, caminhando através das terras amolecidas pelas chuvas, por tal forma extenuado que nem sequer podia levantar as muletas. Escorraçavam-no de toda a parte. Era um desses dias frios e tristes em que os corações se fecham, em que os espíritos se irritam, em que a alma está sombria, em que a mão não se abre nem para dar nem para socorrer.

Quando acabou de visitar todas as casas que conhecia, foi cair ao canto de uma vala, ao longo do pátio do tio Chiquet. Despegou-se, como se dizia para exprimir a maneira porque se deixava cair de entre as muletas que fazia escorregar por debaixo dos braços. Ficou por largo tempo imóvel, torturado pela fome, mas era

muito bruto para que pudesse penetrar a sua insondável miséria.

Esperava não se sabe o que, naquela vaga esperança que existe constante em nós.

Esperava ao canto daquele pátio, sob o vento gelado, o auxílio misterioso que se espera sempre do céu ou dos homens, sem que se saiba como, nem porque, nem por quem ele nos poderá chegar. Passava um bando de galinhas pretas, buscando a sua vida na terra que alimenta todos os seres. A cada instante, picavam com uma bicada um grão ou um insecto invisível, depois continuavam a sua busca lenta e segura.

O «Sino» olhava para elas sem pensar em nada; depois veio-lhe, mais ao ventre que propriamente à cabeça, mais à sensação que à ideia, que um daqueles animais seria bom para comer assado no borralho de uns troncos secos. A suposição de que ia cometer um roubo nem de leve roçou pelo seu espírito. Pegou numa pedra que se achava ao alcance da mão, e, como a tinha certa, matou redondamente, atirando logo por terra a ave que estava mais próxima. O animal caíra de flanco, remexendo as asas.

As outras fugiram, baloiçando-se nas suas patas delgadas, e o «Sino», escalando novamente as suas muletas, pôs-se em marcha para ir apanhar a sua caça, com movimentos iguais aos das galinhas.

Ao chegar perto do pequeno corpo preto manchado de vermelho na cabeça, recebeu um empurrão terrível pelas costas, que o fez cair das muletas e o fez rolar a dez passos para a frente.

E o tio Chiquet, exasperado, precipitando-se sobre o pilha, encheu-o de pancadas, batendo como um furioso, como bate um camponês roubado, com o punho e com o joelho por todo o corpo do enfermo, que não podia defender-se.

As pessoas da herdade chegaram por sua vez e puseram-se com o patrão a sovar o mendigo. Depois, quando se cansaram de lhe bater, agarraram nele, levaram-no e fecharam-no na casa da lenha, enquanto iam em cata dos gendarmes.

«Sino», meio morto, sangrando e estoirando de fome, ficou deitado no chão. Chegou a tarde, veio a noite, depois a aurora, e ele sem comer.

Pelo meio dia, os gendarmes apareceram e abriram a porta com precaução, esperando uma resistência, porque o tio Chiquet dizia ter sido atacado pelo vadio e ter-se defendido a grande custo.

O cabo bradou:

– Vamos! leva arriba!

Mas «Sino» não se podia mexer; ainda tentou içar-se nos seus suportes, mas não o conseguiu. Julgaram que era fingimento, que era manha, que era má vontade do malfeitor, e os dois homens armados trataram-no asperamente, empunharam-no e plantaram-no à força sobre as muletas.

O medo apossara-se dele, aquele medo inato que os desgraçados têm das correias militares, o medo da caça em presença do caçador, do rato diante do gato. E, com esforços sobre-humanos, lá conseguiu pôr-se em pé.

– Marche! disse o cabo.

Ele marchou. Todo o pessoal da herdade o via partir. As mulheres mostravam-lhe o punho; os homens chacoteavam-no, injuriavam-no: tinham-lhe dado fim! Estavam livres.

Ele afastou-se entre os dois guardas. Achou a energia desesperada que lhe era precisa para se arrastar ainda até à noite, embrutecido, não sabendo nem sequer o que lhe sucedia, assustado por demais para que pudesse compreender.

As pessoas que o encontravam detinham-se para o ver passar, e os camponeses murmuravam:

– É algum ladrão!

Pela noitinha, chegaram à comarca. Ele nunca tinha ido até ali. Não dava verdadeiramente conta do que se passava nem do que lhe podia acontecer. Todas aquelas casas novas o consternavam.

Não pronunciou mais uma palavra, nada tendo a dizer, porque nada compreendia. Desde muitos anos que não falava a ninguém, por isso quase perdera o uso da linguagem; e o seu pensamento estava também muito confuso para poder formular palavras. Encerraram-no na prisão da vila. Os gendarmes não pensaram em que ele poderia ter vontade de comer, e deixaram-no até ao outro dia.

Mas, quando vieram para o interrogar, logo de manhãzinha, acharam-no morto, no chão.

Que surpresa!

A LOBA – Giovanni Verga

Era alta, magra; mas tinha um seio firme e vigoroso, de morena – embora já não fosse criança – pálida como se tivesse sempre a malária, e naquela palidez, uns olhos grandes e uns lábios frescos e rubros que fascinavam.

No povoado chamavam-lhe "A Loba" porque nunca se saciava. As mulheres persignavam-se ao vê-la passar sozinha como uma cadela, com aquele andar errante e desconfiado de loba faminta; roubava filhos e maridos num abrir e fechar de olhos, com seus lábios rosados, e levava-os colados aos seus vestidos, com aquele olhar de Satanás, ainda que estivessem ante o altar de Santa Agripina. Por sorte, a Loba não ia nunca à igreja, nem pela Páscoa nem pelo Natal, nem para ouvir missa, nem para se confessar. O padre Ângelo de Santa Maria de Jesus, um verdadeiro servo de Deus, tinha perdido a alma por ela.

A pobre Marica, menina boa e desembaraçada, chorava às escondidas, porque, filha da Loba, ninguém a queria por mulher, apesar de ter seu enxoval na cômoda e seu pedaço de chão como qualquer outra moça do povoado.

Um belo dia, a Loba enamorou-se de um belo rapaz que tinha voltado do serviço militar e que ceifava feno com ela nos campos do notário; mais do que se diz enamorar-se, sentia que lhe ardiam as carnes sob o fustão do corpete, e provar, ao fitá-lo nos olhos a sede das cálidas tardes de junho, em meio da planície. Porém ele continuava ceifar tranquilamente, atento aos feixes, e dizia-lhe: – O que há, dona Pina?

Nos campos imensos, onde só se ouvia o estridular do vôo dos grilos, quando caía o sol a prumo, a Loba ceifava gavela após gavela e feixe atrás de feixe, sem se cansar jamais, sem erguer nem um momento o corpo, sem aproximar os lábios do garrafão, com o intuito de estar sempre nos calcanhares de Nanni, que ceifava e ceifava, e lhe perguntava de quando em quando: – O que quer, dona Pina?

Uma noite lhe disse, enquanto os homens dormitavam na eira, cansados, e vagavam os cães pelo campo vasto e negro:

– Quero você, que é bonito como um sol e doce como o mel! Quero a ti!

– E eu quero a tua filha, que é mocinha – respondeu Nanni rindo.

A Loba levou as mãos à cabeça, coçou as fontes sem dizer palavra e, e se foi, sem voltar mais na eira. Mas em outubro tornou a ver Nanni, quando se extraía azeite, pois trabalhava perto de sua casa e o ranger da prensa não a deixava dormir a noite inteira.

– Apanha o saco das azeitonas – disse à filha – e vem comigo.

Nanni empurrava com a vara as azeitonas para debaixo da mó, e gritava "upa!" à mula para que não parasse.

– Gosta de minha filha Marica? – perguntou-lhe dona Pina.

– Que a senhora dá para a sua filha Marica? – perguntou Nanni.

– Tem tudo o que era do pai, e, além disso, lhe dou minha casa; a mim me basta que me dê um canto na cozinha onde possa estender um colchão.

– Se é assim, falaremos para o Natal – disse Nanni.

Nanni estava todo besuntado e sujo do azeite e das azeitonas postas a fermentar, e Marica não gostava dele de jeito algum; porém sua mãe agarrou-a pelos cabelos, diante da casa, e lhe disse, apertando os dentes:

– Se você não o pega, te mato!

A Loba parecia doente, e o povo dizia que o diabo quando fica velho se faz ermitão. Já não vivia de lá para cá; já não se punha a soleira com aqueles olhos de endemoninhada. O genro, quando ela lhe olhava com aqueles olhos, desandava a rir, e tirava o escapulário da Virgem para se benzer. Marica ficava em casa amamentando seus filhos, e sua mãe andava pelos campos trabalhando com os homens, como um homem também, lavrando, capinando, conduzindo o gado, podando as videiras, quer soprasse o gregal, o levante de janeiro ou o siroco de agosto, quando mulas abaixavam a cabeça e os homens dormiam de bruços ao abrigo do muro, do norte. "Nessa hora, entre véspera e nona, em que não passeia mulher direita", dona Pina era o único ser vivente a quem se via errar pela campina, sobre os seixos abrasados dos caminhos, entre os secos restolhos dos imensos campos, que se perdiam no cáldo ambiente, longe, muito longe, para o Etna nevoento, onde o céu pendia, pesado, sobre o horizonte.

– Acorda – disse a Loba a Nanni, que dormia no valado junto da cerca poeirenta, com a cabeça entre os braços. – Acorda, eu te trouxe vinho para refrescar a garganta.

Nanni abriu os olhos atordoados, entre adormecido e desperto, e viu-a ereta, pálida, prepotente, olhos negros como o carvão, e tocou-lhe as mãos.

– Não! mulher direita não passeia entre véspera e nona! – disse Nanni, escondendo o rosto entre as ervas secas da valada. – Vai, vai! não volte mais a eira!

E a Loba se foi, de fato, reatando as formosas tranças, de olhar fixo ante seus passos nos cálidos restolhos, com os negros como carvão.

Voltou, porém, muitas vezes à eira, e Nanni não lhe disse nada. E até quando tardava a chegar, na hora, entre vésper e nona, ia esperá-la no alto da senda branca e deserta, com o suor na fronte, e depois levava as mãos à cabeça repetindo-lhe sempre:

– Vai, vai, e não volte mais à eira!

Marica chorava dia e noite, e plantava-se ante sua mãe, os olhos ardentes de ciúmes e lágrimas, como uma lobinha, ela também, sempre que a via voltar do campo, pálida e muda.

– Desalmada! – lhe dizia. – Mãe desalmada!

– Te cala!

– Ladra, ladra!

– Te cala!

– Vou contar ao brigadeiro!

– Vai!

E foi mesmo, com seus filhos nos braços, sem medo, sem verter uma lágrima, como uma louca, porque agora também ela queria aquele marido que lhe tinham dado à força, besuntado e sujo das azeitonas postas a fermentar.

O brigadeiro mandou chamar Nanni; ameaçou-o até com a prisão e a força. Nanni desatou a chorar e a puxar os cabelos. Nada negou! Não tentou desculpar-se! – É a tentação – dizia – é a tentação do inferno! – E se se jogou aos pés do brigadeiro, suplicando-lhe que o metesse na cadeia:

– Por caridade, senhor brigadeiro, tire-me deste inferno! Que me matem! Que me encarcerem; contanto que não a veja mais, nunca mais!

– Não! – argumentou a Loba ao brigadeiro. – Eu reservei para mim um canto da

cozinha para dormir, quando lhes dei minha casa como dote. A casa é minha; não quero sair!

Pouco depois, Nanni levou um coice de mula, e estava para morrer; mas o pároco recusou-se lhe levar o Senhor se a Loba não saísse da casa. A Loba saiu, e seu genro pôde então se preparar para morrer como bom cristão, e confessou-se e comungou com tais mostras de arrependimento e de contrição, que todos os vizinhos e curiosos choravam junto ao leito do moribundo. Melhor lhe teria sido morrer naquele dia, antes que o diabo voltasse a tentá-lo e a meter-se-lhe na alma e no corpo se restabeleceu.

– Me deixa! – dizia à Loba. – Por caridade, me deixa em paz! Vi a morte com estes dois olhos! A pobre Marica está desesperada. Todo o povoado já sabe! Quando não te vejo é melhor para ti e para mim...

Teria desejado arrancar os olhos para não ver os da Loba, que quando se cravavam nos seus lhe faziam perder a alma e o corpo. Não sabia o que fazer para livrar-se do feitiço. Pagou missas às almas do Purgatório; pediu ajuda ao pároco e ao brigadeiro. Pela Páscoa se confessou e arrastou-se em público, lambendo, em penitência, seis palmos de ladrilhos do adro da igreja. Mas depois, como Loba voltasse a tentá-lo:

– Escuta! – disse-lhe – não volte mais à eira, porque se voltar para me tentar, te mato; tão certo como há Deus.

– Me mata, – respondeu a Loba, eu não me importo; mas não vou ficar sem você.

Quando a viu ao longe, em meio das verdes sementeiras, deixou de cavar as vinhas e foi arrancar o machado do olmo. A Loba viu-o aproximar-se, pálido, com olhos arregalados, de machado brilhando ao sol, e não recuou um só passo; não baixou os olhos, continuou andando ao seu encontro, com as mãos cheias de papoulas vermelhas, devorando-o com seus olhos negros.

– Ah, maldita seja tua alma! – balbuciou Nanni.

OS DEFENSORES – Philip K. Dick



Taylor recostou-se na cadeira, lendo o jornal da manhã. A cozinha quente e o cheiro do café misturavam-se com o conforto de saber que não tinha de ir trabalhar. Este era o seu Período de Descanso, o primeiro em muito tempo, e estava contente com isso. Fechou o segundo caderno do jornal, suspirando de contentamento.

– O que foi? – perguntou Mary, do fogão.

– Arrasaram outra vez Moscovo na noite passada – e Taylor acenou com a cabeça em sinal de aprovação. – Deram-lhe uma verdadeira tareia. Uma daquelas bombas R-H. Já era tempo.

Voltou a menear a cabeça, sentindo o conforto total da cozinha, a presença da sua mulher roliça e atraente, dos pratos do pequeno-almoço e do café. Isto é que era descontraír. E as notícias da guerra eram boas; boas e agradáveis. Conseguia sentir-se justificadamente alegre com essas notícias, com uma sensação de orgulho e de realização pessoal. No fim das contas, era parte integrante do programa de guerra; não era apenas mais um operário fabril a empurrar um carrinho de sucata, mas sim um técnico, um desses técnicos que tinham concebido e planeado a espinha dorsal da guerra.

– Diz que já têm os novos submarinos quase prontos. Espera só até quando puserem esses a andar – deu um estalido com os lábios, saboreando em antecipação. – Quando começarem a bombardear debaixo a partir da água, os russos vão ficar surpreendidos.

– Estão a fazer um excelente trabalho – concordou Mary vagamente. – Sabes o que vimos hoje? A nossa equipe vai receber um *chumbot* para mostrar às crianças da escola. Já o vi, mas apenas por um instante. É bom para as crianças verem para onde vão as suas contribuições, não te parece?

Virou-se para olhar para ele.

– Um *chumbot* – murmurou Taylor. Pousou lentamente o jornal. – Bem, assegura-te de que esteja devidamente descontaminado. Não se pode correr riscos.

– Oh, eles lavam-nos sempre quando são trazidos da superfície – respondeu

Mary. – Não lhes passaria pela cabeça deixá-los descer sem os lavarem primeiro. Pois não? – hesitou, pensando melhor. – Don, sabes... Isso faz-me lembrar...

Ele acenou com a cabeça.

– Eu sei.

Ele sabia o que ela estava a pensar. Uma vez, logo nas primeiras semanas da guerra, antes de toda a gente ter sido evacuada da superfície, tinham visto um comboio-hospital a descarregar os feridos, pessoas que tinham sofrido uma chuvada de poeira radioativa. Lembrava-se do aspecto que tinham, das expressões nas suas caras, ou no que restava das suas caras. Não tinha sido uma visão agradável.

Tinha havido muito disso, inicialmente, nos primeiros dias antes de a transferência para o subsolo estar completa. Tinha havido muito, e não tinha sido muito difícil deparar com isso.

Taylor levantou os olhos para a mulher.

Ela andava a pensar demasiado nisto, nos últimos meses. Todos andavam.

– Esquece isso – disse ele. – Está tudo no passado. Agora não está ninguém lá em cima, a não ser os *chumbots*, e esses não se importam.

– Mas mesmo assim... Espero que sejam cuidadosos quando deixam um deles vir cá abaixo. Se um deles ainda estivesse quente...

Ele riu-se, afastando-se da mesa.

– Esquece isso. Este é um momento maravilhoso; estarei em casa durante os próximos dois turnos. Nada para fazer, a não ser ficar por aí sentado e levar as coisas com calma. Talvez possamos ir ver uma sessão de visionamento. De acordo?

– Um visionamento? Tem mesmo de ser? Não gosto de ver toda a destruição, e as ruínas. Às vezes vejo um sítio qualquer de que me recordo, como São Francisco. Mostraram uma imagem de São Francisco, com a ponte partida e caída na água, e fiquei transtornada. Não gosto de ver isso.

– Mas não queres saber o que se está a passar? Não há seres humanos a serem feridos, sabes?

– Mas é tão horrível! – a cara dela estava tensa e preocupada. – Por favor, não, Don.

Don Taylor pegou no seu jornal com ar enfastiado.

– Muito bem, mas também não há muito mais que se possa fazer por aqui. E não te esqueças que as cidades deles estão a levar com bem pior.

Mary fez que sim com a cabeça. Taylor virou as páginas finas e de má qualidade do jornal. A sua boa disposição dera lugar a uma certa amargura. Porque tinha ela de estar sempre tão preocupada? Tinham uma vida bastante boa, dadas as circunstâncias.

Não se podia esperar ter tudo na perfeição, vivendo no subsolo, com um sol artificial e comida artificial. Naturalmente, era cansativo não se ver o sol ou não se poder ir a lado nenhum, ou não ver nada mais a não ser paredes metálicas, grandes e ruidosas fábricas, instalações industriais e casernas. Mas sempre era melhor do que estar na superfície. E um dia haveria de acabar e poderiam regressar.

Ninguém queria viver desta maneira, mas era necessário.

Virou a página irritadamente e o papel fraco rasgou-se. Diabo, o papel estava a ficar pior a cada dia... Má impressão, tom amarelado... Bom... tudo fazia falta para o programa de guerra. Ele devia saber isso muito bem. Não era, afinal, um dos planeadores?

Pediui licença e foi para a outra sala. A cama ainda estava por fazer. Era melhor tratarem disso antes da inspeção da sétima hora. Havia uma multa de uma unidade...

O videofone tocou. Dan parou. Quem seria? Foi até ao aparelho e ligou-o.

– Taylor? – perguntou a cara que se começava a definir no ecrã. Era uma cara velha, cinzenta e sombria. – É Moss. Desculpa incomodar-te durante o teu Período de Descanso, mas surgiu uma coisa – remexeu uns papéis. – Quero que venhas rapidamente até cá.

Taylor endireitou-se.

– O que é? Não pode mesmo esperar?

– os olhos cinzentos e calmos estavam a estudá-lo, inexpressivamente, sem fazer juízos

– Se queres que vá aí ao laboratório... – resmungou Taylor –, muito bem, irei. Vou só vestir o uniforme...

– Não. Vem como estiveres. E não é ao laboratório. Vem ter comigo ao segundo nível assim que puderes. Demorará uma meia hora, se usares o carro rápido para cima. Encontramo-nos lá.

A imagem tremeu e Moss desapareceu.

– O que era? – perguntou Mary da porta.

– O Moss. Precisa de mim para qualquer coisa.

– Já sabia que isto ia acontecer.

– Bem, também não querias fazer nada, de qualquer forma. Que importância tem? – a voz dele era amarga. – É sempre o mesmo, todos os dias. Trago-te qualquer coisa de volta. Vou ao segundo piso. Talvez chegue suficientemente perto da superfície para...

– Não! Não me tragas nada! Nada da superfície!

– Muito bem. Mas de entre todas as idiotices irracionais...

Ela ficou a vê-lo calçar as botas, sem responder.

Moss acenou com a cabeça e Taylor ajustou o passo ao dele, enquanto o homem mais velho caminhava. Uma série de carregamentos estava a seguir para a superfície, com carros cegos desengonçando-se como vagões de minas pela rampa acima, desaparecendo através do alçapão por cima deles. Taylor observou os carros, carregados de uma maquinaria tubular qualquer; armas que para ele eram novas. Havia operários por toda a parte, com os uniformes cinzentos-escuros do Corpo de Trabalho, a carregar, a içar, a gritar para cá e para lá. Todo o piso era ensurdecedor com tanto ruído.

– Vamos subir mais um pouco – disse Moss – até um sítio onde possamos falar. Isto não é lugar para te dar pormenores.

Tomaram um elevador. O elevador comercial ficou para trás deles, e com ele a maioria dos estrondos e estalidos. Daí a pouco, saíram para uma plataforma de observação, suspensa sobre o lado do Tubo, o vasto túnel que levava até à superfície, agora a não mais de uns 800 metros acima deles.

– Meu Deus! – disse Taylor, olhando involuntariamente para baixo pelo Tubo. – É uma descida bem longa.

Moss riu-se.

– Não olhes.

Abriram uma porta e entraram num escritório. Atrás da secretária estava sentado um oficial. Um oficial da Segurança Interna. O homem levantou os olhos.

– Vou já ter contigo, Moss – e olhou fixamente para Taylor, que o estudava. –

Estás um pouco adiantado.

– Este é o comandante Franks – disse Moss para Taylor. – Foi o primeiro a fazer a descoberta. Eu fui notificado ontem à noite – bateu no pacote que trazia consigo.

– Fui posto ao corrente por causa disto.

Franks franziu o sobrolho para Moss e pôs-se de pé.

– Vamos subir ao primeiro nível Poderemos falar disso lá em cima.

– Primeiro nível? – repetiu Taylor nervosamente.

Os três desceram por uma passagem lateral para um pequeno elevador.

– Nunca lá estive. É seguro? Não é radioativo, não?

– Você é como todos os outros – disse Franks. – Velhinhas com medo dos ladrões. Nenhuma radiação penetra até ao primeiro nível. Há rocha e chumbo, e tudo o que desce pelo Tubo é lavado.

– Qual é a natureza do problema? – perguntou Taylor. – Gostaria de saber alguma coisa sobre isso.

– Daqui a pouco.

Entraram no elevador e subiram.

Quando saíram, estavam num átrio cheio de soldados, com armas e uniformes por toda a parte. Taylor piscou os olhos, surpreendido. Então isto é que era o primeiro nível, o nível do subsolo mais próximo da superfície! Depois deste nível, havia apenas rocha, chumbo e rocha, e os grandes tubos que subiam como canais de minhocas. Chumbo e rocha, e acima disso, onde os tubos desembocavam, a grande extensão de terreno que nenhum ser vivo podia ver havia mais de oito anos; a vasta e interminável ruína que em tempos fora o lar do Homem, o lugar onde tinham vivido, oito anos antes.

Agora, a superfície era um deserto letal de lamas tóxicas e nuvens tempestuosas. Nuvens intermináveis que andavam para trás e para diante, escurecendo o Sol vermelho. Ocasionalmente, alguma coisa metálica movia-se, avançando por entre os despojos de uma cidade, abrindo caminho por entre o terreno torturado dos campos.

Um *chumbot*, um robô da superfície, imune à radiação, construído com uma pressa febril nos últimos meses antes de a guerra aquecer, literalmente.

Chumbots arrastando-se pelo terreno, movendo-se sobre os oceanos ou pelos céus em aparelhos esguios e negros, criaturas que podiam existir onde nenhuma vida poderia subsistir, figuras de metal e plástico que combatiam uma guerra que o Homem concebera, mas que não poderia combater ele próprio. Os seres humanos tinham inventado a guerra, tinham inventado e fabricado as armas, e até tinham inventado os combatentes, os atores da guerra. Mas eles próprios não podiam aventurar-se a avançar, não podiam ser eles próprios a fazer a guerra. Em todo o mundo – na Rússia, na Europa, na América, em África – não restava nenhum ser humano. Estavam todos debaixo da superfície, nos abrigos profundos que tinham sido cuidadosamente planeados e construídos, mesmo enquanto as primeiras bombas começavam a cair.

Era uma ideia brilhante, e a única que poderia resultar. Lá bem acima, na superfície arruinada e cheia de crateras daquilo que antes fora um planeta vivo, os *chumbots* corriam e agachavam-se, e combatiam a guerra do Homem. E no subsolo, nas profundezas do planeta, os seres humanos trabalhavam árdua e interminavelmente para produzirem as armas para prosseguir a luta, mês após mês, ano após ano.

– Primeiro nível – disse Taylor. Uma dor estranha atravessou-o. – Quase na superfície.

– Mas não propriamente – disse Moss.

Franks conduziu-os por entre os soldados, para um dos lados, próximo da berma do Tubo.

– Daqui a alguns minutos, um elevador trará uma coisa da superfície para baixo, para nós – explicou. – Sabe, Taylor, de vez em quando a Segurança examina e interroga um *chumbot* da superfície que tenha andado lá em cima por algum tempo, para averiguar certas coisas. É feita uma vídeo-chamada para cima, e o contato é estabelecido com o quartel-general no terreno. Precisamos destas entrevistas diretas; não podemos depender apenas do contato por meio de um ecrã de vídeo-chamada. Os *chumbots* estão a fazer um bom trabalho, mas queremos ter a certeza de que tudo está a correr da maneira que queremos.

Franks virou-se para Taylor e Moss e prosseguiu:

– O elevador vai trazer para baixo um *chumbot* da superfície, um *chumbot* da classe A. Há uma câmara de exame na sala seguinte, com uma parede de chumbo ao meio, para que os oficiais que fazem o interrogatório não sejam expostos a radiação. Pensamos que é mais fácil assim do que estar a lavar os *chumbots*. Ele vai voltar logo de seguida para cima; precisa de continuar o seu

trabalho.

«– Há dois dias, um *chumbot* classe A foi trazido cá abaixo e interrogado. Eu próprio conduzi a sessão. Estávamos interessados numa nova arma que os soviéticos têm estado a usar, uma mina automática que persegue tudo o que se mexa. Os militares mandaram instruções para cima, de que a mina tinha de ser observada e relatada em pormenor. Este *chumbot* classe A foi trazido cá abaixo com informação. Ficámos a saber alguns fatos por intermédio dele, recuperámos o habitual rolo de filme e os relatórios, e depois mandámo-lo de novo para cima. Estava a sair da câmara, a regressar ao elevador, quando aconteceu uma coisa curiosa. Na altura, pensei...

Franks parou de falar. Havia uma luz vermelha a piscar

– O elevador de cima está a chegar – fez sinal a alguns soldados. – Vamos entrar na câmara. – O *chumbot* estará lá dentro de momentos.

– Um *chumbot* classe A... -- disse Taylor. – Já os vi nos ecrãs de visionamento, a fazerem os seus relatórios.

– É uma experiência dos diabos – disse Moss. – São quase humanos.

Entraram na câmara e sentaram-se atrás da parede de chumbo. Pouco depois, um sinal piscou, e Franks fez um gesto com as mãos.

A porta atrás da parede de chumbo abriu-se. Taylor espreitou pela sua vigia.

Viu algo a avançar lentamente, uma figura metálica esguia movendo-se com determinação, com os braços parados ao lado do corpo. A figura parou e examinou a parede de chumbo. E ali ficou, à espera.

– Estamos interessados em perceber uma coisa – disse Franks. – Antes de te interrogar, tens alguma coisa a relatar sobre as condições na superfície?

– Não. A guerra continua – a voz do *chumbot* era maquinal e sem expressão. – Estamos com alguma falta de aparelhos de caça rápidos, do tipo monolugar. Também seria útil algum...

– Isso já foi tudo devidamente notado. O que te quero perguntar é o seguinte: o nosso contato contigo tem sido apenas através do ecrã de videochamada. Temos de confiar em provas indiretas, dado que nenhum de nós vai lá acima. Só podemos calcular o que se estará a passar. Mas nós próprios nunca vemos nada. Temos de receber sempre tudo em segunda mão. Alguns dirigentes de topo começam a pensar que há demasiada margem de erro.

– Erro? – perguntou o *chumbot*. – Em que sentido? Os nossos relatórios são cuidadosamente verificados antes de serem enviados para baixo. Mantemos um contato constante convosco; tudo o que seja valioso é relatado. Quaisquer novas armas que o inimigo seja visto a usar...

– Eu sei disso – resmungou Franks através da estreita vigia. – Mas talvez devêssemos ver com os nossos próprios olhos. Será possível que haja uma área suficientemente grande e livre de radiação para que um grupo humano suba à superfície? Se alguns de nós subíssemos com trajes revestidos a chumbo, poderíamos sobreviver o tempo suficiente para observar as condições e ver as coisas?

A máquina hesitou antes de responder.

– Duvido. Podem verificar amostras de ar, evidentemente, e decidirem por vós mesmos. Mas nos oito anos desde que saíram, as coisas têm vindo a piorar continuamente. Não podem fazer realmente nenhuma ideia das condições lá em cima. Tornou-se difícil a qualquer objeto que se mova sobreviver por muito tempo. Há muitos projéteis sensíveis ao movimento. A nova mina não só reage ao movimento, como continua a perseguir o objetivo indefinidamente, até que finalmente o apanhe. E a radiação está por todo o lado.

– Estou a ver – Franks virou-se para Moss, com os olhos estranhamente semicerrados.

– Bem, era só isso que queria saber. Podes ir.

A máquina voltou a dirigir-se para a porta. Fez uma pausa.

– A cada mês que passa, a quantidade de partículas letais na atmosfera aumenta. O ritmo da guerra está gradualmente a...

– Eu percebo – Franks levantou-se.

Estendeu uma mão e Moss entregou-lhe o pacote que trazia. – Só outra coisa, antes de ires. Quero que examines um novo tipo de material de blindagem. Vou passar-te uma amostra através da comporta.

Franks colocou o pacote numa garra e fez girar a comporta de forma a que este passasse para o outro lado da parede. O pacote apareceu diante do *chumbot*, que pegou nele. Viram-no a desembrulhá-lo e a segurar a placa de metal nas mãos.

O *chumbot* virou e revirou o metal várias vezes. De repente, ficou hirto.

– Muito bem – disse Franks.

Encostou um ombro de encontro à parede e uma secção deslizou para o lado.

Taylor ficou de boca aberta. Franks e Moss iam a correr para junto do *chumbot*!

– Ora esta! Ora esta... – disse Taylor. – Mas ele está radioativo!

O *chumbot* mantinha-se imóvel, ainda com o pedaço de metal nas mãos. Apareceram soldados na câmara. Rodearam o *chumbot* e passaram cuidadosamente um contador em redor dele.

– Tudo bem, Sir – disse um dos homens. – Está tão frio como uma longa noite de inverno.

– Ótimo. Eu tinha a certeza disso, mas não quis correr riscos.

– Estás a ver... – disse Moss para Taylor. – Este *chumbot* nem sequer está quente. E no entanto, veio diretamente da superfície, sem sequer passar pela lavagem.

– Mas o que significa isso? – perguntou Taylor, confuso.

– Pode ser um acidente – disse Franks. – Há sempre a possibilidade de um dado objeto poder escapar a ser exposto lá em cima. Mas é a segunda vez que acontece, que nós saibamos. Pode haver outros.

– A segunda vez?

– Na entrevista anterior foi quando demos por isso. O *chumbot* não estava quente. Estava frio, também, tal como este.

Moss tirou a placa de metal das mãos do *chumbot*. Pressionou a superfície cuidadosamente e voltou a pô-la nos dedos rígidos e paralisados.

– Provocámos-lhe um curto-circuito com isto, para podermos aproximar-nos o suficiente para um exame completo. Voltará a acordar daqui a uns momentos. É melhor regressarmos para o outro lado.

Voltaram para trás e a parede de chumbo deslizou, fechando-se atrás deles. Os soldados saíram da câmara.

– Daqui a dois Períodos – disse Franks em voz baixa –, um grupo inicial de investigação estará pronto para ir à superfície. Vamos subir o Tubo com trajes, até ao topo. O primeiro grupo humano a partir do subsolo em oito anos.

– Pode não ser nada – disse Moss. – Mas duvido. Alguma coisa se está a passar, e alguma coisa estranha. O *chumbot* disse-nos que nenhuma vida poderia existir lá em cima sem ser imediatamente torrada. A história não bate certo.

Taylor anuiu com a cabeça. Espreitou pela vigia para a figura metálica imóvel.

O *chumbot* já começava a mexer-se. Estava amolgado em vários sítios, com

mossas e raspões, e o acabamento estava enegrecido e chamuscado. Era um *chumbot* que já andava lá em cima havia muito tempo; vira a guerra e a destruição, e ruínas tão extensas que nenhum humano poderia alguma vez imaginar. Rastejara e escondera-se num mundo de radiação e morte, num mundo onde nenhuma vida poderia existir.

E Taylor tinha-lhe tocado!

– Você vem conosco – disse Franks subitamente. – Quero-o conosco. Penso que temos de ir os três.

Mary encarou-o com uma expressão enojada e assustada.

– Já sabia! Vais à superfície, não vais?

Seguiu-o para a cozinha. Taylor sentou-se, desviando o olhar dela.

– É um projeto secreto – disse, evasivo.

– Não te posso dizer nada sobre ele.

– Não precisas de me dizer. Eu sei. Soube assim que entraste. Trazias qualquer coisa na cara, qualquer coisa que não via nela há muito, muito tempo. Era uma expressão antiga – avançou para junto dele. – Mas eles podem mandar-te para a superfície? – segurou a cara dele entre as mãos, obrigando-o a olhar para ela. Havia uma estranha fome nos olhos dela. – Ninguém pode viver lá em cima. Olha. Olha para isto!

Pegou num jornal e segurou-o diante dele.

– Olha para esta fotografia. América, Europa, Ásia, África — nada, a não ser ruínas. Vimos isto todos os dias nos ecrãs de visionamento. Tudo destruído, envenenado. E querem mandar-te lá acima. Porquê? Nada que viva pode subsistir lá em cima, nem sequer uma erva daninha. Deram cabo da superfície, não deram? Não deram?

Taylor levantou-se.

– São ordens. Não sei nada disso. Fui chamado para fazer parte de um grupo de reconhecimento. É tudo o que sei.

Ficou parado por um longo momento, olhando em frente. Lentamente, estendeu a mão para o jornal e segurou-o perto da luz.

– Parece real – murmurou. – Ruínas, morte, poeira tóxica. É convincente. Todos os relatórios, todas as fotografias, filmes, até mesmo amostras de ar. Mas nunca vimos com os nossos próprios olhos, depois dos primeiros meses...

– Que estás tu a dizer?

– Nada – pousou o jornal. – Parto cedo, após o próximo Período de Sono. Vamos deitar.

Mary virou costas, com uma expressão dura e empedernida.

– Faz o que quiseres. O melhor mesmo é irmos para cima e morrer de vez, em vez de andarmos aqui a morrer lentamente como vermes enterrados na terra.

Taylor não se tinha apercebido de quão ressentida ela estava.

Seriam todos assim? Como seria com os trabalhadores que se afadigavam nas fábricas, dia e noite, interminavelmente? Os homens e mulheres pálidos, cansados, arrastando-se para trás e para diante para o trabalho, piscando os olhos na luz sem cor, comendo sintéticos...

– Não devias ser tão amarga – disse.

Mary sorriu um pouco.

– Estou amarga porque nunca hás de voltar – e virou costas. – Nunca mais te voltarei a ver, assim que fores lá para cima.

Ele ficou chocado.

– O quê?! Como podes dizer uma coisa dessas?

Ela não respondeu.

Taylor acordou com o locutor público a gritar-lhe aos ouvidos, a gritar no exterior do edifício.

– Boletim de notícias especial! Forças da superfície relatam enorme ataque soviético com novas armas! Retirada dos grupos principais! Todas as unidades de trabalho devem apresentar-se nas fábricas imediatamente!

Taylor piscou os olhos e esfregou-os.

Saltou da cama e apressou-se a ir ao videofone. Instantes depois, passaram-no a Moss.

– Ouve – disse Taylor. – Então e este novo ataque? O projeto foi adiado? – conseguia ver a secretária de Moss, coberta de papéis e relatórios.

– Não – respondeu Moss. – Vamos avançar como previsto. Vem já para cá.

– Mas...

– Não discutas comigo – Moss pegou numa mão-cheia de boletins da superfície, amarrotando-os selvaticamente. – Isto é tudo falso. Anda daí! – e desligou.

Taylor vestiu-se furioso, com a mente num turbilhão.

Meia hora depois, saltou de um carro rápido e correu escada acima no Edifício dos Sintéticos. Os corredores estavam cheios de homens e mulheres correndo em todas as direcções. Entrou no gabinete de Moss.

– Cá estás tu – disse Moss, levantando-se imediatamente. – Franks está à nossa espera na estação de saída.

Foram num Carro da Segurança, com a sirene a uivar. Os trabalhadores fugiam à sua passagem.

– Então e o ataque? – perguntou Taylor.

Moss encolheu os ombros.

– Estamos convencidos de que os forçámos a mostrar o jogo. Pusemos o assunto às claras.

Pararam junto da estação de ligação ao Tubo e saíram do carro. Pouco depois, estavam a subir a grande velocidade para o primeiro nível.

Saíram para um cenário de atividade espantosa. Soldados fechavam os seus trajes de chumbo, conversando excitadamente uns com os outros, gritando para todos os lados. Estavam a ser distribuídas armas, havia instruções a serem dadas.

Taylor estudou um dos soldados. Estava armado com a temida pistola Bender, a nova arma de mão de cano curto que estava agora a começar a sair da linha de montagem. Alguns soldados pareciam um pouco assustados.

– Espero que não estejamos a cometer um erro – disse Moss, notando o olhar dele.

Franks veio ter com eles.

– Eis o programa. Nós três subiremos primeiro, sozinhos. Os soldados seguir-nos-ão quinze minutos depois.

– O que vamos dizer aos *chumbots*? – perguntou Taylor, preocupadamente. – Alguma coisa teremos de lhes dizer.

– Que queremos observar o novo ataque soviético – e Franks sorriu com ironia.

– Uma vez que parece ser tão grave, devemos estar lá para assistirmos em primeira mão.

– E depois disso? – perguntou Taylor.

– Isso já será com eles. Vamos.

Num carro pequeno, subiram rapidamente pelo Tubo, empurrados por raios anti-gravidade enviados de baixo. Taylor olhava para baixo, de vez em quando. Era um longo caminho que ficava para trás, e cada vez mais longo. Transpirava nervosamente no seu fato, segurando a pistola Bender com dedos nervosos e inexperientes.

Porque o tinham escolhido a ele? Acaso, meramente acaso. Moss pedira-lhe que viesse como membro do Departamento. Depois Franks escolhera-o por capricho. E agora estavam a correr na direção da superfície, cada vez mais depressa.

Um medo profundo, instilado nele durante oito anos, latejava-lhe na cabeça.

Radiação, morte certa, um mundo arruinado e letal...

O carro subia cada vez mais. Taylor agarrava-se às paredes e fechou os olhos.

Estavam cada vez mais perto, e eram as primeiras criaturas vivas a passar acima do primeiro nível, pelo Tubo, passando pela rocha e pelo chumbo, até à superfície. O horror fóbico abalava-o em ondas. Era a morte; todos sabiam disso. Não o tinham já visto em filmes, milhares de vezes? As cidades, a poeira a assentar, as nuvens rápidas...

– Já não deve faltar muito – disse Franks. – Estamos quase lá. A torre da superfície não está à nossa espera. Dei ordens para que nenhum aviso fosse enviado.

O carro disparou para cima, deslizando furiosamente. A cabeça de Taylor rodopiava; continuava a agarrar-se à estrutura, de olhos fechados. Para cima, e mais para cima....

O carro parou. Abriu os olhos.

Estavam numa ampla sala, com luz fluorescente, uma caverna cheia de equipamento e maquinaria, pilhas intermináveis de material alinhado fila após fila. Entre as pilhas, havia *chumbots* a trabalhar silenciosamente, empurrando carrinhos de mão e vagões.

– *Chumbots* – disse Moss. Estava pálido. – Então, estamos mesmo na superfície.

Os *chumbots* andavam para trás e para diante com equipamento, movimentando as enormes quantidades de armas e de peças sobresselentes, munições e abastecimentos que tinham sido trazidas para a superfície. E esta era apenas a estação de recepção de um único Tubo; havia muitas outras, espalhadas por todo o continente.

Taylor olhou nervosamente em redor.

Já lá estavam, acima do chão, na superfície.

Era aqui que estava a guerra.

– Vamos – disse Franks. – Vem um guarda classe B na nossa direcção.

Saíram do carro. Um *chumbot* estava a aproximar-se deles rapidamente. Parou à frente deles e examinou-os com a arma de mão erguida.

– Somos da Segurança – disse Franks. – Manda um classe A vir ter comigo imediatamente.

O *chumbot* hesitou. Outros guardas classe B estavam a chegar, deslizando, alertas e alarmados. Moss espreitou em redor.

– Obedece! – disse Franks em voz forte, imperativa. – Dei-te uma ordem!

O *chumbot* afastou-se hesitante. No extremo do edifício, uma porta abriu-se. Saíram dois *chumbots* classe A, avançando lentamente na direcção deles. Cada um tinha uma faixa verde cruzada na frente.

– São do Conselho da Superfície – sussurrou Franks tensamente. – Estamos mesmo acima do chão. Preparem-se.

Os dois *chumbots* aproximaram-se intrigados. Sem falarem, pararam perto dos homens, observando-os de alto a baixo.

– Sou Franks, da Segurança. Viemos do subsolo para...

– Isto é incrível – interrompeu-o friamente um dos *chumbots*. – Vocês sabem que não podem viver cá em cima. Toda a superfície é letal para vocês. Não há maneira de permanecerem na superfície.

– Estes trajes proteger-nos-ão – respondeu Franks. – E de qualquer forma, isso não é responsabilidade vossa. O que eu quero é uma reunião com o Conselho, imediatamente, para me poder inteirar das condições e da situação aqui em cima.

Podes tratar disso?

– Vocês, seres humanos, não conseguem sobreviver cá em cima. E o novo ataque soviético está dirigido a esta área.

A área está sob um perigo considerável.

– Nós sabemos isso. Por favor, reúne o Conselho – Franks olhou em volta para a ampla sala, iluminada por lâmpadas embutidas no teto. Um tom de incerteza transpareceu-lhe na voz. – É noite ou dia, neste momento?

– Noite – respondeu um dos *chumbots*, depois de uma pausa. – O nascer do dia será daqui a cerca de duas horas.

Franks assentiu.

– Ficaremos pelo menos por duas horas, então. Em consideração pelo nosso sentimentalismo, podem mostrar-nos, por favor, um local de onde possamos observar o nascer do Sol? Ficaríamos agradecidos.

Os *chumbots* mostraram-se agitados.

– É uma visão desagradável – disse um deles. – Já viram fotografias; já sabem o que verão. Nuvens de partículas em suspensão tapam a luz; há montes de lamas tóxicas por toda a parte, e toda a terra está destruída. Para vocês, será uma visão assustadora, muito pior do que as fotografias e os filmes podem transmitir.

– Seja como for, ficaremos o tempo suficiente para o vermos. Dás a ordem ao Conselho?

– Venham por aqui – relutantemente, os dois *chumbots* deslizaram na direção da parede do armazém. Os três homens arrastaram-se atrás deles, com as botas pesadas batendo sonoramente contra o cimento do chão. Junto à parede, os dois *chumbots* fizeram uma pausa.

– Esta é a entrada para a Câmara do Conselho. Há janelas na Sala do Conselho, mas ainda está escuro lá fora, evidentemente. Por agora, nada verão, mas daqui a duas horas...

– Abre a porta – disse Franks.

A porta deslizou para trás. Entraram lentamente. A sala era pequena: uma salinha arrumada, com uma mesa redonda no centro e cadeiras em volta. Sentaram-se os três silenciosamente, e os dois *chumbots* fizeram o mesmo depois, tomando os seus lugares.

– Os outros membros do Conselho vêm a caminho. Já foram notificados e virão o mais depressa que puderem. Mais uma vez, insisto que regressem para baixo – o *chumbot* observou os três seres humanos. – Não há nenhuma forma de poderem enfrentar as condições cá em cima. Até mesmo nós sobrevivemos com algumas dificuldades. Como esperam vocês fazê-lo?

O líder aproximou-se de Franks.

– Isto espanta-nos e deixa-nos perplexos – disse. – É claro que temos de fazer o que nos dizem, mas permita-me que sublinhe que se continuarem aqui...

– Nós sabemos – disse Franks, impaciente. – Mas, mesmo assim, queremos

ficar, pelo menos até ao nascer do Sol.

– Se insiste.

Fez-se silêncio. Os *chumbots* pareciam estar a debater um com o outro, embora os três homens não ouvissem nenhum som.

– Para vosso próprio bem – disse o líder, por fim – têm de descer. Discutimos este assunto e parece-nos que estão a agir erradamente, contra o vosso próprio interesse.

– Somos seres humanos – disse Franks secamente. – Não estás a perceber? Somos homens, não somos máquinas.

– E é precisamente por isso que têm de voltar para trás. Esta sala está radioativa; todas as áreas da superfície o estão. Calculamos que os vossos fatos não vos protegerão por mais de cinquenta minutos. Por isso...

Os *chumbots* avançaram subitamente para os homens, deslizando até formarem um círculo, numa fila compacta.

Os homens levantaram-se, com Taylor procurando desajeitadamente a arma, com os dedos dormentes e embrutecidos.

Ficaram a encarar as silenciosas figuras metálicas..

– Temos de insistir – disse o líder, sem emoção na voz. – Temos de vos levar de volta para o Tubo e mandar-vos para baixo no próximo carro. Lamento, mas tem de ser.

– Que havemos de fazer? – perguntou Moss nervosamente a Franks. Deitou a mão à arma. – Damos cabo deles?

Franks abanou a cabeça.

– Muito bem – disse para o líder. – Voltaremos para trás.

Avançou para a porta, fazendo sinal a Taylor e a Moss para o seguirem. Estes olharam para ele, surpreendidos, mas seguiram-no. Os *chumbots* seguiram-nos também pelo grande armazém. Lentamente, avançaram para a entrada do Tubo, sem que nenhum dissesse uma palavra.

Perto da saída, Franks virou-se para trás.

– Vamos embora porque não temos outra escolha. Somos três, e vocês são doze. Contudo, se...

– Aí vem o carro – disse Taylor.

Ouviu-se um ruído de fricção no tubo.

Os *chumbots* classe D avançaram para mais perto, para receberem o carro.

– Lamento – disse o líder –, mas é para vossa proteção, literalmente. Têm de ficar lá em baixo e deixar-nos a nós fazer a guerra. De certa forma, isto tornou-se a nossa guerra. Temos de lutar conforme nos parecer melhor.

O carro chegou à superfície.

Doze soldados, armados com pistolas Bender, saíram do carro e rodearam os três homens.

Moss soltou um suspiro de alívio.

– Bem, isto já muda as coisas. Acabou por resultar mesmo bem.

O líder recuou, afastando-se dos soldados.

Observou-os atentamente, olhando um após outro, aparentemente tentando decidir-se. Por fim, fez um sinal aos outros *chumbots*. Estes afastaram-se para os lados e um corredor abriu-se para o armazém.

– Mesmo assim – disse o líder –, poderíamos obrigar-vos a descer pela força. Mas é evidente que não são um grupo de observação. Esses soldados mostram que têm muito mais em mente; isto foi tudo cuidadosamente preparado.

– Muito cuidadosamente – anuiu Franks.

Aproximaram-se.

– Até que ponto, só podemos calcular. Tenho de admitir que fomos apanhados despreparados. Falhámos completamente em responder à situação. Ora, a força seria um absurdo, porque nenhum dos lados pode permitir-se ferir o outro; nós, por causa das restrições que nos foram incutidas relativamente à vida humana; vocês, porque a guerra requer...

Os soldados dispararam, rapidamente e assustados. Moss caiu sobre um joelho, disparando para cima. O líder dissolveu-se numa nuvem de partículas. De todos os lados, havia *chumbots* classe D e B acorrendo apressadamente, uns com armas, outros com pés-de-cabra. A sala estava mergulhada em confusão. Ao longe na distância, uma sirene uivava. Franks e Taylor ficaram separados dos outros, separados dos soldados por uma parede de corpos metálicos.

– Eles não podem ripostar – disse Franks calmamente. – É mais um blefe. Têm estado a tentar enganar-nos o tempo todo – disparou para a cara de um *chumbot*. Este dissolveu-se. – Só podem tentar assustar-nos. Lembre-se disso.

Continuaram a disparar, e um *chumbot* após outro dissolvia-se. A sala fedia com o cheiro de metal quente, com o fedor do plástico e do aço derretido. Taylor fora

lançado ao chão. Estava a tentar agarrar a sua arma, estendendo a mão freneticamente por entre pernas metálicas, tentando desesperadamente encontrá-la. Tinha os dedos doridos, e uma coronha passou diante dele. Subitamente, qualquer coisa abateu-se sobre o braço de Taylor – um pé metálico. Soltou um grito.

Depois, acabou. Os *chumbots* estavam a afastar-se, reunindo-se do outro lado. Só quatro dos elementos do Conselho da Superfície restavam. Os outros eram agora partículas radioativas no ar. Já havia *chumbots* classe D a repor a ordem, apanhando figuras metálicas parcialmente destruídas e peças soltas e retirando-as dali.

Franks soltou um suspiro profundo.

– Muito bem – disse. – Agora podem levar-nos de novo até à janela. Já não vai demorar muito.

Os *chumbots* separaram-se, e o grupo humano, Moss, Franks e Taylor e os soldados caminharam lentamente pela sala, em direção à porta. Entraram na Câmara do Conselho. Havia já um leve toque de cinzento a mitigar a escuridão das janelas.

– Leva-nos lá fora – disse Franks impacientemente. – Queremos ver diretamente, e não daqui.

Uma porta deslizou e abriu-se. Um sopro frio de ar da manhã entrou de rompante, gelando-os mesmo através dos fatos de chumbo. Os homens olharam de relance uns para os outros, pouco à vontade.

– Vamos – disse Franks. – Lá para fora.

Passou pela porta, e os outros seguiram-no.

Estavam numa colina que dava para um vale em forma de tigela. Difusamente, contra o céu acinzentado, começava a formar-se o contorno de montanhas, que se tornavam quase tangíveis.

– Daqui a poucos minutos estará suficientemente claro para se poder ver – disse Moss. Estremeceu enquanto um vento gélido o apanhava e rodopiava à sua volta. – Na verdade, vale bem a pena, só para ver isto mais uma vez, ao fim de oito anos. Mesmo que seja a última coisa que vemos...

– Observem – ralhou Franks.

Obedeceram, em silêncio e submissos.

O céu estava a clarear, ficando mais luminoso a cada instante. Algures na distância, do outro lado do vale, um galo cantou.

– Um galo! – murmurou Taylor. – Ouviram-no?

Atrás deles, os *chumbots* tinham saído e estavam parados, silenciosos, também a observar. O céu cinzento tornou-se branco e as colinas apareceram com maior clareza. A luz espalhou-se pelo vale, avançando na direção deles.

– Deus do Céu! – exclamou Franks.

Árvores... árvores e florestas. Um vale de plantas e árvores, com algumas estradas serpenteando por entre elas. Quintas. Um moinho de vento. Um celeiro, lá longe e abaixo deles.

– Vejam! – murmurou Moss.

A cor encheu o céu. O Sol estava a aparecer.

Pássaros começaram a cantar. Não muito longe de onde estavam, as folhas de uma árvore dançavam ao vento.

Franks voltou-se para a fila de *chumbots* atrás deles.

– Oito anos. Fomos enganados. Não houve guerra nenhuma. Assim que deixámos a superfície...

– Sim – admitiu um *chumbot* classe A. – Assim que se foram, a guerra parou. Tem razão, foi um embuste. Vocês trabalhavam duramente abaixo da superfície, mandando para cima armas e canhões, e nós destruíamo-los assim que cá chegavam acima.

– Mas porquê? – perguntou Taylor, confuso. Olhou fixamente para o amplo vale mais abaixo. – Porquê?

– Vocês criaram-nos – respondeu o *chumbot* – para fazermos a guerra em vosso lugar, enquanto vocês seres humanos iam para baixo para poderem sobreviver. Mas antes que pudéssemos continuar com a guerra, era necessário analisar-mo-la para determinarmos qual era o seu propósito. Fizemos isso, e descobrimos que não havia nenhuma finalidade, a não ser, talvez, em termos de necessidades humanas. E mesmo isso era questionável.

«– Investigámos mais. Descobrimos que as culturas humanas passam por fases, cada cultura a seu devido tempo. À medida que a cultura envelhece e começa a perder os seus objetivos, surgem conflitos entre aqueles que a querem pôr de lado para criarem um novo padrão cultural, e aqueles que desejam reter o antigo com o mínimo de mudanças possível.

«– Nesse ponto, surge um grande perigo. O conflito interior ameaça mergulhar a sociedade numa guerra contra si mesma, com grupo contra grupo. As tradições vitais podem perder-se – não sendo meramente alteradas ou reformadas, mas completamente destruídas durante este período de caos e anarquia. Descobrimos muitos exemplos disso na história da humanidade.

«– É necessário que esse ódio no seio da cultura seja dirigido para fora, para um grupo exterior, para que a própria cultura possa sobreviver à sua crise. O resultado é a guerra. A guerra, para uma mente lógica, é absurda. Mas em termos de necessidades humanas, desempenha um papel vital. E continuará a ser assim até que o Homem tenha crescido o suficiente para que nenhum ódio viva dentro dele.

Taylor estava a escutar atentamente.

– E pensas que esse dia chegará?

– Evidentemente. Já quase chegou. Esta é a última guerra. O homem está quase unido numa cultura final – uma cultura mundial. Neste momento ainda está um continente contra outro continente, metade do mundo contra a outra metade. Só falta um único passo para se dar o salto para uma cultura unificada. O Homem subiu lentamente para o alto, tendendo sempre para a unificação da sua cultura. Já não demorará muito...

«– Mas ainda não chegou, e por isso a guerra tinha de prosseguir, para satisfazer a última erupção violenta de ódio que o Homem sentiu. Oito anos passaram desde que a guerra começou. Nestes oito anos, observámos e notámos importantes mudanças a darem-se nas mentes dos homens. Fadiga e desinteresse estão, conforme vemos, a tomar gradualmente o lugar do ódio e do medo. O ódio está a extinguir-se gradualmente, ao longo de um certo período de tempo. Mas, por agora, o embuste tem de continuar, pelo menos por mais algum tempo. Vocês não estão preparados para saber a verdade. Quereriam continuar a guerra.

– Mas como é que conseguiram? – perguntou Moss. – Todas as fotografias, as amostras, o equipamento danificado...

– Cheguem aqui – o *chumbot* apontou-lhes na direção de um edifício longo e baixo. – Estamos a trabalhar continuamente, com equipas inteiras a esforçar-se por manter uma imagem coerente e convincente de uma guerra global.

Entraram no edifício. Havia *chumbots* a trabalhar por todo o lado, debruçados sobre mesas e secretárias.

– Examinem este projeto aqui – disse o *chumbot* classe A. Dois outros *chumbots* estavam a fotografar cuidadosamente qualquer coisa, um modelo elaborado

sobre uma mesa. – Este é um bom exemplo.

Os homens reuniram-se em redor da mesa, tentando ver. Era um modelo de uma cidade em ruínas.

Taylor estudou-o em silêncio por bastante tempo. Por fim, levantou os olhos.

– É São Francisco – murmurou. – É um modelo de São Francisco destruída. Vi isto no ecrã vídeo, foi-nos enviado. As pontes tinham sido atingidas...

– Sim, reparem nas pontes – o *chumbot* apontou para o tabuleiro arruinado com o dedo metálico, e parecia uma minúscula teia de aranha, quase invisível. – Sem dúvida que viram fotografias disto muitas vezes, e das outras mesas neste edifício.

«– São Francisco está completamente intacta. Recuperámo-la pouco depois de vocês terem partido, reconstruindo as partes que tinham sido danificadas no início da guerra. O trabalho de forjar notícias desenrola-se continuamente neste edifício. Temos muito cuidado para que todas as partes se encaixem umas nas outras. Muito tempo e esforço são dedicados a isto.

Franks tocou num dos pequenos edifícios, quase arruinado.

– Então é nisto que gastam o tempo. A criar cidades modelo e depois a destruí-las.

– Não. Fazemos muito mais do que isso. Somos zeladores, tomando conta do mundo todo. Os proprietários saíram por um tempo, e temos de tratar de manter as cidades limpas, que a decadência seja contida, que tudo se mantenha bem oleado e a funcionar devidamente. Os jardins, as ruas, o abastecimento de água, tudo tem de ser mantido como estava há oito anos, para que quando os donos regressarem não fiquem desagrados. Queremos ter a certeza de que ficam todos completamente satisfeitos.

Franks deu um toque no braço de Moss.

– Cheguem aqui – sussurrou. – Quero falar convosco.

Levou Moss e Taylor para fora do edifício, para longe dos *chumbots*, para o exterior na colina. Os soldados seguiram-nos. O Sol já tinha nascido e o céu estava a ficar azul. O ar tinha um cheiro bom e doce, um cheiro a coisas em crescimento.

Taylor tirou o capacete e inspirou profundamente.

– Não cheirava este cheiro há muito tempo – disse.

– Escutem – disse Franks em voz baixa e dura. – Temos de regressar imediatamente. Há muita coisa a fazer imediatamente. Tudo isto se pode transformar numa vantagem para nós.

– Que quer dizer? – perguntou Moss.

– É certo que os soviéticos também foram enganados, tal como nós. Mas nós é que descobrimos isso. Isso dá-nos vantagem sobre eles.

– Estou a ver – anuiu Moss. – Nós sabemos, mas eles não. O Conselho da Superfície deles enganou-os, tal como o nosso. Está a trabalhar contra eles da mesma maneira que este. Mas se pudéssemos...

– Com uma centena de homens de nível de topo, poderíamos tomar o controle de novo, repondo as coisas como deviam ser! Seria fácil!

Moss tocou-lhe no braço. Um *chumbot* classe A vinha do edifício na direção deles.

– Já vimos o suficiente – disse Franks, elevando a voz. – Tudo isto é muito grave. Terá de ser reportado lá em baixo, e terá de ser feito um estudo para determinar a nossa política.

O *chumbot* não disse nada.

Franks fez um sinal aos soldados.

– Vamos embora – e começou a dirigir-se para o armazém.

A maioria dos soldados tinha tirado os capacetes. E alguns tinham também despido os trajes de chumbo e estavam a descontrair confortavelmente nos seus uniformes de algodão. Olhavam em volta, para a colina e para as árvores e arbustos, para a vasta extensão de verde, para as montanhas e o céu.

– Olhem para o Sol – murmurou um deles.

– Está mesmo brilhante como o raio – disse outro.

– Vamos voltar para baixo – disse Franks. – Alinhem a dois e sigam-nos.

Relutantemente, os soldados reagruparam.

Os *chumbots* observavam sem emoção enquanto os homens marchavam lentamente de regresso ao armazém.

Franks, Moss e Taylor conduziram-nos pelo terreno, olhando de sobreaviso para os *chumbots* enquanto caminhavam.

Entraram no armazém. Os *chumbots* classe D estavam a carregar material e armas em vagonetas de superfície. Guindastes e guinchos trabalhavam

atarefadamente por toda a parte. O trabalho era feito com eficiência, mas sem pressas ou entusiasmo.

Os homens pararam, para observar. Os *chumbots* que operavam as pequenas vagonetas passavam por eles, fazendo sinais silenciosamente uns aos outros. Armas e peças estavam a ser içadas por guindastes magnéticos e descidas suavemente para as vagonetas que as esperavam.

– Vamos – disse Franks.

Virou-se para a entrada do Tubo. Uma fila de *chumbots* classe D estava postada diante dela, imóvel e silenciosa. Franks parou, e depois recuou. Olhou em volta.

Um *chumbot* classe A vinha na sua direção.

– Diz-lhes que saiam do caminho – disse Franks. E pegou na arma. – É melhor fazê-los sair dali.

O tempo passou, um momento interminável, sem medida. Os homens ficaram parados, nervosos e alerta, a ver a fila de *chumbots* à sua frente.

– Como queira – respondeu o *chumbot* classe A.

Fez um sinal e os *chumbots* classe D ganharam vida. Lentamente, afastaram-se para os lados.

Moss soltou um suspiro de alívio.

– Fico contente por isto estar terminado – disse para Franks. – Olhe para eles todos. Porque não nos impedem? Devem saber o que vamos fazer.

Franks riu-se.

– Impedir-nos? Viu o que aconteceu quando tentaram parar-nos antes. Não podem; são apenas máquinas. Construí-mo-los de forma a que não possam pôr as mãos em nós, e eles sabem disso.

A voz de Franks sumiu-se.

Os homens olharam para a entrada do Tubo. Em redor deles, os *chumbots* observavam, silenciosos e impassíveis, com as caras metálicas inexpressivas.

Por um longo momento, os homens ficaram ali sem se mexerem. Por fim, Taylor virou-se.

– Meu Deus – disse. Estava embrutecido, sem sentir nada.

O Tubo tinha desaparecido. Estava selado, fundido. Apenas uma superfície cinzenta de metal frio os aguardava.

O Tubo tinha sido fechado.

Franks virou-se, com o rosto pálido e inexpressivo.

O *chumbot* classe A moveu-se.

– Como podem ver, o Tubo foi fechado. Estávamos preparados para isto. Assim que todos vocês estavam na superfície, foi dada a ordem. Se tivessem regressado, como vos pedimos, estariam agora lá em baixo em segurança. Tivemos de trabalhar rapidamente, porque é uma operação imensa.

– Mas porquê? – perguntou Moss irritadamente.

– Porque é impensável que vos seja permitido recomeçar a guerra. Com todos os Tubos selados, passarão muitos meses antes que as forças lá de baixo consigam chegar à superfície, quanto mais organizarem um programa militar. Por essa altura, o ciclo terá já atingido as fases finais. Não ficarão tão perturbados assim por encontrarem o vosso mundo intacto.

«– Estávamos esperançados em que vocês continuariam no subsolo quando se desse a selagem dos Tubos. A vossa presença aqui é um incômodo. Quando os soviéticos vieram cá acima, conseguimos selá-los sem...

– Os soviéticos? Vieram cá?

– Há vários meses, vieram inesperadamente para verem por que razão a guerra ainda não tinha sido vencida. Fomos forçados a agir rapidamente. Neste momento, estão a tentar desesperadamente rasgar novos Tubos até à superfície, para recomeçarem a guerra. Temos conseguido, no entanto, selar cada um que aparece.

O *chumbot* olhou calmamente para os três homens.

– Estamos isolados – disse Moss, tremendo. – Não podemos voltar para trás. Que havemos de fazer?

– Como conseguiram selar o Tubo tão depressa? – perguntou Franks ao *chumbot*.

– Só estamos aqui em cima há duas horas.

– Há bombas colocadas logo acima do primeiro nível de cada Tubo, para estas emergências. São bombas térmicas. Fundem a rocha e o chumbo.

Agarrando o punho da arma, Franks virou-se para Moss e Taylor.

– Que me dizem? Não podemos voltar para trás, mas podemos fazer muitos estragos, nós quinze. Temos pistolas Bender. Que tal?

Olhou em redor. Os soldados tinham-se afastado mais uma vez, em direção à saída do edifício. Estavam lá fora, olhando para o vale e para o céu. Alguns estacam a descer cautelosamente a colina.

– Importam-se de entregar as vossas armas e os vossos trajes? – pediu o *chumbot* classe A educadamente. – Os trajes são desconfortáveis e não precisarão de armas para nada. Os russos entregaram as deles, como podem ver.

Os dedos crisparam-se nos gatilhos.

Quatro homens com uniformes russos estavam a avançar para eles, vindos de uma nave que subitamente perceberam que tinha pousado silenciosamente a alguma distância dali.

– Dêem-lhes com tudo! – gritou Franks.

– Estão desarmados – atalhou o *chumbot*. – Trouxemo-los cá para que possam começar as negociações de paz.

– Não temos autoridade para falarmos pelo nosso país – disse Moss secamente.

– Não nos referimos a discussões diplomáticas – explicou o *chumbot*. – Não haverá mais disso. A procura de soluções para problemas diários da existência ensinar-vos-á a conviverem no mesmo mundo. Não será fácil, mas será assim.

Os russos pararam e os homens enfrentaram-se com hostilidade clara.

– Sou o Coronel Borodoy e lamento termos entregue as nossas armas – disse o russo mais velho. – Vocês poderiam ser os primeiros americanos a serem mortos em quase oito anos.

– Ou os primeiros americanos a matarem – corrigiu Franks.

– Ninguém mais saberia disso, a não serem vocês mesmos – notou o *chumbot*. – Seria um heroísmo inútil. A vossa verdadeira preocupação deveria ser sobreviverem na superfície. Não temos comida para vocês, sabem?

Taylor meteu a arma no coldre.

– Fizemos um belo serviço a neutralizar-nos, raios os partam. Proponho que nos instalemos numa cidade, comecemos a semear alguma coisa com a ajuda de uns *chumbots* e nos ponhamos confortáveis – cerrando os lábios com força sobre os dentes, olhou para o *chumbot* classe A. – Até que as nossas famílias possam vir para a superfície, vai ser bastante solitário, mas teremos de nos aguentar.

– Se posso fazer uma sugestão – disse outro russo, pouco à vontade. – Tentámos viver numa cidade. Está demasiado vazia. E também é difícil de manter por tão poucas pessoas. Acabámos por nos instalar na localidade mais pequena e

moderna que conseguimos encontrar.

– Aqui, neste país – atalhou um terceiro russo. – Temos muito a aprender convosco.

Os americanos deram consigo subitamente a rir-se.

– Provavelmente, vocês também terão uma ou duas coisas a ensinar-nos – respondeu Taylor generosamente –, ainda que eu não consiga imaginar quais.

O coronel russo sorriu.

– Se desejarem juntar-se a nós na nossa aldeia... Facilitar-nos-iam o trabalho e sempre nos fariam companhia.

– A vossa aldeia? – retorquiu secamente Franks. – Mas é americana, não é? É nossa!

O *chumbot* avançou e pôs-se entre os dois homens.

– Quando os nossos planos estiverem completados, esse termo será intercambiável. «Nosso» acabará por significar da humanidade – apontou para o aparelho voador, que estava a aquecer os motores.

– A nave está à espera. Podem unir-se para construírem um novo lar?

Os russos ficaram à espera enquanto os americanos se decidiam.

– Estou a ver o que os *chumbots* querem dizer com isso de a diplomacia ser ultrapassada – disse Franks por fim. – As pessoas que trabalham em conjunto não precisam de embaixadores. Resolvem os problemas ao nível operacional, em vez de à mesa de conferências.

O *chumbot* levou-os para a nave.

– É esse o objetivo da História, unificar o mundo. De família a tribo, a cidade-estado, a nação, a hemisfério, a direção foi sempre no sentido da unificação. Agora os hemisférios serão unidos e...

Taylor deixou de ouvir e olhou de relance para trás, para o local do Tubo.

Mary estava lá em baixo, no subsolo.

Detestava deixá-la ali, muito embora não pudesse voltar a vê-la até que o Tubo voltasse a ser desselado. Mas depois encolheu os ombros e seguiu os outros.

Se esta pequena amálgama de antigos inimigos fosse um bom exemplo, não demoraria muito até que ele e Mary e o resto da humanidade estivessem a viver na superfície como seres humanos racionais, em vez de toupeiras cegas cheias de ódio.

– Demorou milhares de gerações a conseguir-se – concluiu o *chumbot* classe A.
– Centenas de séculos de derramamento de sangue e destruição. Mas cada guerra foi um passo na direcção da união da humanidade. E agora o final está à vista: um mundo sem guerra. Mas mesmo isso é apenas o início de uma nova fase da História.

– A conquista do espaço – murmurou o coronel Borodoy.

– O significado da vida – acrescentou Moss.

– Eliminar a fome e a pobreza – disse Taylor.

O *chumbot* abriu a porta da nave.

– Tudo isso e mais. Quanto mais? Não podemos prever isso melhor do que os primeiros homens que formaram uma tribo poderiam prever este dia. Mas será inimaginavelmente grandioso.

A porta fechou-se e a nave descolou em direcção ao novo lar daqueles homens.

Philip K. Dick nasceu em Chicago, em 1928, e viveu grande parte da sua vida na Califórnia. Após frequentar a Universidade da Califórnia, da qual desistiu, deu início à sua carreira profissional como escritor de numerosos romances, ensaios e coletâneas de contos, todos no género da ficção científica. Em 1963, venceu o prémio Hugo por “O Homem do Castelo Alto”, (publicado pela Saída de Emergência) ao que se seguiram outras obras, prémios e adaptações cinematográficas. É atualmente considerado um dos mais influentes escritores da segunda metade do século XX, tendo as suas ideias visionárias causado grande impacto na cultura contemporânea. Morreu em 1982, em Santa Ana, Califórnia.

- {1} Vectors of Parasitism Considered As Sub-Chaotic Attractors For Symbiotic Neurolepsy, Forsfed Forbran DTZ, The Royal Journal of Worms vol. 59 #4, Berna, Suíça, 1987.
- {2} Vanity: Watch Spring of Evolution, Verner Kempt DDT, Catarrh Press, Oshkosh Wisconsin, 1993. (Edição portuguesa: Vaidade — A Mola no Relógio da Evolução, trad. Vladimiro Sousa Pústula, Grávida Publicações, Lisboa, 1996.)
- {3} Parasite Rex, Carl Zimmer, The Free Press, Nova Iorque, EUA, 2000
- {4} *Nem uma gota de seu sangue era humano, / Mas ela foi feita como uma mulher suave e doce.*